

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DAS TÉCNICAS E  
EPISTEMOLOGIA – HCTE

**KAROLINE RODRIGUES DE NADER**

**O PAÇO DE SÃO CRISTÓVÃO REVELADO:  
contribuição para a história da arquitetura no Brasil**

RIO DE JANEIRO  
2020

KAROLINE RODRIGUES DE NADER

**O PAÇO DE SÃO CRISTÓVÃO REVELADO:  
contribuição para a história da arquitetura no Brasil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia.

Orientadora: Regina Maria Macedo Costa Dantas  
Orientadora: Maria Paula Van Biene

RIO DE JANEIRO  
2020

## CIP - Catalogação na Publicação

NN135p Nader, Karoline Rodrigues de  
O Paço de São Cristóvão revelado: contribuição para a história da arquitetura no Brasil / Karoline Rodrigues de Nader. -- Rio de Janeiro, 2020.  
188 f.

Orientadora: Regina Maria Macedo Costa Dantas.  
Coorientadora: Maria Paula Van Biene.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Decania do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, 2020.

1. Arquitetura do Paço de São Cristóvão. 2. Museu Nacional/UFRJ. 3. Período pós incêndio do Museu Nacional. 4. Palácio. 5. Arquitetura no Brasil. I. Dantas, Regina Maria Macedo Costa, orient. II. Van Biene, Maria Paula, coorient. III. Título.

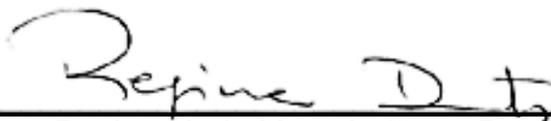
Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Karoline Rodrigues de Nader

**O PAÇO DE SÃO CRISTÓVÃO REVELADO:  
contribuição para a história da arquitetura no Brasil**

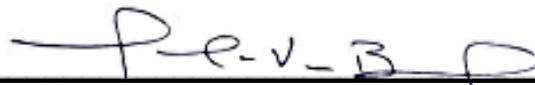
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia.

Aprovada em: 20 de outubro de 2020



---

Profa. Dra. Regina Maria Macedo Costa Dantas (orientadora)  
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das  
Técnicas e Epistemologia HCTE/UFRJ



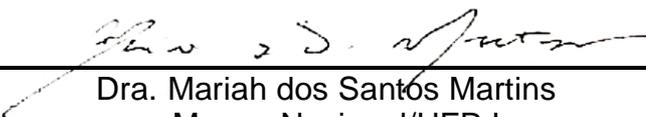
---

Dra. Maria Paula Van Biene (coorientadora)  
Museu Nacional/UFRJ



---

Prof. Dr. Ricardo Silva Kubrusly  
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das  
Técnicas e Epistemologia HCTE/UFRJ



---

Dra. Maria dos Santos Martins  
Museu Nacional/UFRJ

**“Você não precisa queimar livros para destruir uma cultura,  
basta fazer as pessoas pararem de lê-los”**

Ray Bradbury

Fahrenheit 451

(a temperatura que queima o papel)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha Orientadora Regina Dantas por todo o entusiasmo e paixão, fazendo com que minha admiração e carinho pelo Paço de São Cristóvão e toda a sua história aumentasse. Agradeço também por toda a sua dedicação, paciência e interesse, além de ter conseguido permissão para a minha entrada no Paço pós incêndio – que foi um grande privilégio acompanhar de perto o andamento da recuperação – e por ter me acompanhado nas visitas, o que fez toda a diferença no rumo da minha dissertação.

Agradeço ao meu pai, Rundsthen Nader por ter me incentivado desde pequena, junto com minha mãe, na busca por conhecimentos e cultura. Agradeço por ter me apresentado este programa de pós graduação interdisciplinar onde pude unir minhas duas grandes paixões; arquitetura e história. Agradeço por ter me acompanhado nessa caminhada o tempo todo, me ensinando os passos de como realizar uma pesquisa acadêmica, comprando novos livros e me ajudando através de todo o seu conhecimento, que sempre me serviu de inspiração.

Agradeço à minha mãe Elizabeth Nader por sempre ter me incentivado e acreditado que eu era capaz de tudo que quisesse. Agradeço por, junto com meu pai, ter sempre dado o máximo para que eu tivesse acesso à cultura e conhecimento, por sempre me dar o apoio e suporte necessários, além de ser uma mulher incrível que sempre me serviu de inspiração.

Agradeço ao meu noivo Gustavo Barbosa por sempre acreditar em mim, me motivar, ser paciente e ficar ao meu lado nas infinitas horas de pesquisa e escrita, sempre acalmando meu coração e sendo meu apoio. Agradeço também pela paciência e sabedoria nas correções textuais, além de ser sempre tão focado e estudioso, me inspirando a seguir em frente.

Epígrafe

## RESUMO

NADER, Karoline Rodrigues de. **O PAÇO DE SÃO CRISTÓVÃO REVELADO: contribuição para a história da arquitetura no Brasil**. Rio de Janeiro, 2020. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) - Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

A presente dissertação objetiva realizar uma análise arquitetônica de parte do Paço de São Cristóvão – Bloco II - antiga residência real e imperial e atual edificação do Museu Nacional/MN da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, em período posterior ao trágico incêndio acontecido em 2 de setembro de 2018. A investigação parte do pressuposto que, diante das paredes do antigo Paço terem sobrevivido às altas temperaturas, devem revelar novos vestígios arquitetônicos do período real e imperial, visando fortalecer o entendimento da dinâmica do palácio nos períodos real e imperial, conseqüentemente, espera-se contribuir para a história da arquitetura do Brasil. Considerando a tese de Maria Paula Van Biene, com a apresentação da história arquitetônica e a constatação da tipologia palaciana da edificação, a pesquisa apresenta as identificações destes vestígios, articulando diferentes fontes (teses, dissertações, artigos, iconografias etc) e registros fotográficos do local realizados pela autora.

Palavras-chave: Arquitetura do Paço de São Cristóvão, Museu Nacional/UFRJ, Período pós incêndio do Museu Nacional, Palácio.

## ABSTRACT

NADER, Karoline Rodrigues de. **O PAÇO DE SÃO CRISTÓVÃO REVELADO: contribuição para a história da arquitetura no Brasil**. Rio de Janeiro, 2019. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) - Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

The present dissertation aims to perform an architectural analysis of part of the Paço de São Cristóvão - Block II - former royal and imperial residence and current building of the National Museum / MN of the Federal University of Rio de Janeiro / UFRJ, in a period after the tragic fire that happened in September 2, 2018. The investigation assumes that, in view of the walls of the old Palace having survived high temperatures, they must reveal new architectural traces from the royal and imperial periods, aiming at strengthening the understanding of the palace dynamics in the royal and imperial periods, consequently, it is expected to contribute to the history of Brazilian architecture. Considering the thesis of Maria Paula Van Biene, with the presentation of the architectural history and the verification of the palatial typology of the building, the research presents the identifications of these traces, articulating different sources (theses, dissertations, articles, iconographies etc.) and photographic records of the place performed by the author.

Keywords: Architecture of Paço de São Cristóvão, Museu Nacional/UFRJ, Post-fire period of Museu Nacional, Palace.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem de 1817, de Thomas Ender (1793-1854).....	30
Figura 2 - Paço em 1816. Jean-Baptiste Debret.....	33
Figura 3 - Paço por volta de 1817, por Jean-Baptiste Debret (1768-1848).....	34
Figura 3 - Paço por volta de 1817, por Jean-Baptiste Debret (1768-1848).....	34
Figura 4 - Palácio Real de Campo, em São Cristóvão, Thomas Ender - 1817 / 1818. Vista da área Sul do PSC. ....	35
Figura 5 - Vista Sul do palácio de São Cristóvão. James Henderson. ....	35
Figura 6 - Vista de São Cristóvão entre 1816 e 1821. Nicolas Antoine Taunay.....	36
Figura 7 - Vista superior do PSC com seus blocos nomeados, elaborado pela autora. .....	37
Figura 8 - Supostas mudanças correspondentes ao Paço de D. João VI no palácio atual.....	38
Figura 9 - O Paço de São Cristóvão desenhado por Maria Graham por volta de 1820. .....	41
Figura 10 - O Paço entre 1824-1825, Dela Michellerie. ....	42
Figura 11 - Imagem do Paço por volta de 1831. Desenho de Jean-Baptiste Debret (1768-1848). ....	42
Figura 12 - Supostas mudanças correspondentes ao Paço de D. Pedro I no palácio atual.....	44
Figura 13 - O Paço em 1835. Imagem de pintura de Frielieux. ....	46
Figura 14 - Pintura de autoria de Karl Robert Barton Planitz(1804-1847), feita entre 1835 e 1840. ....	46
Figura 15 - Gravura St. Cristóvão. Julho 1844. Hildebrandt, Eduard. ....	48
Figura 16 - Imagem de Schutz, Jan Frederik (1817- 1888). ....	49
Figura 17 - St. Cristóvão. ....	50
Figura 18 - Foto do Paço, com o Observatório astronômico do imperador destacado, em vermelho, à esquerda no torreão Norte e à direita a torre com um grande relógio – os dois que não existem mais atualmente. Imagem de Pacheco, Joaquim Insley (1830-1912). ....	51
Figura 19 - Foto do Paço, onde ainda se pode identificar o Observatório astronômico. Imagem de Pacheco, Joaquim Insley (1830-1912). ....	52

Figura 20 - Planta baixa do 1º Pavimento Paço; à esquerda em 1864 e à direita atualmente. ....	53
Figura 21 - Planta baixa do 2º Pavimento Paço; à esquerda em 1864 e à direita atualmente. ....	54
Figura 22 - Imagem das escadarias de mármore em visita pós incêndio. ....	55
Figura 23 - Planta baixa do 1º e 2º Pavimento Paço em 1864 com destaque para conjunto de blocos anexos ao Paço. ....	56
Figura 24 - Supostas mudanças correspondentes ao Paço de D. Pedro II no palácio atual.....	57
Figura 25 - Fachada Norte do Paço em 1910 – Levantamento .....	60
Figura 26 - Fachada Norte do Paço em 1910 – Projeto de modificação. ....	60
Figura 27 - Supostas mudanças correspondentes ao Paço da sede da Constituinte da república e do atual Museu Nacional no palácio atual.....	61
Figura 28 - Fachada do prédio já como sede do Museu Nacional da UFRJ. ....	63
Figura 29 - Palácio Real da Ajuda, em Lisboa.....	64
Figura 30 - Palácio Real da Ajuda, em Lisboa.....	65
Figura 31 - Paço de São Cristóvão, no Rio de Janeiro. ....	65
Figura 32 - Paço de São Cristóvão, no Rio de Janeiro. ....	66
Figura 33 - Paço de São Cristóvão. ....	67
Figura 34 - Recorte dos torreões mostrando a simetria entre os dois. ....	67
Figura 35 - Corpo central do palácio.....	68
Figura 36 - Corpo central do palácio, com destaque para a parte mais central, o qual é finalizada com seu frontão triangular. ....	69
Figura 37 - Paço de São Cristóvão, diferenças no tratamento das esquadrias do corpo central. ....	70
Figura 38 - Frisos do primeiro pavimento em cantaria e dos pavimentos superiores em alvenaria de argamassas à base de cal. ....	71
Figura 39 - Fachada do Paço de São Cristóvão, mostrando a localização do capitel dórico e do capitel Jônico.....	72
Figura 40 - Comparação entre os vãos e as portas na fachada do palácio no 1º pavimento (térreo). ....	73
Figura 41 - Comparação entre os vãos e as portas na fachada do palácio no 1º pavimento (térreo). ....	74

Figura 42 - Em ordem: Porta à esquerda da porta principal, Porta Central (principal) e porta à direita da porta principal, no corpo central do edifício.....	75
Figura 43 - Medalhão com as iniciais PII-coroa. ....	75
Figura 44 - Gradil do 3º pavimento do corpo central com medalhão com as iniciais PII.....	76
Figura 45 - Cabeça de leão, símbolo real. ....	76
Figura 46 - Gradil do 2º pavimento com medalhão com a representação de uma taça. ....	77
Figura 47 - Detalhe aproximado do gradil do 2º pavimento.....	77
Figura 48 - Sacadas e janelas da fachada principal do palácio, no 2º pavimento..	78
Figura 49 - Sacada com as janelas do 2º pavimento da fachada do corpo central do palácio. ....	79
Figura 50 - No detalhe, dragão alado – uma das insígnias adotadas pelo Império.	79
Figura 51 - Detalhe de uma sacada do 2º pavimento no torreão Sul. ....	80
Figura 52 - Comparação entre as sacadas na fachada do palácio no 2º pavimento. ....	81
Figura 53 - À esquerda: detalhe de sacada situada na parte central e, à direita, o arco em seu frontão.....	82
Figura 54 - À esquerda, detalhe de sacada situada na parte central e, à direita, o retângulo em seu frontão. ....	83
Figura 55 - À esquerda: detalhe de sacada situada no Torreão Norte e, à direita, destacando a janela que possui o triângulo em seu frontão.....	84
Figura 56 - Comparação entre as sacadas na fachada do palácio, no 3º pavimento. ....	85
Figura 57 - Suportes para lâmpião no 2º Pavimento. Na imagem à esquerda, os suportes no torreão Sul e na imagem à direita, os suportes no torreão Norte. ....	86
Figura 58 - No detalhe, os antigos suportes para lâmpiões.....	86
Figura 59 - Destaque do duto no encontro do torreão com o corpo central do Paço; encontro com o Torreão Sul à esquerda e Torreão Norte à direita. ....	87
Figura 60 - Detalhe da saída do duto em forma de boca de peixe.....	88
Figura 61 - Paço de São Cristóvão, com suas 30 estátuas na platibanda.....	89
Figura 62 - A paliçada indígena e o processo de preparo das toras para fixação no solo.....	94
Figura 63 - Cava de fundação com cerca de sete palmos de profundidade. ....	95

Figura 64 - Execução de uma fundação de pedras brutas e a “calda”.	95
Figura 65 - Exemplos de paredes autoportantes.	96
Figura 66 - Largura das paredes autoportantes de pedra.	97
Figura 67 - Desenho demonstrando as paredes autoportantes de pedra com arcos em tijolo maciço.	97
Figura 68 - Exemplos de paredes autoportantes de pedra com arcos em tijolo maciço no Paço.	98
Figura 69 - Exemplos de paredes autoportantes de pedra existentes no Paço.	98
Figura 70 - No exemplo à direita cantaria e à esquerda cantaria e alvenaria de pedra.	99
Figura 71 - Desenho onde podemos visualizar a confecção de peças de adobe.	100
Figura 72 - Exemplo de parede autoportante de adobe.	101
Figura 73 - Exemplo de parede autoportante de adobe.	101
Figura 74 - Exemplos de paredes autoportantes de adobe existentes no Paço.	102
Figura 75 - Exemplo do processo de apiloamento da argamassa para adensamento da taipa.	103
Figura 76 - Exemplo de como era o processo de apiloamento da argamassa para adensamento da taipa.	103
Figura 77 - Estrutura autônoma (sustentação) com alguns elementos utilizados para vedação.	104
Figura 78 - Paredes de vedação.	105
Figura 79 - Encaixes que garantiam a estabilidade das estruturas de madeira.	106
Figura 80 - Exemplo de casa com vedação de madeira encaixada nos esteios.	106
Figura 81 - Exemplo de construção mista, com estrutura autônoma e paredes de vedação de adobe e tijolo.	107
Figura 82 - Imagem que demonstra as etapas de execução da taipa de mão.	108
Figura 83 - Desenho exemplificando uma parede interna de estuque.	109
Figura 84 - Exemplo de tabique.	109
Figura 85 - Exemplo de guarnição em pedra e madeira.	110
Figura 86 - Exemplo de encaixe da guarnição de pedra na parede.	110
Figura 87 - Exemplo de encaixe da guarnição de madeira na parede.	111
Figura 88- Exemplo dos vãos com em parede de pedra argamassada.	111
Figura 89 - Exemplo dos vãos em parede de taipa de pilão.	112

Figura 90 - Exemplo dos vãos em parede de taipa de mão, também conhecida como pau a pique. ....	112
Figura 91 - Esquadria de madeira maciça.....	113
Figura 92 - Exemplo de rótula com a bandeira vazada. ....	113
Figura 93 - Vista superior com os pontos cardeais a fim de situar as fachadas e alas do palácio. ....	115
Figura 94 - Vista superior do PSC com as suas nomações dos blocos I, II, III e IV. ....	116
Figura 95 - Vista frontal da fachada do PSC. ....	116
Figura 96 - Imagem da área interna do Bloco I no 1º pavimento. ....	117
Figura 97 - Imagem da área interna do Bloco I, na área de entrada principal no 1º pavimento onde fica o meteorito Bendegó, que sobreviveu ao incêndio. ....	118
Figura 98 - Exemplo de parede em estrutura de pedra com fechamento em tijolos – Bloco II.....	119
Figura 99 - Na imagem, podemos observar a estrutura original do bloco, em paredes autoportantes de pedra – Bloco II.....	120
Figura 100 - Exemplo de vão de porta em arco localizado no Bloco I, transformada em porta retangular. ....	121
Figura 101 - Outro exemplo de vão de porta em arco localizado no Bloco I, que além de ser transformada em porta retangular, também teve sua altura diminuída drasticamente.....	122
Figura 102 - Exemplo janela totalmente fechada por tijolos no Bloco III. ....	123
Figura 103 - Planta Baixa do 1º e 2º pavimentos do PSC com o destaque em vermelho para o Bloco II – Sul, que será analisado na presente dissertação.....	124
Figura 104 - Ordem Cronológica do Paço referente a seus habitantes ilustres no Bloco II.....	125
Figura 105 - Ordem Cronológica do Paço, mostrando a existência do Bloco II desde sua construção.....	126
Figura 106 - Comparação entre os métodos construtivos e materiais dos três pavimentos do Bloco II do PSC.....	127
Figura 107 - Em cima, a planta Baixa do 1º pavimento e, embaixo, a planta baixa do 2º pavimento do PSC, com detalhe ampliado do bloco II. ....	128
Figura 108 - Vista do 1º e 2º pavimentos no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho. ....	129

Figura 109 - Vista do 1º e 2º pavimentos no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho. ....	130
Figura 110 - Vista do 1º e 2º pavimentos no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho. ....	131
Figura 111 - Vista do 1º pavimento no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho e os traços em vermelho mostram quais são esses vãos. ....	132
Figura 112 - Vista do 1º e 2º pavimentos no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho. ....	133
Figura 113 - Vista do 1º pavimento no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho e os traços em vermelho mostram quais são os vãos.....	134
Figura 114 - Vista do 1º e 2º pavimentos no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho. ....	135
Figura 115 - Vista do 1º pavimento no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho e os traços em vermelho mostram quais são os vãos.....	136
Figura 116 - Planta Baixa de 1864 do 1º pavimento com detalhe para o Bloco II – Sul, ratificando a inexistência dos outros vãos existentes no Paço atual (em vermelho).....	137
Figura 117 - Vista do 1º e 2º pavimentos no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho. ....	138
Figura 118 - Vista do 1º e 2º pavimentos no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho. ....	139
Figura 119 - Vista do 1º pavimento no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho e o traço em vermelho mostra o vão analisado. ....	140
Figura 120 - Planta Baixa de 1864 do 1º pavimento com detalhe para o Bloco II – Sul, ratificando a inexistência dos outros vãos existentes no Paço atual (em vermelho).....	141
Figura 121 - Vista do 1º e 2º pavimentos no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho. ....	142
Figura 122 - Vista do 1º pavimento no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho e os traços em vermelho mostram quais são os vãos.....	143
Figura 123 - No detalhe está o Bloco II no 1º pavimento, com a inserção em vermelho para destacar a parte que está sendo analisada. Na imagem da esquerda, observamos a parede toda fechada e com subdivisórias (1864) enquanto na da	

direita, mais atual, possui um remanejamento do ambiente, com a abertura de uma porta no ângulo de visão observado. ....	144
Figura 124 - Vista do 1º e 2º pavimentos no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho. ....	145
Figura 125 - Vista do 1º pavimento no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho e os traços em vermelho mostram quais são os vãos.....	146
Figura 126 - No detalhe está o Bloco II no 1º pavimento, com a inserção em vermelho para destacar a parte que está sendo analisada. Na imagem da esquerda (1864) já observamos esse vão aberto, assim como na da direita que é mais atual. ....	147
Figura 127 - Vista do 1º e 2º pavimentos no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho. ....	148
Figura 128 - Bloco II, no 1º pavimento, com destaque para a parte que está sendo analisada. Na imagem da esquerda (1864) já observamos o vão que liga o bloco II com o Bloco IV já existia, assim como na da direita que é a planta mais atual. ..	149
Figura 129 - Bloco II, no 2º pavimento, com destaque para a parte que está sendo analisada. Na imagem da esquerda (1864) observamos uma pequena porta a direita, enquanto na planta mais atual vemos esse vão aumentado. ....	150
Figura 130 - Imagem comparando a planta baixa do PSC com a planta atual sobreposta em vermelho.....	151
Figura 131 - Planta baixa do 1º pavimento do PSC; à esquerda 1864 e à direita a planta baixa atual. Podemos também ver o Norte marcado nas plantas, no canto direito inferior. ....	152
Figura 132 - Planta baixa do 2º pavimento do PSC; à esquerda 1864 e à direita a planta baixa atual. Podemos também ver o Norte marcado nas plantas, no canto direito inferior. ....	152
Figura 133 - Vista comparando a espessura das paredes do 1º e 2º pavimentos do Bloco II – Sul.....	154
Figura 134 - Planta baixa do 1º pavimento do Bloco II do PSC em 1864. Em amarelo as simetrias entre as sacadas e, em azul, das portas. O vermelho foi utilizado a fim de tapar o vão existente na planta.....	155
Figura 135 - Planta baixa do 1º pavimento do Bloco II do PSC em 1864. Destaque em vermelho para a simetria do lado direito da planta, onde as divisórias internas são simétricas e estão rebatidas. ....	156

Figura 136 - Planta baixa do 1º pavimento do Bloco II do PSC atual. Em amarelo são as simetrias entre as sacadas e, em azul, das portas.....	157
Figura 137 - Planta baixa do 2º pavimento do Bloco II do PSC em 1864. Em amarelo são as simetrias entre as sacadas e, em azul, das portas. ....	158
Figura 138 - Planta baixa do 2º pavimento do Bloco II do PSC atual. Em amarelo são as simetrias entre as sacadas e, em azul, das portas.....	159
Figura 139 - Recorte com ampliação da imagem do Palácio Real de Campo, em São Cristóvão, Thomas Ender - 1817 / 1818. O destaque em vermelho dá ênfase a parte do Bloco II que se destaca da fachada do Bloco I. ....	160
Figura 140 - Provável Planta baixa do 1º pavimento (à esquerda) e do 2º pavimento (à direita) do Bloco II do PSC na época de D. João VI e de D. Pedro I. Destaque em vermelho para o vão que conecta o Bloco I com o Bloco II. ....	161
Figura 141 - Vista da parte dos fundos do PSC.....	162
Figura 142 - Vista atual da parte dos fundos do PSC. ....	162
Figura 143 - Imagem do vão no 2º pavimento do Bloco II. ....	163
Figura 144 - Planta baixa do 1º pavimento (à esquerda) e do 2º pavimento (à direita) do Bloco II do PSC em 1864. Destaque em vermelho para os vãos que conectam o Bloco I com o Bloco II e detalhe em azul para os vãos que conectam o Bloco II com o Bloco IV. ....	164
Figura 145 - Imagem do vão no 2º pavimento do Bloco II. ....	165
Figura 146 - Comparação entre os maiores vãos do 2º pavimento do Bloco II....	166
Figura 147 - Numa vista de outro ângulo, vemos as comparações do vão no Museu antes do incêndio e no Museu pós incêndio no 2º pavimento. ....	167
Figura 148 - Detalhe da parte onde se encontra um resquício de tijolo maciço do antigo vão. ....	168
Figura 149 - Planta atualizada com as supostas mudanças correspondentes ao período do Paço de D. João VI no palácio atual.....	169
Figura 150 - Planta atualizada com as supostas mudanças correspondentes ao Paço de D. Pedro I no palácio atual.....	170
Figura 151 - Mapa do Estado do Rio de Janeiro, mostrando as possíveis localidades que Dona Leopoldina descreve em sua carta. Na imagem à direita, vemos o detalhe aumentado do PSC modificado de acordo com sua provável volumetria da época em questão. ....	172

Figura 152 - Vista 1: Vista das ilhas, do “mar” (Baía de Guanabara) e a Serra dos Órgãos. Bloco II destacado em vermelho. ....	173
Figura 153 - Vista 2: Vista da serra. Bloco II destacado em vermelho. ....	174
Figura 154 - Vista 3: vista da serra e povoados (Centro da Cidade). Bloco II destacado em vermelho.....	174
Figura 155 - Planta baixa do 2º pavimento do Bloco II do PSC em 1864. ....	175

## LISTA DE ABREVIATURAS

UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
HCTE	História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia
MN	Museu Nacional
PSC	Paço de São Cristóvão
MAST	Museu de Astronomia e Ciências Afins
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
SMI	Sua Majestade Imperial
SS.AA.II	Suas Altezas Imperiais

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>21</b>
1.1 OBJETIVOS .....	23
1.2 METODOLOGIA/FONTES .....	24
1.3 JUSTIFICATIVA/RELEVÂNCIA .....	25
1.4 APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS .....	27
<b>2. BREVE HISTÓRICO DO PAÇO DE SÃO CRISTÓVÃO E DE SUA ARQUITETURA .....</b>	<b>29</b>
2.1 O PAÇO DE D. JOÃO VI.....	31
2.2 O PAÇO DE D. PEDRO I .....	38
2.3 O PAÇO DE D. PEDRO II .....	44
2.4 O PAÇO DA ÉPOCA DA REPÚBLICA E DO ATUAL MUSEU NACIONAL.....	57
2.5 SIMILARIDADES ARQUITETÔNICAS .....	62
2.6 ANALISANDO A ARQUITETURA DO PAÇO.....	66
<b>3. BREVE HISTÓRIA DOS MÉTODOS CONSTRUTIVOS E MATERIAIS NO BRASIL .....</b>	<b>90</b>
3.1 FUNDAÇÕES .....	93
3.2 PAREDES AUTOPORTANTES .....	96
3.2.1 <i>Paredes autoportantes de pedra</i> .....	97
3.2.2 <i>Paredes autoportantes de adobe e tijolo</i> .....	100
3.2.3 <i>Paredes autoportantes de taipa e pilão</i> .....	102
3.3 ESTRUTURAS AUTÔNOMAS E PAREDES DE VEDAÇÃO .....	104
3.3.1 <i>Estrutura autônoma de madeira</i> .....	105
3.3.2 <i>Estrutura autônoma de adobe e tijolo</i> .....	107
3.3.3 <i>Estrutura autônoma de taipa de mão (pau a pique)</i> .....	107
3.3.4 <i>Estrutura autônoma de estuque</i> .....	109
3.3.5 <i>Estrutura autônoma de tabique</i> .....	109
3.4 ENQUADRAMENTOS E ESQUADRIAS .....	110

<b>4. DESCOBRINDO A ARQUITETURA PALACIANA NO PAÇO DE SÃO CRISTÓVÃO PÓS INCÊNDIO .....</b>	<b>115</b>
4.1 ANALISANDO O BLOCO II .....	117
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>176</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>181</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Formada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, sempre tive grande interesse por museus e por história em geral. Logo após a conclusão da graduação, procurei cursos de pós-graduação a fim de me inscrever, pois tinha como objetivo futuro ser docente. Quando me deparei com o HCTE, me encantei com a possibilidade da interdisciplinaridade.

Ingressei no curso de História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia já com determinada proposta de dissertação. Contudo, em junho de 2018, participando do XVI Curso de Segurança de Acervos Culturais no âmbito do MAST, despertou-se em mim o interesse de modificar a ideia original de dissertação para tratar de tema relacionado à segurança de acervos e às rotas de fuga em caso de incêndio.

Nesse sentido, surgiu o desafio de tentar implementar rotas de fuga em instituições que, não somente fazem a custódia de acervos patrimoniais, mas que também são abrigadas em prédios históricos de valor análogo, formalmente protegidos.

Naquele momento, pensei imediatamente no Museu Nacional - o Paço de São Cristóvão. O lugar já me encantava, por meio de tantas histórias, desde criança. Encanto este que cresceu ainda mais no decorrer da disciplina “Caminhando com a História das Ciências<sup>1</sup>”, do HCTE/UFRJ, com uma aula ministrada pela Professora Regina Dantas em entusiasmada apresentação da história do Paço de São Cristóvão. A história de cada elemento do Paço me fez ter a certeza de que era aquele o objeto de estudo que eu levaria para a minha dissertação.

O Museu Nacional/MN é uma das Unidades da Universidade Federal do Rio de Janeiro, localizado no antigo Paço de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, no Bairro Imperial de São Cristóvão, subúrbio do Rio de Janeiro.

Ao identificar a instituição, agendei uma reunião com a Professora Regina para conversarmos sobre a possibilidade de contribuir para a análise da exposição de alguma das coleções do acervo, visando traçar rotas de fuga a fim de protegê-las de incêndios ou algum outro problema que pudesse comprometer sua segurança.

---

<sup>1</sup> Disciplina teórico-prática sob a responsabilidade dos professores Nadja Paraense e Rundsthen Nader. Na ocasião, a professora Regina Dantas apresentou a parte teórica e nos acompanhou em visita guiada ao antigo Paço de São Cristóvão – o Museu Nacional/UFRJ.

Nesse mesmo dia, ainda sem definição oficial de orientação, chegamos à conclusão de que a melhor alternativa seria a própria Professora Regina Dantas ser a minha orientadora. Dessa forma, tanto a proposta do tema como o convite para orientação foram bem recebidos e aprovados pela própria professora e pelo meu orientador provisório, professor Ricardo Kubrusly (ambos do HCTE/UFRJ).

Visando a realização da análise do acervo no Museu Nacional/UFRJ, a Professora Regina proporcionou nova visita às exposições, apresentando-me à pesquisadora Maria Paula Van Biene, arquiteta da instituição, para um primeiro contato sobre a arquitetura do prédio. Por fim, a professora Regina realizou uma reunião para apresentar os tipos de acervos existentes e suas localizações no palácio.

Infelizmente, pouco mais de um mês após a nossa reunião, naquele fatídico dia 2 de setembro de 2018, veio a notícia do incêndio no Museu Nacional, o qual acabaria com praticamente todo o seu acervo ali existente. Inevitavelmente, pensei no que aconteceria com minha dissertação. Não queria mudar o tema, pois estava muito entusiasmada com a perspectiva de desenvolver a minha proposta de dissertação sobre aquela instituição.

Quando conversava com outras pessoas, muitas delas sugeriam a troca do objeto de estudo, isto é, realizar o trabalho com base em outra instituição museológica. Realmente, seria muito mais fácil modificar, porém, mesmo diante do caos instaurado após o incêndio, não desisti de ter o Museu Nacional como objeto central de estudo. Esperei passar o segundo semestre de 2018 e me concentrei em buscar uma lacuna nas pesquisas existentes sobre o desenvolvimento arquitetônico do Paço de São Cristóvão.

Assim, ao longo daquele segundo semestre, iniciei o levantamento de livros, teses, dissertações e demais documentos sobre a arquitetura do Paço de São Cristóvão, visando a conhecer seu desenvolvimento, mas a orientadora Regina Dantas indicou a tese da Arquiteta Maria Paula Van Biene, como sendo a pesquisa mais completa para que pudesse me familiarizar e aprofundar sobre o tema.

Posteriormente, na primeira reunião do ano de 2019, um novo cenário se apresentou: minha orientadora, participando da Equipe de Resgate dos acervos na edificação do Museu, em conversa com a arquiteta responsável pelos trabalhos de reconstrução do Paço de São Cristóvão, a Maria Paula Van Biene, sugeriu que Maria

Paula fosse minha coorientadora na investigação realizada dentro da instituição. Assim, a proposta foi imediatamente aprovada por todos os envolvidos.

Com isso, em 22 de julho de 2019, fiz minha primeira visita técnica ao Museu Nacional após o incêndio, na companhia da minha orientadora Regina Dantas e com a mediação da coorientadora Maria Paula Van Biene. Mesmo querendo, não teria como descrever o privilégio de ser uma das poucas a entrar e ver de perto como estava o andamento da recuperação da edificação.

Conseqüentemente, na primeira visita ao prédio, surgiu a questão que norteia a dissertação: diante das paredes do antigo Paço de São Cristóvão terem sobrevivido às altas temperaturas, seria possível identificar vestígios arquitetônicos do período real e imperial?

Imediatamente, motivada por querer contribuir com as análises arquitetônicas, visando fortalecer a história da edificação e da instituição científica de referência internacional, sob o impacto do incêndio, surgiram os objetivos da presente investigação.

## 1.1 OBJETIVOS

O objetivo geral dessa dissertação é analisar parte da edificação do antigo Paço de São Cristóvão, após o incêndio de 2 de setembro de 2018, visando contribuir para a história da Arquitetura no Brasil.

Para o desenvolvimento dessa investigação, como objetivos específicos, tornaram-se necessários: uma apresentação histórica resumida sobre o Paço de São Cristóvão<sup>2</sup>; uma breve apresentação da história dos métodos construtivos e materiais no Brasil colonial, visando a contextualização de seu desenvolvimento arquitetônico e a identificação de elementos arquitetônicos revelados após o incêndio, com destaque aos diferentes períodos dos principais personagens históricos que residiram no Paço em período pré-estabelecido<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Que, na presente investigação, será identificado por PSC.

<sup>3</sup> Levando em consideração as dificuldades atuais de acesso à edificação, provenientes do decreto de Pandemia do COVID 19.

## 1.2 METODOLOGIA/FONTES

A presente pesquisa é de caráter teórico e bibliográfico e composta por um perfil exploratório, com abordagem qualitativa, caracterizada como um estudo de caso, tendo como objeto central de análise – o Paço de São Cristóvão – a atual edificação do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Portanto, a metodologia presente é organizada por meio de reflexões e articulações entre teses, livros, plantas baixas, imagens e artigos de periódicos sobre a história do PSC, seu desenvolvimento arquitetônico e das técnicas empregadas na construção no palácio.

a pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica (BOCATO, 2006, p. 266 *apud* PIZZANI, *et al.*, 2012, p. 54).

Em relação a sua delimitação espaço-temporal, as análises foram desenvolvidas utilizando a tese de cunho arquitetônico sobre o Paço de São Cristóvão, de autoria de Maria Paula Van Biene, pretendendo evidenciar a investigação doutoral por meio de um recorte referente, principalmente, às partes do palácio alusivas ao período entre D. João VI (1767-1826) e seu filho D. Pedro I (1798-1834), com destaque para Dona Leopoldina (1797-1826).

Diante do difícil acesso ao interior do palácio, o Bloco II<sup>4</sup> foi identificado como o espaço de análise central desta investigação por estar constituído na parte histórica do Paço referente ao período de D. João VI e seu filho D. Pedro I.

O espaço é caracterizado pelos aposentos de D. Pedro I solteiro e após suas núpcias com Dona Leopoldina (1816-1822), virou pertencente a esta também. Essa análise só foi possível após o incêndio tornar as estruturas originais visíveis para análise arquitetônica.

Cabe ressaltar que, consciente da delimitação temporal, não foi ignorado o longo período de permanência de D. Pedro II no PSC, pois foi primordial para a contextualização histórica da residência ao longo do século XIX.

---

<sup>4</sup> Grifo da autora.

Nessa perspectiva, a investigação contou, de maneira complementar, com pesquisas de campo ao antigo PSC, atual edificação do Museu Nacional<sup>5</sup>, no ambiente da Equipe de Resgate<sup>6</sup>, após o incidente de 2 de setembro de 2018. Dessa forma, foi possível capturar imagens que fortaleceram um dos principais objetivos da dissertação: a identificação de elementos arquitetônicos revelados após o incêndio, ajudando a corroborar com a história do palácio, principalmente no período em que D. Pedro I e Dona Leopoldina tiveram seus aposentos no Bloco II.

Conforme já explicitado, a fase de D. Pedro II (1825-1891), referente aos anos entre 1840 e 1889, é o período em que temos mais informações sobre o Paço, como, por exemplo, a sua planta baixa da reforma de 1864, além de informações em jornais que comprovam a data de reformas e adições de blocos, o que foi essencial para a realização das análises.

A arquitetura pode ser considerada uma escrita, realizada no espaço em dois momentos: projeto e realização. (...) Existem, porém, outras variáveis sociais, políticas, econômicas e culturais que influenciam a arquitetura. Por isso, sua leitura é complexa.<sup>7</sup>

Espera-se, como produto, obter uma contribuição relevante para a história da arquitetura no Brasil, descortinando parte da edificação histórica, iluminando a pesquisa de Maria Paula Van Biene e, conseqüentemente, fortalecendo os trabalhos de revitalização do Paço de São Cristóvão do Museu Nacional/UFRJ.

### 1.3 JUSTIFICATIVA/RELEVÂNCIA

Em 1810, dois anos após a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil, a residência real ficou estabelecida no Paço de São Cristóvão, na atual Quinta da Boa Vista. Ao longo do século XIX, a residência se tornou moradia imperial (com D. Pedro I e D. Pedro II), foi palco da primeira assembleia constituinte republicana e, a partir de 1892, a edificação passou a ser a sede do Museu Nacional<sup>8</sup>. O MN foi o primeiro museu brasileiro, representa a primeira instituição científica nas áreas de história

---

<sup>5</sup> Quinta da Boa Vista s/n. Bairro Imperial de São Cristóvão. Rio de Janeiro. Brasil.

<sup>6</sup> Servidores pesquisadores do Museu Nacional que atuam nas atividades de resgate, identificação, classificação e conservação do material encontrado no interior da edificação.

<sup>7</sup> Regina Castelo Branco. Retirado da primeira orelha do livro arquitetura no Brasil - de Cabral a Dom João VI. Rio de Janeiro: Ed. Imperial Novo Milênio, 2010.

<sup>8</sup> O Museu Nacional foi criado por decreto de D. João VI (1767-1826) e execução do ministro do Reino, Thomas Antonio de Villanova Portugal, em 6 de julho de 1818 com o nome de Museu Real.

natural e antropológica e, partir de 1946, passou a integrar o patrimônio da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O desenvolvimento arquitetônico do Paço<sup>9</sup> foi iniciado por D. João, tendo sido complementado por seus sucessores: D. Pedro I e D. Pedro II. Além desses desenvolvimentos arquitetônicos, o palácio também foi “bruscamente alterado após o banimento da família imperial, em 1889” (DANTAS, 2007, pp. 47) na época da república, a fim de apagar as memórias do período imperial do palácio.

Pesquisar sobre o projeto original do Paço de São Cristóvão, com ênfase na investigação de seus vãos de ligação entre os cômodos, no que diz respeito ao prédio em torno diretamente ao vão central, tornou-se necessário para o registro da memória arquitetônica da edificação, principalmente após ao incêndio ocorrido em 2018.

A instituição Museu Nacional necessita de investigações sobre a estrutura arquitetônica atual do Paço (pós-incêndio) para que possa contribuir para as atividades de estudo e preservação do antigo Paço de São Cristóvão, visto que antes do incêndio, as marcas do Império existentes ficavam perdidas aos olhos dos visitantes e dos próprios servidores pertencentes ao museu.

Esta responsabilidade estava, inicialmente, com a UNESCO e o MEC, com a finalidade de contratar especialistas para a elaboração dos termos de referência, visando a contratação do projeto de reconstrução/restauração do PSC. Posteriormente, criou-se uma estrutura de governança com a inserção da Fundação Vale, junto à UFRJ, à UNESCO e representantes de diferentes instituições para organizar todos os projetos e captação de recursos.

Cada ciência depende de outras, não apenas para complementar seu foco da explicação do mundo ou aquele seu objeto de estudo específico, como também seus próprios conceitos que tornam aquela ciência pura, na qual a investigação é feita inicialmente sem a preocupação com a aplicação, em uma área definida de conhecimentos e compreensão.

No estudo da arquitetura, por exemplo, devemos recorrer a tantos outros elementos para uma explicação mais profunda, (...) as justificativas históricas e sociais sobre o próprio surgimento das cidades, (...).<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Sobre o assunto, ver: BIENE, 2013.

<sup>10</sup> Trecho da Apresentação da obra de MENDES *et al.*, 2010, p. 7.

Com isso, busca-se sublinhar a importância histórica do Paço de São Cristóvão como residência real e imperial, ajudando a enaltecer a história do Brasil e ratificando-a por meio de imagens que ajudem a traduzir a história de sua arquitetura pós período de tragédia.

A característica inovadora da investigação é o destaque à Leopoldina, pois os registros historiográficos identificam as fases históricas somente pelos nomes dos homens. Portanto, a referência à Leopoldina justifica-se como uma homenagem pelos seus feitos referentes ao forte apoio à criação do Museu Real (atual Museu Nacional) e ao desenvolvimento da história das ciências no Brasil (em especial à Mineralogia e Botânica).

#### 1.4 APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Detalhando a investigação em capítulos, no primeiro, constam os objetivos, a metodologia e a justificativa para o desenvolvimento da presente pesquisa.

O segundo capítulo está composto por um breve histórico do Paço de São Cristóvão e de sua arquitetura, com intuito de contextualizar o tema. Nesse momento, em relação aos teóricos utilizados, nos apropriaremos de alguns recortes da dissertação da historiadora Regina Dantas, com a intenção de trazer partes da história da casa para complementar o cenário da época. Majoritariamente, será utilizada a tese da arquiteta Maria Paula Van Biene, por representar a mais completa pesquisa de arquitetura sobre o Paço de São Cristóvão.

Em relação ao terceiro capítulo, será apresentado um breve e didático histórico dos métodos construtivos e materiais no Brasil, desde o final do período colonial até o período imperial. Na ocasião, alguns autores irão auxiliar a melhor compreensão do desenvolvimento dos diferentes materiais de construção, visando preparar a identificação e análise dos vestígios identificados nas paredes do palácio.

No quarto e último capítulo, o foco será a identificação dos vãos que foram revelados com o incêndio, analisando cada um deles por meio de imagens e comparações com as plantas baixas de 1864 e as atuais plantas baixas do Museu Nacional. Com isso, buscaremos afastar o silêncio que se instalou em mais de dois séculos de história no Paço de São Cristóvão, visto que a arquitetura do edifício era sobreposta, se misturando com os diferentes períodos que esse edifício vivenciou: moradia, palácio e museu.

Neste capítulo, serão expostos a identificação dos aposentos de D. Pedro I e de Dona Leopoldina a partir da constatação dos diferentes materiais evidenciados pela análise das paredes do Paço.

Cabe esclarecer que, o Paço de São Cristóvão é caracterizado (em documentos históricos) por três pavimentos: o térreo, o segundo e o terceiro. Ao longo do texto da presente investigação, o térreo será denominado de primeiro pavimento. Os demais estarão com as mesmas nomenclaturas.

Por fim, ressalto que, por conta da Pandemia do COVID-19<sup>11</sup>, as atividades do Núcleo de Resgate do Museu Nacional foram suspensas e houve a impossibilidade de retornar ao palácio para conseguir registros fotográficos finais mais adequados para essa dissertação, pois conforme foi desenvolvendo a escrita, viu-se a necessidade de imagens com novos destaques e detalhes.

Diante dessa impossibilidade, constata-se que seria mais enriquecedor apresentar, dentro dos objetivos propostos, fotografias de autoria própria. Porém, foi necessário utilizar algumas imagens (retiradas pela autora inicialmente de maneira provisória) que não possuem enquadramentos adequados para suprir a apresentação das análises.

---

<sup>11</sup> Pandemia decretada pela Organização Mundial de Saúde em 11 de março de 2020.

## 2. BREVE HISTÓRICO DO PAÇO DE SÃO CRISTÓVÃO E DE SUA ARQUITETURA

Toda história reflete a perspectiva intelectual do seu tempo, e no Paço de São Cristóvão (PSC) não é diferente. Conforme analisamos a história da sua arquitetura (BIENE, 2013), percebemos que o Paço sofreu sucessivas obras, tanto de ampliação quanto de adaptação, além de pavimentos adicionados irregularmente.

Através da pesquisa e entendimento dessa arquitetura, acabamos conhecendo um pouco mais sobre os seus ilustres moradores, como D. João VI (1767-1826), D. Pedro I (1798-1834), D. Pedro II (1825-1891), as famílias real e imperial, além de seus arquitetos, projetistas e construtores, nomes que foram relevantes para a história da arquitetura no Brasil do século XIX (BIENE, 2013).

Ao longo de sua história, o PSC presenciou momentos marcantes, tais como a participação de Maria Leopoldina (1797-1826), Imperatriz Consorte do Império do Brasil e primeira esposa de D. Pedro I, no processo de Independência do Brasil, na criação do Museu Real e no fortalecimento de determinados acervos do Museu Nacional<sup>12</sup>.

No mesmo palácio, após o banimento da família imperial do Brasil, em 1889, foi local de realização da primeira Assembleia Constituinte do Brasil enquanto nação republicana, entre outros acontecimentos, até culminar na transferência do Museu Nacional<sup>13</sup> (do Campo de Santana) para a Quinta da Boa Vista em 1892.

Antes de tratar sobre a arquitetura do PSC, precisamos entender desde o início de sua construção até a representação do palácio ao longo do século XIX. Para isso, visando a elaboração da necessária contextualização histórica, nos apropriaremos de informações apontadas na dissertação de Regina Dantas (2007) e, a partir dela, caminharemos com a inédita pesquisa arquitetônica doutoral de Maria Paula Van Biene (2013), que sem a qual, a investigação não teria sido possível.

Inicialmente, toda a área da Quinta da Boa Vista e o edifício - onde hoje se encontra o Museu Nacional - pertencia a Elias Antônio Lopes, um dos negociantes

---

<sup>12</sup> Sobre Leopoldina no acervo de Botânica, ver: DANTAS, 2007, p. 256-257; Leopoldina na coleção egípcia, ver: CHAVES, 2019, p. 92-94.

<sup>13</sup> Sobre a transferência do Museu Nacional para o PSC, ver: DANTAS, 2007, 90-93.

que atuou no Rio de Janeiro no fim do século XVIII e início do século XIX. Elias adquiriu a área em um leilão dos bens dos jesuítas, que a usavam como local de retiro e criação de gado. De origem luso-libanesa, enriqueceu com comércio de vários ramos mercantis (KHATLAB, 2002, p. 19).

Com a chegada da Família Real ao Brasil, em 1808, não havia muitos espaços residenciais no Rio de Janeiro para abrigar a Corte. Sendo assim, Elias presenteou, em 1º de janeiro de 1809, sua propriedade à D. João VI, que decidiu transformá-la em Residência Real Portuguesa (Figura 1).

Elias recebeu de D. João VI uma quantia em dinheiro e também foi nomeado Cavaleiro Fidalgo da Casa Real, com a graduação de Alcaide-Mor da Vila de São João Del Rei e de Provedor e Corretor da Casa Adjunta do Comércio. Porém, o comerciante teve pouco tempo para desfrutar de tantas conquistas, pois faleceu em 1815 (DANTAS, 2007, p. 39).

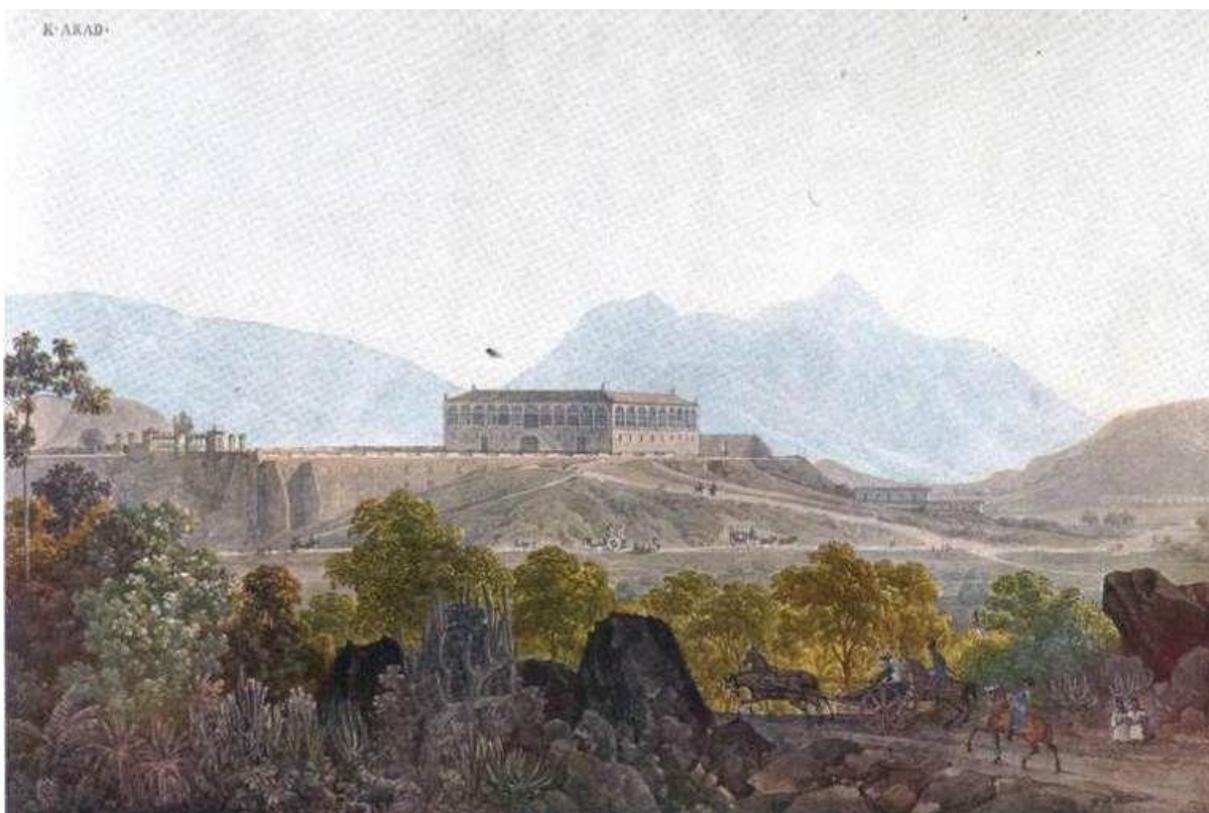


Figura 1 - Imagem de 1817, de Thomas Ender (1793-1854).

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/487373990917782018/?ip=true> - acesso em 02/11/2019.

## 2.1 O PAÇO DE D. JOÃO VI

D. João VI (1767-1826), mesmo que só tenha vivido no Brasil por 13 anos, foi marcante para a história, visto que o Paço Imperial foi a primeira e única sede de um reino europeu em terras de colônia.

Assim que D. João VI foi coroado Rei, em abril de 1818 mudou-se definitivamente para o Paço de São Cristóvão (apesar de habitar a residência temporariamente desde 1816). Anteriormente ele vivia no Paço da Cidade<sup>14</sup>, pela questão da proximidade com sua mãe, a Rainha D. Maria I (1734-1816) que, conhecida por sua insanidade mental, era assistida pelas freiras do Convento do Carmo, adjacente e ligado ao Paço por um passadio (BIENE, 2013, p. 190).

Durante o Período Joanino<sup>15</sup>, Dom João VI assinou um decreto em 06 de junho de 1818 visando a criação do primeiro museu de história natural no país: O Museu Real<sup>16</sup>, atual Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com sede original localizada no Campo de Santana no Centro do Rio de Janeiro. A história da instituição científica vem sendo analisada, com distintas abordagens, por diferentes pesquisadores (LOPES, 1999; DANTAS, 2007; GUALTIERE, 2008; KEULER, 2008, NASCIMENTO, 2009; DANTAS, 2012 e SILVA, 2017).

A criação desse Museu foi parte de uma série de medidas tomadas por D. João VI a fim de promover o fortalecimento da metrópole por meio do desenvolvimento da arte e ciência no Brasil, assunto bem desenvolvido por alguns autores (DIAS, 1972; LIMA, 1996; NEVES, 1995; NEVES & MACHADO, 1999).

Para a atual pesquisa, nos dedicaremos ao PSC, local em que D. João VI residiu até sua volta para Lisboa, o que ocorreu em 1821. Destaca-se que é muito difícil afirmar ou fazer qualquer constatação sobre as modificações realizadas na casa em relação a sua adaptação para virar um palácio, uma vez que não há registros iconográficos de sua construção original e nem mesmo relatos e documentos que a descrevam com precisão (BIENE, 2013, p. 191).

---

<sup>14</sup> Paço da Cidade está localizado na atual Praça XV de Novembro, no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro.

<sup>15</sup> Fase da colonização brasileira que se iniciou em 1808, quando a família real portuguesa se mudou para o Brasil, e estendeu-se até 1822, quando foi declarada a independência do Brasil.

<sup>16</sup> O decreto de criação do Museu Nacional encontra-se digitalizado na Direção da instituição.

Porém, há alguns relatos que podem ajudar a decifrar um pouco mais essas modificações. Logo após a aquisição da residência real, já era possível identificar as primeiras alterações em sua edificação, como cita Dantas:

A residência real começou a sofrer alterações após 1810 por ocasião do casamento de dona Maria Tereza de Bragança (1793-1812), filha mais velha de D. João, com o infante da Espanha D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança (?-1812). Passou a ser necessário ampliar a residência para abrigar a família crescente e transformá-la em uma residência real (DANTAS, 2007, p. 40).

Mais tarde, com a Abertura dos Portos às Nações Amigas em 1808, a maior delas – a Inglaterra – teve como privilégio apresentar um projeto de dignificação, por meio do trabalho do arquiteto John Johnson, para o novo palácio do príncipe regente. Essa necessidade de expansão se deu por conta dos preparativos para o casamento de d. Pedro I (1798-1834) com d. Carolina Josepha Leopoldina (1797-1826), que aconteceu, nos fundos do palácio, pelo arquiteto inglês John Johnson, em 1816 (SANTOS, 1981, p. 46).

Pouco tempo depois, um arquiteto inglês, de passagem pelo Rio de Janeiro, substituiu à simplicidade uniforme dessa chácara uma decoração exterior de estilo gótico muito mais digna de uma corte europeia. Pudemos ver, à nossa chegada, um dos quatro pavilhões projetados para os cantos do edifício já terminado em 1816, época em que aquele artista inglês deixou o Brasil. Logo após a solenidade de coroação do rei e do casamento do Príncipe Dom Pedro, exigindo o castelo nova reforma, a corte dela encarregou um arquiteto português, então empregado como pintor de cenários [Manuel da Costa], o qual, naturalmente, voltou ao estilo português.” (DEBRET, 2008, p. 463). [Figura 2].

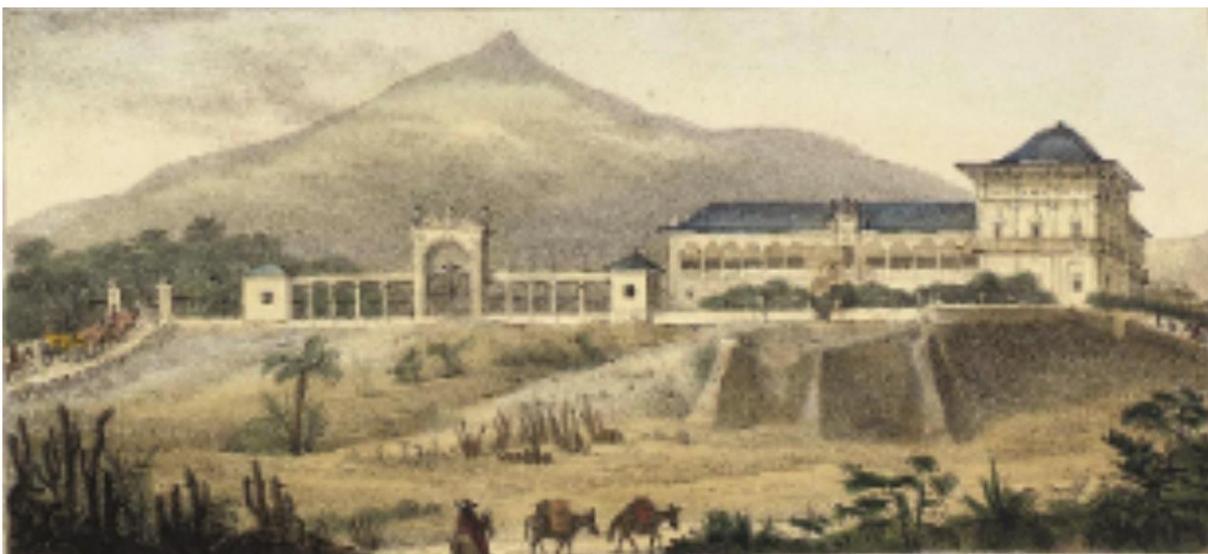


Figura 2 - Paço em 1816. Jean-Baptiste Debret.

Fonte: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon393054/icon393054\\_154.jpg](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon393054/icon393054_154.jpg) - acesso em 28/02/2020.

Como podemos ver, o projeto de John Johnson foi aprovado, o qual contava com quatro pavilhões de inspiração neogótica<sup>17</sup>, do qual apenas um foi construído; o torreão norte com dois andares (Figura 3). Johnson iniciou seus trabalhos reformando uma lateral da edificação, também no mesmo estilo (DANTAS, 2007, p.41).

---

<sup>17</sup> Arquitetura gótica (1050-1530) – Estilo arquitetônico proveniente da Europa Ocidental na Alta Idade Média, emergente das formas românicas e bizantinas. As características principais do estilo eram a altura e a claridade, obtidas com uma mistura de estruturas em forma de esqueleto e o uso crescente de janelas. As paredes já não eram necessárias para sustentar o telhado e podiam ser substituídas por grandes e altas janelas com vitrais. Também eram muito utilizadas abóbadas e arcos pontiagudos (BURDEN, 2002, p. 46).



Figura 3 - Paço por volta de 1817, por Jean-Baptiste Debret (1768-1848).

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Palace\\_of\\_sao\\_cristovao\\_1817.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Palace_of_sao_cristovao_1817.jpg) - acesso em 07/03/2020.

Quando Biene analisa imagens do Paço de D. João VI, por meio de comparação entre as imagens datadas daquela época, chega à conclusão de que há uma certa discrepância entre a história contada por Debret e por outros artistas, tais como Taunay, Ender e Henderson. Enquanto Debret apresentou um pavilhão colossal construído já em 1816, “(...) nas imagens de Ender de 1817 (Figura 4), de Henderson de 1819 (Figura 5) e de Taunay, entre 1816 e 1821 (Figura 6), o torreão não aparece edificado - e nem mesmo sinais de uma obra em construção até 1819”. (BIENE, 2013, p. 207).

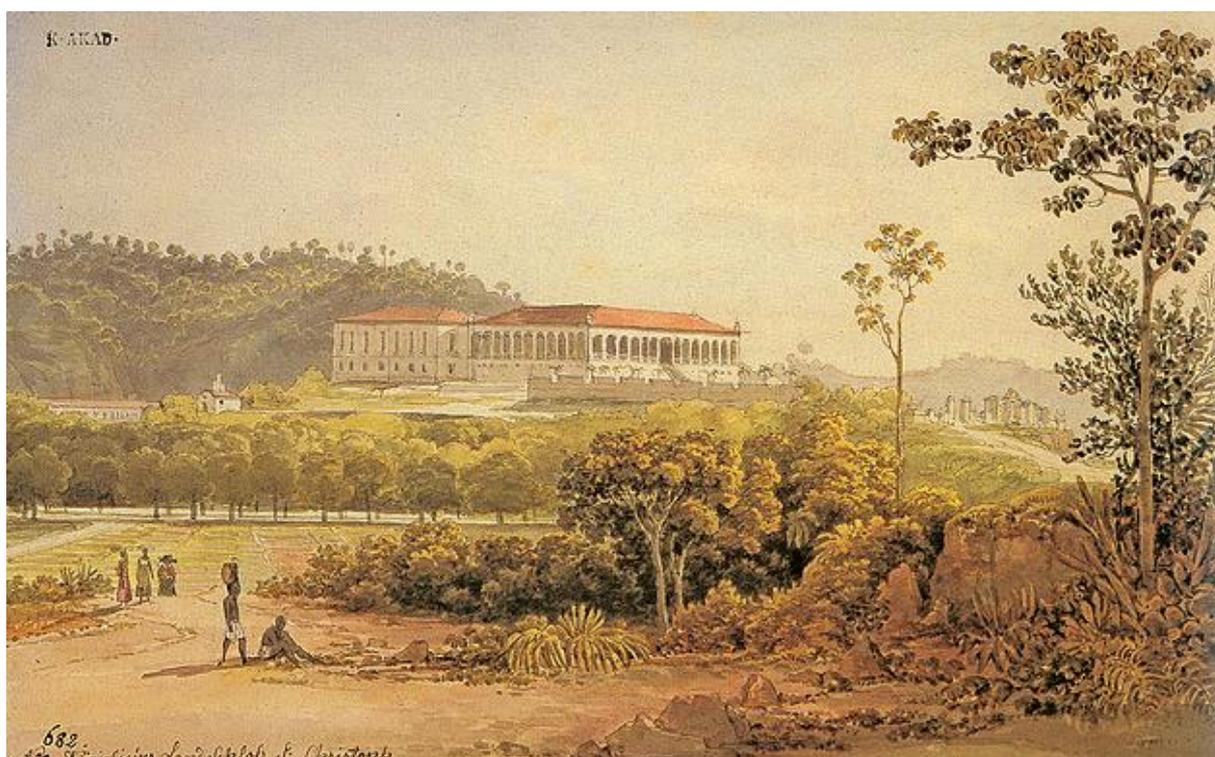


Figura 4 - Palácio Real de Campo, em São Cristóvão, Thomas Ender - 1817 / 1818. Vista da área Sul do PSC.

Fonte: <https://d3swacfcujrr1g.cloudfront.net/img/uploads/2000/01/008353001013.jpg> - acesso em 03/06/2020.

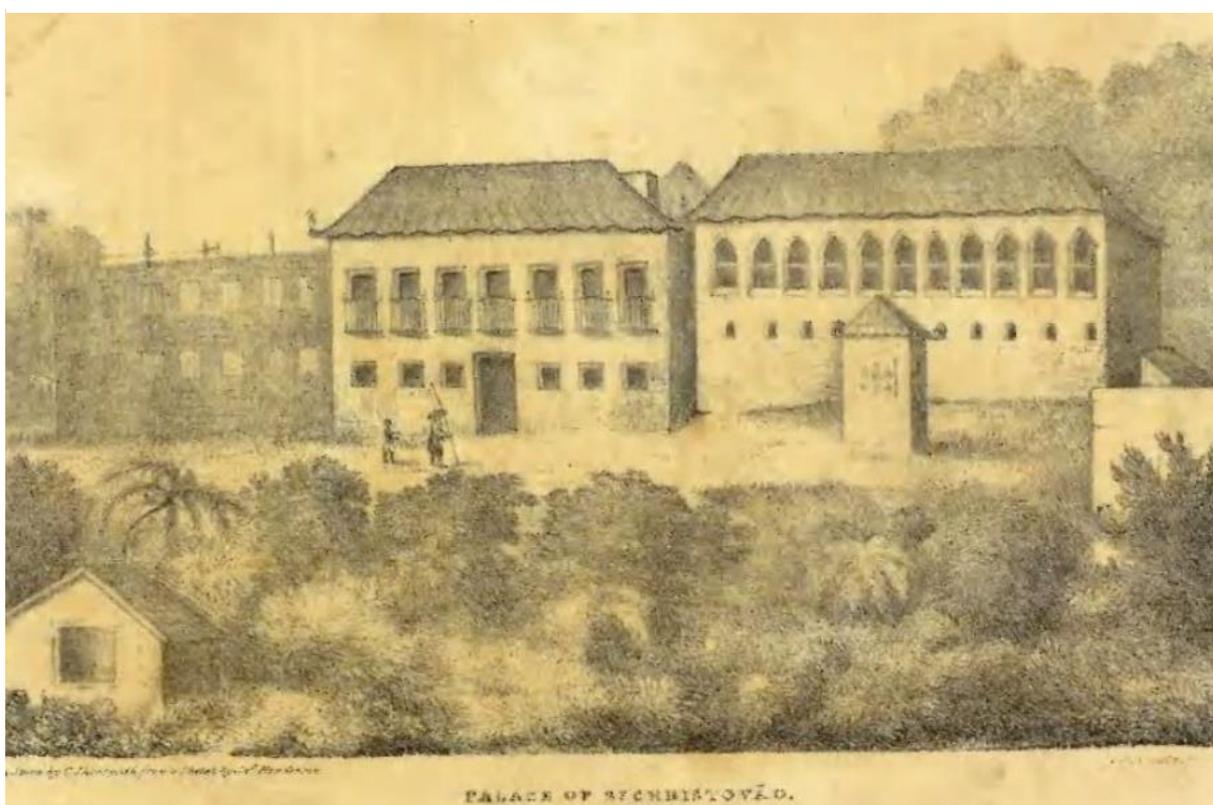


Figura 5 - Vista Sul do palácio de São Cristóvão. James Henderson.

Fonte: Biblioteca Nacional digital, <https://bndigital.bn.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/4-or1292588.jpg> - acesso em 06/06/2020.

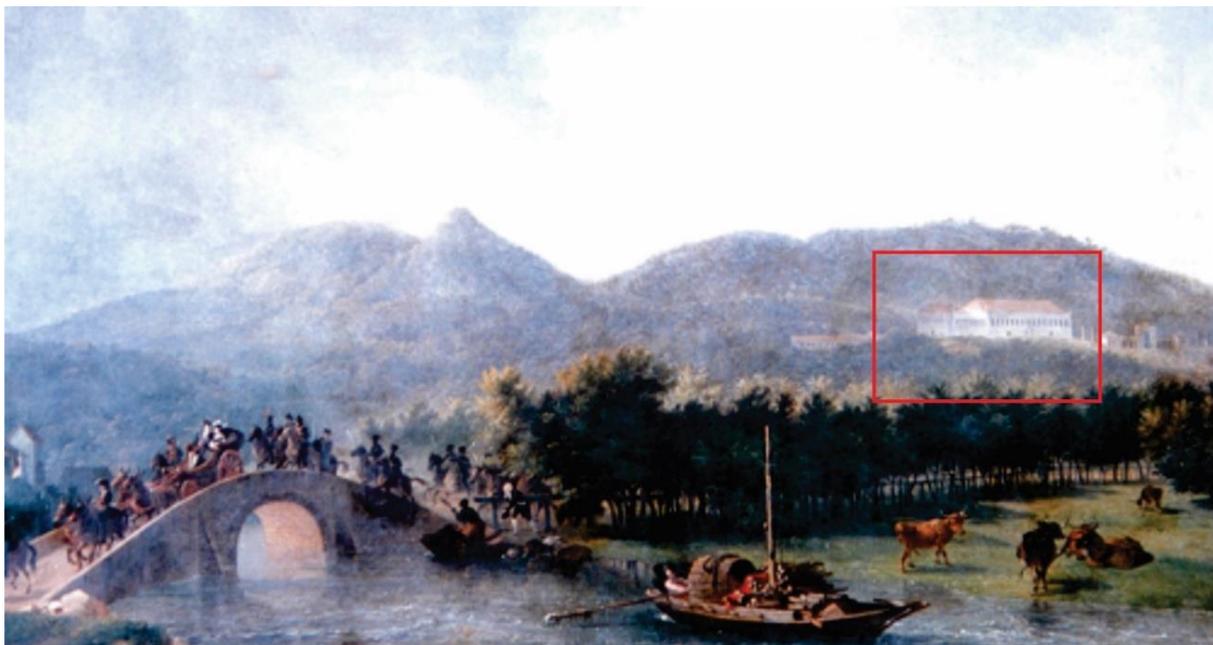


Figura 6 - Vista de São Cristóvão entre 1816 e 1821. Nicolas Antoine Taunay.

Fonte: [http://www.multirio.rj.gov.br/images/historia do brasil/m2-cap2/Taunay Passeio DJoao t.jpg](http://www.multirio.rj.gov.br/images/historia%20do%20brasil/m2-cap2/Taunay_Passeio_DJoao_t.jpg) - acesso em 05/06/2020.

Inserção, em vermelho, da autora.

Até o presente momento, a análise foi desenvolvida se baseando apenas no exterior do PSC; suas fachadas e volumes dos blocos vistos por fora. Ao passarmos para o seu interior, Biene, por meio de estudos, apurações de documentos e relatos sobre o Paço<sup>18</sup>, chegou à conclusão de que os espaços eram divididos em caracteres público, misto e privado. De caráter público eram basicamente

o pátio em frente ao palácio, a galeria que ocupava toda a fachada frontal, a Sala do Trono, usada para as audiências do beija-mão, a Sala dos Diplomatas, usada para encontros de Estado. Esses espaços se caracterizam por suas grandes dimensões, em grandes salões e ocupavam o plano nobre do palácio. (BIENE, 2013, p. 220).

Em relação aos espaços de caráter misto, podemos citar o gabinete de trabalho do rei, a Capela - onde aconteciam diariamente as missas matinais - e a Casa de Jantar.

---

<sup>18</sup> Para maiores informações, ver tese de Maria Paula Van Bienne. O Paço de São Cristóvão, antigo palácio real e imperial e atual palácio-sede do Museu Nacional/UFRJ: a definição de uma arquitetura palaciana, 2013, p. 190-222.

Se tratando dos ambientes de caráter privado do Paço, esses espaços eram descritos como acanhados, porém numerosos:

distribuídos pelo andar, ou plano nobre e pelo pavimento térreo, em cômodos pouco arejados e iluminados.

No plano nobre ficavam os aposentos do Rei e da Princesa D. Maria Teresa, com seu filho D. Sebastiao, e todo um conjunto de serviçais, de toda classe, que os atendiam e eram predominante de damas. Já o Príncipe herdeiro, na eminência de seu casamento com D. Leopoldina, teria sido contemplado com uma ala (lado posterior/sul do palácio). Já o Infante D. Miguel, dividia com outros serviçais, o andar térreo.

Nesse programa, as Áreas de sérvios, não estariam contempladas, ficando do lado de fora (...). (BIENE, 2013, p. 221)

Depois de analisado, verificou-se que não há dados suficientes para reconstruir uma planta baixa exata do Paço no período de D. João VI (Figura 8), visto que houve muitas modificações na edificação. Porém, antes disso, iremos apresentar um gráfico visual (Figura 7) com a vista de cima do Paço a fim de nos ajudar na localização de cada bloco do Paço.

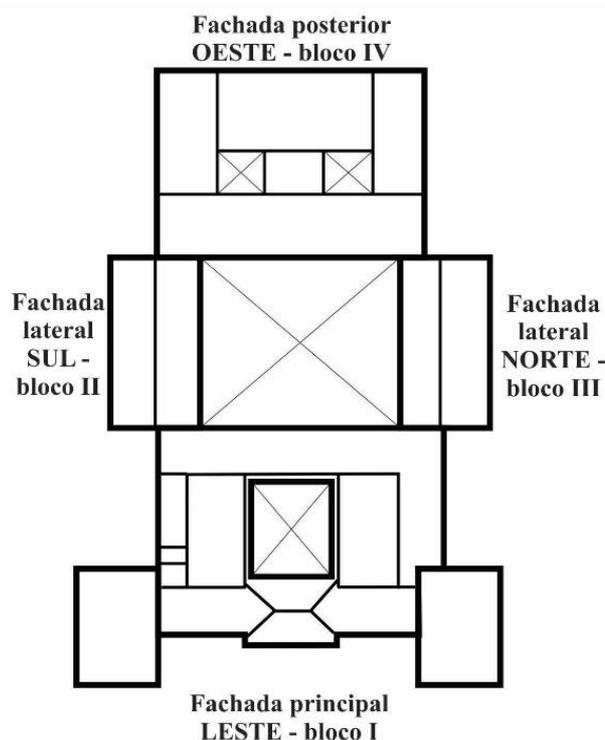
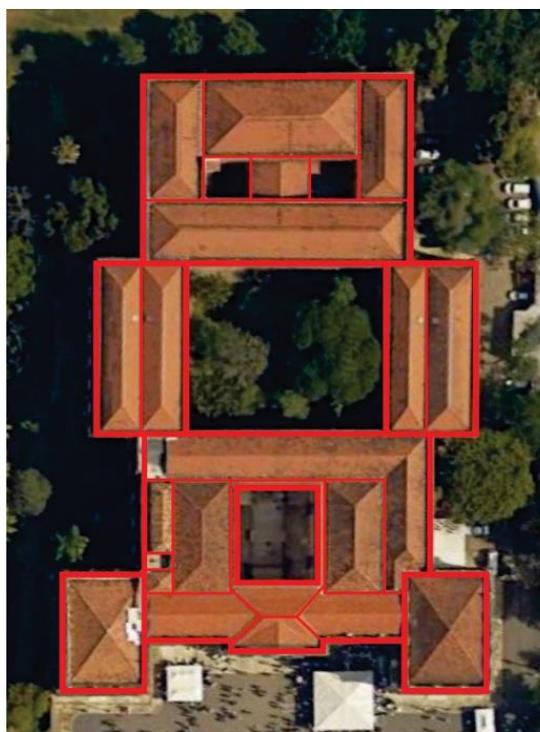


Figura 7 - Vista superior do PSC com seus blocos nomeados, elaborado pela autora.

Fonte: <https://www.google.com.br/maps/place/Quinta+da+Boa+Vista/@-22.9056557,-43.2265829,153m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x997ef752db2015:0x1b672cd9162d9606!8m2!3d-22.9046069!4d-43.2207652> - acesso em 26/05/2020.

Com isso, podemos deduzir as seguintes mudanças no Paço no período de D. João, conforme imagem a seguir:

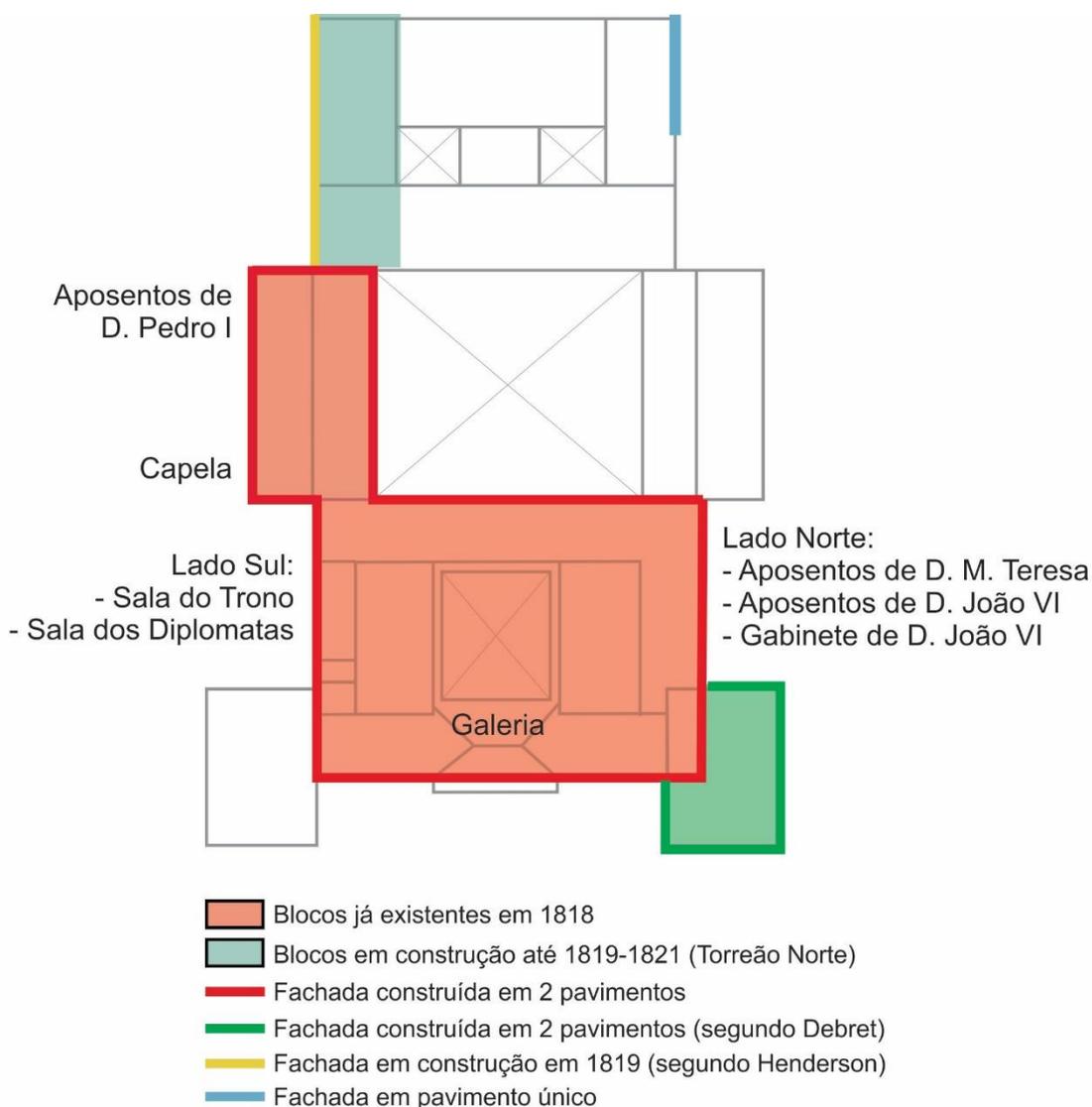


Figura 8 - Supostas mudanças correspondentes ao Paço de D. João VI no palácio atual.  
 Fonte: Releitura a partir do gráfico de Biene (2013, p. 222).  
 Inserção, em cores, da autora.

## 2.2 O PAÇO DE D. PEDRO I

Aprofundando-nos na fase de D. Pedro I (1798-1834) no PSC, o qual já morava no Paço desde seus 18 anos. Ele se casou com a Arquiduquesa da Áustria, D. Leopoldina Josefa Carolina de Habsburgo (1797-1826) em 1817 e desde então o casal real teve como moradia uma ala do palácio – a ala sul.

Quando D. João VI volta a Portugal em 1821, seu filho D. Pedro I “(...) continuou residindo no Paço, no Brasil como Regente, a fim de garantir a continuidade do Reino de Portugal, Brasil e Algarves.” (BIENE, 2013, p. 223).

Porém, devido a várias conjunturas políticas ocorridas no Brasil, em 7 de setembro de 1822, D. Pedro I proclamou a independência do Brasil. Aproveita-se a oportunidade para elevar o grande protagonismo de D. Leopoldina no processo de independência.

A independência do Brasil foi declarada por D. Pedro em 07 de setembro de 1822. Contudo, em 01 de setembro, a Imperatriz, como regente na ausência de D. Pedro, presidiu o Conselho de Ministros; e ao ser questionada sobre a solução para o cenário político vigente, respondeu que a única possibilidade seria a proclamação da independência. (DA SILVA, 2018, p. 75).<sup>19</sup>

D. Pedro I foi coroado imperador em dezembro deste mesmo ano, tendo elevado o Brasil a nação imperial e o Real Paço como Imperial Paço.

Em 1826, faleceu a então Imperatriz Consorte D. Leopoldina e em 1828, chegava ao Paço a segunda esposa de D. Pedro I, que veio de Munique, sendo assim a segunda Imperatriz Consorte, D. Amélia de Leuchtenberg (1812-1873).

D. Pedro I permaneceu no Brasil de 1808 até 1831, tendo só voltado para Portugal obrigado, visto que seu trono estava ameaçado por seu irmão, D. Miguel. Portanto, a fim de garantir o trono a sua filha D. Maria da Glória (1819 - 1853), Rainha de Portugal D. Maria II, D. Pedro I assumiu o trono de Portugal como D. Pedro IV, vindo a falecer apenas alguns anos depois, em 1835. (BIENE, 2013, p. 223)

Tratando-se sobre a questão da arquitetura no PSC na época de D. Pedro I, sabe-se que até a independência do Brasil, por estudos de imagens da época, Biene chega à conclusão de que não foram feitas mudanças no Paço “(...) não sofreu nenhuma modificação salvo nas armas que coroam o portão central, as quais foram substituídas pelas do Império do Brasil.” (DEBRET, 2008, p. 465).

---

<sup>19</sup> Para maiores informações, ver dissertação de Maria Gabriela Evangelista Soares da Silva. **IMPERATRIZ LEOPOLDINA: uma história da mulher e das ciências naturais no Brasil do século XIX (1817 - 1826).**

Assim ficaram as coisas até 1822, ano em que a ascensão de D. Pedro ao trono imperial exigiu uma distribuição interna de um caráter mais elevado, começando-se então a construção do segundo pavilhão da fachada principal do palácio. (DEBRET, 2008, p. 463).

Durante o reinado de D. Pedro I, o palácio continuou a ser ampliado e remodelado. Um dos elementos que chama atenção, foi a introdução na parte externa da frente do palácio uma escadaria em semicírculo e duplo corrimão:

O arquiteto inglês não tendo sido encontrado, o imperador D. Pedro I o substituiu pelo português Manoel da Costa, que introduziu em 1822, na parte externa da frente do palácio, uma escadaria em semicírculo e duplo corrimão, fortalecendo os traços neogóticos da decoração (SANTOS, 1981, p. 46).

Outra construção de grande destaque foi a criação de um novo torreão – o torreão sul. Esse torreão, concretizado pelo francês Pierre Joseph Pézerat – visto que o encarregado inicial da obra, Manuel da Costa, veio a falecer em 1826<sup>20</sup> - foi executado todo em estilo neoclássico, que predominou na conclusão de todo o palácio (SANTOS, 1981, p. 46).

No período entre 1823 e 1824, a escritora inglesa Maria Graham (1785-1842), veio ao Brasil a convite de D. Pedro I para atuar como preceptora de sua filha Maria da Glória (1819-1853), a futura Dona Maria II (rainha de Portugal). Em seu diário (GRAHAM, 1990), que revela detalhes sobre a edificação, exhibe o seu desenho do Paço de São Cristóvão e o identificamos como um relevante registro que nos auxilia nos estudos sobre a evolução volumétrica da arquitetura da residência durante o século XIX (Figura 9).

---

<sup>20</sup> “Mas a morte de Manuel da Costa, em 1826, levou o imperador a contratar um jovem arquiteto francês – Pézerat” (DEBRET, 2008, p. 463).



Figura 9 - O Paço de São Cristóvão desenhado por Maria Graham por volta de 1820.

Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/guiaMN/Guia/paginas/1/amaisantiga.htm> - acesso em 01/03/2020.

Além disso, podemos identificar a composição volumétrica do palácio entre os anos de 1824-1825 pela imagem do Paço capturada pelo artista Dela Michellerie (Figura 10) e também de um desenho de Jean-Baptiste Debret (1768-1848) (Figura 11), nos quais observamos a grande diferença dos estilos arquitetônicos dos dois torreões; enquanto o torreão sul com três pavimentos em estilo neoclássico, o corpo central em dois pavimentos com escadaria imponente em semicírculo centralizada e o torreão norte com a cobertura em cúpula bulbosa.

Também conseguimos observar que houve a tentativa de trazer o modelo clássico novamente ao PSC a fim de transformar a moradia Real em um palácio mais imponente, já que um forte clima de insegurança política se instaurava no Brasil.

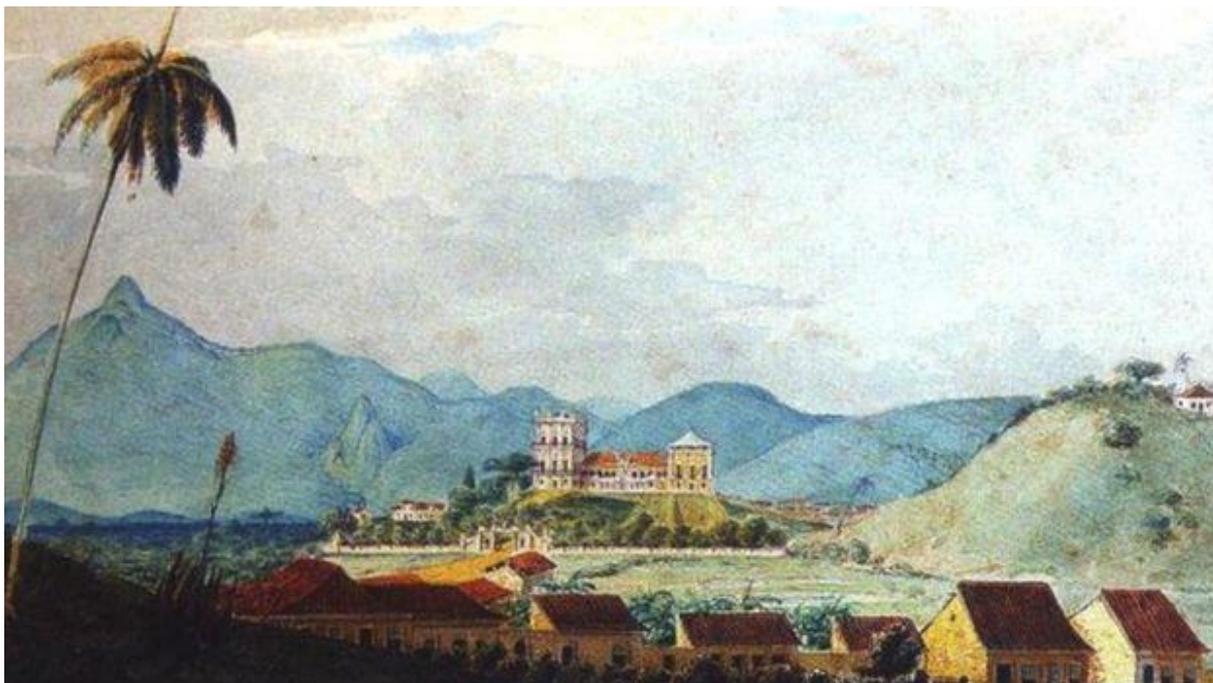


Figura 10 - O Paço entre 1824-1825, Dela Michellerie.

Fonte: [https://ichef.bbci.co.uk/news/624/cpsprodpb/78E3/production/\\_103274903\\_palacio2.jpg](https://ichef.bbci.co.uk/news/624/cpsprodpb/78E3/production/_103274903_palacio2.jpg)  
 acesso dia 27/05/2020

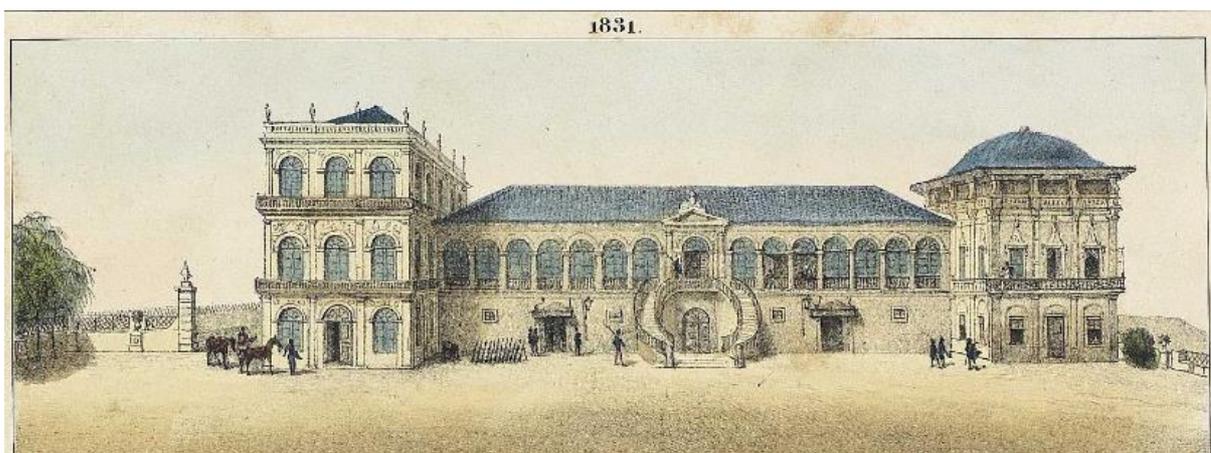


Figura 11 - Imagem do Paço por volta de 1831. Desenho de Jean-Baptiste Debret (1768-1848).

Fonte: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon393054/icon393054\\_154.jpg](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon393054/icon393054_154.jpg) - acesso em 28/02/2020.

Através da análise comparativa entre as imagens de 1825 de Dela Michellerie (Figura 10), e a imagem do Paço de 1831 de Debret (Figura 11), podemos concluir que o torreão Norte continuou sem sofrer modificações até o ano da partida de D. Pedro I no Brasil; 1831. (BIENE, 2013, p. 227)

Vale ressaltar que o novo torreão Sul não deu ao palácio a simetria volumétrica que era tão estimada na época. As diferenças entre as alturas dos dois torreões, além da diferença dos estilos arquitetônicos entre eles e o corpo central do edifício, deram ao PSC um caráter eclético, fazendo com que o Paço de São

Cristóvão fosse considerado um dos primeiros exemplos do ecletismo<sup>21</sup> do século XIX (PEIXOTO, 2000, p. 301).

Novamente, assim como no PSC de D. João VI, Biene encontra poucas, “(...) mas valiosas, as referências textuais que nos elucidem como era o palácio em seus aspectos internos, de seus espaços e ambientes.” (BIENE, 2013, p. 229).

Em relação ao caráter público, existia o grande salão de recepção com a galeria, a sala de audiências com a Sala do Trono e a sala do Conselho com a Sala dos Diplomatas.

Como espaços de caráter misto, podemos exemplificar “(...) o pequeno quarto interno, da citação de Graham, como um gabinete particular de D. Pedro. E, por um outro trecho de seus relatos, a confirmação da existência da capela (...)”. (BIENE, 2013, p. 232).

Já se tratando do caráter privado, primeiramente daremos destaque a ala sul do palácio, visto que será apresentada uma panorâmica do desenvolvimento arquitetônico que irá de D. João até D. Pedro II.

Como já vimos anteriormente, essa ala sul era onde D. Pedro I vivia quando ainda solteiro, e continuou utilizando-a no início do casamento com D. Leopoldina.

o então príncipe herdeiro estava habitando com a esposa uma pequena dependência, ligada ao palácio.” Numa carta à sua irmã Maria Luísa, (...) D. Leopoldina descreve detalhadamente seus aposentos: O meu apartamento é formado de seis quartos que oferecem um magnífico panorama [...] todos os quartos tem balcões e quatro portas. (...) o quarto cômodo era o gabinete de toilette, de um lado a toilette masculina e do outro, a feminina.’

D. Leopoldina descreve ainda que havia ‘depois 4 quartos onde se encontra o pessoal do meu marido e o seu quarto para mudar de roupa’ e “temos um pequeno corredor onde ficam os pássaros e os cães de caça de dia, para que o calor não os prejudique’. (BIENE, 2013, p. 233).

O casal imperial mudou-se para seus novos aposentos e os relatos de Maria Graham (1785-1842), em 1824 quando residiu no Paço como preceptora da princesa D. Maria da Glória, registram o local do dormitório de Leopoldina em alas separadas

---

<sup>21</sup> Estilo Eclético – seleção de elementos de diversos estilos para os desenhos decorativos arquitetônicos, em particular no final do século XIX. (BURDEN, 2002, p. 150).

a do seu marido, porém compartilhavam suas atividades no cotidiano. (BIENE, 2013, p. 234).

Esses espaços, baseando nas informações reunidas na tese de Biene estão resumidos no gráfico abaixo:

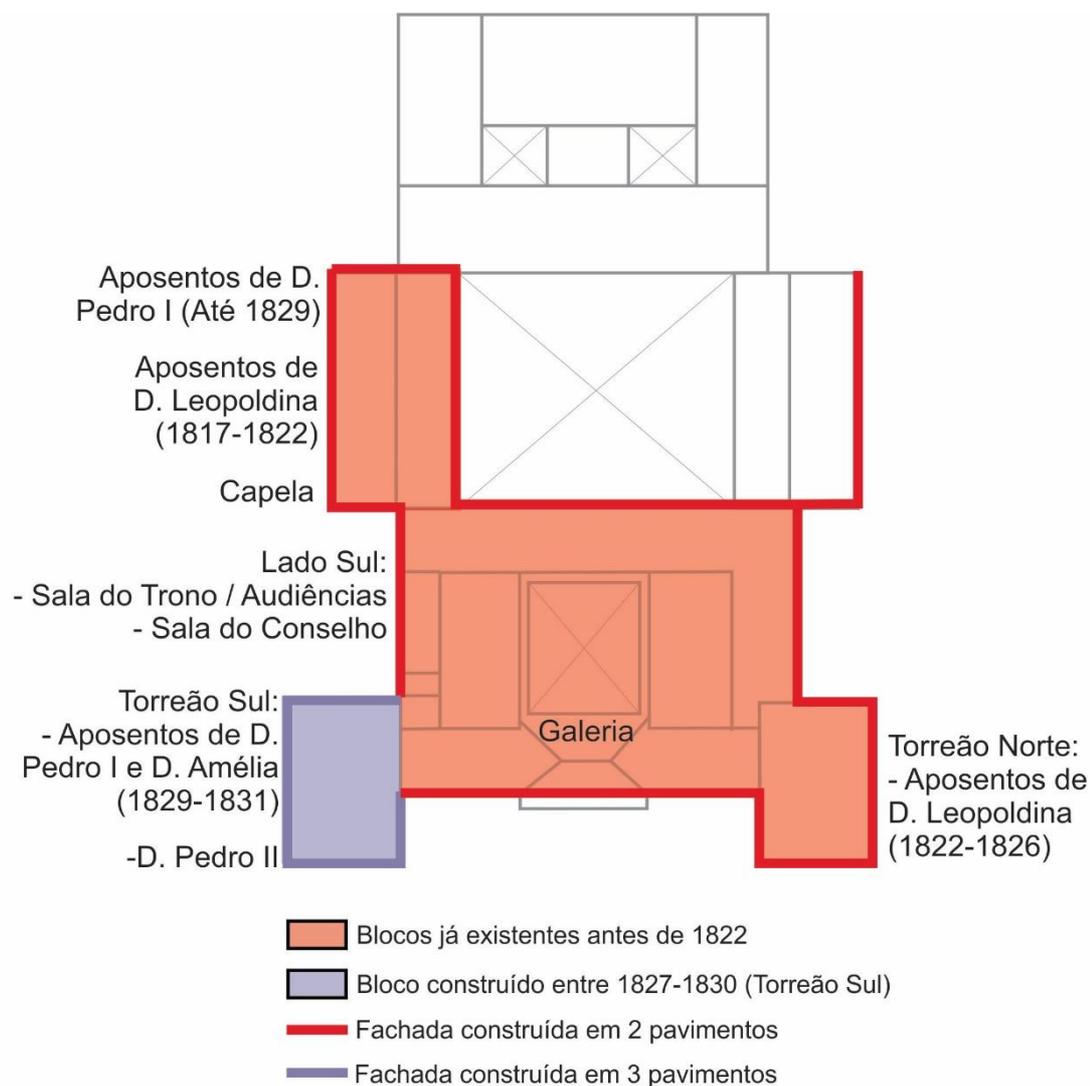


Figura 12 - Supostas mudanças correspondentes ao Paço de D. Pedro I no palácio atual.  
 Fonte: Releitura baseada no gráfico de Biene (2018, p. 238).  
 Inserção, em cores, da autora.

### 2.3 O PAÇO DE D. PEDRO II

Passaremos agora para a análise do período de Pedro II, que nasceu no próprio PSC em 2 de dezembro de 1825. Seu pai, D. Pedro I, tendo que voltar para Portugal, o deixou com apenas 5 anos de idade como sucessor do Império do Brasil, reconhecido como herdeiro, Príncipe Imperial em 1826.

Devido a sua pouca idade, assumiram o cargo alguns regentes, no período que ficou conhecido como Período das Regências<sup>22</sup> datado de 1831 até 1840. Em 1840, tendo sua maioridade antecipada para seus 15 anos, D. Pedro II assumiu a coroa do Império do Brasil.

Em 1842, D. Pedro II se casou com D. Teresa Cristina Maria de Bourbon (1822-1890), com quem teve quatro filhos, todos nascidos no Paço, dos quais dois - D. Afonso e D. Pedro Afonso – tiveram pouco tempo de vida, restando apenas suas duas filhas: D. Isabel e D. Leopoldina. A família Imperial dividia, durante o ano, a moradia entre o Paço de São Cristóvão e o Palácio de Petrópolis, onde ficavam nos meses quentes de verão. (BIENE, 2013, p. 239).

D. Pedro II viveu no Paço até 1889, o ano em que foi deposto, com a Proclamação da República. Ele deixou o Paço para o exílio na Europa, onde faleceu apenas dois anos depois, 1891 em Lisboa.

Uma observação curiosa e que diz muito sobre o Imperador, é que em quase todas as sequências de imagens dele, o foco era um perfil de intelectualidade, tendo sempre ao seu lado livros, ou globo terrestre e em ambientes que continham esses elementos, e não elementos como o trono, a coroa e o cetro, que era de se esperar de um imperador.

Podemos dizer que, muito provavelmente o PSC não sofreu nenhuma reforma até pelo menos 1840 (Período de Regências), que foi quando D. Pedro II assumiu o trono. Por meio de imagens selecionadas, podemos identificar o processo de expansão do PSC.

Com a pintura de Frielieux [Fer de Le?] (Figura 13), datada de 1835, além também da pintura de autoria de Karl Robert Barton Planitz (1804-1847), feita entre 1835 e 1840 (Figura 14), podemos confirmar a estrutura do Paço deixado por D. Pedro I; Torreão Sul com a linguagem clássica e o Torreão Norte com sua cúpula bulbosa. Outra questão interessante, é que essa imagem é uma das únicas do Paço visto de frente onde podemos ver um chafariz.

---

<sup>22</sup> Para maiores informações, ler tese de Maria Paula Van Bienne, 2013, *idem*.



Figura 13 - O Paço em 1835. Imagem de pintura de Frielieux.

Fonte: <http://jardinhistoricosbrasileiros.blogspot.com/2014/05/a-fonte-da-quinta-da-boa-vista-rj.html> Acesso em 30/05/2020

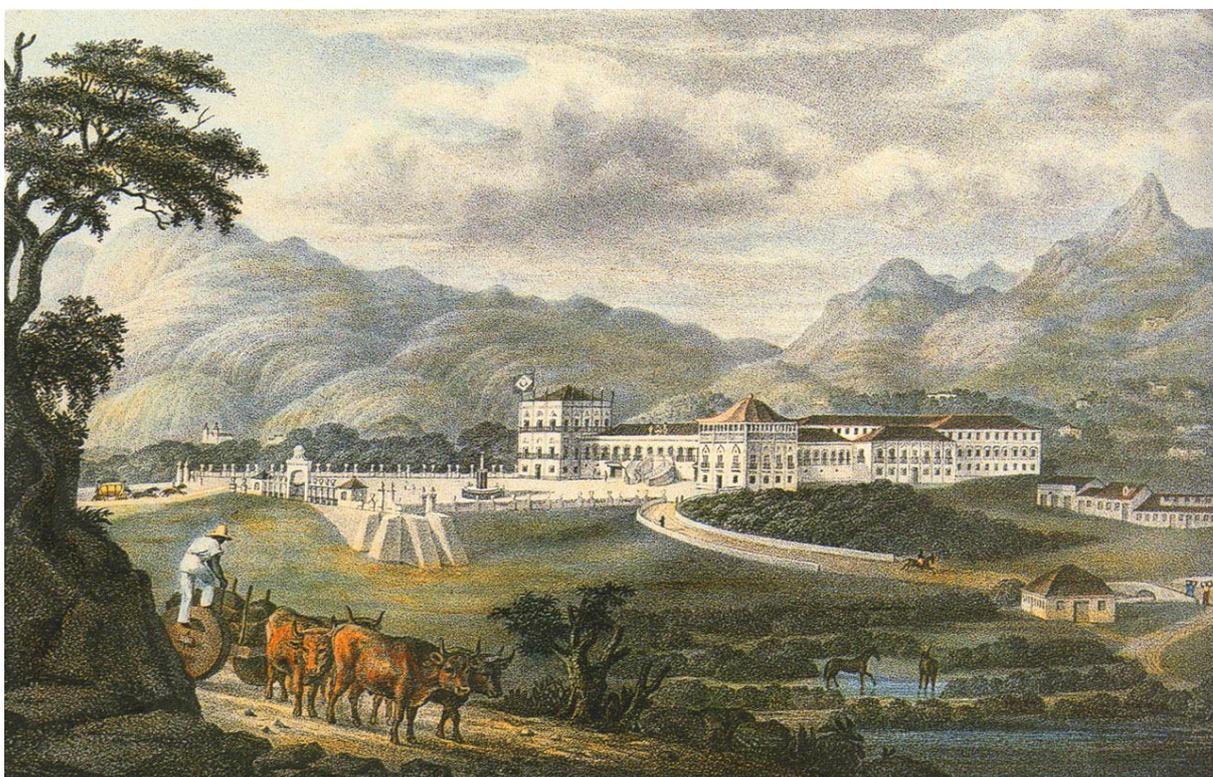


Figura 14 - Pintura de autoria de Karl Robert Barton Planitz(1804-1847), feita entre 1835 e 1840.

Fonte: <http://redescobrimdoovale.blogspot.com/2018/10/alzheimer-historico-cultural.html?m=1> - acesso em 04/11/2019.

Com D. Pedro II no poder, o imperador resolveu iniciar novas obras no Paço, tendo como referência o estilo neoclássico, como por exemplo, a reforma do torreão Norte, a retirada da escada semicircular, entre outras, estiveram sob a coordenação de Manuel de Araújo Porto Alegre (TELLES, 1965, p. 226-228).

Manuel de Araújo Porto Alegre representou a primeira geração de arquitetos formados pela Academia de Belas-Artes (DANTAS, 2007, p. 45). Ele, que com a aquiescência de D. Pedro II, identificou a escolha do estilo a ser utilizado no Paço - o clássico - o qual era considerado o modelo oficial dos palácios daquela época.

Porto Alegre, em carta endereçada ao Frei Francisco do Monte Alverne (1783-1858), nos encanta com a apresentação de seu ponto de vista sobre a arte:

Eu não encaro as artes como um deleite, mas sim como uma coisa necessária. A arte é o ideal, o ideal é o sublime do pensamento e este não pode representar senão a imagem da ideia predominante, ou lado para onde pende a filosofia. (...) Quando a filosofia de Condillac e Helvetius predominava, as artes não produziram nada de nobre e grandioso; eram Vênus, Martes, Cupidos, poucas produções sacras: claro está que o sensualismo invadia a sociedade, e os artistas, devendo seguir o gosto dela, lhe apresentavam simulacros de suas ideias. (...) Na Revolução Francesa, era a Grécia e Roma, e hoje que há oscilação de ideias, cada um pende para o seu lado; ora, é verdade que no meio deste turbilhão em que gira a inteligência, o bom senso, se nutrindo das luzes emanadas pelo choque destas massas intelectuais, vai marchando e com ele o progresso da humanidade(...). (MARTINS, 2015).

A partir da imagem de Eduard Hildebrandt, de 1844 (Figura 15), observamos o PSC ainda em obras, onde podemos ver o torreão Norte sendo reconstruído com o intuito de se igualar arquitetonicamente com o torreão Sul. Porém podemos observar que a parte central do Paço ainda é a original, desde a época que a casa ainda pertencia à Antônio Elias Lopez (FERREZ, 1991, p. 52).



Figura 15 - Gravura St. Cristóvão. Julho 1844. Hildebrandt, Eduard.  
Fonte: *The Brazil of Eduard Hildebrandt*, p. 53.

Por meio da imagem de Jan Frederik Schutz (1817-1888) (Figura 16) é possível identificarmos o palácio com os dois Torreões já construídos no mesmo estilo arquitetônico, similar à edificação palaciana atual. Além disso, podemos observar na imagem o ainda presente o chafariz.

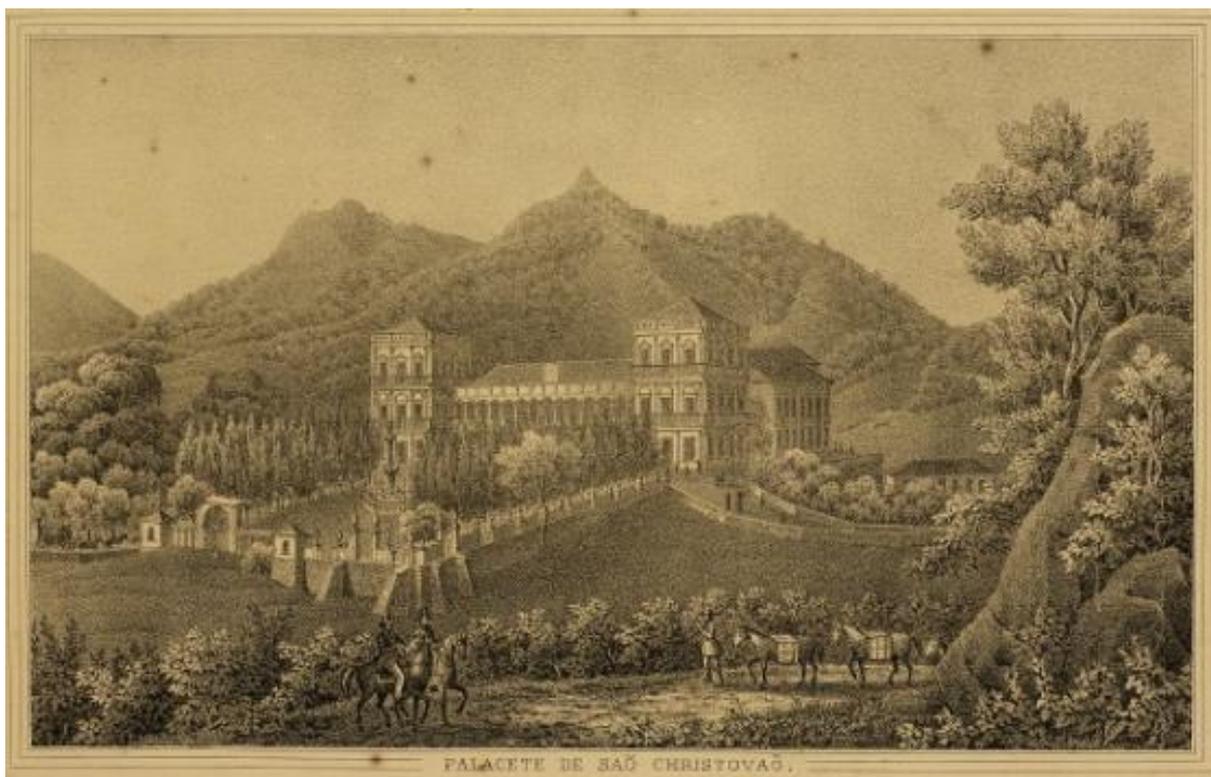


Figura 16 - Imagem de Schutz, Jan Frederik (1817- 1888).

Fonte: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon393040/icon393040\\_09.html](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon393040/icon393040_09.html) - acesso em 27/02/2020.

Na obra de Gilberto Ferrez (1991) podemos ver o registro de Hildebrandt (Figura 17) do PSC com o Torreão Norte pronto, similar ao Torreão Sul. Além disso, identificamos as estátuas no telhado do palácio, mas o corpo central ainda é original da casa do Elias Antônio Lopes como já visto anteriormente.

Outrossim, essa imagem é muito interessante pois como ela possui um ângulo diferente do que estamos acostumados a ver, conseguimos identificar os diferentes blocos de adições e alterações, datadas de épocas distintas. (FERREZ, 1991, p. 52).



Figura 17 - St. Cristóvão.  
Fonte: (FERREZ, 1991, p. 52).

Em 1850, D. Pedro II resolveu tomar a frente nas obras da moradia, dando continuidade ao estilo neoclássico a fim de dar um aspecto mais uniforme ao Paço. As principais modificações foram: a introdução da escadaria de mármore do pátio; a reforma do torreão norte; o nivelamento da fachada do prédio em três pavimentos; a retirada da escada semicircular; implementação da Capela São João Baptista; e a colocação de 30 estátuas de deuses gregos em toda a extensão do telhado. “Essas primeiras reformas, entre outras, realizadas durante o Segundo Reinado, contaram com a coordenação de Manuel de Araújo Porto Alegre<sup>23</sup> (TELLES, 1965, pp. 226-228).” (DANTAS, 2007, p.44)

A partir de 1857, com Theodore Marx, as Salas do Trono e do Corpo Diplomático<sup>24</sup> foram transferidas do térreo para o segundo pavimento do torreão norte (...). Em cima do telhado do mesmo torreão, em 1862,

---

<sup>23</sup> Manuel de Araújo Porto Alegre representou a primeira geração de arquitetos formados pela Academia de Belas-Artes; logo, foi discípulo dos membros da Missão Francesa d. Pedro II não estava alheio aos estilos arquitetônicos dos países “civilizados”; assim, não houve conflito na escolha do estilo a ser utilizado no Paço, sendo seguido o estilo oficial dos palácios daquela época caracterizados pela volta do clássico. Fonte: (DANTAS, 20077, p. 45).

<sup>24</sup> No palácio do tempo de D. João VI, as salas do Trono e do Corpo Diplomático ficavam no térreo (primeiro piso atual). (DANTAS, 2007, p.45).

foi construído por Francisco Joaquim Bettencourt da Silva o Observatório Astronômico do imperador, todo envidraçado para a realização de suas observações celestes; e ao lado direito do prédio foi edificada uma torre contendo um grande relógio. (DANTAS, 2007, p.45). [Figura 18]

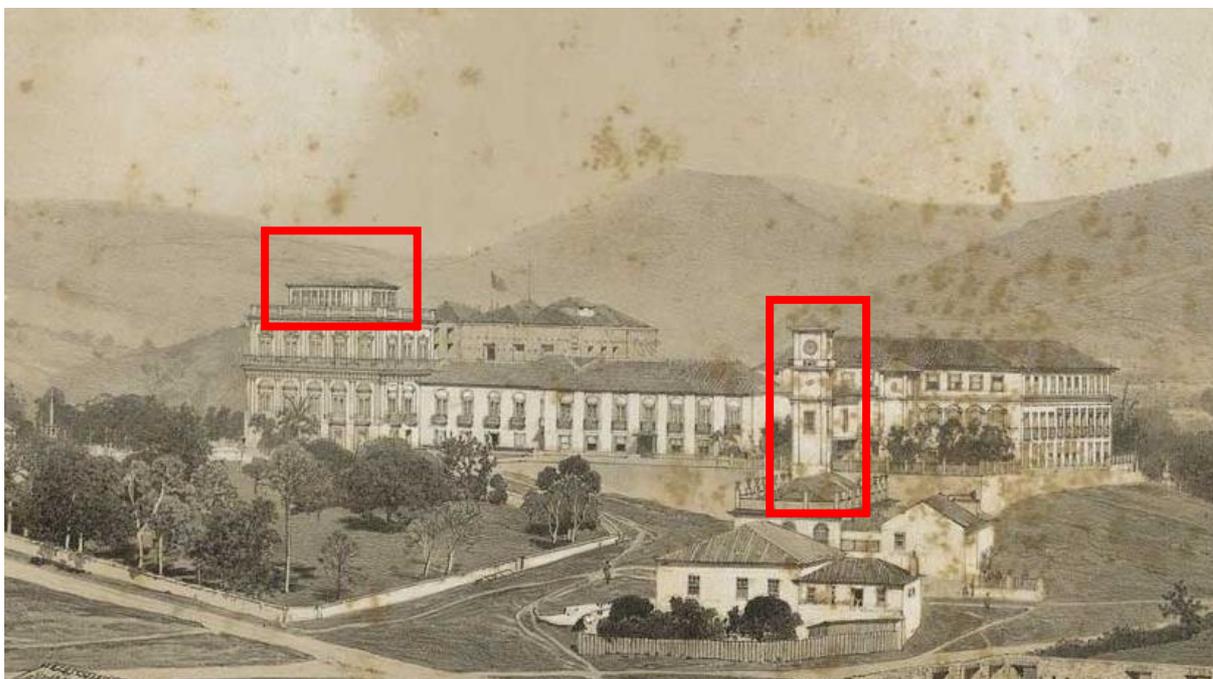


Figura 18 - Foto do Paço, com o Observatório astronômico do imperador destacado, em vermelho, à esquerda no torreão Norte e à direita a torre com um grande relógio – os dois que não existem mais atualmente. Imagem de Pacheco, Joaquim Insley (1830-1912).

Fonte:

[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon1113654/icon1113654\\_24.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1113654/icon1113654_24.jpg) - acesso em 03/03/2020.

Inserção, em vermelho, da autora

Devemos destacar que durante o reinado de D. Pedro II, os responsáveis pelos projetos e pelas obras do Paço foram Manuel de Araújo Porto Alegre, Theodore Marx, Bettencourt da Silva e Antonio. (BIENE, 2013, p. 249).

Analisando a Figura 19, podemos concluir que, em relação a sua fachada frontal, ela se manteve praticamente igual ao Paço atual, exceto pelo observatório astronômico, que foi demolido em 1910<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> Sobre o Gabinete Astronômico de Pedro II, ver dissertação de Regina Maria Macedo Costa Dantas, 2007, *idem*.



Figura 19 - Foto do Paço, onde ainda se pode identificar o Observatório astronômico. Imagem de Pacheco, Joaquim Insley (1830-1912).

Fonte: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon821951/icon821951.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon821951/icon821951.jpg) - acesso em 13/04/2020.

Assim como seu exterior, poucas modificações foram feitas no interior do Paço (BIENE, 2013, p. 251):

o espaço privado do imperador era bem menor do que o de um salão de recepção (espaço público). O local privativo de maior preferência do imperador – seu gabinete de estudos – mede 27 m<sup>2</sup>, e o espaço público, como, por exemplo, o palco do poder – a Sala do Trono –, mede 96 m<sup>2</sup>. Isso se deve ao fato de d. Pedro II necessitar de um grande espaço nobre para o relacionamento com a sua corte e, conseqüentemente, o fortalecimento de seu poder. (DANTAS, 2007, p.45).

Agora, através das plantas baixas do Paço em 1864, obtidas por Van Biene no Arquivo Noronha Santos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) iremos analisa-las com a planta atual do Paço nas Figuras 20 e 21:

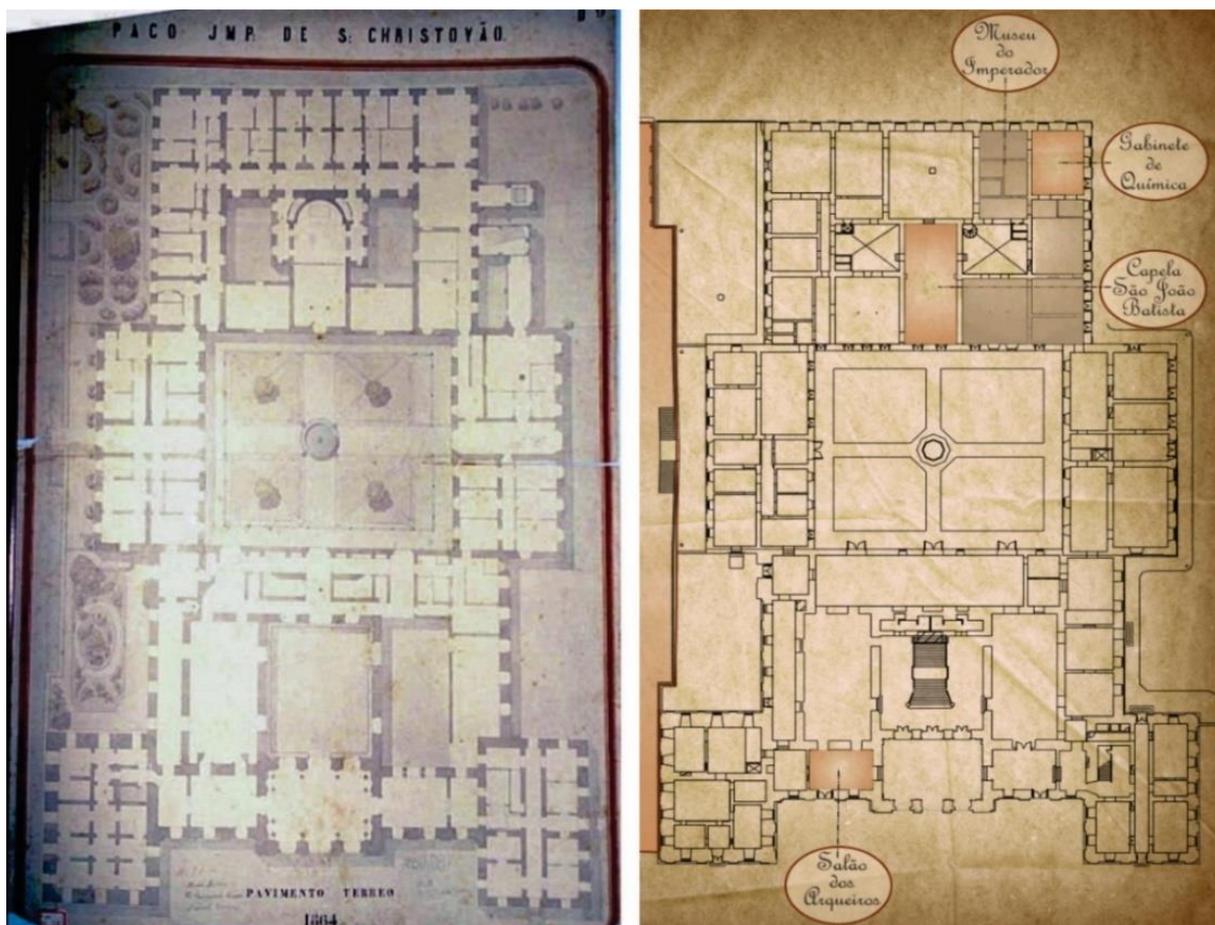


Figura 20 - Planta baixa do 1º Pavimento Paço; à esquerda em 1864 e à direita atualmente.

Fonte figura à esquerda: (BIENNE, 2013, p. 265).

Fonte figura à direita: <http://www.museunacional.ufrj.br/casadoimperador/pavimento1.html> acesso em 31/05/2020.

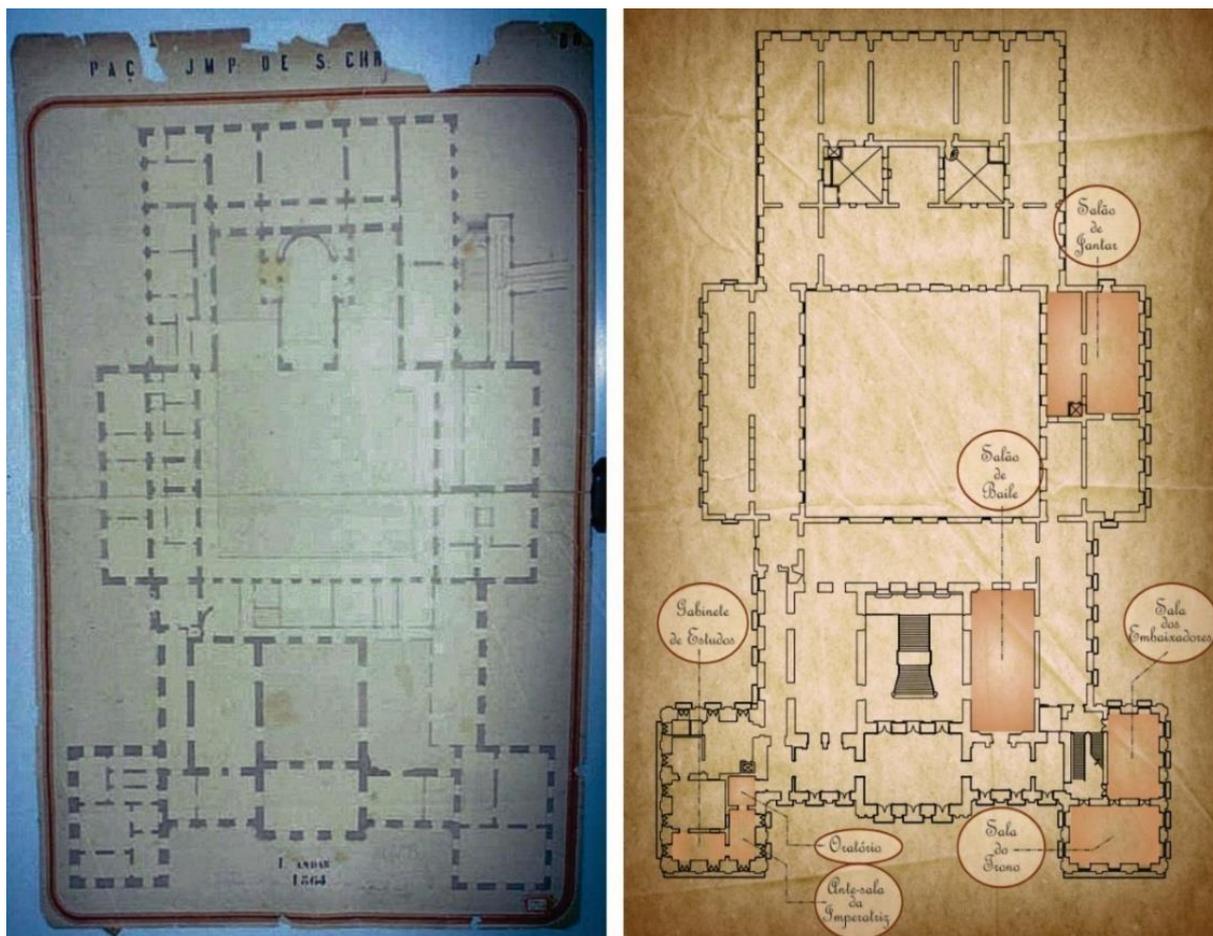


Figura 21 - Planta baixa do 2º Pavimento Paço; à esquerda em 1864 e à direita atualmente.  
 Fonte figura à esquerda: (BIENNE, 2013, p. 266).  
 Fonte figura à direita: <http://www.museunacional.ufrj.br/casadoimperador/pavimento2.html>.  
 Acesso em 31/05/2020.

Através da análise comparativa entre as plantas de 1864 e a de atualmente, concluímos que elas apresentam praticamente a mesma estrutura e distribuição de espaços, alvenarias e vãos do palácio, exceto pela ausência, nas plantas de 1864, da escadaria de mármore do primeiro pátio do palácio (BIENE, 2013, p. 264) – este que se encontra ainda intacto após o incêndio (Figura 22).

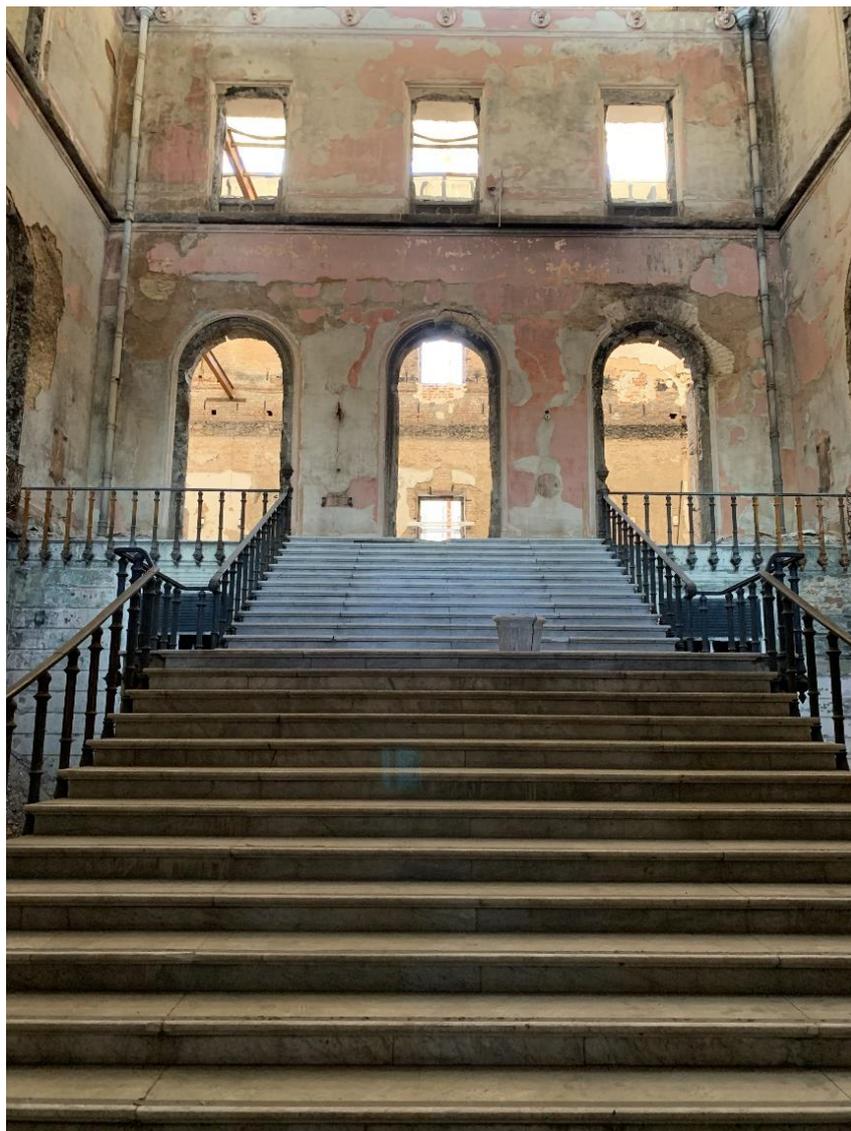


Figura 22 - Imagem das escadarias de mármore em visita pós incêndio.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.

Um detalhe que chama atenção, assim que visualizamos comparativamente as duas plantas, é o pequeno “anexo” ao lado Norte do Paço (detalhe na Figura 23). Esses formavam um “conjunto composto por três edificações, uma separada e duas geminadas, mas com diferentes tratamentos arquitetônicos e um torre que as ligava ao palácio” (BIENE, 2013, p. 103).

Por suas características e falta de relatos sobre estes blocos, é difícil dizer sua ocupação, porém o mais provável é que elas fossem apoio à serviços domésticos, tais como, como “a cozinha, a mantieira (objetos de mesa), a ucharia (despensa), vianda (potes) etc.” (BIENE, 2013, p. 103).

A torre do relógio servia de acesso direto e coberto entre esses blocos com as salas do palácio tanto no térreo, quanto ao segundo pavimento através de um

passadio. Porém, esse conjunto foi demolido na reforma de 1910, junto com outras partes do palácio, como veremos mais adiante.

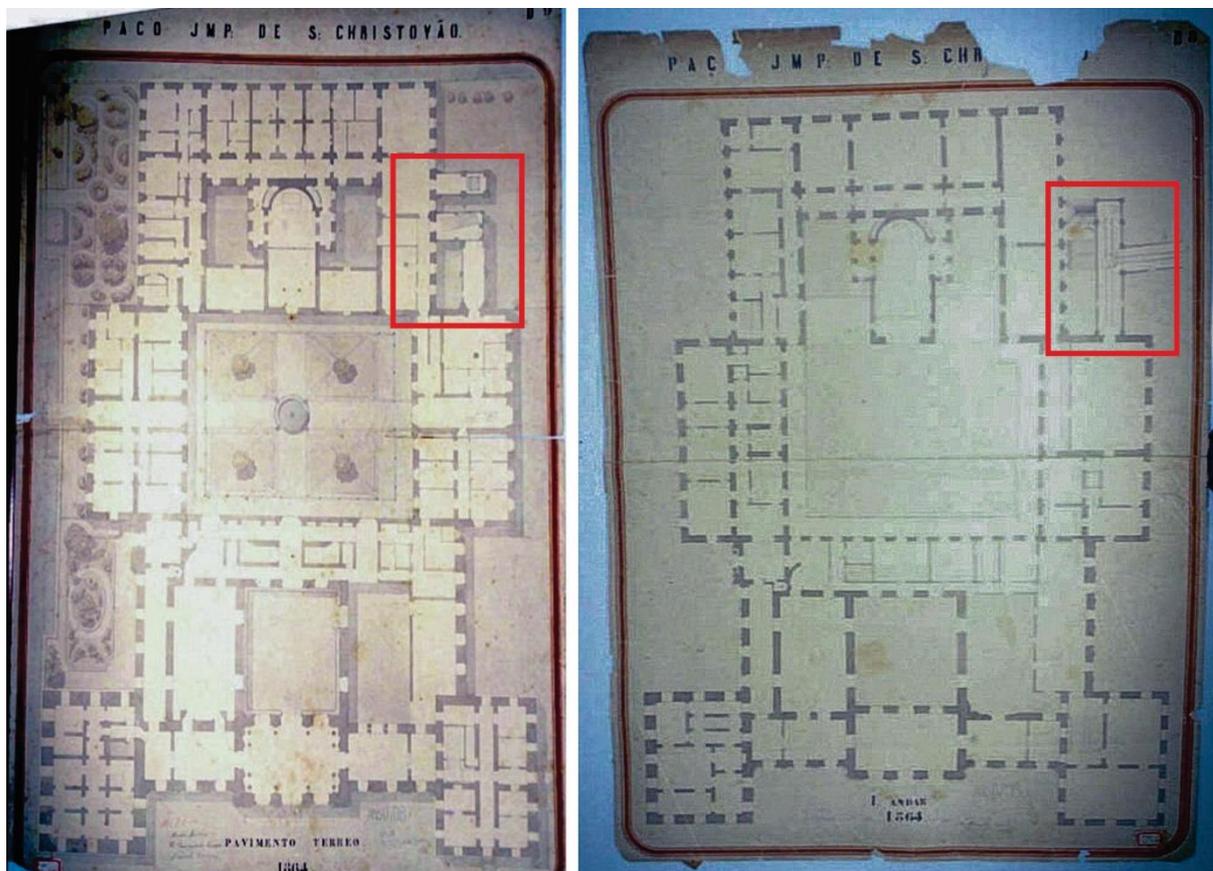


Figura 23 - Planta baixa do 1º e 2º Pavimento Paço em 1864 com destaque para conjunto de blocos anexos ao Paço.

Fonte figura a esquerda: (BIENNE, 2013, p. 265 e 266).

Inserção, em vermelho, da autora.

Outro detalhe que podemos observar na planta é o espaço da capela, a qual em um relatório de 1849, de José Velho da Silva, descreve a capela como “nova capela de sólida construção”. Porém, através de uma foto de 1910, podemos ver o espaço que era destinado a capela já como a sala de exposição do esqueleto da baleia. (BIENE, 2013, p. 264).

Novamente, devido às amplas informações recolhidas por Biene, podemos observar a mudança nesses espaços no Paço de D. Pedro II, resumidos no gráfico abaixo:

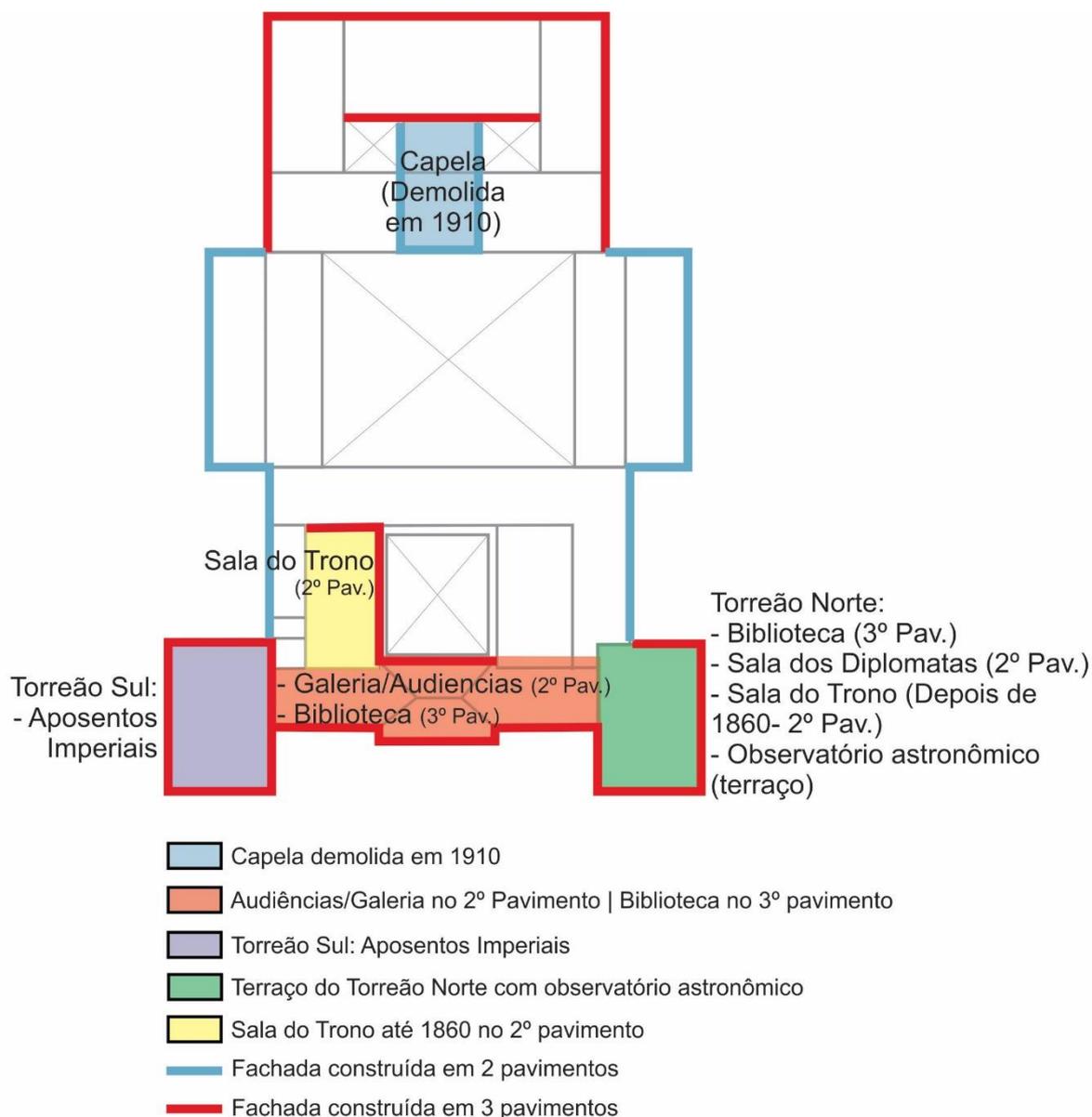


Figura 24 - Supostas mudanças correspondentes ao Paço de D. Pedro II no palácio atual.  
Fonte: Releitura baseada no gráfico de Biene (2018, p. 268).  
Inserção, em cores, da autora.

## 2.4 O PAÇO DA ÉPOCA DA REPÚBLICA E DO ATUAL MUSEU NACIONAL

Em 1889, a história do Brasil ficou marcada com a transição da Monarquia para a República<sup>26</sup> e, ao mesmo tempo, pelo banimento da família imperial do PSC. Como consequência, a edificação foi consideravelmente alterada tanto externamente, com a retirada de algumas marcas que o caracterizavam como um

<sup>26</sup> Sobre a transição da Monarquia para a República, ver: Emília Viotti da Costa, 1998.

espaço imperial, quanto internamente, pois D. Pedro II teve seus pertences (mobiliários e objetos diversos) reunidos em leilão iniciado em 1890<sup>27</sup> (DANTAS, 2007, p.45). Os representantes do Governo Provisório organizaram tudo às pressas, a fim de apagar o mais rapidamente as memórias do Império no Paço. (DANTAS, 2007, pg. 47).

Logo depois, nos dois anos posteriores, 1890 e 1891, o que antes era a moradia Real e Imperial foi transformado no espaço para abrigar o primeiro Congresso Constituinte Republicano. Várias intervenções foram feitas a fim de que houvesse uma adaptação do antigo PSC, visando a sediar o Congresso, pois “deveriam ser analisadas como um marco para garantir, na ocupação do antigo espaço monárquico, a consolidação das ideias do novo regime” (DANTAS, 2007, p. 54).

Em 1892, mudou a sede do Museu Nacional, pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro, do Campo de Santana para o antigo Paço de São Cristóvão (na Quinta da Boa Vista). Constata-se assim que o palácio deixou de ser reconhecido como o Paço de São Cristóvão, antiga moradia Real e Imperial e passou a ser identificado como prédio do Museu Nacional.

Com essa mudança, o então Museu demandou uma série de modificações e adaptações de palácio para Museu, tendo sofrido tanto alterações estruturais na sua arquitetura, as quais são de extrema importância destacarmos, como alterações em seus ornamentos decorativos, como por exemplo as suas marcas monárquicas foram apagadas:

As armas imperiais que existiam em portões e demais ornatos das paredes foram arrancadas; alguns arcos no interior das salas sofreram alterações, e janelas foram fechadas para serem transformadas em paredes, além de salas do segundo piso terem sido ampliadas para serem salões das exposições. Alguns locais do palácio foram destruídos: o Observatório Astronômico do imperador, a Capela São João Baptista e a torre do relógio. (DANTAS, 2007, p. 54).

Esta afirmativa, na qual Dantas cita que alguns arcos sofreram alterações e que janelas foram fechadas para serem transformadas em paredes, torna-se

---

<sup>27</sup> Sobre o Leilão do Paço, ver a obra de Francisco Marques Santos, 1940.

primordial para essa dissertação, visto que serão justamente essas situações que iremos analisar mais adiante, no capítulo 4:

Alguns locais do palácio foram destruídos: o Observatório Astronômico do imperador, a Capela São João Baptista e a torre do relógio. O portão doado pelo duque de Northumberland foi transferido para a entrada do Zoológico na Quinta da Boa Vista (BIENE & SEVERO, 2005, p. 95).

(...) as armas do Império que figuravam em local de destaque, acima da entrada do palácio, foram retiradas e substituídas pelo brasão da República. Além das substituições e destruições das salas do segundo piso, foi construído um imenso jardim em frente à fachada do Paço de São Cristóvão (chamado Jardim Terraço), em que foram colocadas em toda a sua extensão 24 réplicas de vasos, compatíveis com o estilo neoclássico do prédio.” (DANTAS, 2007, p. 59).

Também, no Torreão Norte, o terraço onde ficava o Observatório Astronômico, foi substituído por um telhado em quatro águas; a demolição da torre do relógio e o complexo arquitetônico a ele ligado no lado norte do palácio como vimos anteriormente na planta baixa analisada e não menos importante, a unificação volumétrica de toda a edificação para três pavimentos. (BIENE, 2013, p. 276)

Falando sobre essa unificação volumétrica, podemos dizer que as maiores modificações se deram no terceiro pavimento, o qual antes estava parcialmente construído como podemos ver na planta de levantamento (Figura 25), porém, depois das suas reformas de 1910, foi totalmente igualado volumetricamente ao resto do palácio, tendo seu estilo uniformizado com o restante do edifício, como observamos no projeto de complementação do pavimento (Figura 26).

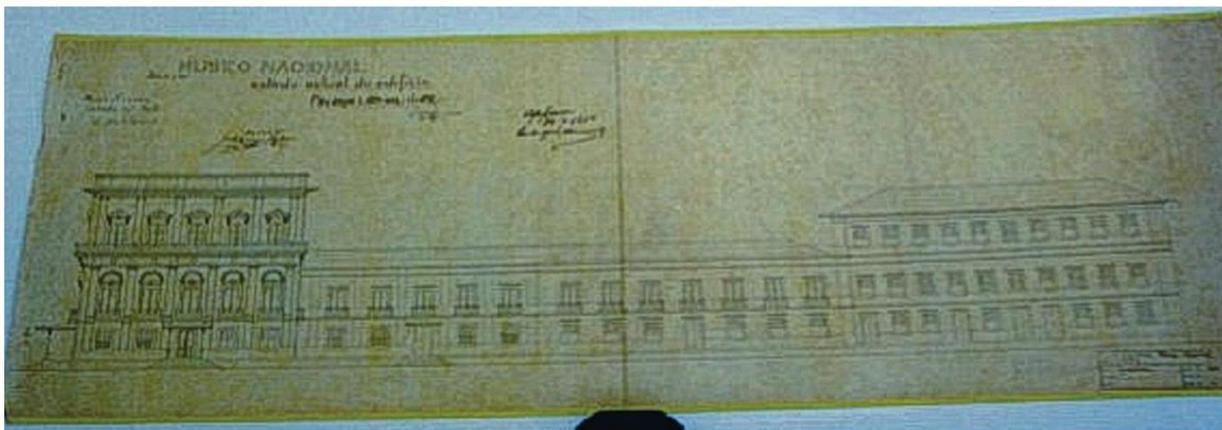


Figura 25 - Fachada Norte do Paço em 1910 – Levantamento  
 Fonte figura a esquerda: (BIENNE, 2013, p. 280).

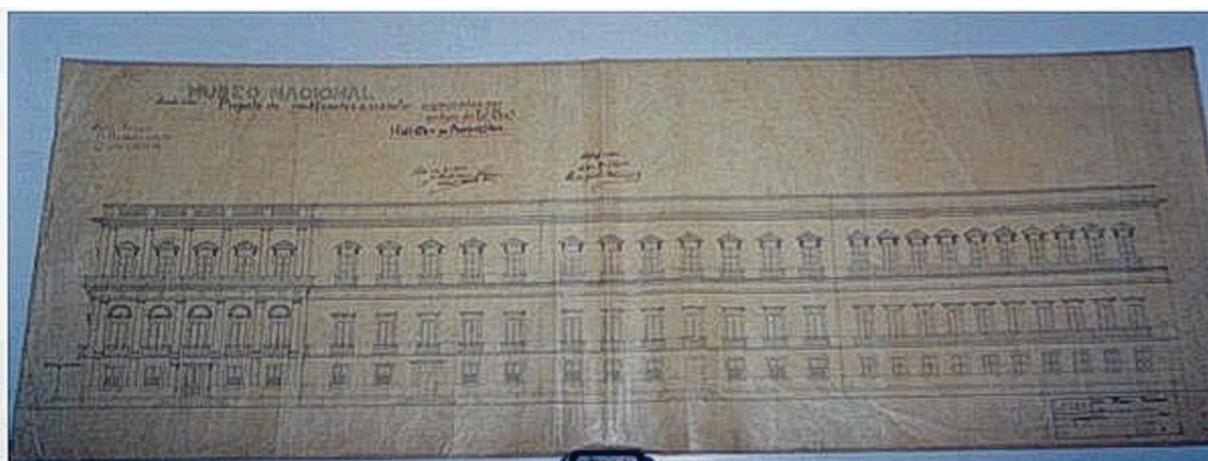


Figura 26 - Fachada Norte do Paço em 1910 – Projeto de modificação.  
 Fonte figura a esquerda: (BIENNE, 2013, p. 280).

Através de toda essa análise das modificações no palácio de 1889 até os dias atuais e com a orientação da tese de Biene, chegamos ao seguinte gráfico:

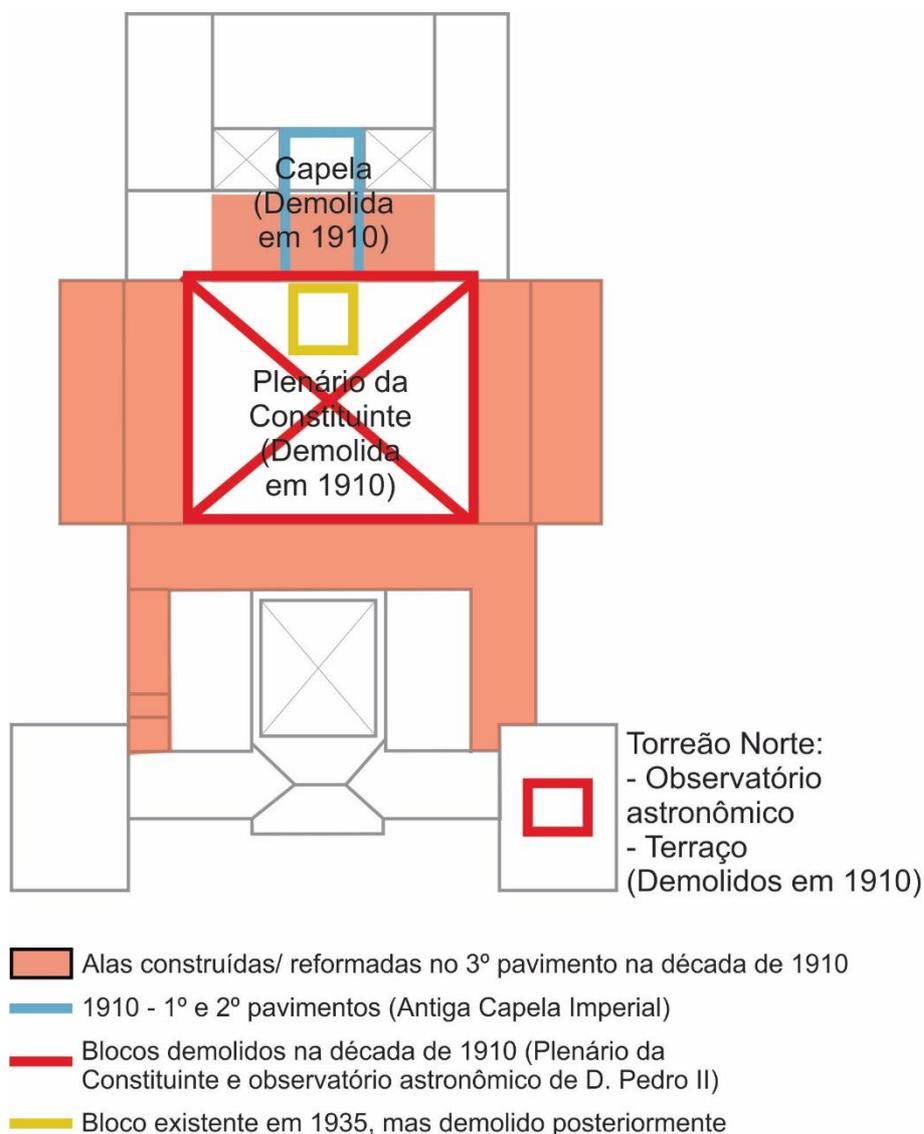


Figura 27 - Supostas mudanças correspondentes ao Paço da sede da Constituinte da república e do atual Museu Nacional no palácio atual.

Fonte: Releitura baseada no gráfico de Biene (2018, p. 282).

Inserção, em cores, da autora.

Diante dos usos do PSC, fortalecemos a ideia de que este patrimônio edificado se manteve como lugar de Ciência, pois D. Pedro II (neto de D. João VI) havia desenvolvido um museu particular no interior da residência (um dos principais

motivos para a mudança do Museu Nacional do Campo de Santana para o PSC na Quinta da Boa Vista, em 1892)<sup>28</sup>.

No início do século XX, Pereira Passos (1836-1913), engenheiro e Prefeito do Distrito Federal (RJ) no período entre 1903-1906, promoveu uma grande reforma do processo urbanístico do Rio de Janeiro, o qual chegou à Quinta da Boa Vista, contemplando, também, o Museu Nacional que já contava com o museu instalado.

Com isso, começaram algumas obras de adaptação que, além da ampliação de salas, acompanhando a pesquisa de Dantas (2007, p. 58), tiveram o intuito de apagar as marcas monárquicas que existiam no prédio, principalmente por meio da demolição do observatório astronômico de D. Pedro II, como já visto anteriormente.

Atualmente, o Paço possui, em sua área externa, praticamente a mesma arquitetura que tinha no período do Segundo Reinado. Portanto, durante o período republicano acredita-se que houve uma preocupação em preservar este patrimônio histórico arquitetônico.

Em 1938, o palácio foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que na época era chamado de Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), na primeira leva de bens declarados como patrimônio nacional e foi um dos poucos exemplares do século XIX a compor esse rol (VAN BIENE, 2012).

No ano de 1946, quando o Estado Novo chegou ao fim, o Museu Nacional passou para a tutela da Universidade Federal do Rio de Janeiro, durante a gestão de Heloisa Alberto Torres<sup>29</sup> (1895-1977), a qual permanece nos dias atuais.

## 2.5 SIMILARIDADES ARQUITETÔNICAS

Abordando outra questão interessante, ao se observar o PSC quando passou a sediar o Museu Nacional (alguma data após 1892) (Figura 28), já o vemos com as características arquitetônicas externas similares às atuais. Com isso, desperta a atenção de pesquisadores, de diferentes formações, em relação à

---

<sup>28</sup> Sobre o “Museu do Imperador”, museu particular de D. Pedro II que existiu no PSC, ver: Regina Maria Macedo Costa Dantas, 2007, p. 190-242.

<sup>29</sup> Sobre a gestão administrativa de Heloisa Alberto Torres, ver a dissertação: Maria do Perpétuo Socorro Lopes de Souza da Silva, 2018a.

identificação “idêntica” do palácio brasileiro com um famoso palácio português; o Palácio Real da Ajuda.



Figura 28 - Fachada do prédio já como sede do Museu Nacional da UFRJ.

Fonte: <http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/por-que-estao-suspensas-as-visitas-ao-museu-nacional/> - acesso em 03/11/2019.

Ao observarmos o Paço de São Cristóvão, podemos notar a similaridade deste com o Palácio Real da Ajuda, em Lisboa, Portugal (Figura 29). Podemos observar diversas relações tipológicas entre eles, nos levando a acreditar que foi fonte de inspiração para a construção do Paço de São Cristóvão durante o início de suas reformas, no período de D. João (1808-1821). (BIENE, 2013).

O Palácio Real da Ajuda foi uma residência real da Coroa, e se localizava onde era a sede Real: no distrito de Lisboa, Portugal. O Palácio Real da Ajuda foi projetado por Manuel Caetano de Sousa, Arquiteto das Obras Públicas, no estilo barroco. Este projeto foi iniciado em 1796 sob a regência do príncipe real D. João e depois, em 1802, Francisco Xavier Fabri e José da Costa e Silva, arquitetos formados em Itália (BIENE, 2013), foram encarregados de adaptar o Palácio à nova corrente neoclássica.



Figura 29 - Palácio Real da Ajuda, em Lisboa.

Fonte: <https://www.mostraespanha.org/venue/palacio-nacional-de-ajuda/?lang=pt-pt> – acesso em 02/11/2019.

Um detalhe interessante, diz respeito aos arquitetos que atuaram na construção do Palácio Real da Ajuda, o Manuel da Costa e o José da Costa e Silva, arquitetos portugueses que estiveram no Rio de Janeiro e atuaram direta ou indiretamente na construção do Paço de São Cristóvão para a definição de uma arquitetura palaciana, da tipologia na qual o Paço se encaixa, tendo assim mais um motivo para ratificar essas semelhanças. (BIENE, 2013, p. 207,208-295).

Ao optar por destacar o Palácio Real da Ajuda (Figura 30), pode-se observar sua semelhança com o Paço de São Cristóvão (Figura 31) principalmente em seus aspectos externos, na composição volumétrica de seu frontão triangular no corpo central, como o mais alto elemento compositivo da fachada e a platibanda com uma sequência de estátuas.

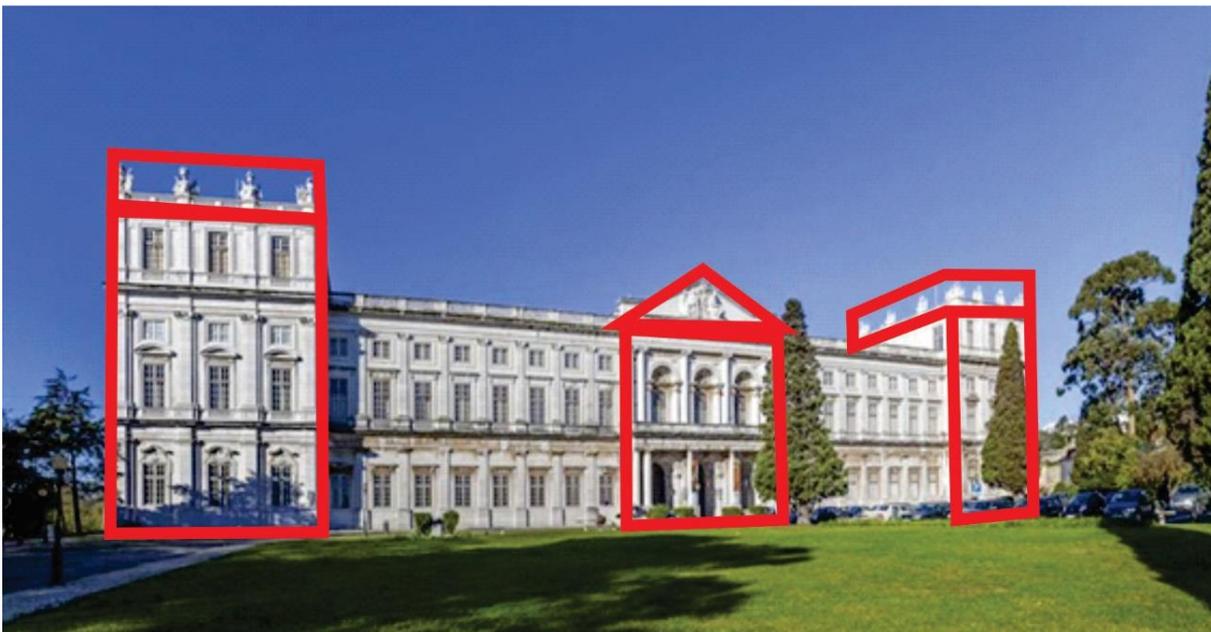


Figura 30 - Palácio Real da Ajuda, em Lisboa.

Fonte: <https://www.mostraespanha.org/venue/palacio-nacional-de-ajuda/?lang=pt-pt> – acesso em 02/11/2019.

Inserção, em vermelho, da autora.

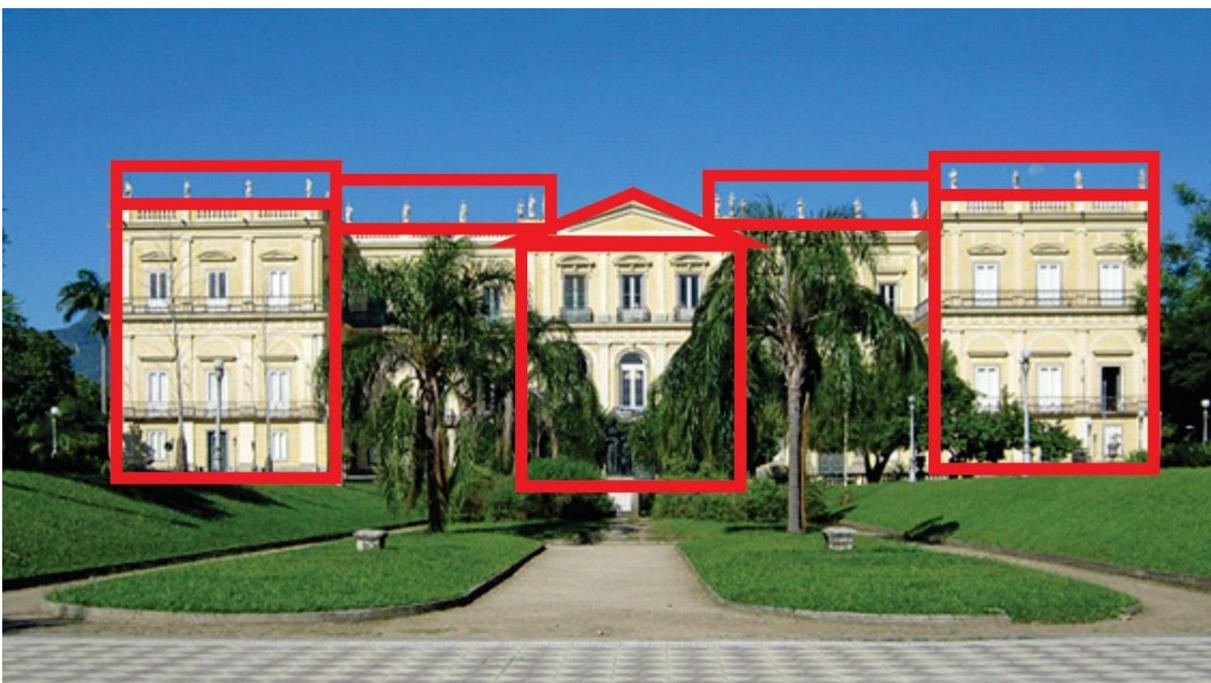


Figura 31 - Paço de São Cristóvão, no Rio de Janeiro.

Fonte:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pal%C3%A1cio\\_de\\_S%C3%A3o\\_Crist%C3%B3v%C3%A3o.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pal%C3%A1cio_de_S%C3%A3o_Crist%C3%B3v%C3%A3o.jpg) – acesso em 02/11/2019.

Inserção, em vermelho, da autora.

## 2.6 ANALISANDO A ARQUITETURA DO PAÇO

O Paço de São Cristóvão é, no Brasil, referência para estudos sobre o neoclassicismo <sup>30</sup>. Podemos observar, imediatamente, a inspiração do neoclassicismo na fachada principal do palácio, a qual possui uma arquitetura imponente e grandiosa: 21 metros de altura e 74 metros de extensão (BIENE, 2013, p. 125).

Além disso, podemos observar uma volumetria totalmente simétrica e que tende à horizontalidade, tipicamente Neoclassicista, conforme observamos na Figura 32.



Figura 32 - Paço de São Cristóvão, no Rio de Janeiro.

Fonte: <https://museus.blog/2018/09/22/museu-nacional-rio-de-janeiro/> - acesso em 01/03/2020.

Destaca-se na observação, que os dois torreões (Sul e Norte) avançam um pouco em relação ao seu corpo central, os quais dão movimento ao palácio, tirando a aparência chapada e ajudam a complementar à simetria do Paço (Figuras 33 e 34).

---

<sup>30</sup> Neoclassicismo (1900-1920) – Estilo renascentista baseado principalmente nas ordens gregas e em menor grau nas romanas, que produziu edifícios monumentais ordenados simetricamente. Uma série de pilastras eram colocadas lateralmente aos pórticos com frontões colossais. Não era usado arco e eram escassas as molduras mais elaboradas. Preferiam-se formas geométricas simples e superfícies lisas”. (BURDEN, ERNEST, p. 238).

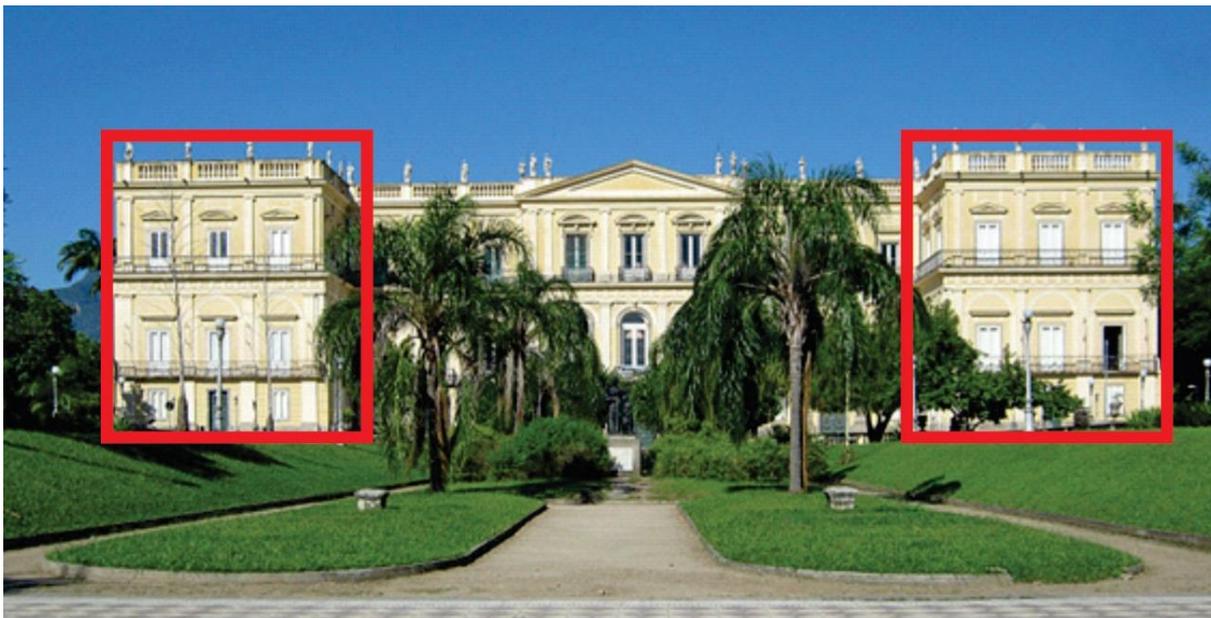


Figura 33 - Paço de São Cristóvão.

Fonte:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pal%C3%A1cio\\_de\\_S%C3%A3o\\_Crist%C3%B3v%C3%A3o.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pal%C3%A1cio_de_S%C3%A3o_Crist%C3%B3v%C3%A3o.jpg) – acesso em 02/11/2019.

Inserção, em vermelho, da autora.



Figura 34 - Recorte dos torreões mostrando a simetria entre os dois.

Fonte:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pal%C3%A1cio\\_de\\_S%C3%A3o\\_Crist%C3%B3v%C3%A3o.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pal%C3%A1cio_de_S%C3%A3o_Crist%C3%B3v%C3%A3o.jpg) – acesso em 02/11/2019.

Ao observarmos o corpo central do palácio, podemos destacar a sua parte central que avança um pouco em relação ao plano da fachada, o qual é finalizado com frontão triangular, típico do neoclassicismo. Esse avanço confere à essa parte central uma posição de maior destaque (Figuras 35 e 36).

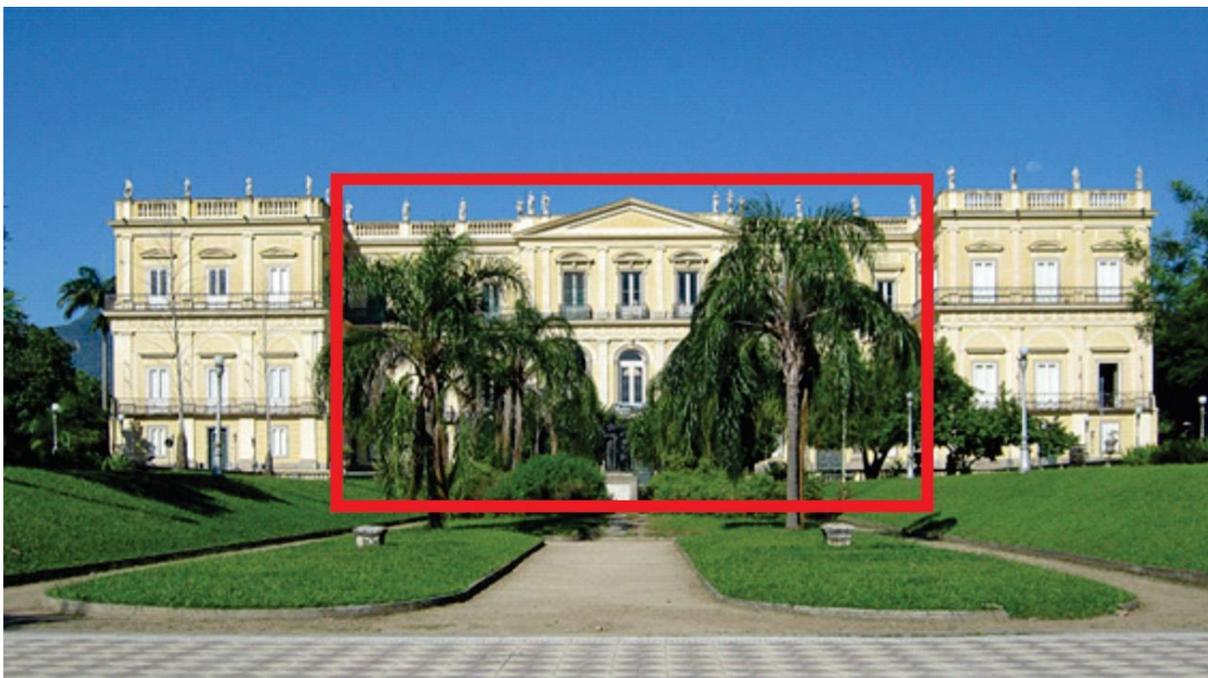


Figura 35 - Corpo central do palácio.

Fonte:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pal%C3%A1cio\\_de\\_S%C3%A3o\\_Crist%C3%B3v%C3%A3o.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pal%C3%A1cio_de_S%C3%A3o_Crist%C3%B3v%C3%A3o.jpg) – acesso em 02/11/2019.

Inserção, em vermelho, da autora.



Figura 36 - Corpo central do palácio, com destaque para a parte mais central, o qual é finalizada com seu frontão triangular.

Fonte: imagem da esquerda - <https://br.pinterest.com/pin/267049452882086178/> - acesso em 01/03/2020;

Imagem da direita: Registro da autora em 13/01/2020.

A partir da abordagem arquitetônica, a presente investigação apresentará registros fotográficos das áreas atuais do antigo Paço de São Cristóvão, realizados pela autora, o que comprova a imponência sobrevivente do palácio mesmo após ao trágico incêndio ocorrido em 2 de setembro de 2018.

Nesse mesmo corpo central, abaixo do frontão, podemos verificar um tratamento diferenciado das suas esquadrias, das sacadas e do gradil (apenas do terceiro pavimento) em relação ao resto da fachada, fazendo com que ela tenha mais enfoque na visão do observador, além do destaque de estar em posição avançada ao resto do corpo central do palácio, como já citado anteriormente. (Figura 37).

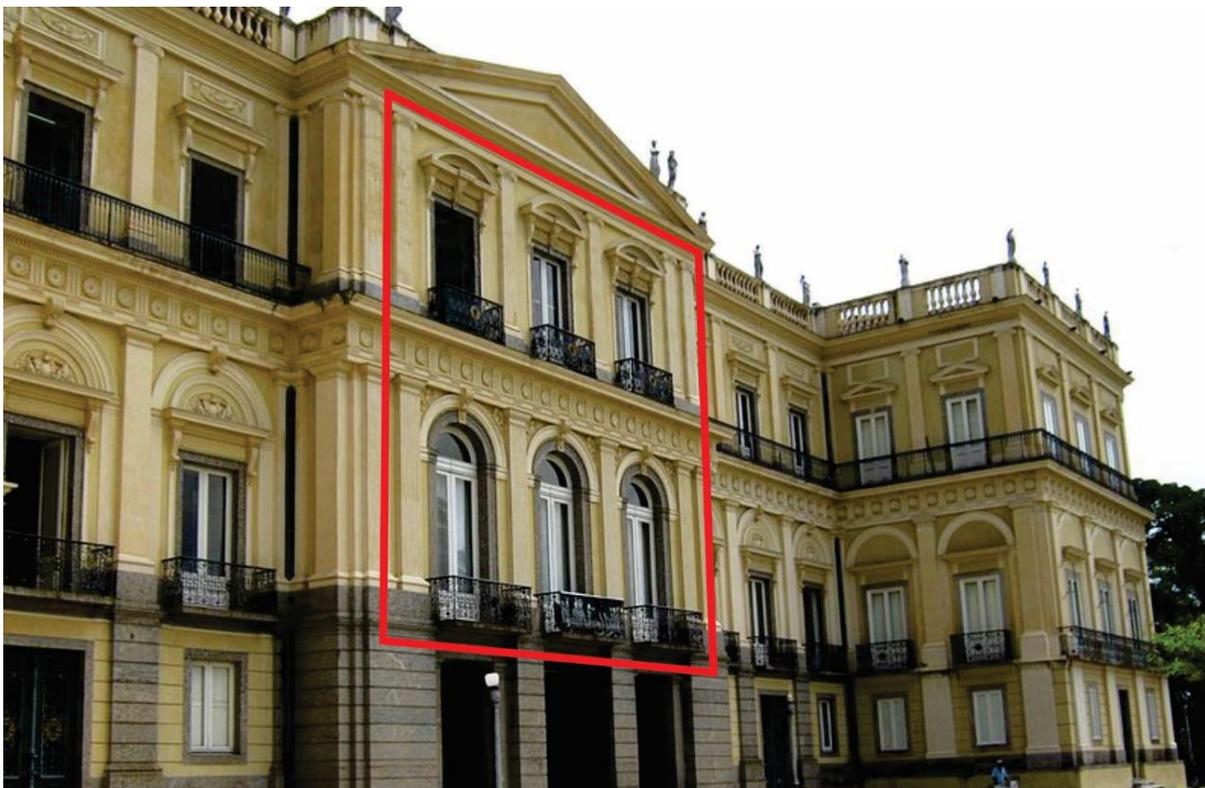


Figura 37 - Paço de São Cristóvão, diferenças no tratamento das esquadrias do corpo central.  
Fonte: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Fachada\\_Museu\\_Nacional\\_-\\_UFRJ.jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Fachada_Museu_Nacional_-_UFRJ.jpg) - acesso em 02/03/2020.  
Inserção, em vermelho, da autora.

Outra característica interessante que se observa na arquitetura do palácio é a repetição simétrica dos vãos das suas portas e janelas. O mesmo fenômeno é identificado no gradil das sacadas e dos frisos que delimitam os três pavimentos.

No primeiro pavimento, o térreo, esse friso tem o tratamento em cantaria<sup>31</sup>, enquanto nos pavimentos superiores prevalecem as alvenarias em argamassas à base de cal (Figura 38) (BIENE, 2007, p.130).

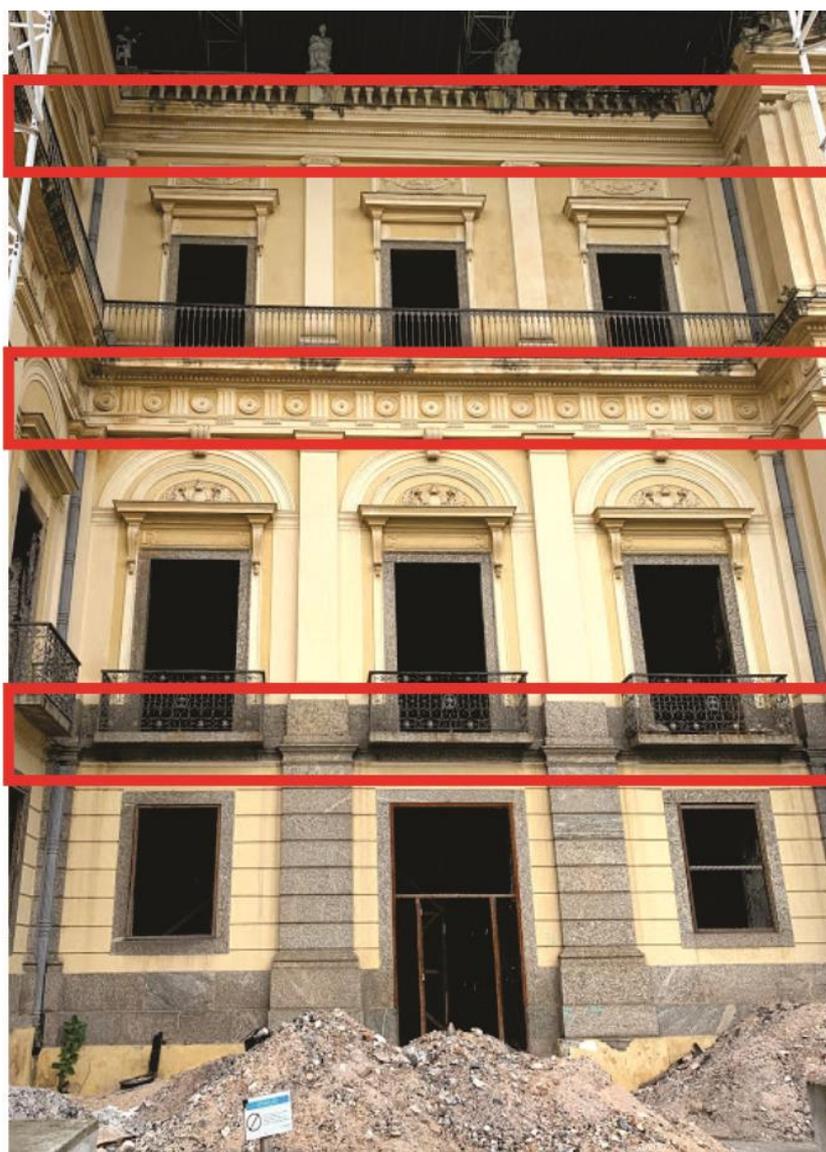


Figura 38 - Frisos do primeiro pavimento em cantaria e dos pavimentos superiores em alvenaria de argamassas à base de cal.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.  
Inserção, em vermelho, da autora.

---

<sup>31</sup> Cantaria – Qualquer obra de alvenaria de pedras, cuja superfície é deixada irregular e rústica. Ver obra de Ernest Burden, 2006, p. 79.

Mais uma característica identificada que reforça a simetria e a repetição na fachada são as pilastras de fuste<sup>32</sup> retangulares, parcialmente embutidas na parede. Nessas pilastras podemos observar dois tipos de capitéis de diferentes ordens arquitetônicas: os capitéis dóricos, localizados no segundo pavimento e os capitéis jônicos localizados no terceiro pavimento (Figura 39).

Os capitéis, além de ajudar a compor a fachada do palácio, também conferem ao Paço uma maior verticalidade.

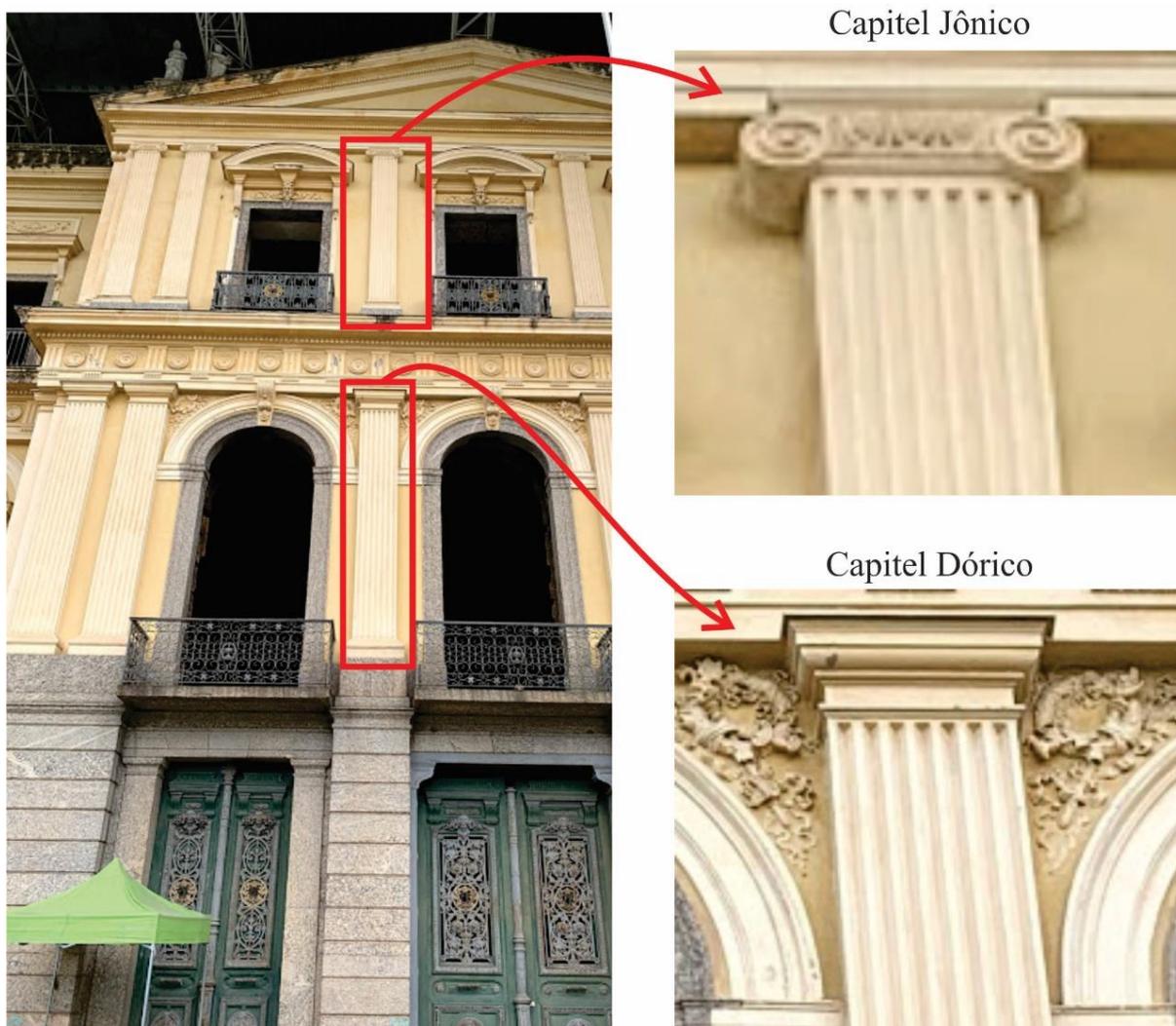


Figura 39 - Fachada do Paço de São Cristóvão, mostrando a localização do capitel dórico e do capitel jônico.

Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.

Inserção, em vermelho, da autora.

---

<sup>32</sup> Fuste – corpo principal de uma coluna, pilastra ou pilar entre o capitel e a base. Ver obra de Ernest Burden, idem, p. 175.

Ainda observando o primeiro pavimento, se destaca a diferenças entre as janelas desse pavimento e as sacadas existentes de todo o resto do palácio. Estas janelas são sempre iguais em toda a extensão desse pavimento e não possuem nenhum tipo de ornamento, independente da sua localização (Figura 40).



Figura 40 - Comparação entre os vãos e as portas na fachada do palácio no 1º pavimento (térreo).  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.  
Inserção, em vermelho, da autora

Interessante de se constatar também é que esse pavimento está sempre alternado, simetricamente, entre janelas e portas por toda sua fachada frontal como podemos observar na Figura 41: em vermelho está o vão central e único – o qual possui uma porta central e duas portas simétricas para cada lado), em azul e em verde estão outras partes da fachada que também são iguais e simétricas entre elas (cada uma igual à da sua cor).

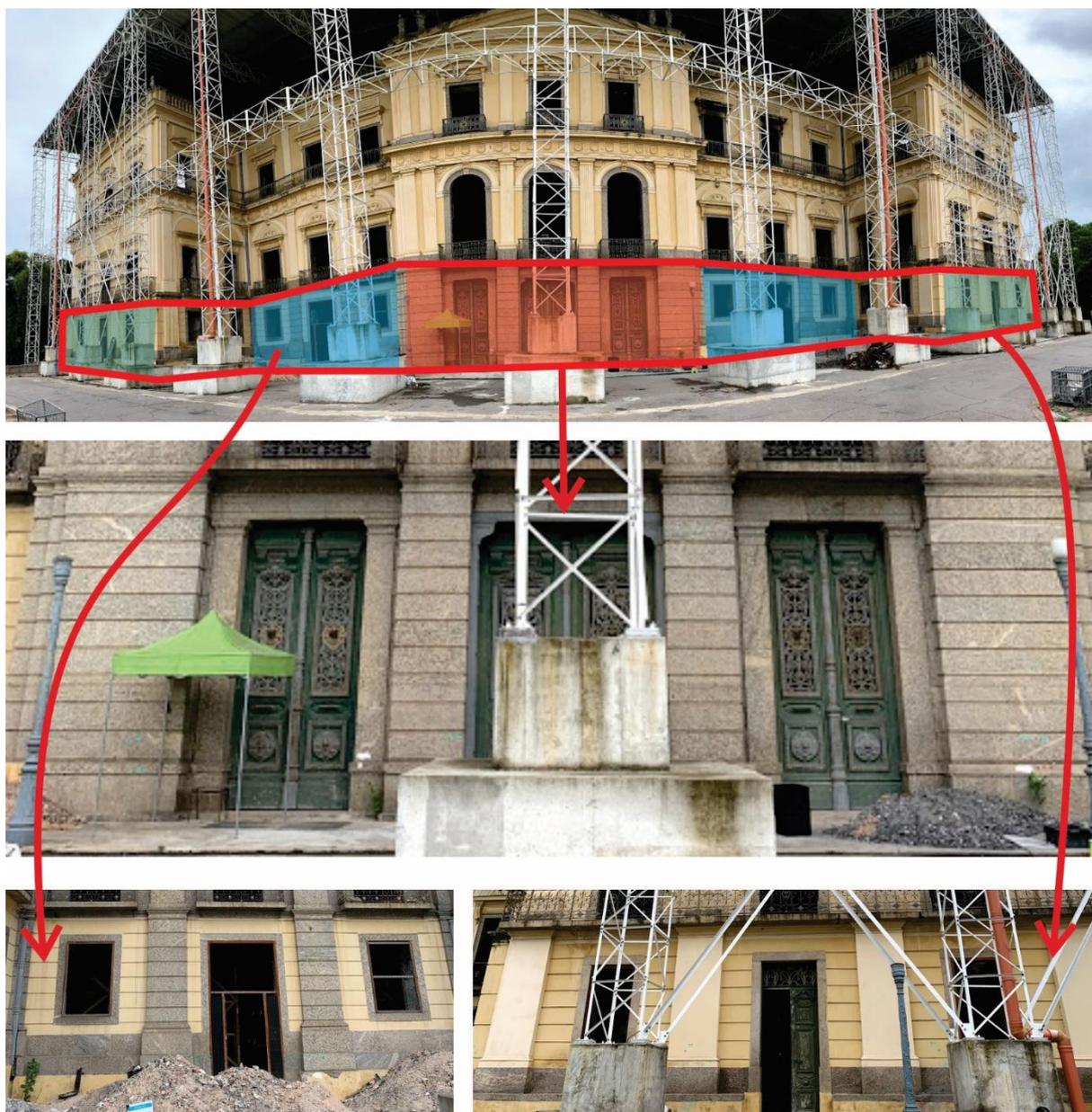


Figura 41 - Comparação entre os vãos e as portas na fachada do palácio no 1º pavimento (térreo).  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.  
Inserção, em cores, da autora

Continuando com a observação da fachada, podemos destacar elementos decorativos que nos remetem à D. Pedro II. Assim, podemos dizer que esses elementos datam desta mesma época (BIENE, 2013, p. 132).

Primeiramente, nas grandes portas de entrada (Figura 42) que se encontram no corpo central do edifício, podemos ver medalhões que contém as iniciais PII (Pedro II) (Figura 43) e ramos de café, que no século XIX representavam a principal riqueza do Brasil.



Figura 42 - Em ordem: Porta à esquerda da porta principal, Porta Central (principal) e porta à direita da porta principal, no corpo central do edifício.

Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.



Figura 43 - Medalhão com as iniciais PII-coroa.

Fonte: [http://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/guia\\_MN.pdf](http://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/guia_MN.pdf)

Esses medalhões também são visíveis nas portas de entrada do térreo e no gradil, que estão exatamente acima dessas portas, alinhados, localizados no terceiro pavimento (Figura 44) (BIENE, 2007, p.133).



Figura 44 - Gradil do 3º pavimento do corpo central com medalhão com as iniciais PII.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.

Além desses medalhões, também podemos observar nas portas principais de entrada do térreo, a da cabeça de um leão (Figura 45), que faz parte da simbologia real (BIENE, 2007, p.132).



Figura 45 - Cabeça de leão, símbolo real.  
Fonte: [http://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/guia\\_MN.pdf](http://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/guia_MN.pdf)

No gradil da sacada de todo o segundo pavimento da fachada principal do palácio, encontram-se medalhões com a representação de uma taça (Figuras 46 e 47).



Figura 46 - Gradil do 2º pavimento com medalhão com a representação de uma taça.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.



Figura 47 - Detalhe aproximado do gradil do 2º pavimento.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.

Se tratando das aberturas – as janelas - do segundo pavimento, percebemos que enquanto o vão do corpo central, o qual se destaca com o frontão principal, é em forma de arco, o vão de todas as outras aberturas do segundo pavimento são retangulares. Este fenômeno é identificado tanto na parte do corpo central como em seus torreões (Figura 48).

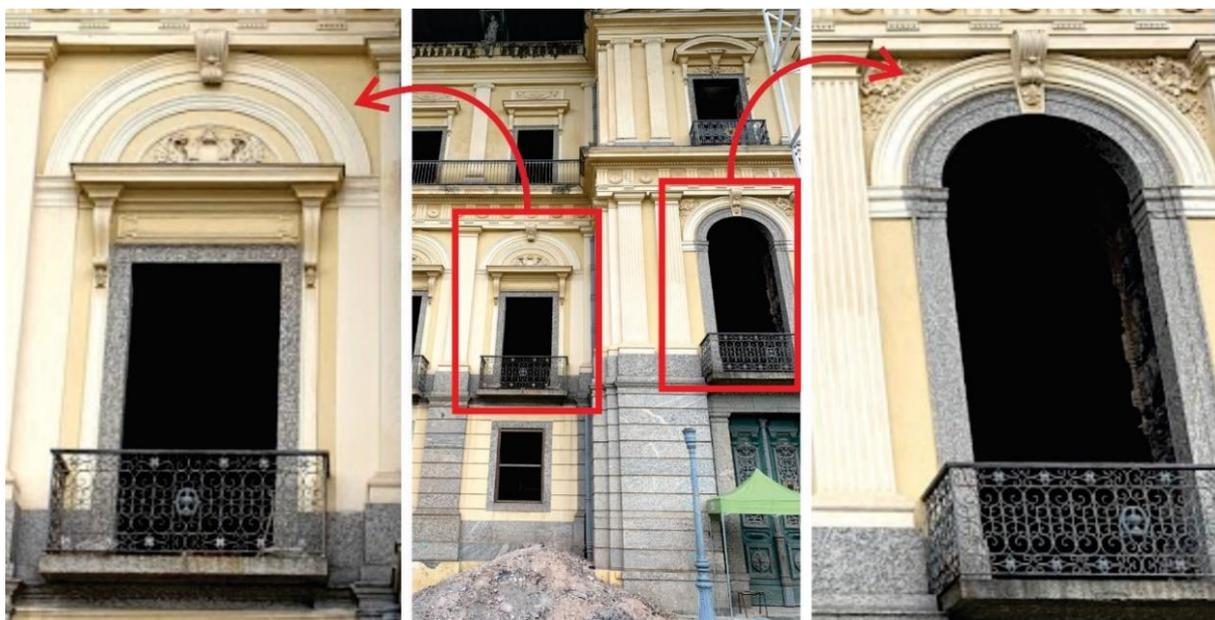


Figura 48 - Sacadas e janelas da fachada principal do palácio, no 2º pavimento.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.  
Inserção, em vermelho, da autora.

Em relação às janelas de todo o corpo central deste pavimento, existem frontões de arco de volta perfeita (ou arco clássico, também chamados de arco de pleno centro ou arco romano - Figura 49), os quais são ornados com relevos de dragões alados (Figura 50), insígnia imperial adotada por D. Pedro I e D. Pedro II. (BIENNE, 2013, p.134).



Figura 49 - Sacada com as janelas do 2º pavimento da fachada do corpo central do palácio.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.



Figura 50 - No detalhe, dragão alado – uma das insígnias adotadas pelo Império.  
Fonte: BIENNE, 2013, p. 134.

Nas janelas do segundo pavimento, na área dos torreões, observamos que os vãos são retangulares e continuam possuindo frontão em formato de arcos, porém são menos elaborados (Figura 51).



Figura 51 - Detalhe de uma sacada do 2º pavimento no torreão Sul.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.  
Inserção, em vermelho, da autora.

Interessante observar as diferenças entre as sacadas existentes de todo o segundo pavimento da fachada do palácio, caracterizando-as por sua localização. A comparação entre as sacadas (no segundo pavimento) pode ser identificada no próximo registro (Figura 52).

Ao observar a imagem à esquerda, apresenta-se a típica sacada existente apenas na parte central da edificação (a parte que tem encimada o frontão central); na imagem do centro, a sacada faz parte de todo o corpo central da fachada do palácio e à direita, a sacada do torreão Sul.

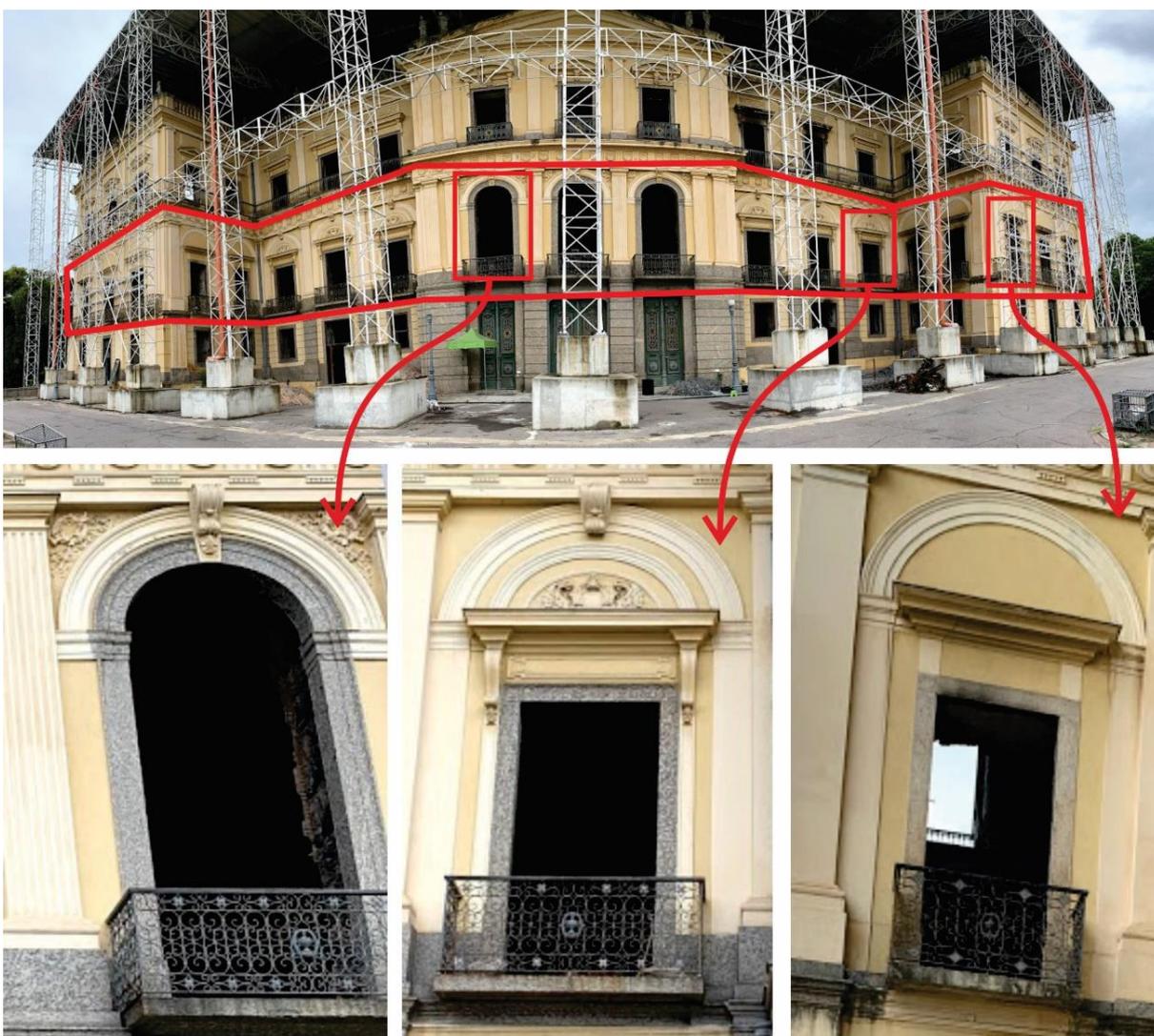


Figura 52 - Comparação entre as sacadas na fachada do palácio no 2º pavimento.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.  
Inserção, em vermelho, da autora

Passando para a análise das janelas do terceiro pavimento, novamente identificamos diferenças entre as janelas do corpo central, - o que se destaca pelo frontão principal - e as janelas dos torreões.

Os vãos de todas as aberturas do terceiro pavimento são retangulares; porém eles possuem frontões de diferentes formatos. O frontão da janela que está situada na parte central da fachada, que se destaca, é em forma de arcos que conversam com os do segundo pavimento desse mesmo corpo (Figura 53).

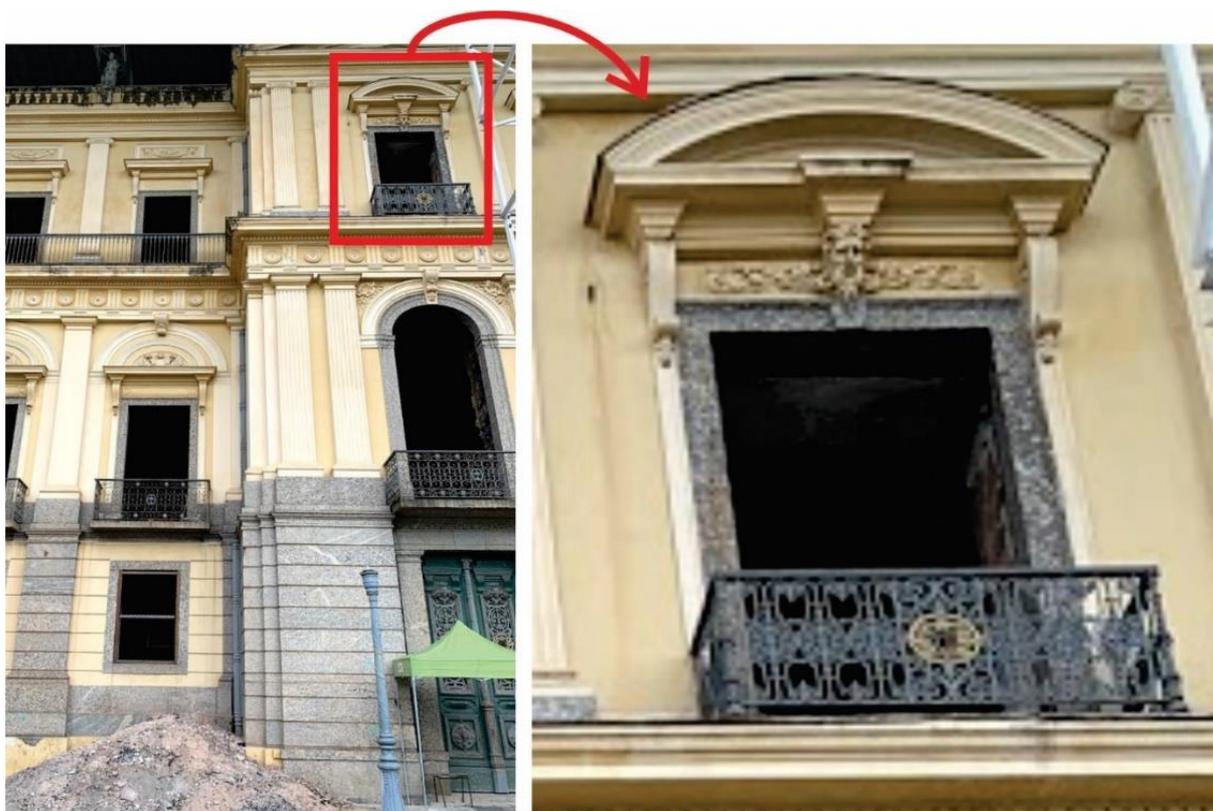


Figura 53 - À esquerda: detalhe de sacada situada na parte central e, à direita, o arco em seu frontão.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.  
Inserção, em vermelho, da autora.

Enquanto isso, as janelas do corpo central da fachada (no terceiro pavimento) possuem frontões em formatos retangulares (Figura 54).



Figura 54 - À esquerda, detalhe de sacada situada na parte central e, à direita, o retângulo em seu frontão.

Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.

Inserção, em vermelho, da autora.

As janelas dos torreões Norte e Sul (ainda no terceiro pavimento da fachada) possuem formato triangular (Figura 55).



Figura 55 - À esquerda: detalhe de sacada situada no Torreão Norte e, à direita, destacando a janela que possui o triângulo em seu frontão.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.  
Inserção, em vermelho, da autora.

Dessa forma, observamos que os frontões das sacadas do terceiro pavimento também são diferentes entre si, eles variam de acordo com a sua localização (Figura 56).



Figura 56 - Comparação entre as sacadas na fachada do palácio, no 3º pavimento.

Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.

Inserção, em vermelho, da autora

Um elemento bem singelo, porém, marcante para quem o percebe, são os arcos trabalhados em ferro fundido (Figuras 57 e 58). O que hoje em dia apenas serve como elemento decorativo, no passado era elemento de sustentação para pendurar os lâmpões de iluminação (BIENNE, 2013, P.136).



Figura 57 - Suportes para lâmpão no 2º Pavimento. Na imagem à esquerda, os suportes no torreão Sul e na imagem à direita, os suportes no torreão Norte.

Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.

Inserção, em vermelho, da autora.



Figura 58 - No detalhe, os antigos suportes para lâmpões.

Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.

Outro elemento que pode intrigar os observadores é o par de dutos de queda de águas pluviais, todo feito em ferro fundido (Figura 59). Esse elemento se localiza na junção dos torreões com o corpo central do edifício.

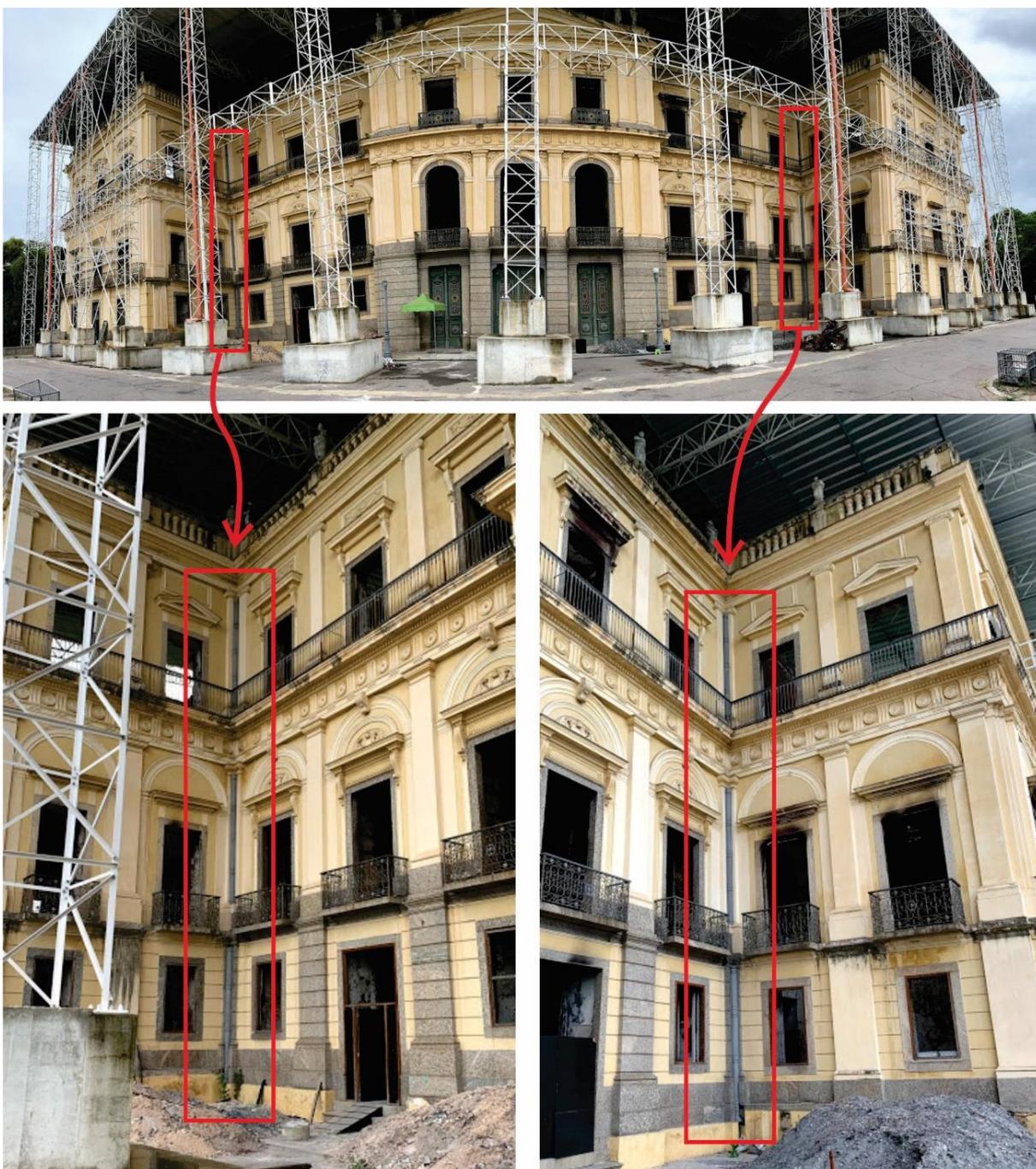


Figura 59 - Destaque do duto no encontro do torreão com o corpo central do Paço; encontro com o Torreão Sul à esquerda e Torreão Norte à direita.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.  
Inserção, em vermelho, da autora

A saída onde a água desemboca é em forma de bocas de peixes, mas eles não chegam até o chão. “É possível supor que, por sua altura elevada, existissem canteiros ajardinados, que absorviam as águas das calhas dos telhados.” (BIENNE, 2013, p.136). (Figura 60).



Figura 60 - Detalhe da saída do duto em forma de boca de peixe.  
Fontes: BIENE, 2013, p.136.

Para finalizar a composição de sua fachada principal, o palácio ainda conta com uma sequência de 30 estátuas de mármore<sup>33</sup>, representando figuras mitológicas<sup>34</sup> por toda a extensão da platibanda da fachada principal (Figura 61).

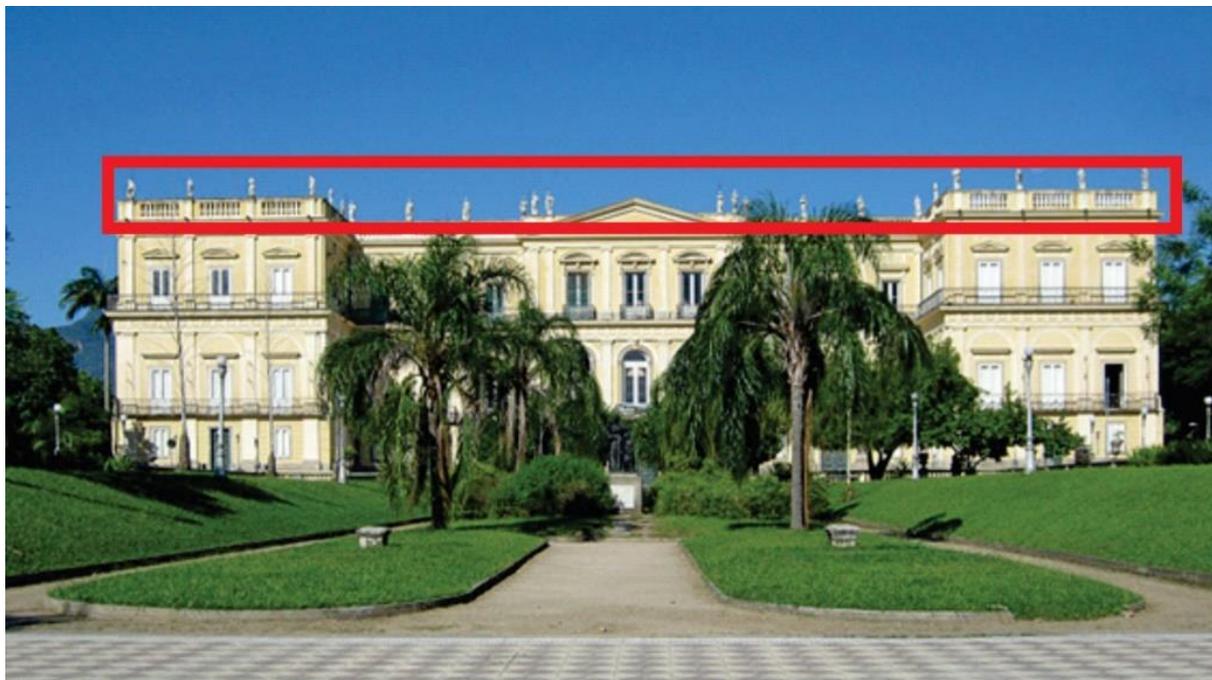


Figura 61 - Paço de São Cristóvão, com suas 30 estátuas na platibanda.

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pal%C3%A1cio\\_de\\_S%C3%A3o\\_Crist%C3%B3v%C3%A3o.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pal%C3%A1cio_de_S%C3%A3o_Crist%C3%B3v%C3%A3o.jpg) – acesso em 02/11/2019.

Inserção, em vermelho, da autora.

Diante da breve abordagem histórica do PSC e dos seus principais elementos arquitetônicos existentes e que muito o caracterizam como um patrimônio mundial edificado<sup>35</sup>, um palácio do período imperial brasileiro, acreditamos ser possível passar para uma breve apresentação do desenvolvimento histórico dos métodos construtivos e materiais no Brasil.

Dessa forma, acredita-se que este trajeto será construtivo para a análise das revelações que estão sendo evidenciadas nas paredes do palácio nesse período pós incêndio.

---

<sup>33</sup> Informação retirada de [http://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/guia\\_MN.pdf](http://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/guia_MN.pdf) acessada no dia 02/03/2020.

<sup>34</sup> A valorização de temas e padrões estéticos da arte clássica antiga, como heróis e seres da mitologia grega eram temas recorrentes nas pinturas e esculturas do estilo neoclássico.

<sup>35</sup> Interessante discussão, recém concluída, sobre os conceitos na preservação e o patrimônio cultural edificado em situação de desastre, pode ser encontrada na tese de Mariah dos Santos Martins, *Palavras que Preservam: os Conceitos na Preservação e o Patrimônio Cultural Edificado em Situação de Desastre*, 2020.

### 3. BREVE HISTÓRIA DOS MÉTODOS CONSTRUTIVOS E MATERIAIS NO BRASIL

Com intuito de focar no assunto referente aos métodos construtivos e materiais utilizados no Brasil, optou-se por dar ênfase às fundações e aos elementos verticais a fim de contextualizar a presente investigação.

Portanto, neste capítulo, baseamo-nos principalmente nas explicações e imagens da obra de Chico Mendes, Chico Veríssimo e William Bittar (2010) sobre o desenvolvimento arquitetônico no Brasil no período Colonial, pois dessa forma, chegaremos à análise de parte da estrutura Colonial do Paço de São Cristóvão.

Para iniciar esse capítulo, partiu-se da premissa de que os métodos construtivos e os materiais utilizados, durante grande parte da história da humanidade, sofreram lentas transformações qualitativas (CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA CONSERVAÇÃO INTEGRADA/CECI, 2019).

Na Europa ocidental, a arte de construir apareceu pela primeira vez de forma organizada durante o Império Romano<sup>36</sup>. Nessa época, os conhecimentos da construção eram baseados em tradições e pela experiência adquirida com os erros do passado. (CAMPOS, 2002, p. 1-27).

Porém, a partir do século XV, esta situação começou a se modificar com o surgimento formal da profissão de Arquiteto e o conceito moderno de Arquitetura. Durante este período, alguns arquitetos valorizavam mais os aspectos estéticos da obra, colocando de lado os processos de construção. Com isso, tornou-se inevitável a separação entre a fase de concepção do projeto e a fase da construção da obra (cisão entre os conceitos de arquitetura e engenharia). (CAMPOS, 2002, p. 1 - 27).

Outra informação curiosa diz respeito às técnicas e aos materiais construtivos, pois sofreram alguns retrocessos ao longo dos períodos históricos. Este foi o caso, por exemplo, da alvenaria de tijolos e a do concreto, o qual foi efetivamente redescoberto em pleno século XIX, a partir das pesquisas da engenharia e da química moderna com a introdução do cimento tipo Portland<sup>37</sup>.

---

<sup>36</sup> Sobre o Império Romano, ver: Jonathan Glancey. História da Arquitetura, 2001.

<sup>37</sup> Cimento tipo Portland trata-se de um pó fino com propriedades ligantes que sob a ação da água endurece e fica resistente. Mesmo quando submetido à nova ação da água, não se decompõe. A solidez é tão grande que é comparado às rochas da ilha britânica de Portland – daí o nome do

Complementarmente interessante é o fato de que muitas das técnicas fundamentais, tais como taipa de pilão e a cantaria, sobreviveram intocáveis até o início da Era Industrial<sup>38</sup>, incluindo as ferramentas e os métodos de trabalho.

No Brasil, com a chegada da frota de Cabral, os portugueses logo avistaram “(...) casas compridas como uma nau, de madeira, cobertas de palha.” (MENDES *et al.*, 2010, p. 73). Com esse vislumbre, logo os portugueses já tiveram a ideia dos materiais que aqui eram amplamente utilizados – madeira e palha – e que também viriam a ser utilizados na construção da Colônia Portuguesa.

Madeira, palha, pedra. Faltava apenas o barro para completar a lista de materiais com os quais os portugueses edificaram uma nação, agenciando-os de formas variadas, incorporando e sincretizando técnicas construtivas de povos conquistados em suas viagens ultramarinhas (MENDES *et al.*, 2010, p. 73).

Podemos dizer, então, que esses tipos de sistema construtivo que se formaram no Brasil podem ter nascido provavelmente da junção, tanto dos materiais que estavam disponíveis na região, quanto como da fusão de culturas - portuguesas, indígenas e africanas - advindas de diferentes mestres de obras, trabalhadores e mão de obra escrava.

Para fortalecer mais o entendimento dos sistemas construtivos da época do Brasil colônia, apropriamo-nos da seguinte citação: “(...) havia alguma forma de definição dos padrões de medição. Para estes, ainda prevaleciam as relações do corpo humano como referenciais: palmos, pés, polegadas, sempre adaptados as condições locais” (MENDES *et al.*, 2010, p. 74).

Com o passar do tempo, as técnicas construtivas tinham basicamente duas vertentes: uma popular e outra erudita. A vertente erudita estava representada pelos engenheiros militares, pois estes foram autores de tratados de fortificações, nos quais a arte da construção estava associada ao estilo Renascentista e à utilização de instrumentos de medição e a um conhecimento, ainda que rudimentar, da física e da química.

---

produto – patenteado em 1824 pelo químico Joseph Aspdin. Ver: Arnaldo Forti Battagin. Cimento Portlan, 2011.

<sup>38</sup> Sobre o desenvolvimento da arquitetura a partir da Revolução Industrial, ver a tese: Wilhelm Rosa. Arquitetura industrializada: a evolução de um sonho à modularidade, 2006.

Os engenheiros militares também desenvolveram as formas de representação projetual arquitetônica que, neste caso, os conhecimentos eram transmitidos por meio de aulas e tratados:

As 'aulas', criadas segundo o modelo da Aula de Lisboa (1635), foram disseminadas pelos principais centros urbanos do Brasil, tais como: Salvador (1696), Rio de Janeiro (1698), São Luís do Maranhão (1699), Recife (1701) e Belém (1758). "Embora por vezes funcionando de forma intermitente, essas aulas foram um dos principais focos de irradiação da cultura arquitetônica e urbanística erudita no Brasil-Colônia. (BUENO, 2001, p. 295).

Conforme se fez necessária a construção de fortificações e de igrejas e conventos, "(...) com a influência dos engenheiros militares e alguns padres projetistas, inicia-se a convivência de técnicas mais elaboradas e outras mais simples e expeditas usadas nas residências(...)." (REZENDE *et al.*, 2013, p. 105).

Com relação à vertente popular, esta estava representada pelos Mestres de Ofício que traziam consigo um conhecimento acumulado durante séculos e transmitidos de forma oral e prática aos seus aprendizes.

Como resultado, essas duas vertentes explicitadas acima eram consideradas:

(...) sistemas construtivos econômicos e seguros, capazes de serem aplicadas nas condições de uma terra recém descoberta e inculta: "Areia e Fachina", "Taipa de Pilão", "Taipa Travada", "Pau-a-Pique", "Alvenaria de Pedra" (em inúmeras variações), "Alvenaria de Tijolo" e os chamados Sistemas Mistos, onde podem ser encontrados traços eruditos (...) (CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA CONSERVAÇÃO INTEGRADA/CECI, 2019)<sup>39</sup>.

Podemos dizer que as técnicas básicas utilizadas eram a de a taipa de pilão – geralmente utilizadas nas construções mais sofisticadas - o adobe, utilizado tanto como vedação tanto como estrutura e a estrutura em madeira, que utilizava como vedação o adobe ou taipa de mão. Em rela o   cantaria, era um trabalho mais elaborado e cuidadoso em pedras, o que fazia com que ele fosse reservado para as constru es de maior relevância. Maiores explica es dessas técnicas e sobre a utiliza o de outros materiais, veremos adiante.

---

<sup>39</sup> Sobre o assunto, ver a tese de Roberto Antonio Dantas Araújo: O ofício da constru o na cidade colonial: organiza o, materiais e técnicas (o caso pernambucano), 2003.

O conhecimento das mesmas técnicas pelos portugueses tornou difícil identificar até que ponto estas técnicas tem origem africana ou lusitana. Mas a identificação de características no desenho arquitetônico, que tem clara herança africana, parecem não deixar dúvidas quanto a influência também sobre a tecnologia construtiva. Além disso, a sobrevivência das técnicas do pau-a-pique e do adobe até os dias de hoje, são dois exemplos de técnicas vernaculares que certamente encontram em sua origem africana fortes razões para sua sobrevivência. (REZENDE *et al.*, 2013. p. 105).

### 3.1 FUNDAÇÕES

Para proporcionarmos breve discussão sobre os processos construtivos no Brasil, devemos iniciar por alguns dos diferentes tipos de fundação. Por meio da observação de algumas das construções indígenas, podemos dizer que o processo mais comum e rápido foi o de pau a pique<sup>40</sup>.

Esse processo utilizado para delimitação territorial dos indígenas, “(...) consistia no fincamento de varas ou toras, muito próximas, cujas bases eram incineradas para evitar o apodrecimento pela umidade do terreno.” (MENDES *et al.*, 2010, p.75), conforme podemos observar na Figura 62.

---

<sup>40</sup> Iniciamos pela experiência indígena mesmo cientes de que este tipo de fundação continua sendo utilizado na região Norte do Brasil com adaptações.

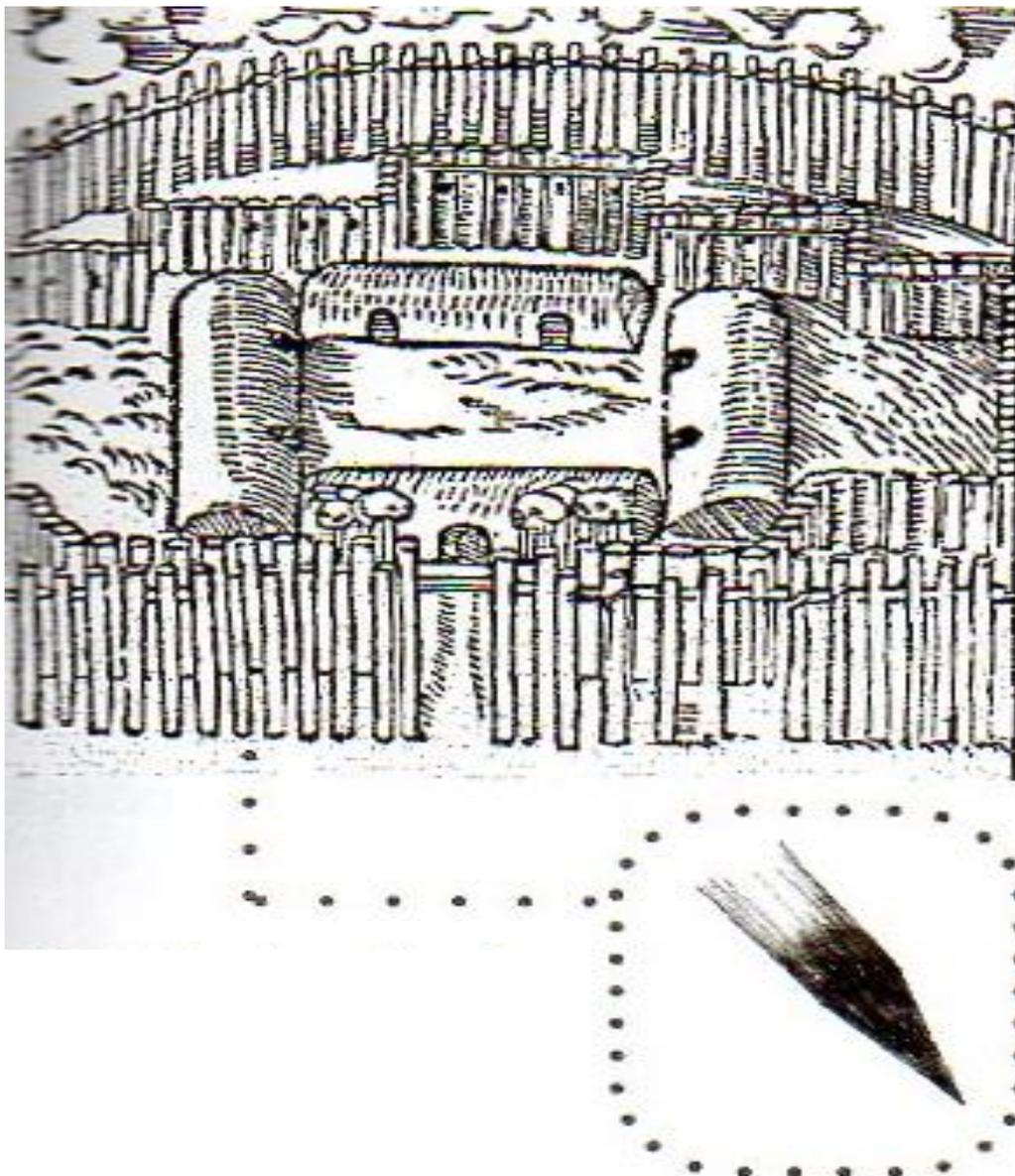


Figura 62 - A paliçada indígena e o processo de preparo das toras para fixação no solo.  
Fonte: (MENDES *et al.*, 2010, p. 75).

Em seguida, na Figura 63, destacamos a fundação corrida “(...) o baldrame, confeccionada de pedras brutas, dispostas em uma cava de largura variável por 1,50m de profundidade, aplicada para receber paredes autoportantes, com cargas distribuídas.” (MENDES *et al.*, 2010, p. 75).

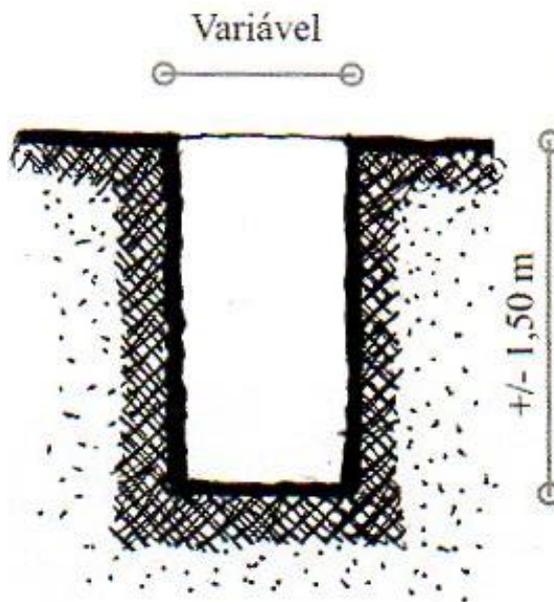


Figura 63 - Cava de fundação com cerca de sete palmos de profundidade.  
Fonte: (MENDES *et al.*, 2010, p. 75.)

Nos tipos de fundação chamados “gaiolas” (Figura 64), a cava poderia ser disposta de tal forma que recebesse apenas cargas concentradas.

(...)abria-se uma vala no terreno, investigava-se a resistência do solo para iniciar o assentamento das pedras brutas, calçadas com pedrisco e eventualmente, recebendo uma ‘calda’, um tipo de argamassa liquefeita composta de barro, cal e algum aglomerante. (MENDES *et al.*, 2010, p. 75).

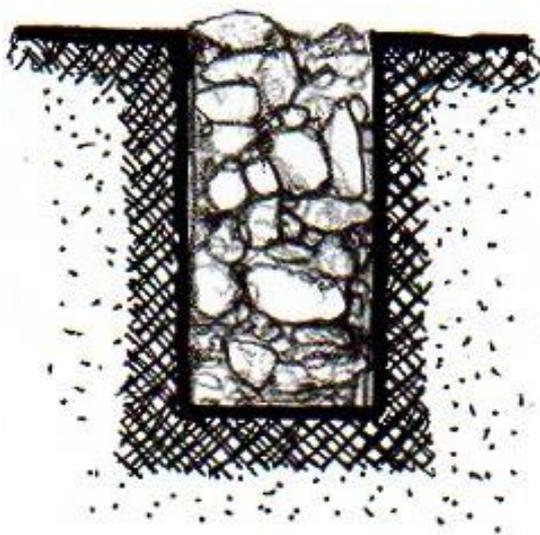
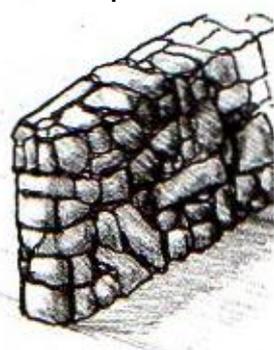


Figura 64 - Execução de uma fundação de pedras brutas e a “calda”.  
Fonte: (MENDES *et al.*, 2010, p. 75).

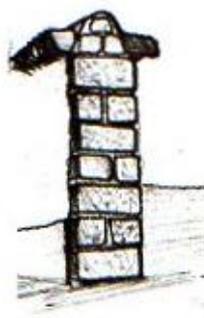
Ao referirmo-nos aos elementos verticais, os quais serão relevantes para a contextualização do capítulo 4 da presente dissertação, eles podem ser classificados de acordo com as suas características estruturais: As paredes autoportantes são aquelas que podem servir como sustentação e vedação, que descarrega as cargas da cobertura e distribui sobre as fundações enquanto as estruturas autônomas, possuem esteios<sup>41</sup> que descarregam os seus esforços de forma concentrada, associados a paredes de vedação. “Não é rara a presença das duas técnicas em uma mesma edificação, decorrente de condições locais ou a época dos acréscimos ou modificações” (MENDES *et al.*, 2010, p.75) Seguem abaixo apresentadas.

### 3.2 PAREDES AUTOPORTANTES

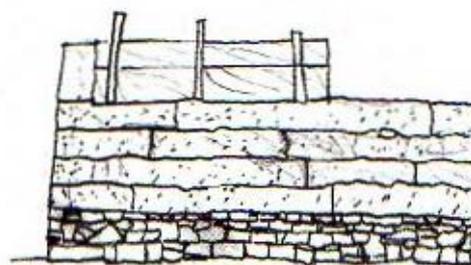
Paredes autoportantes ou paredes estruturais, como também são conhecidas, são aquelas que têm como função a “(...) vedação e sustentação, recebendo todos os empuxos da cobertura, descarregando-os de forma distribuída sobre as fundações (...)” (MENDES, *et al.*, 2010, p. 76). Esse tipo de estrutura suporta cargas por toda sua extensão, sendo assim maciças e podendo ser construídas por pedras, adobe ou taipa de pilão.



Pedra argamassada



Adobe



Taipa de pilão

Figura 65 - Exemplos de paredes autoportantes.  
Fonte: (MENDES *et al.*, 2010, p. 76).

---

<sup>41</sup> Esteio: Quando uma peça de madeira, ferro, pedra ou outros materiais é usada para segurar ou amparar alguma coisa. Estaca com que se sustenta ou escora um teto ou uma parede. Qualquer barra ou haste destinada a receber esforços de compressão na direção de seu eixo. DICIONÁRIO ECIVIL. 2000-2020.

### 3.2.1 PAREDES AUTOPORTANTES DE PEDRA

Esse tipo de alvenaria de pedra, sejam elas brutas ou aparelhadas, secas ou argamassadas, foram amplamente utilizadas no Brasil colônia, não somente pela sua abundância, como também pela grande resistência às condições climáticas.

Assim, podemos dizer que elas possuem, como principais características, paredes de grande largura e resistência que permitem maiores alturas.

Para construções de porte médio, as paredes de pedra argamassada adotavam cerca de 60 a 80cm de espessura. Para os grandes edifícios (igrejas, conventos e Casas de Câmara e Cadeia) sua espessura variava de 1 a 1,5m. Tal diferença decorria do aumento das cargas dos telhados sobre as paredes perimetrais, evitando-se o comprometimento estrutural. (MENDES *et al*, 2010, p.77).



Figura 66 - Largura das paredes autoportantes de pedra.  
Fonte: (MENDES *et al.*, 2010, p. 77).

Porém, esse tipo de técnica dificultava a abertura de vãos maiores. Para conseguir vãos maiores sem comprometer a estabilidade da parede, era necessário a execução de arcos em tijolos maciços vencendo a largura do vão. (Figura 67).



Figura 67 - Desenho demonstrando as paredes autoportantes de pedra com arcos em tijolo maciço.  
Fonte: (MENDES *et al.*, 2010, p. 77).

Nesse momento, destaca-se a identificação da técnica de arcos em tijolos maciços e das paredes autoportantes de pedra na ida à campo nas ruínas do Paço de São Cristóvão. Esse tipo de técnica foi encontrado no Bloco II - parte Sul - que é o bloco que iremos abordar e analisar mais para frente, no capítulo 4 da presente dissertação. Podemos observar esse tipo de técnica presente principalmente nos 1º e 2º pavimentos, que são basicamente os quais datam da época do império. (Figuras 68 e 69).



Figura 68 - Exemplos de paredes autoportantes de pedra com arcos em tijolo maciço no Paço.  
Fonte: Registro da autora em 22/07/2019.



Figura 69 - Exemplos de paredes autoportantes de pedra existentes no Paço.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.

Além disso, existia também o trabalho em pedra de cantaria, que era muito tradicional entre os portugueses. Esse trabalho exigia uma mão de obra muito qualificada, pois as peças de pedra deveriam se encaixar perfeitamente uma sobre as outras sem auxílio de argamassa (Figura 70). Para isso, eram as vezes utilizados óleo de baleia para auxiliar na vedação. (COISAS DA ARQUITETURA, 2010, 28).

Cantaria é a pedra que, tendo sido afeiçãoada manualmente, com o uso de ferramentas adequadas, apresenta-se pronta para ser utilizada em construções e equipamentos. Atua ora como elemento estrutural, ora como ornamentação e, muitas vezes, atende às duas funções. (VILLELA, 2003).

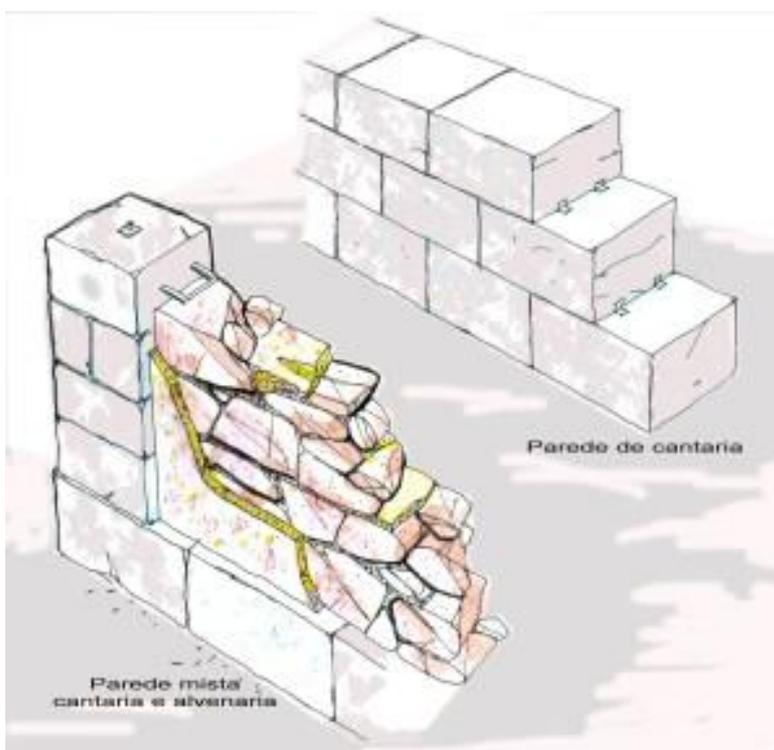


Figura 70 - No exemplo à direita cantaria e à esquerda cantaria e alvenaria de pedra.  
Fonte: (COISAS DA ARQUITETURA, 2010, 28).

No Brasil, encontrar mão de obra qualificada para esta atividade, além do alto custo, era muito raro, pois a cantaria não era utilizada na totalidade do edifício, sendo utilizada apenas em suas partes que eram consideradas mais importantes, tais como os frontispícios, as soleiras, as pilastras, as cornijas, nos portais, nas janelas e nos cunhais, sendo, no restante das vedações, utilizada outra técnica mural. (COISAS DA ARQUITETURA, 2010, 28).

A vinda da corte de D. João VI e a chegada da missão francesa, no início século XIX, foram decisivos para o declínio da cantaria. A adoção do estilo neoclássico, o emprego de novos materiais, a preferência pelos tijolos na execução das alvenarias e o fim do trabalho escravo levaram o ofício às vias de extinção. (VILLELA, 2003).

### 3.2.2 PAREDES AUTOPORTANTES DE ADOBE E TIJOLO

No caso de adobe ou tijolos, as peças eram paralelepípedos compactados e maciços, “(...)confeccionados de barro, fibras vegetais e água, prensados manualmente em fôrmas de madeira.” Conforme podemos ver na Figura 71. (MENDES *et al.*, 2010).



Figura 71 - Desenho onde podemos visualizar a confecção de peças de adobe.  
Fonte: (MENDES *et al.*, 2010, p. 77).

A grande diferença entre o adobe e o tijolo é que o adobe era seco à sombra e posteriormente colocado para secagem ao sol. Por outro lado, os tijolos eram cozidos em fogueiras, o que conferia uma maior resistência à umidade, além do tijolo ter dimensões menores que o adobe. (MENDES *et al.*, 2010, p. 78; COISAS DA ARQUITETURA, 2010, 28).

Nas paredes autoportantes (Figuras 72 e 73), “(...) a abertura de vãos é facilitada pela possibilidade da utilização de arcos de descarga sobre as envasaduras, à feição do arco pleno romano, com sua pedra chave” (MENDES *et al.*, 2010, p. 79).

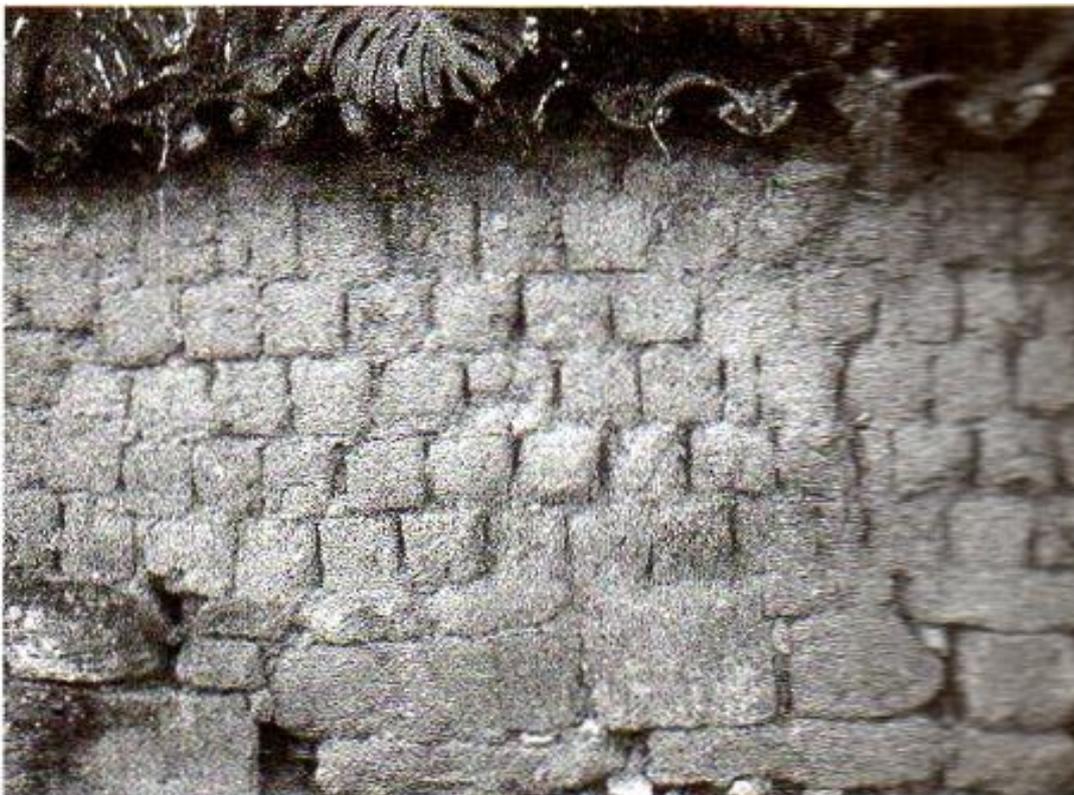


Figura 72 - Exemplo de parede autoportante de adobe.  
Fonte: (MENDES *et al.*, 2010, p. 79).



Figura 73 - Exemplo de parede autoportante de adobe.  
Fonte: (BIANCHI, 2011).

Novamente, destaca-se a identificação dessa técnica em algumas paredes de determinados blocos do Paço de São Cristóvão (Figura 74), por meio das poucas idas à campo nas ruínas do PSC. Fica registrado aqui a vontade de uma análise mais aprofundada par os outros blocos que não serão estudados na presente dissertação.



Figura 74 - Exemplos de paredes autoportantes de adobe existentes no Paço.  
Fonte: Registro da autora em 22/07/2019.

### 3.2.3 PAREDES AUTOPORTANTES DE TAIPA DE PILÃO

Em relação à técnica de taipa de pilão, utiliza-se barro, água, fibras vegetais e algum tipo de aglomerante, que pode ser o estrume ou sangue de animais. Estes componentes são apiloados em uma fôrma de madeira, o taipal, confeccionada por tábuas (...) dispostas ao longo das fundações corridas.” (MENDES, *et al.*, 2010. p. 79). Como podemos observar na Figura 75.

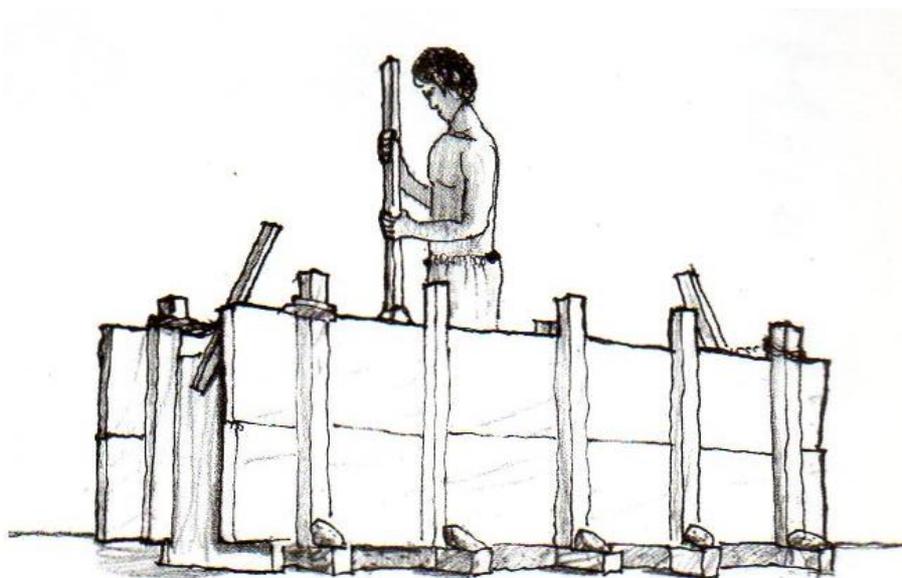


Figura 75 - Exemplo do processo de apiloamento da argamassa para adensamento da taipa.  
Fonte: (MENDES *et al.*, 2010, p. 79).

Essa técnica consiste basicamente em (Figura 76):

(...)amassar com um pilão o barro colocado em formas de madeira, os *taipais*, semelhantes às formas de concreto utilizadas hoje. Os *taipais* têm somente os elementos laterais, e são estruturados por tábuas e montantes de madeira, fixados por meio de cunhas, em baixo, e um torniquete em cima. (...)Após a secagem, o *taipal* é desmontado e deslocado para a posição vizinha. E assim sucessivamente. (COISAS DA ARQUITETURA, 2010, 28).

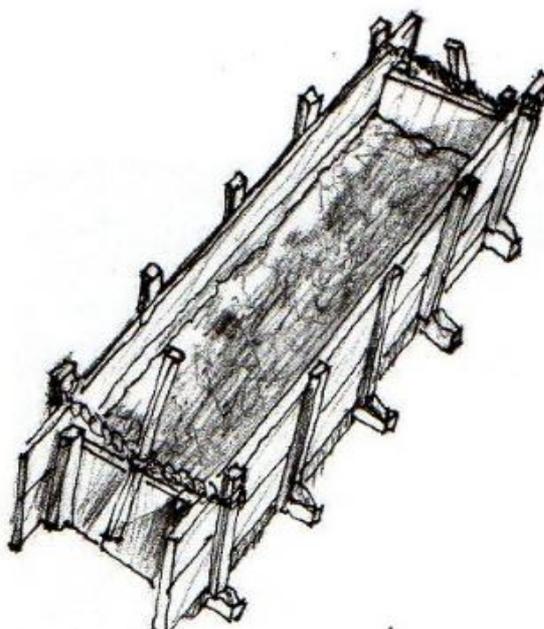


Figura 76 - Exemplo de como era o processo de apiloamento da argamassa para adensamento da taipa.  
Fonte: (MENDES *et al.*, 2010, p. 80).

Porém, esse tipo de técnica possuía uma mistura bastante frágil e vulnerável à água, o que além de ter de ser construída em condições climáticas boas, também obrigava que as paredes fossem protegidas por beirais. Além disso, as paredes de taipa de pilão também deveriam ser construídas acima do nível do terreno, quase sempre apoiadas em fundações de pedras.

Outra característica não muito favorável dessa técnica, é que ela necessita de uma numerosa mão de obra. Já na questão dos vãos, estes deveriam ser previamente demarcados através da “(...) inserção de esteios de pedra ou madeira como guarnição das envasaduras, gerando pequenos nichos internos que são ocupados com conversadeiras.” (MENDES, 2010, *et al.* 2010, p. 79, 80, 81).

### 3.3 ESTRUTURAS AUTÔNOMAS E PAREDES DE VEDAÇÃO

Estrutura autônoma (Figuras 77), também conhecida como gaiola, possui “(...) esteios descarregando seus esforços de forma concentrada, associada às paredes de vedação (Figuras 78), de materiais diversos.” (MENDES, *et al.*, 2010. p. 75).

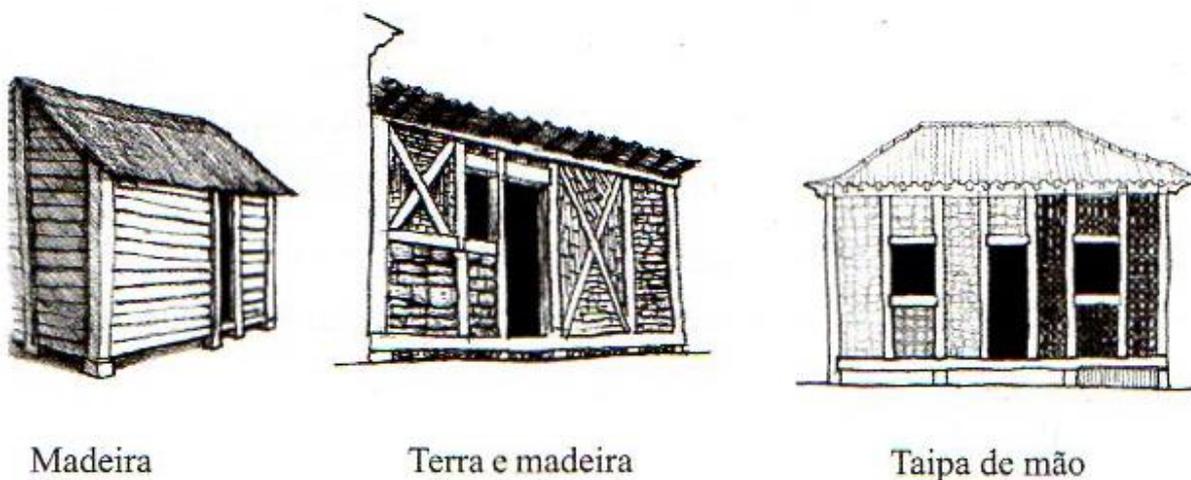
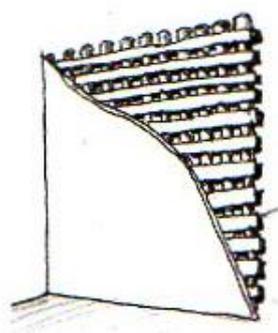
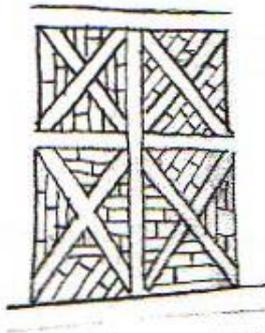
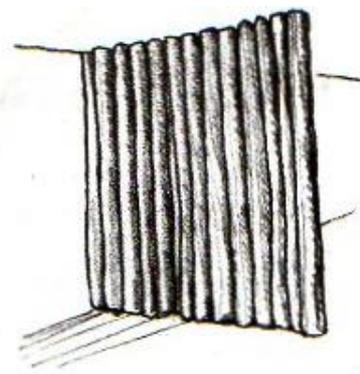


Figura 77 - Estrutura autônoma (sustentação) com alguns elementos utilizados para vedação.  
Fonte: (MENDES *et al.*, 2010, p. 76).



Estuque

Adobe ou tijolo em  
estrutura com a cruz de  
Santo André.

Madeira

Figura 78 - Paredes de vedação.  
Fonte: (MENDES *et al.*, 2010, 76).

Esse tipo de estrutura também é um procedimento milenar, no qual até mesmo as sociedades mais primitivas já se utilizavam delas para fazer suas construções.

As primeiras habitações antigas nativas encontradas pelos homens de Cabral utilizavam esteios de madeira para a estruturação da oca, vedada com palha.

Durante o período colonial, o sistema estrutural básico era composto por peças verticais de alvenaria (pedra ou barro) ou madeira, os esteios. Horizontalmente, dispunham-se uma peça superior, o frechal<sup>42</sup> e uma inferior, o baldrame<sup>43</sup>, esta cuidadosamente afastada do solo devido à umidade. (MENDES, *et al.*, 2010, p. 82).

### 3.3.1 ESTRUTURA AUTÔNOMA DE MADEIRA

No caso da utilização da madeira, a sua fixação se dava por meio de encaixes (Figura 79), o que garantia a sua estabilidade estrutural. Para as estruturas mistas, "(...) a alvenaria de pedra ou barro era utilizada nos esteios, mantendo baldrames e frechais de madeira." (MENDES, *et al.*, 2010, p. 82).

<sup>42</sup> Frechal - Componente do telhado. Viga que fica assentada sobre o topo da parede, servindo de apoio à tesoura. Ver: Dicionário de Terminologias Arquitetônicas. Colégio de Arquitetos, 2009.

<sup>43</sup> Baldrame ou Viga de Baldrame - Viga (...) que é normalmente locada diretamente sobre as fundações. (BURDEN, 2002, p. 342).

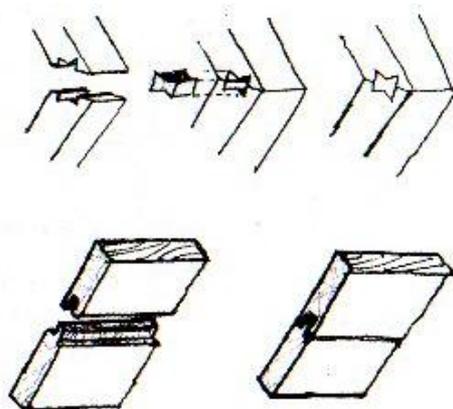


Figura 79 - Encaixes que garantiam a estabilidade das estruturas de madeira.  
Fonte: (MENDES *et al.*, 2010, p. 82).

Esse tipo de estrutura permitia uma maior rapidez na construção, pois após de montada a gaiola, já era possível a colocação do telhado, fazendo com que os trabalhadores não dependessem mais das condições climáticas.

No caso das estruturas autônomas de madeira, era utilizado um tabuado como vedação; “(..)algumas casas foram construídas utilizando o tabuado largo como uma veneziana fechada, verticalal ou horizontal, entalado nos apoios laterais.” (MENDES, *et al.*, 2010, p. 83).

Essa prática consistia em ter uma fixação “(...) devido à ausência de pregos, era a ‘saia e camisa’, também aplicada em forros. Tratava-se da simples superposição dos tabuados, evitando as frestas” (MENDES, *et al.*, 2010, p. 81). Porém, esse tipo de estrutura não era uma técnica muito adotada pelos portugueses. (Figura 80).

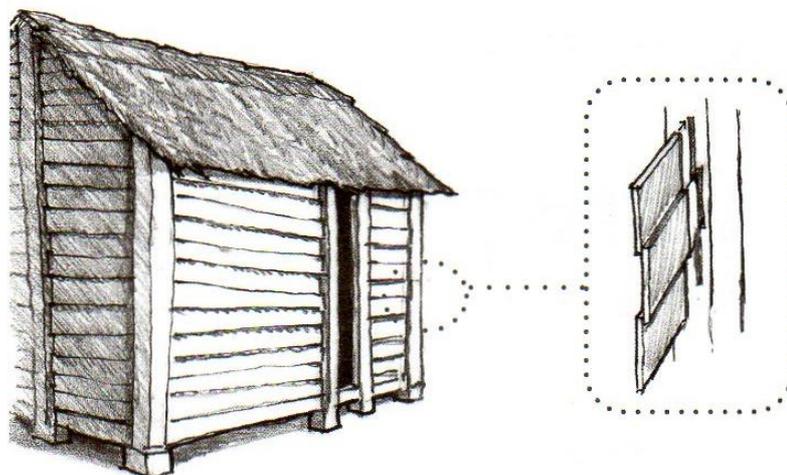


Figura 80 - Exemplo de casa com vedação de madeira encaixada nos esteios.  
Fonte: (MENDES *et al.*, 2010, p. 83).

### 3.3.2 ESTRUTURA AUTÔNOMA DE ADOBE E TIJOLO

Outro tipo de estrutura autônoma é o adobe e tijolo, os quais utilizam os mesmos elementos das paredes autoportantes como vimos anteriormente. (Figura 81). Nesse caso, (...) as peças assentadas na face interna dos elementos de apoio, devidamente argamassadas. (...) Após a execução das paredes, as mesmas eram inteiramente argamassadas e posteriormente caiadas, sem que o madeiramento ficasse aparente(...) (MENDES et al., 2010, p. 83).



Figura 81 - Exemplo de construção mista, com estrutura autônoma e paredes de vedação de adobe e tijolo.

Fonte: (MENDES *et al.*, 2010, p. 83).

### 3.3.3 ESTRUTURA AUTÔNOMA DE TAIPA DE MÃO (PAU A PIQUE)

Não podemos esquecer da taipa de mão, também conhecida como pau a pique (Figura 82), a qual é encontrada em algumas construções aborígenes, foi muito utilizada no Brasil colônia e é utilizada até hoje em dia, devido ao seu baixo custo. É uma técnica com bastante flexibilidade, o que facilita a criação de vãos e também de paredes mais finas, sendo assim muito utilizada para divisórias internas.

Trata-se de um entramado de varas, ripas, cipós ou bambus, constituindo um estrado vertical, engastado na estrutura autônoma que recebia uma mistura de barro, água e fibras vegetais, amassados pelos construtores, por ambos os lados das paredes.

Alguns cuidados eram tomados, como o afastamento do solo através da elevação do balrame; (...) (MENDES *et al.*, 2010, p. 85).

Quando as paredes eram muito altas, eram utilizadas “(...) peças intermediárias entre o baldrame e o frechal, denominadas *madres* <sup>44</sup>. Sob os baldrames estão os socos, o espaço preenchido com alvenaria, funcionando apenas para vedação.” Para obter o reforço do baldrame, entre este e o solo, colocava-se os chamados ‘*burros*’, que eram peças de madeira (COISAS DA ARQUITETURA, 2010, 28).

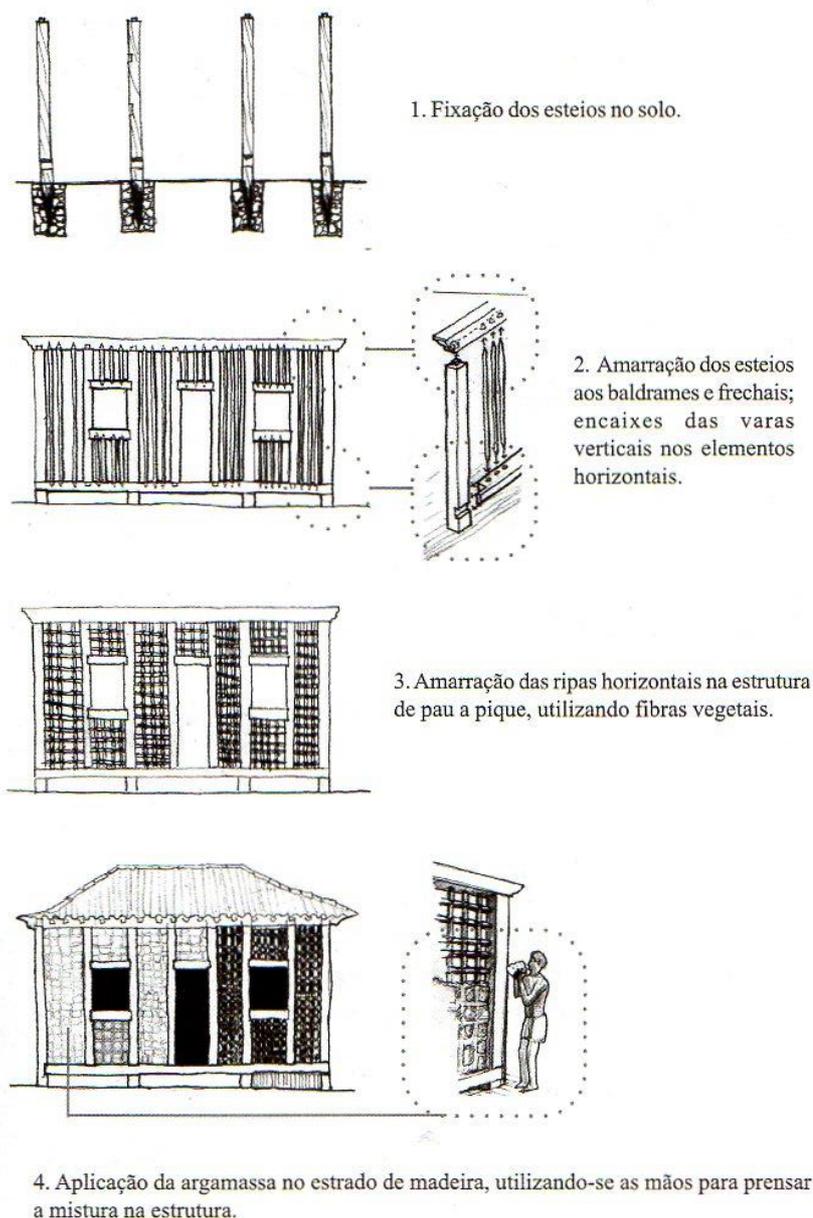


Figura 82 - Imagem que demonstra as etapas de execução da taipa de mão.  
Fonte: (MENDES *et al.*, 2010, p. 84).

<sup>44</sup> Madres - é também o nome genérico de todas as peças horizontais, baldrames e frechais, quando estas suportam a carga de um pavimento imediatamente sob o telhado. (COISAS DA ARQUITETURA, 2010, 28).

### 3.3.4 ESTRUTURA AUTÔNOMA DE ESTUQUE

Tratando-se do estuque, por ser bem frágil e pouco resistente à umidade, era utilizado apenas em paredes internas de vedação. Para a sua construção, “(...) aplicava uma argamassa mais delicada, composta por pó de mármore, cal, areia peneirada e água, em uma trama mais fechada de ripas de madeira” (MENDES, *et al.*, 2010, p. 85). Desse modo, era possível construir paredes ainda mais finas do que as de taipa de mão com a aplicação de uma argamassa mais delicada e leve que podia ser usada como forros pintados ou não. (Figura 83).



Figura 83 - Desenho exemplificando uma parede interna de estuque.  
Fonte: (MENDES, 2010, p. 85).

### 3.3.5 ESTRUTURA AUTÔNOMA DE TABIQUE

Tabiques são paredes delgadas feitas com estrutura de vigas de madeira e revestimento de tábuas que geralmente servem como divisórias internas. (Figura 84).

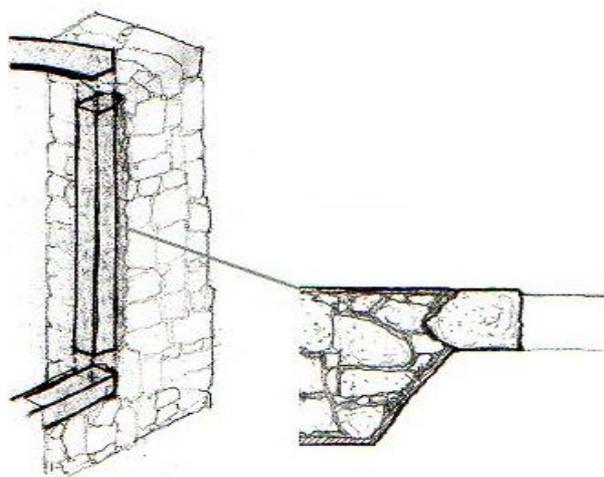


Figura 84 - Exemplo de tabique.  
Fonte: (COISAS DA ARQUITETURA, 2010, 28).

### 3.4 ENQUADRAMENTOS E ESQUADRIAS

Para finalizar esse capítulo e para introduzirmos o que será analisado no próximo, devemos compreender que a abertura dos vãos na arquitetura colonial depende muito do sistema construtivo das suas paredes, além da sua função que varia do acabamento até a espessura das peças.

Nas alvenarias de pedra, adobe, tijolo ou na taipa de pilão, paredes espessas, as guarnições eram dispostas pela face externa da parede, na qual seria incluída a esquadria. (...)

As peças da guarnição, ombreiras, vergas, peitoril e soleira, eram de pedra, madeira ou alvenaria [Figuras 85, 86 e 87], conforme condições locais. (MENDES, *et al.*, 2010, p. 94).

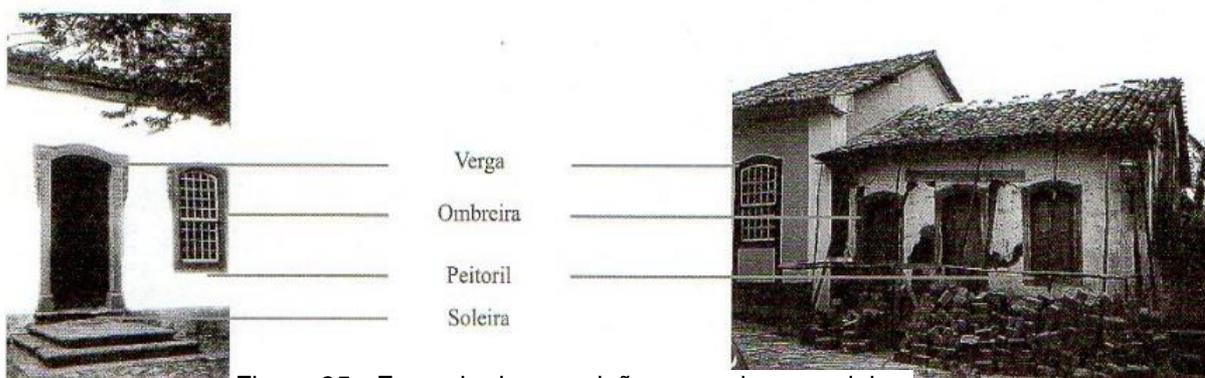


Figura 85 - Exemplo de guarnição em pedra e madeira.  
Fonte: (MENDES, 2010, p. 94).

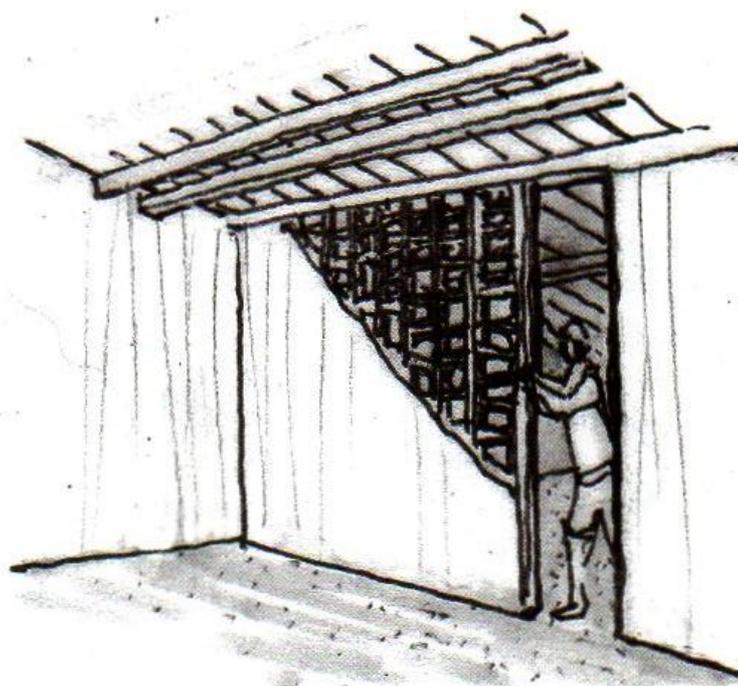


Figura 86 - Exemplo de encaixe da guarnição de pedra na parede.  
Fonte: (MENDES, 2010, p. 85).

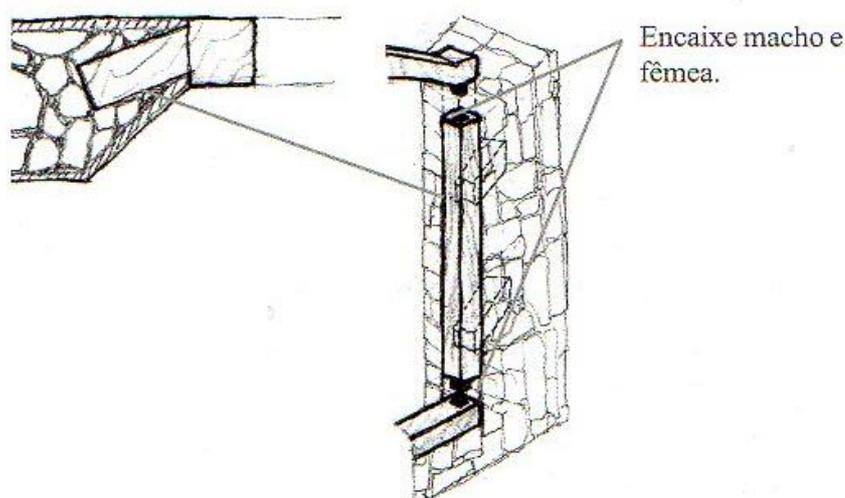


Figura 87 - Exemplo de encaixe da guarnição de madeira na parede.  
Fonte: (MENDES, 2010, p. 94).

No período colonial, a abertura dos vãos dependia da técnica utilizada na construção da parede. Por exemplo, se a técnica adotada fosse de parede de pedra argamassada, as portas deveriam ser abertas por inteiro e as janelas apenas por dentro, além de terem as suas paredes internas chanfradas a fim de obter uma melhor iluminação interna (Figura 88). As paredes de taipa de pilão também tinham as suas paredes internas chanfradas (Figura 89).

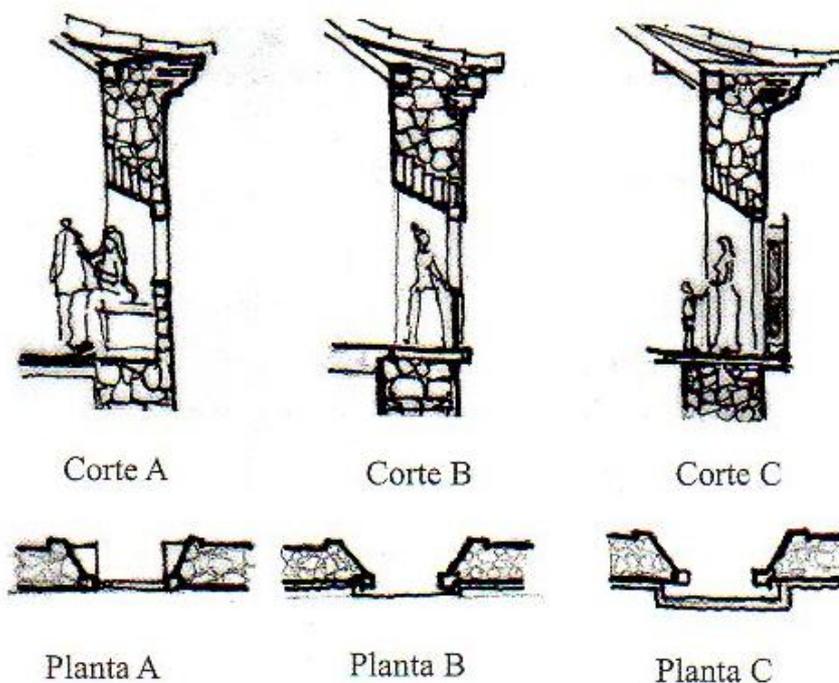


Figura 88- Exemplo dos vãos com em parede de pedra argamassada.  
Fonte: (MENDES, 2010, p. 94).

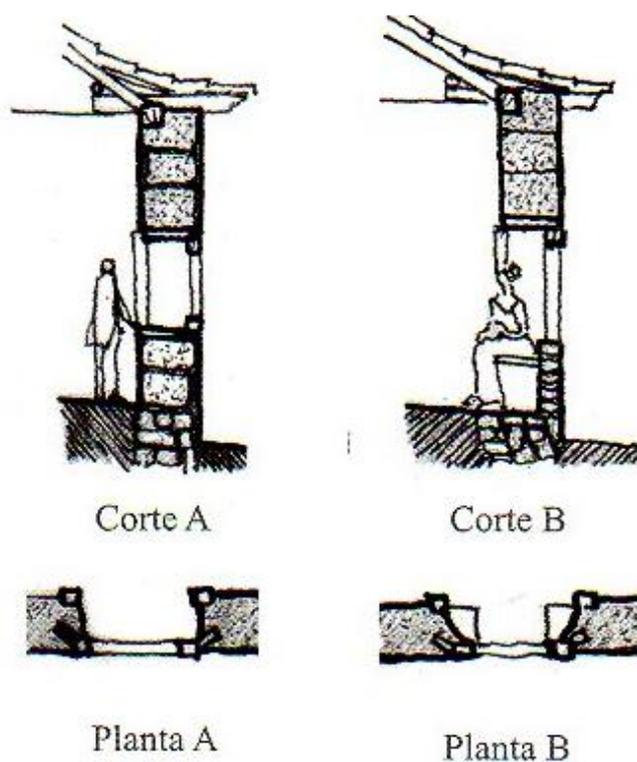


Figura 89 - Exemplo dos vãos em parede de taipa de pilão.  
Fonte: (MENDES, 2010, p. 95).

Já nas paredes de taipa de mão, como já dito anteriormente, era um processo bem mais simples, visto que a sua espessura era bem mais fina e facilitava também o problema da iluminação interna. (Figura 90).

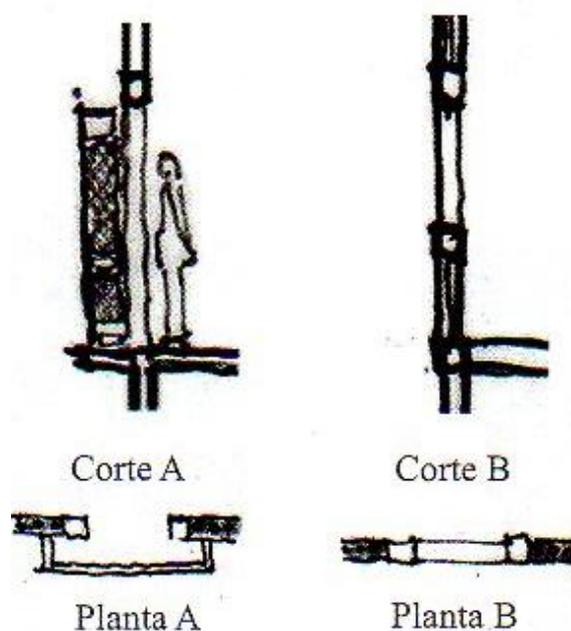


Figura 90 - Exemplo dos vãos em parede de taipa de mão, também conhecida como pau a pique.  
Fonte: (MENDES, 2010, p. 95).

Em paredes autoportantes, as faces internas tinham tábuas justapostas contraventadas através das esquadrias de madeira maciça (Figura 91) enquanto as faces externas eram compostas por ripas de madeira entrecruzadas “(...) de influência muçulmana: rótulas, gelosias<sup>45</sup> e muxarabis.” (MENDES, *et al.*, 2010, p. 96) (Figura 92).

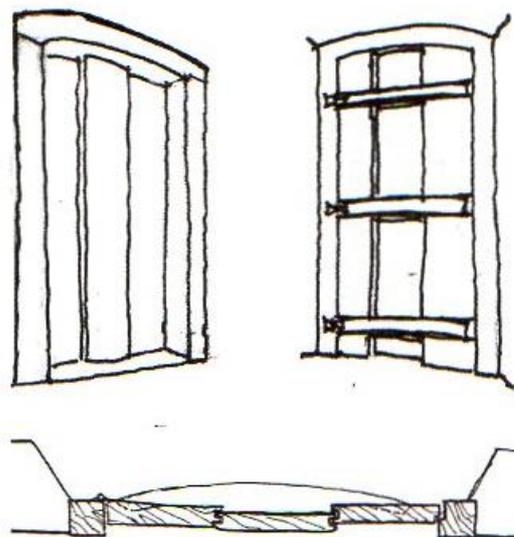


Figura 91 - Esquadria de madeira maciça.  
Fonte: (MENDES, 2010, p. 96).

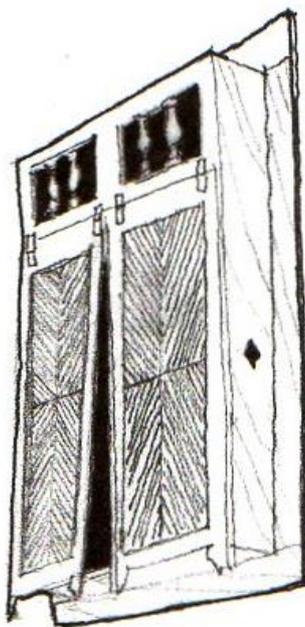


Figura 92 - Exemplo de rótula com a bandeira vazada.  
Fonte: (MENDES, 2010, p. 96).

---

<sup>45</sup> Gelosias – ver Muxurabiê - Grade ou anteparo de madeira ricamente trabalhado que fecha uma janela de sacada. Ver: Ernest Burden, Dicionário Ilustrado de Arquitetura, 2006, p. 237.

Estas esquadrias, mais uma vez, atestam a capacidade lusa de adaptação, pois as treliças tornaram-se ideais como reguladores climáticos, pois proporcionavam a ventilação constante, auxiliada por bandeiras sempre vazadas, iluminação disciplinada e a manutenção da privacidade. Tais vantagens foram esquecidas ou simplesmente desprezadas quando, com a chegada de D. João, as peças foram proibidas e proscritas pelo rei para uma cidade que não poderia continuar com 'góticos costumes'. (MENDES, et al., 2010, p. 95).

Acreditamos que por meio desta sucinta abordagem sobre os métodos construtivos e materiais utilizados no Brasil durante o período Colonial, será possível identificar o desenvolvimento arquitetônico, possibilitando, no próximo capítulo, analisar parte da estrutura do bloco II que foi evidenciada no Paço de São Cristóvão no período pós-incêndio.

#### 4. DESCOBRINDO A ARQUITETURA PALACIANA NO PAÇO DE SÃO CRISTÓVÃO PÓS INCÊNDIO

Conforme visto previamente, o Paço de São Cristóvão (PSC) tem uma vasta história e, desde seus primórdios, tem sido um palácio residencial real e imperial e a “análise de sua arquitetura se confluí com sua história arquitetônica e de seus personagens, de seus reais habitantes - D. João VI, D. Pedro I, D. Pedro II, a Família e a corte” (BIENE, 2013, p.120).

Cientes disso, depois de apresentarmos uma breve história do PSC e ter uma noção resumida dos métodos construtivos da época colonial, a visita ao Museu pós incêndio foi completamente diferente das outras visitas que já se havia feito anteriormente. Com um olhar “desnudo” de exposições, ornamentos e revestimentos, foi possível observar melhor a arquitetura da sua construção e ver os diferentes métodos construtivos que existem no Paço.

Primeiramente, a fim de nos situar para um melhor entendimento dos espaços do PSC, vamos observar a implantação do Paço (Figura 93) e a divisão de sua edificação para facilitar a localização, identificamos a categorização arquitetônica do museu em blocos, conforme Biene (2013, p. 13) para, assim, direcionar o foco ao que será analisado nessa dissertação (Figura 94).

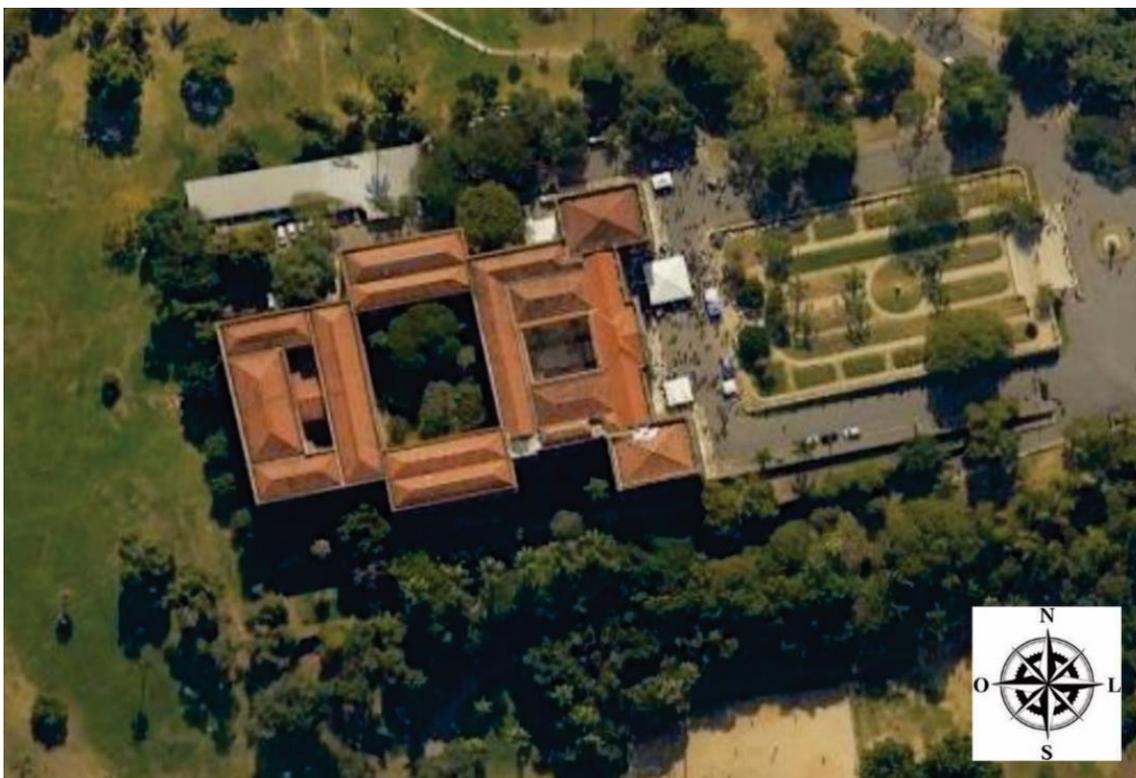


Figura 93 - Vista superior com os pontos cardeais a fim de situar as fachadas e alas do palácio.  
Fonte: Imagem retirada do Google Maps - acesso em 30/01/2020.

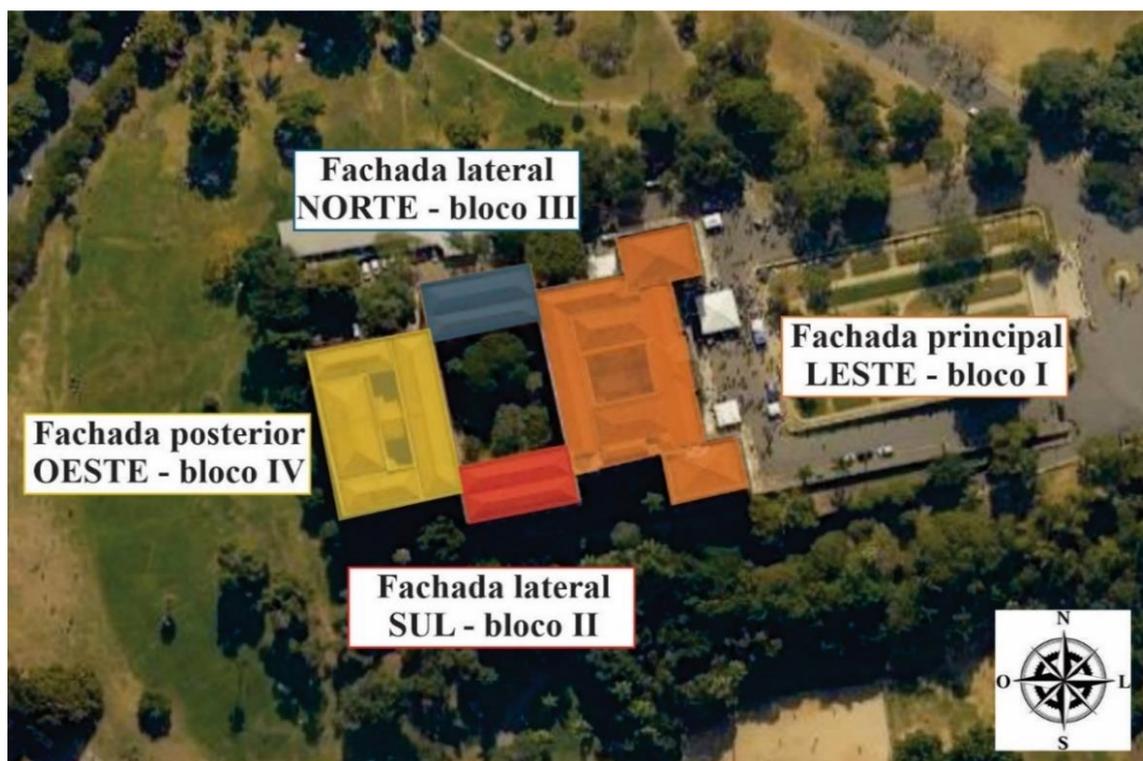


Figura 94 - Vista superior do PSC com as suas nomações dos blocos I, II, III e IV.  
 Fonte: Imagem retirada do Google Maps - acesso em 30/01/2020.  
 Inserção da autora.

A fim de entender e relembrar o Paço na época imperial, por meio de sua fachada podemos iniciar proporcionando uma “divisão” referente a cada época do PSC. Ao observarmos a Figura 95, a área destacada em azul é a pertencente ao Paço na época de D. João VI. Já a área destacada na cor vermelha, refere-se à época de D. Pedro I. A área em amarelo é referente ao Período de D. Pedro II.

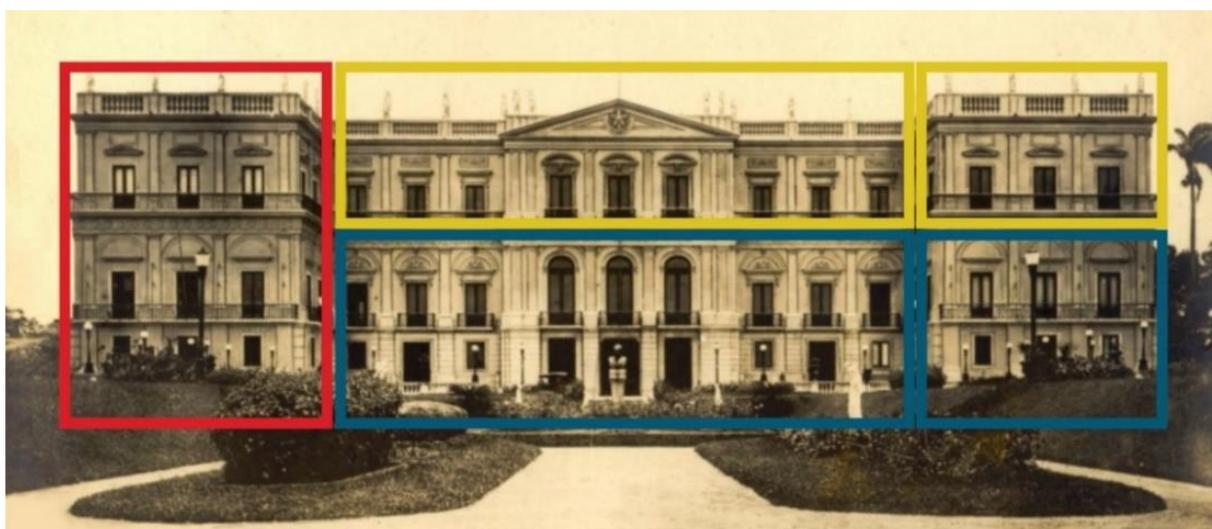


Figura 95 - Vista frontal da fachada do PSC.  
 Fonte: <http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/por-que-estao-suspensas-as-visitas-ao-museu-nacional/> - acesso em 03/11/2019.  
 Inserção, em cores, da autora.

#### 4.1 ANALISANDO O BLOCO II

Agora, já tendo compreendido toda a dinâmica do Paço por meio da sua construção, reconstruções e demolições ao longo dos anos, vamos começar a examinar o PSC pós incêndio – objetivo central da presente investigação.

Ao entrar no Paço, vemos que o Bloco I está todo em obras, pois essa será a primeira parte do museu a ser reconstruída para que ele volte a funcionar. Portanto, devido a essas obras que estão acontecendo no Bloco I (Figuras 96 e 97) e em seus torreões, ficou muito difícil de analisar as paredes internas desse ambiente. Com isso, esse bloco foi descartado para análise.



Figura 96 - Imagem da área interna do Bloco I no 1º pavimento.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.

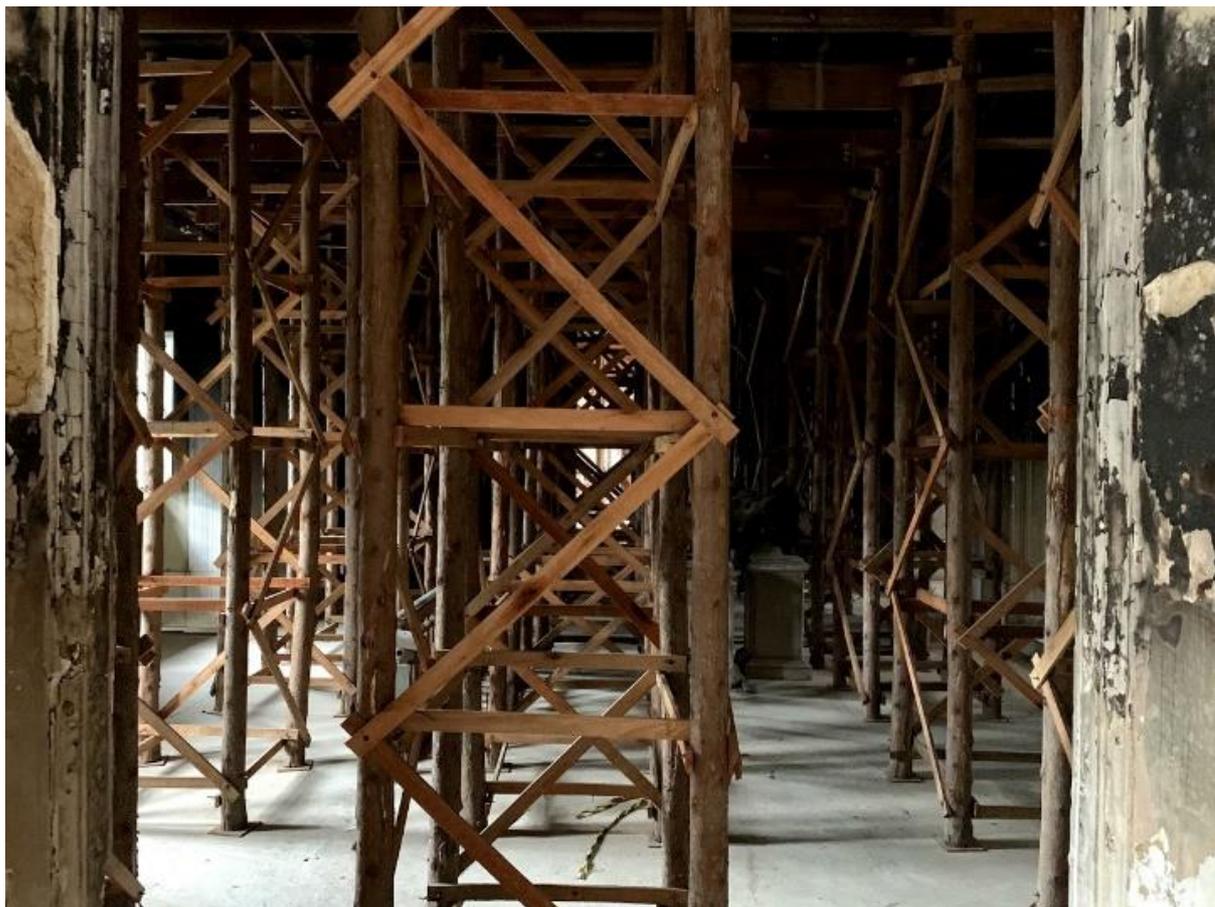


Figura 97 - Imagem da área interna do Bloco I, na área de entrada principal no 1º pavimento onde fica o meteorito Bendegó, que sobreviveu ao incêndio.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.

Apesar das dificuldades de análise desse bloco – Bloco I – com o consequente descarte de análise também de seus Torreões (Norte e Sul), adentrou-se ao PSC pós incêndio e vários detalhes arquitetônicos foram sendo revelados chamando a atenção. Dentre eles, alguns serão aqui apresentados para registro.

Um desses detalhes foi em relação aos vãos internos - que seriam portas - estavam selados por diferentes tipos de materiais referentes aos que estavam a sua volta (Figura 98).

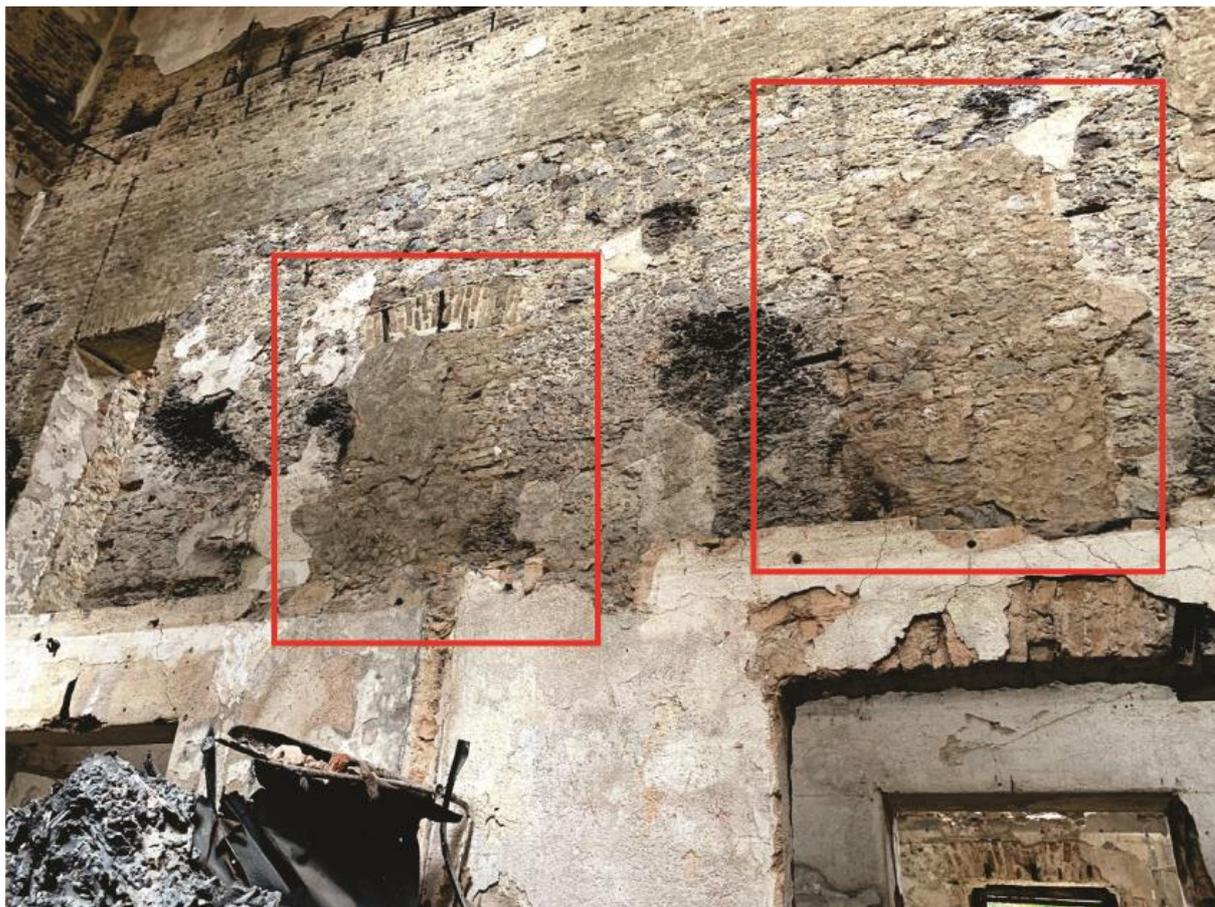


Figura 98 - Exemplo de parede em estrutura de pedra com fechamento em tijolos – Bloco II.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.  
Inserção, em vermelho, da autora.

Na Figura 99, podemos ver de perto a estrutura de paredes autoportantes de pedra sendo revelada embaixo do resto de revestimento do PSC após o incêndio.



Figura 99 - Na imagem, podemos observar a estrutura original do bloco, em paredes autoportantes de pedra – Bloco II.

Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.

Além disso, outro detalhe observado que também chamou a atenção foi em relação a alguns vãos de portas - que eram em arcos - foram fechados para serem transformados em portas retangulares comuns (Figura 100) e até mesmo em portas mais baixas (Figura 101).



Figura 100 - Exemplo de vão de porta em arco localizado no Bloco I, transformada em porta retangular.

Fonte: Registro da autora em 22/07/2019.

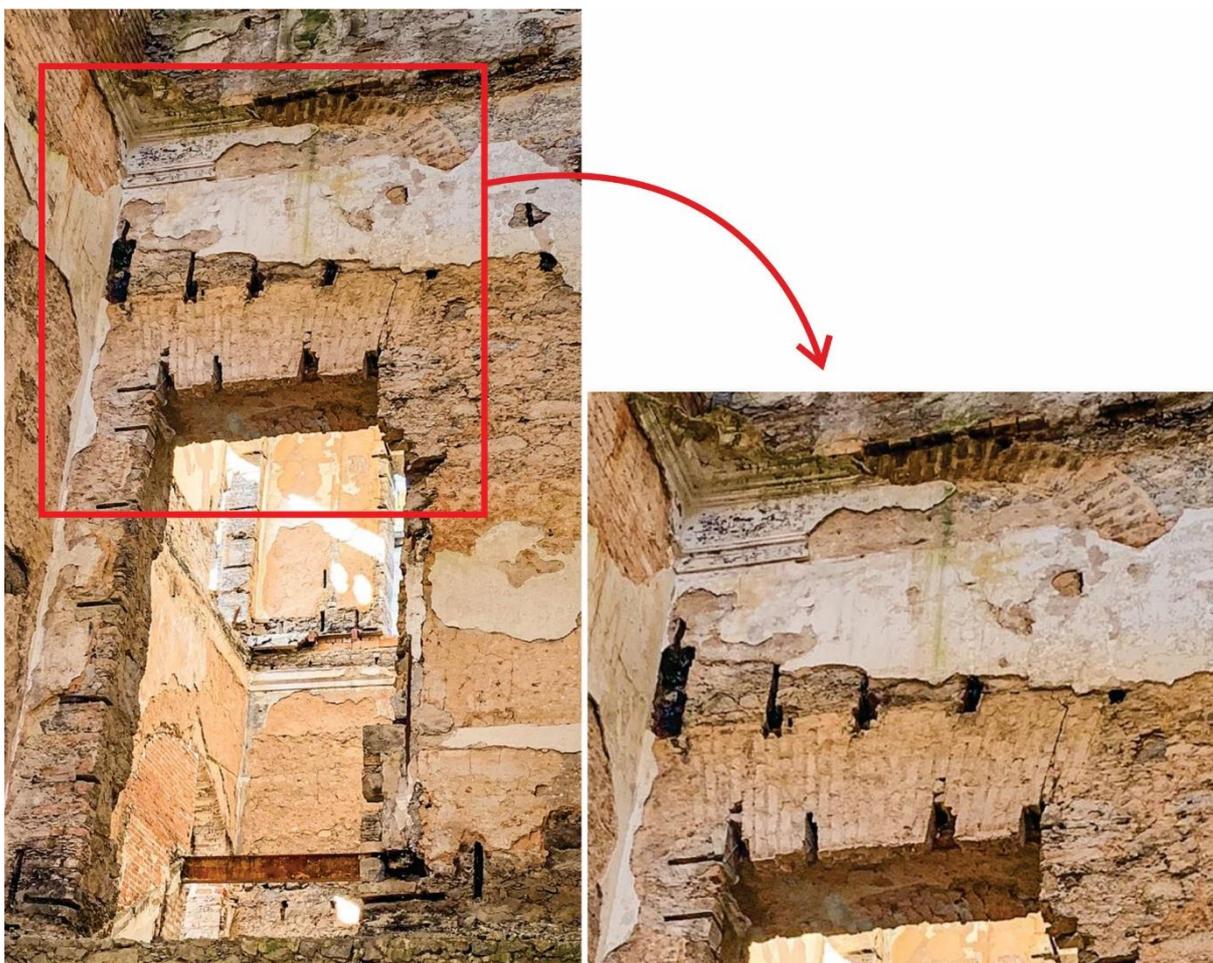


Figura 101 - Outro exemplo de vão de porta em arco localizado no Bloco I, que além de ser transformada em porta retangular, também teve sua altura diminuída drasticamente.  
Fonte: Registro da autora em 22/07/2019.

Outro detalhe curioso: algumas janelas que estão voltadas para o exterior também foram totalmente fechadas (Figura 102):



Figura 102 - Exemplo janela totalmente fechada por tijolos no Bloco III.  
Fonte: Registro da autora em 22/07/2019.  
Inserção, em vermelho, da autora

Depois de caminhar e analisar o Paço pós incêndio cuidadosamente, tanto *in loco* como pelas imagens tiradas nas visitas por inteiro e também analisar sua história por meio da tese de Biene (2013) e da Dissertação de Dantas (2007) – que são referências no assunto – O bloco escolhido para ser feita a análise desse capítulo foi o **Bloco II**<sup>46</sup> – Fachada Sul (Figura 103), visto que ele é o que possui uma maior relevância histórica dentre os outros Blocos III e IV (já que o Bloco I descartado devido à impossibilidade de obter boas imagens, conforme demonstrado anteriormente na presente dissertação).

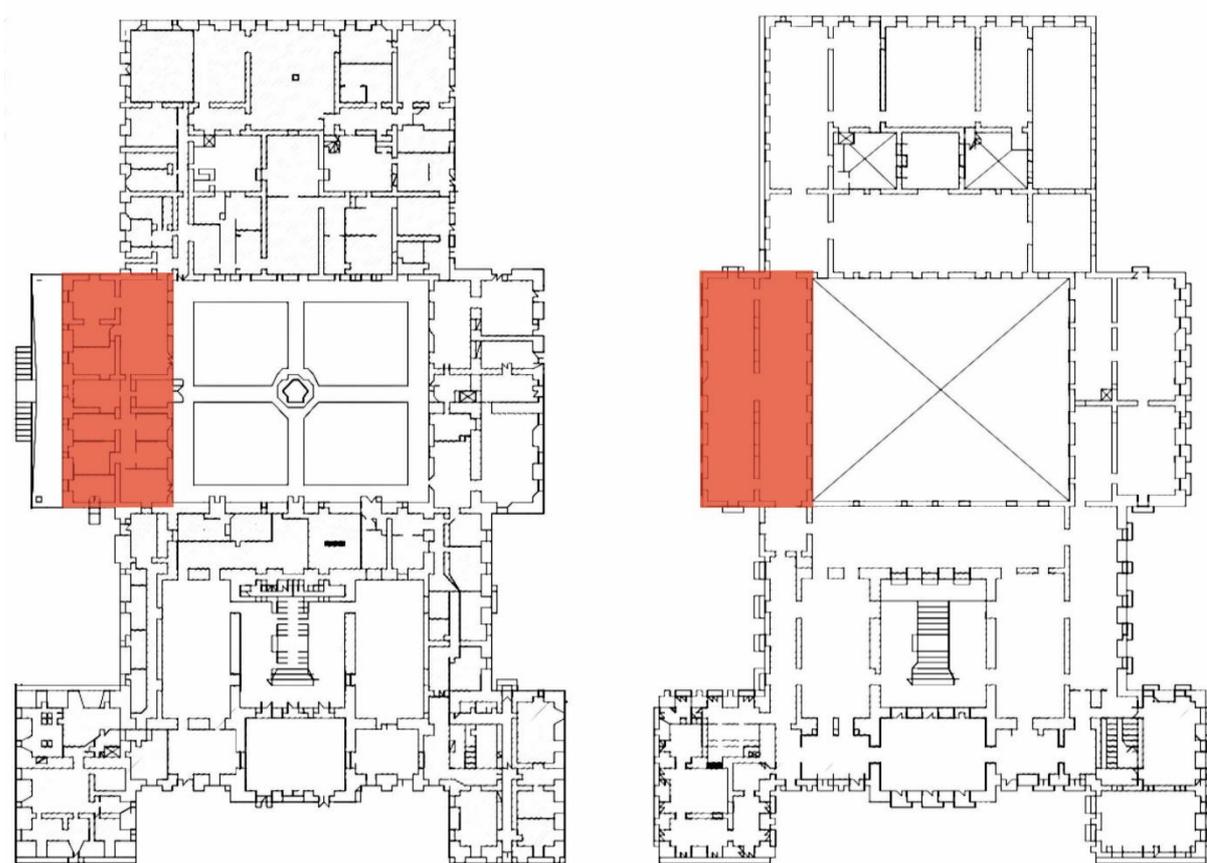


Figura 103 - Planta Baixa do 1º e 2º pavimentos do PSC com o destaque em vermelho para o Bloco II – Sul, que será analisado na presente dissertação.  
Fonte: Elaborada pela autora.

---

<sup>46</sup> Grifo da autora.

Na época de D. João VI esse bloco foi o aposento de D. Pedro I solteiro e, logo após, quando casou com D. Leopoldina, também se tornou moradia inicial dela. D. Pedro I morou nesse bloco de 1818 até 1829, enquanto D. Leopoldina morou nesse bloco desde sua chegada em 1817 até 1822, quando se mudou para o Torreão Norte. Esse bloco também foi o local onde ficava a capela até aproximadamente 1860, como podemos rever em ordem cronológica alguns acontecimentos marcantes de quem estava à frente do Paço junto com a linha do tempo do Bloco II com seus habitantes e volumetria (Figura 104):

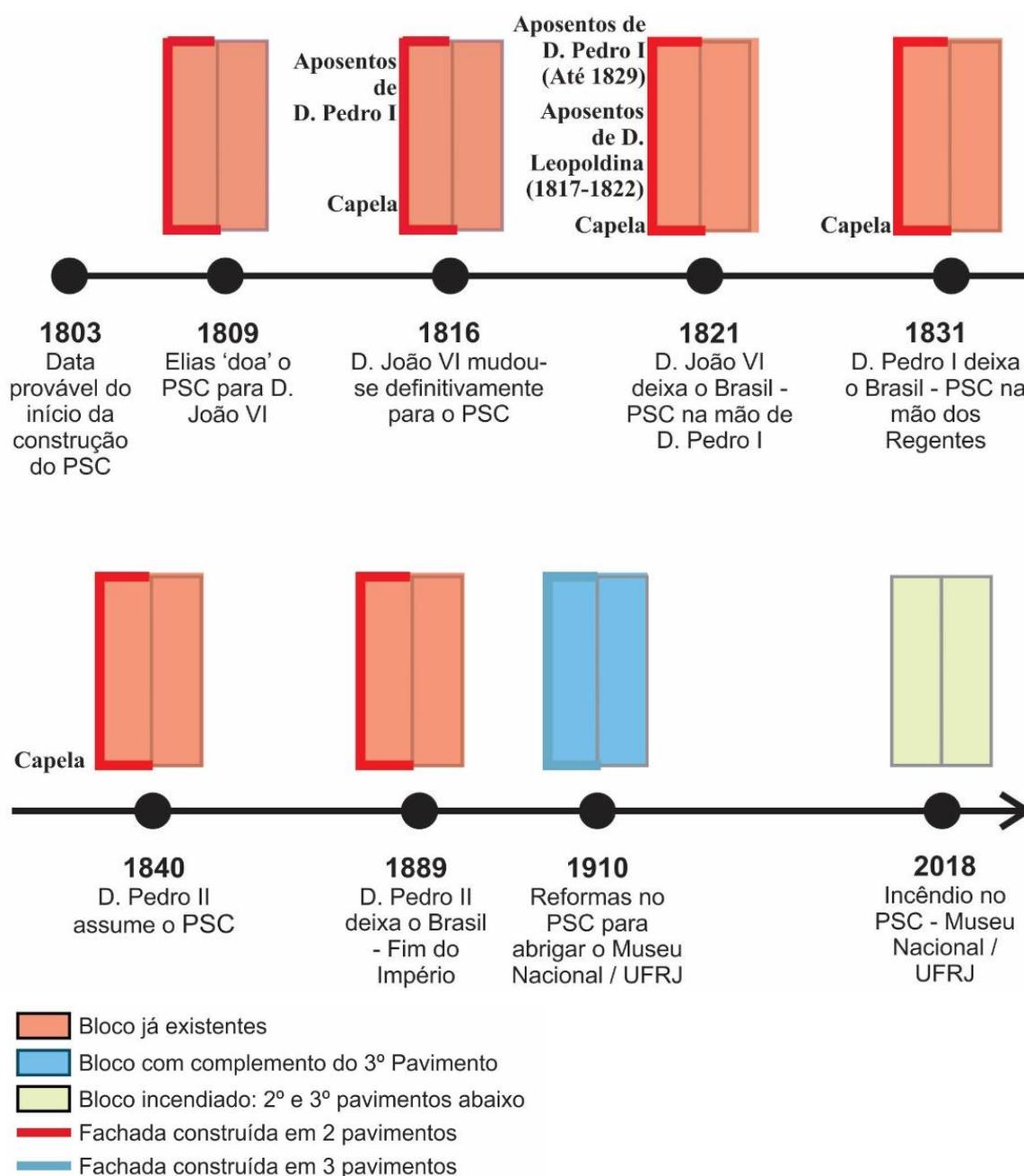


Figura 104 - Ordem Cronológica do Paço referente a seus habitantes ilustres no Bloco II.  
Fonte: Elaborada pela autora.

Nessa outra imagem (Figura 105), vemos uma linha do tempo com pinturas do PSC, onde conseguimos evidenciar que o Bloco II já existia provavelmente desde o início da construção do prédio. Infelizmente, não foram encontradas imagens de algumas épocas que tivessem no ângulo o Bloco II, mas podemos deduzir a permanência dele por sua existência até os dias atuais.

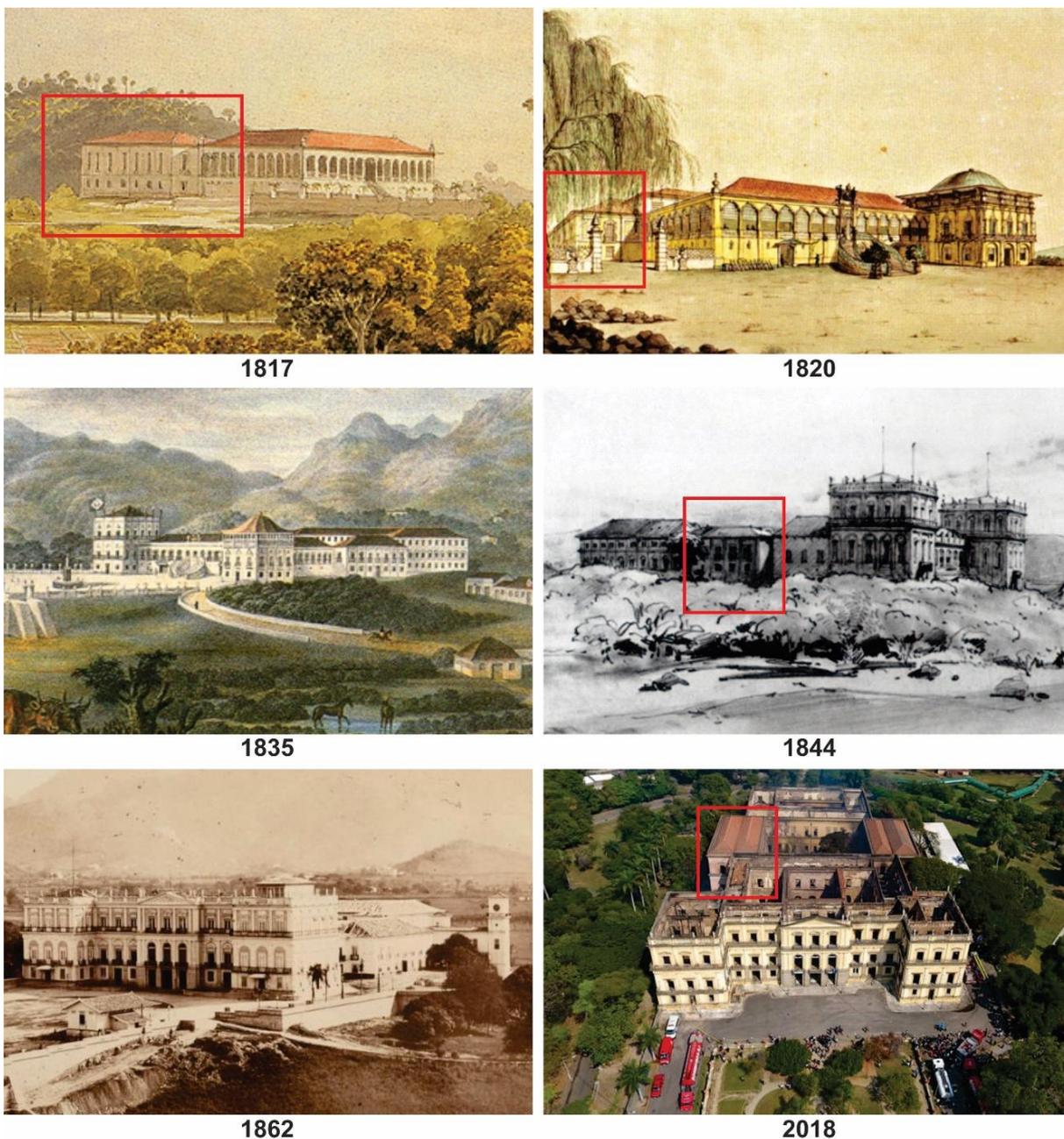


Figura 105 - Ordem Cronológica do Paço, mostrando a existência do Bloco II desde sua construção. Fonte: Elaborada pela autora.

Imagem (1862): <http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliانا/handle/20.500.12156.1/2038>

Imagem (2018): <http://seguindopassoshistoria.blogspot.com/2018/09/a-casa-do-imperador-do-paco-de-sao.html> -

Inserção, em vermelho, da autora.

Outra questão importante é que, na presente dissertação, o terceiro pavimento foi deixado de lado visto que este pavimento, no bloco que será estudado, foi uma construção posterior datada de 1910, época em que o Brasil já estava no período republicano. Na Figura 106, podemos observar claramente a diferença de materiais usados no primeiro e segundo pavimentos; enquanto esses eram basicamente paredes autoportantes de pedra, observamos que o terceiro pavimento é todo em tijolo.



Figura 106 - Comparação entre os métodos construtivos e materiais dos três pavimentos do Bloco II do PSC.

Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.

Primeiramente, vamos analisar as paredes “nuas” vistas de cada ângulo, conforme as plantas e imagens a seguir. Lembrando que o 1º e 2º pavimentos serão analisados a fim de ratificar as aberturas do pavimento superior, pois a arquitetura neoclássica tem como características a funcionalidade das construções, prezando a clareza construtiva e também o uso de proporção e simetria, como veremos na Figura 107, analisando a planta baixa do 1º e 2º pavimentos.

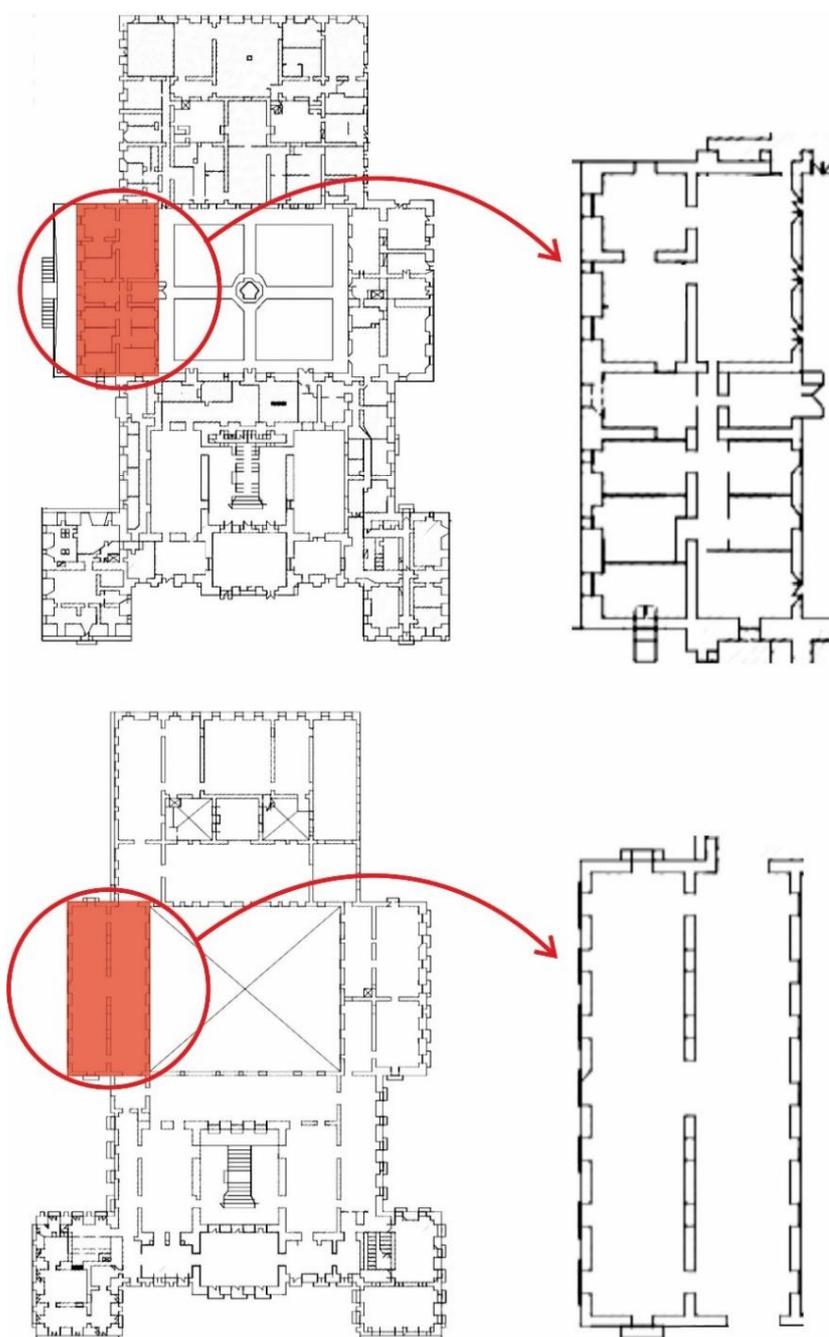


Figura 107 - Em cima, a planta Baixa do 1º pavimento e, embaixo, a planta baixa do 2º pavimento do PSC, com detalhe ampliado do bloco II.  
Fonte: Elaborada pela autora.

A fim de se situar em cada fotografia, todas terão a planta em detalhe como mosca, tendo em cada imagem uma seta vermelha apontando a direção que a fotografia foi tirada. Agora, dando foco às paredes do bloco II em sua “essência”, pretendendo iluminar um pouco mais da história da arquitetura do interior PSC.

Na primeira imagem analisada (Figura 108), vemos que ambos os vãos do primeiro e segundo pavimentos que dão acesso pelo Bloco I ao Bloco II não foram modificados. Com isso, podemos observar seus portais em arcos em tijolos maciços, onde também o vão do segundo pavimento se manteve curvo e suas ornamentações também resistiram.

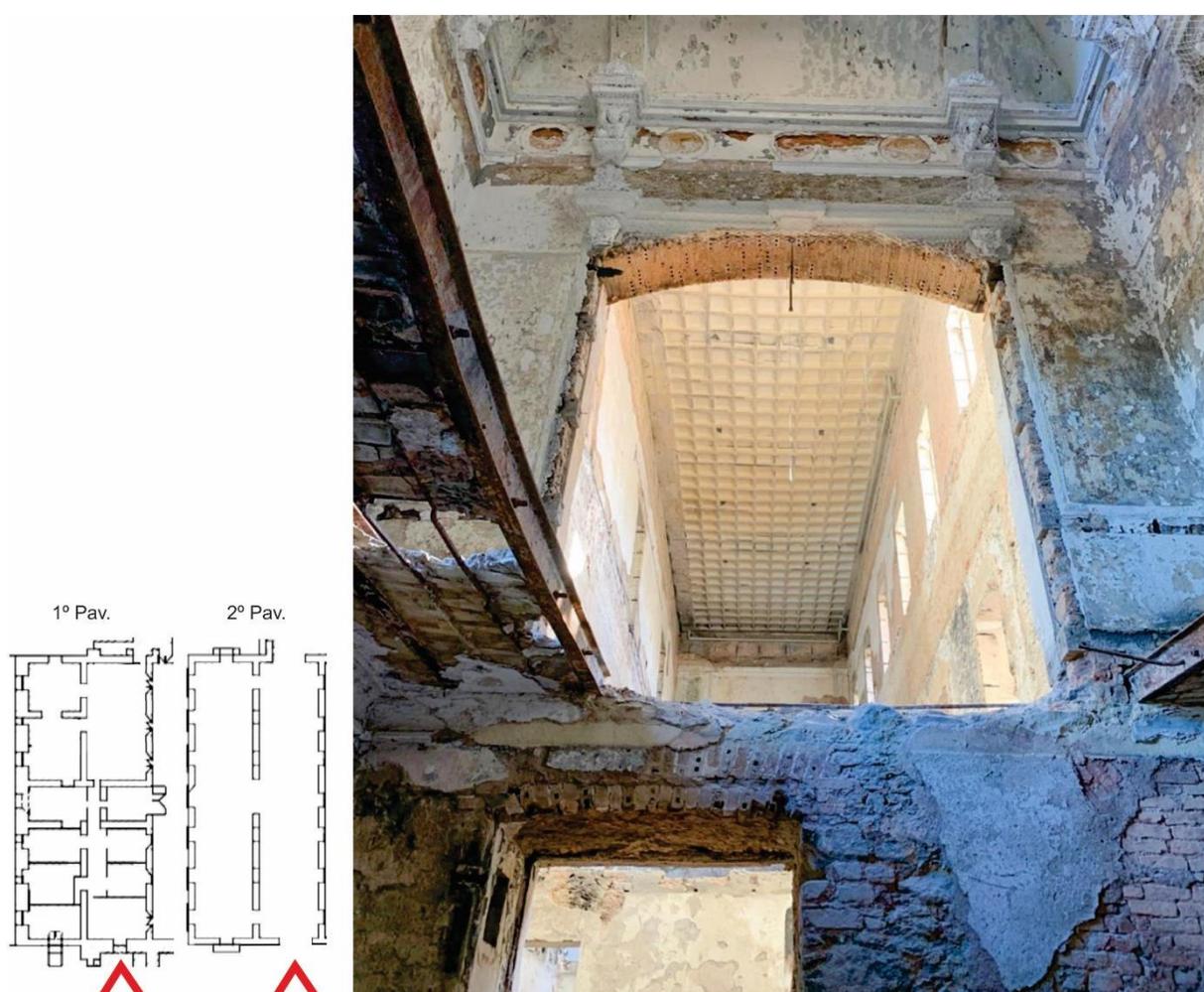


Figura 108 - Vista do 1º e 2º pavimentos no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho.  
Fonte: Registro da autora em 22/07/2019.

Na Figura 109, parte do primeiro pavimento dessa vista não aparece muito, mas sabemos que ela sempre foi uma parede fechada por meio de análise das plantas baixas do PSC de 1864 em comparação com a atual. Em relação ao vão do segundo pavimento, este se encontra aberto e sua estrutura é retangular, tendo seu vão se sustentado por meio de tijolos maciços.



Figura 109 - Vista do 1º e 2º pavimentos no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.

Na Figura 110, verificamos que no segundo pavimento existia uma antiga porta que foi fechada com tijolos, provavelmente fechada na época da reforma de 1910. Podemos ver que seu formato é em arcos em tijolos maciços e não retangular conforme mostra a imagem anterior. Na imagem também conseguimos observar mais claramente a construção em paredes autoportantes de pedra, como vimos no capítulo 3 da presente dissertação.

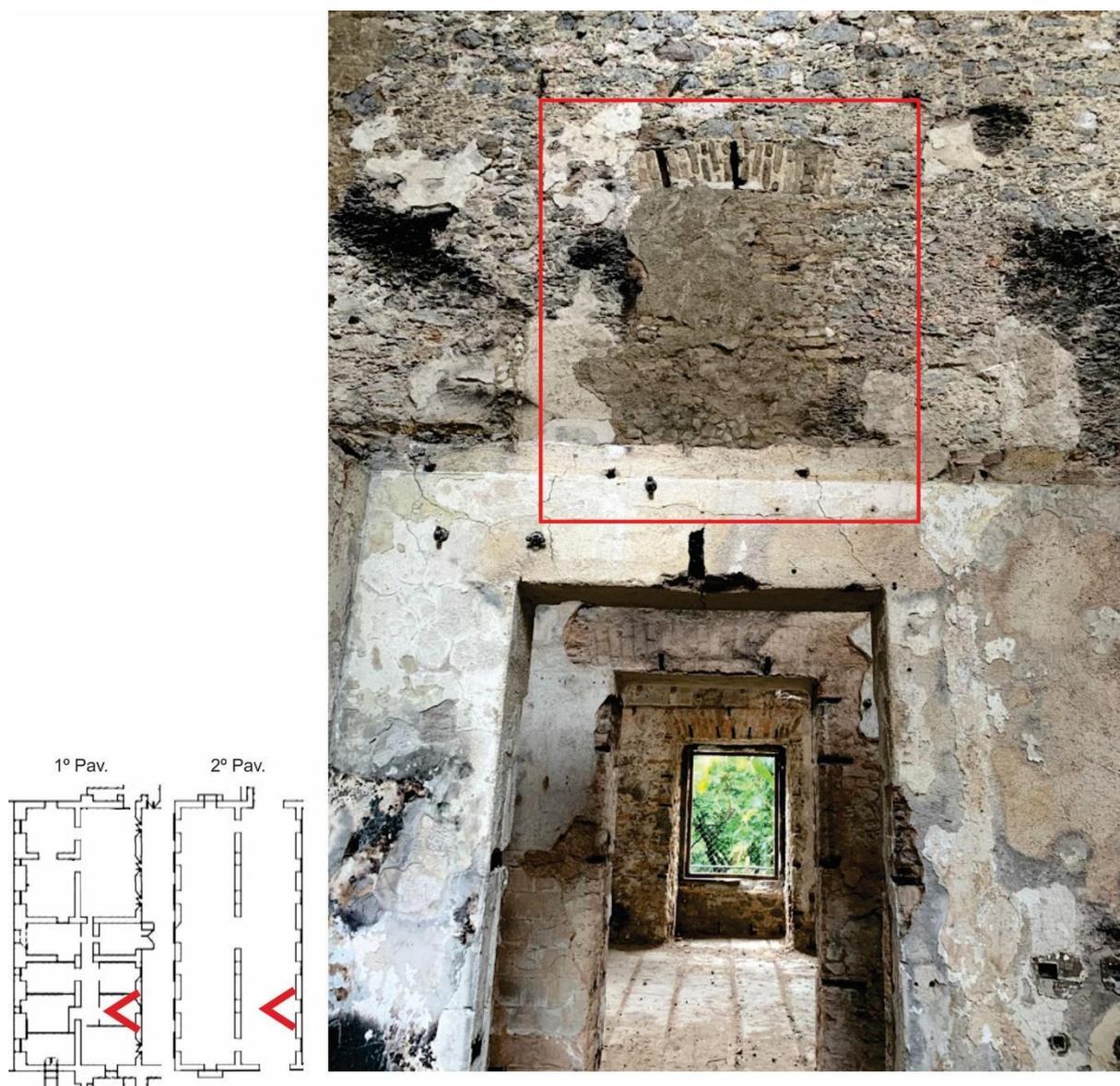


Figura 110 - Vista do 1º e 2º pavimentos no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.  
Inserção, em vermelho, da autora.

Agora, ampliando a imagem anterior para focarmos nos vãos do primeiro pavimento, podemos observar que a primeira porta (Figura 111 – o último detalhe em vermelho da esquerda para a direita) é reta, porém como ela ainda continuou com algum revestimento. Ficamos impossibilitados de saber se ela é em arcos ou em tijolos maciços.

Em relação a outra porta (detalhe em vermelho do meio) e na janela (primeiro detalhe em vermelho da esquerda para a direita) temos a confirmação dos seus arcos em tijolo, como o resto dos vãos do Bloco II (1º e 2º pavimentos).

Infelizmente, não há imagens mais detalhadas de cada abertura, pois novas ideias foram surgindo conforme o andamento da dissertação e com isso, a necessidade de novas imagens se tornou interessante. Porém, devido à Pandemia do COVID-19 (decretada pela OMS em 11/03/2020), houve a impossibilidade de retornar à campo para os registros finais mais adequados para essa dissertação.



Figura 111 - Vista do 1º pavimento no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho e os traços em vermelho mostram quais são esses vãos.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.

Na Figura 112, está um pouco mais difícil de ver a parte de cima da porta do segundo pavimento, porém, por meio da simetria intrínseca do estilo Neoclássico, podemos deduzir que essa porta tem formato em arcos em tijolos maciços como a outra porta que seria simétrica, onde podemos observar na Figura 118 mais a frente neste mesmo capítulo.

Conseguimos ver claramente a diferença do material usado para fechá-la, que aparenta ser algum tipo de tijolo com outros pedaços de entulho, enquanto ao seu lado, observamos as paredes originais autoportantes de pedra do Paço, visto que esse foi um dos primeiros blocos a ser construído.



Figura 112 - Vista do 1º e 2º pavimentos no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.  
Inserção, em vermelho, da autora.

Aproximando a imagem anterior, a fim de detalhar mais os vãos do primeiro pavimento, podemos observar que a primeira porta (Figura 113 – o último detalhe em vermelho da esquerda para a direita) é reta e podemos ver atrás do reboco que se soltou, que ela é em arcos em tijolos maciços.

Já na outra porta (detalhe em vermelho do meio) está ainda toda revestida, mas como já analisamos outros vãos suficientemente desse Bloco, podemos deduzir que esse vão e a janela (primeiro detalhe em vermelho da esquerda para a direita) possuem estrutura de pedra e seus arcos elaborados em tijolo maciço.



Figura 113 - Vista do 1º pavimento no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho e os traços em vermelho mostram quais são os vãos.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.

Esse é o maior vão do bloco II, tanto no primeiro quanto no segundo pavimento, possuindo arcos em tijolos maciços a fim de vencer a largura maior do vão. Na Figura 114, podemos ver que esse vão permanece existente no segundo pavimento, além de marcar o ponto central dessa parede; de onde todas as outras aberturas para os lados direito e esquerdo, são simétricas.

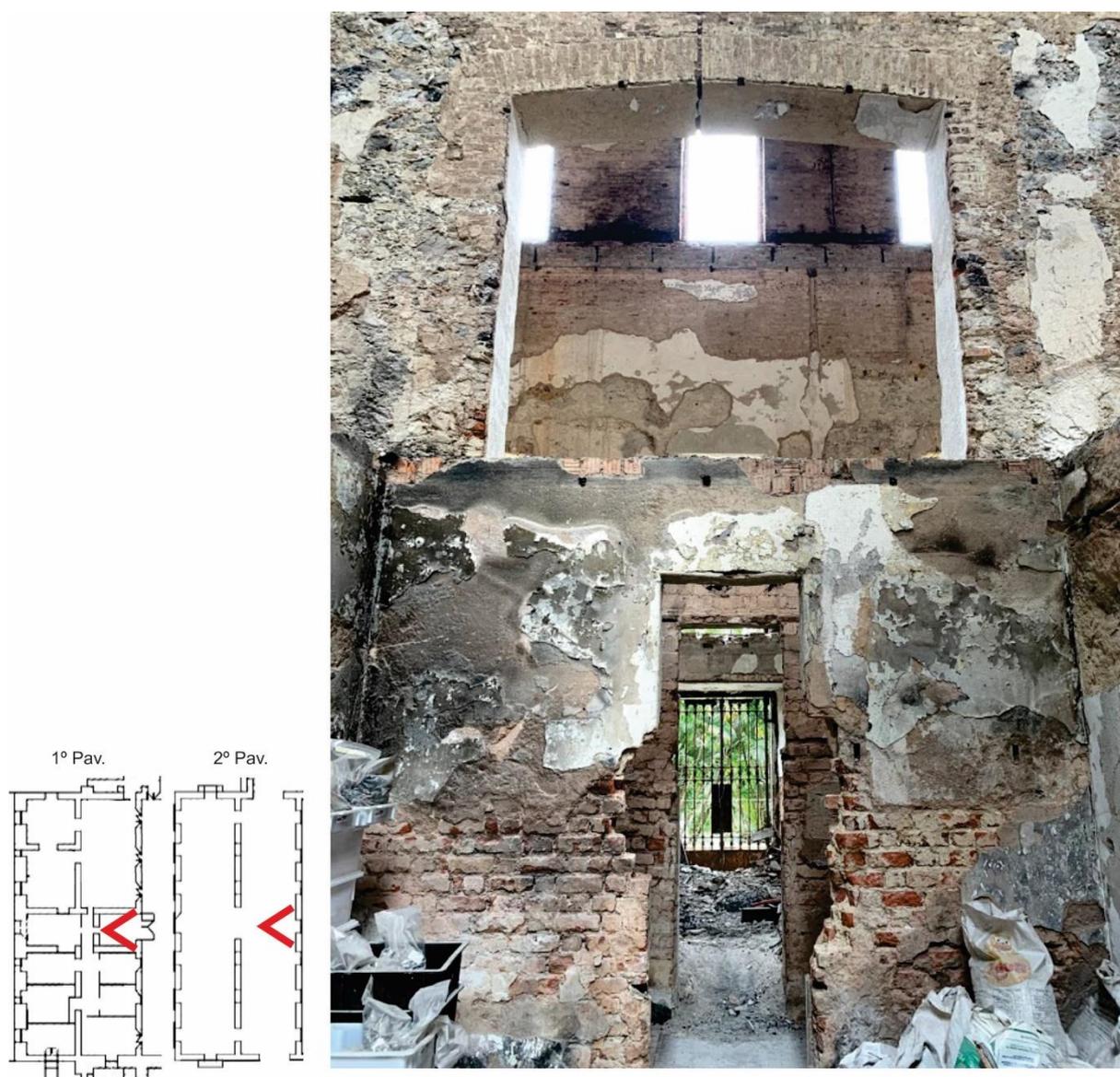


Figura 114 - Vista do 1º e 2º pavimentos no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.

No detalhe do primeiro pavimento da figura anterior, observamos que a primeira porta (Figura 115 – o último detalhe em vermelho da esquerda para a direita) é demasiada estreita assim como a segunda porta que vemos na imagem (detalhe em vermelho do meio). Além da largura visivelmente diferente das outras, podemos ver que em vários espaços ela está com sua estrutura de fora onde podemos observar tijolos, e não pedras que nem eram as estruturas das outras analisadas.

Com essa dúvida, por meio da observação da Planta baixa do PSC de 1864 (Figura 116), podemos chegar à conclusão que esses vãos realmente não existiam originalmente, tendo sido construídos, provavelmente, na reforma de 1910.

Por último, a janela (primeiro detalhe em vermelho da esquerda para a direita) possui estrutura de pedra e seus arcos em tijolo maciço como todas as outras desse bloco.

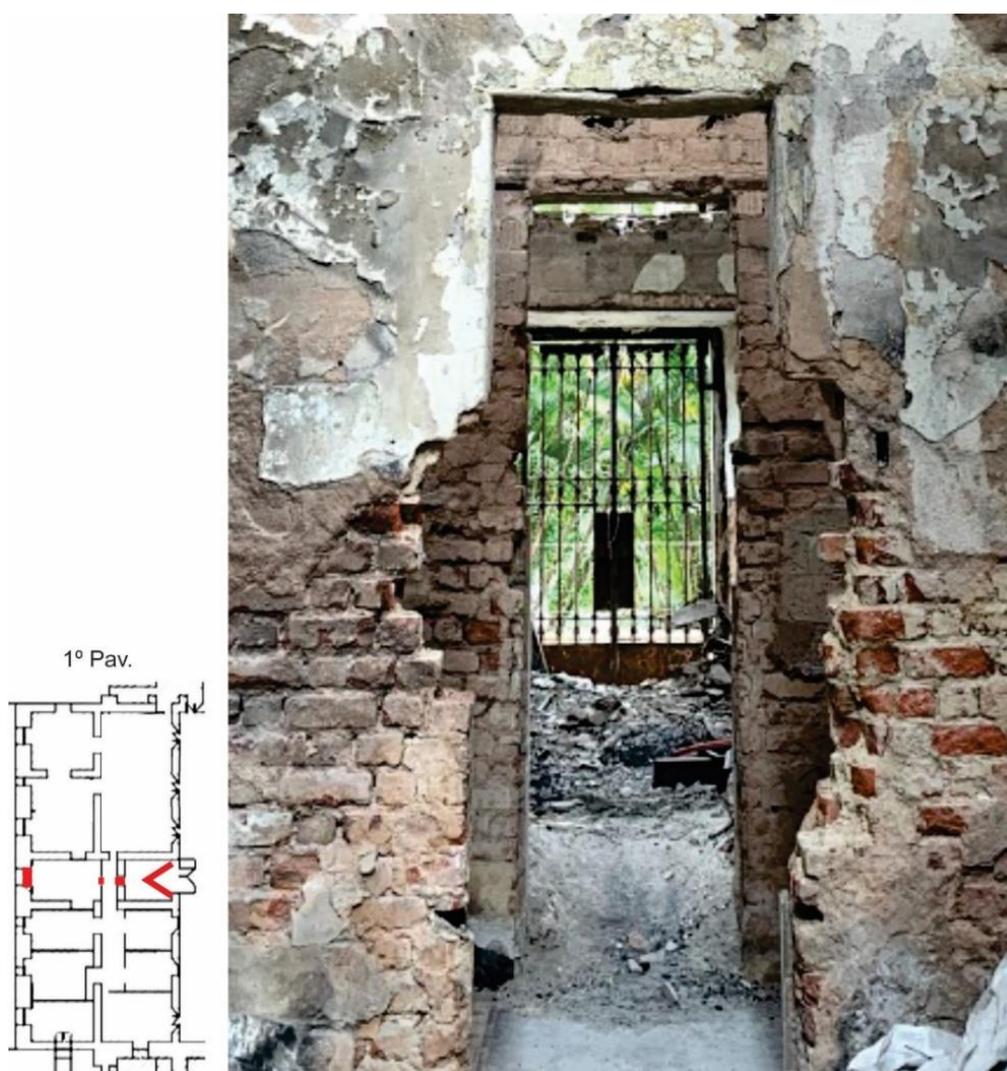


Figura 115 - Vista do 1º pavimento no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho e os traços em vermelho mostram quais são os vãos.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.

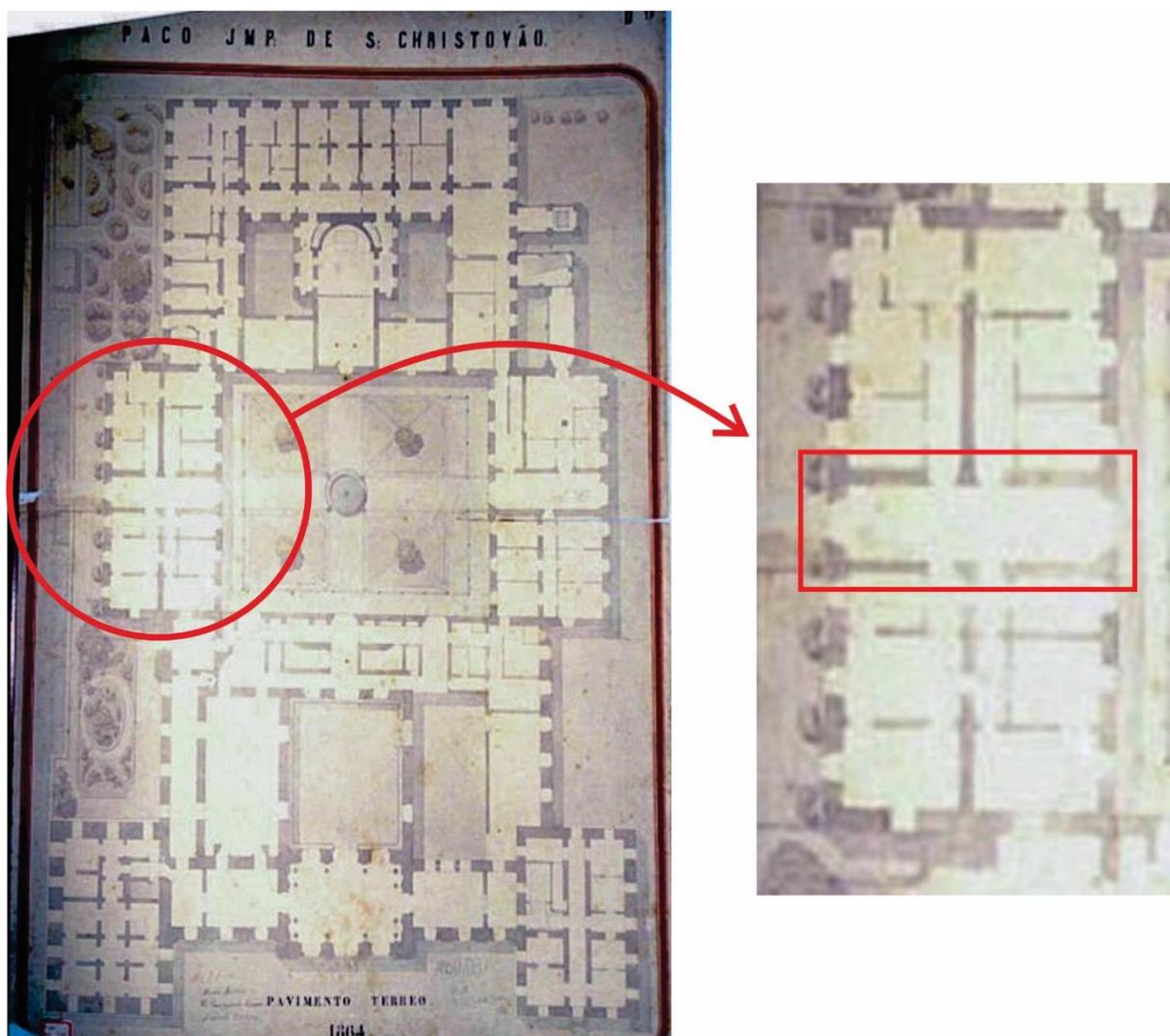


Figura 116 - Planta Baixa de 1864 do 1º pavimento com detalhe para o Bloco II – Sul, ratificando a inexistência dos outros vãos existentes no Paço atual (em vermelho).  
Fonte: (BIENNE, 2013, p. 265).

Na Figura 117, podemos ter a vista ao contrário - da parte central olhando para dentro do Paço – além disso, podemos ver ao fundo o seu jardim interno. Também vemos o vão da porta do primeiro pavimento em arco de tijolos maciços e estrutura de pedras no seu lado, demonstrando assim ser uma abertura da estrutura original.



Figura 117 - Vista do 1º e 2º pavimentos no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho.  
Fonte: Registro da autora em 22/07/2019.

Na Figura 118, novamente vemos que no segundo pavimento a porta ali existente foi fechada. O seu formato é em arcos em tijolos maciços. Enquanto isso, no primeiro pavimento sempre foi uma parede totalmente vedada.

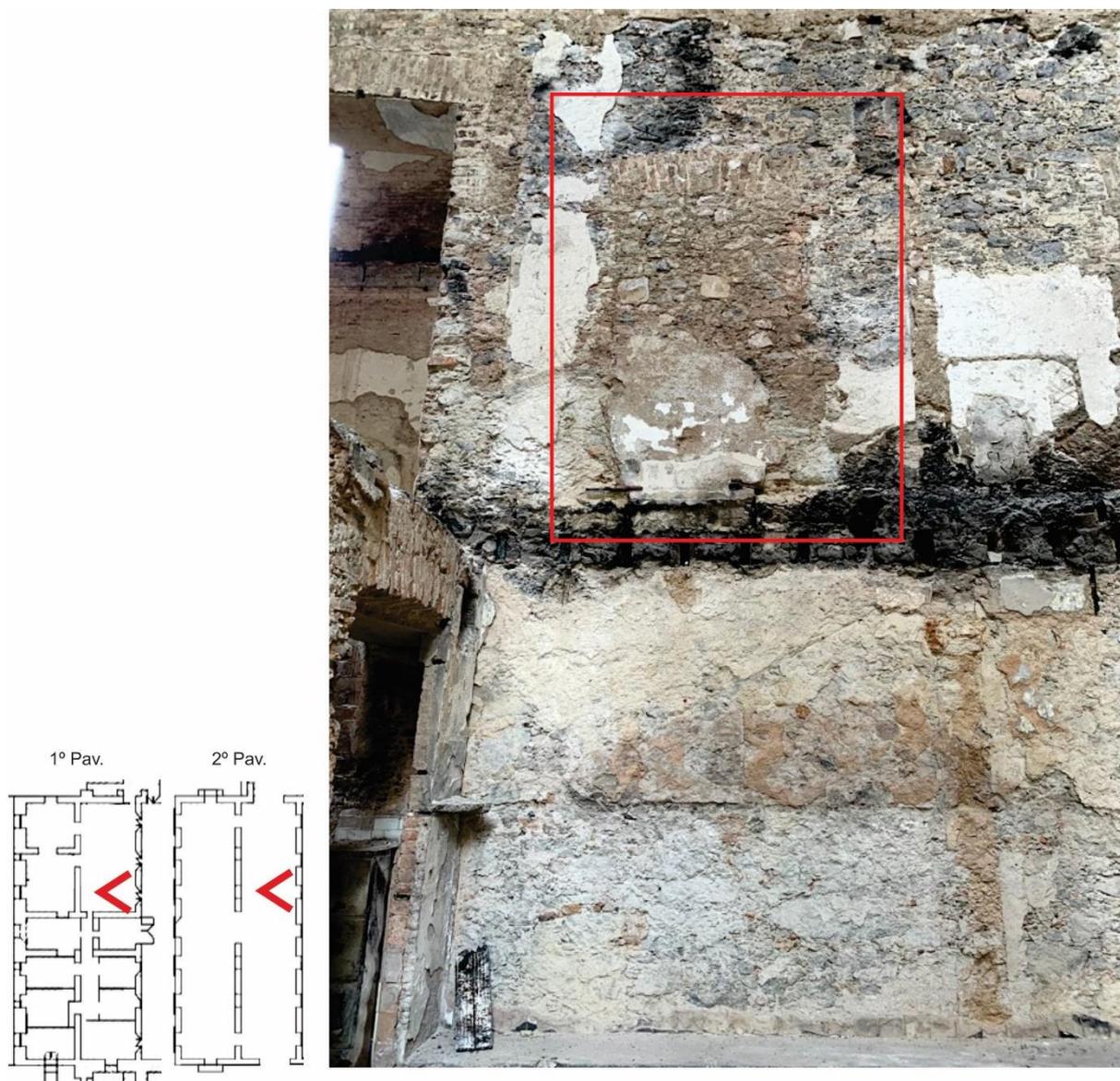


Figura 118 - Vista do 1º e 2º pavimentos no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.  
Inserção, em vermelho, da autora.

Ampliando um pouco a imagem anterior (Figura 119), podemos ver a porta lateral, que possui seu formato em arcos em tijolos maciços, confirmando que essa já era uma passagem existente no PSC no período Real. A fim de ratificar essa informação, por meio da observação da planta baixa do PSC de 1864 (Figura 120), podemos chegar à conclusão de que esse vão realmente já existia nessa época.

Além disso, nesta planta também verificamos que essas paredes eram tão espessas quanto as paredes em torno do Bloco II e na parede central deste – as quais já tivemos a confirmação de serem paredes autoportantes de pedra - o que nos leva a acreditar que elas também são paredes autoportantes de pedra da época original de sua construção (época em que era a Chácara pertencente à Elias).

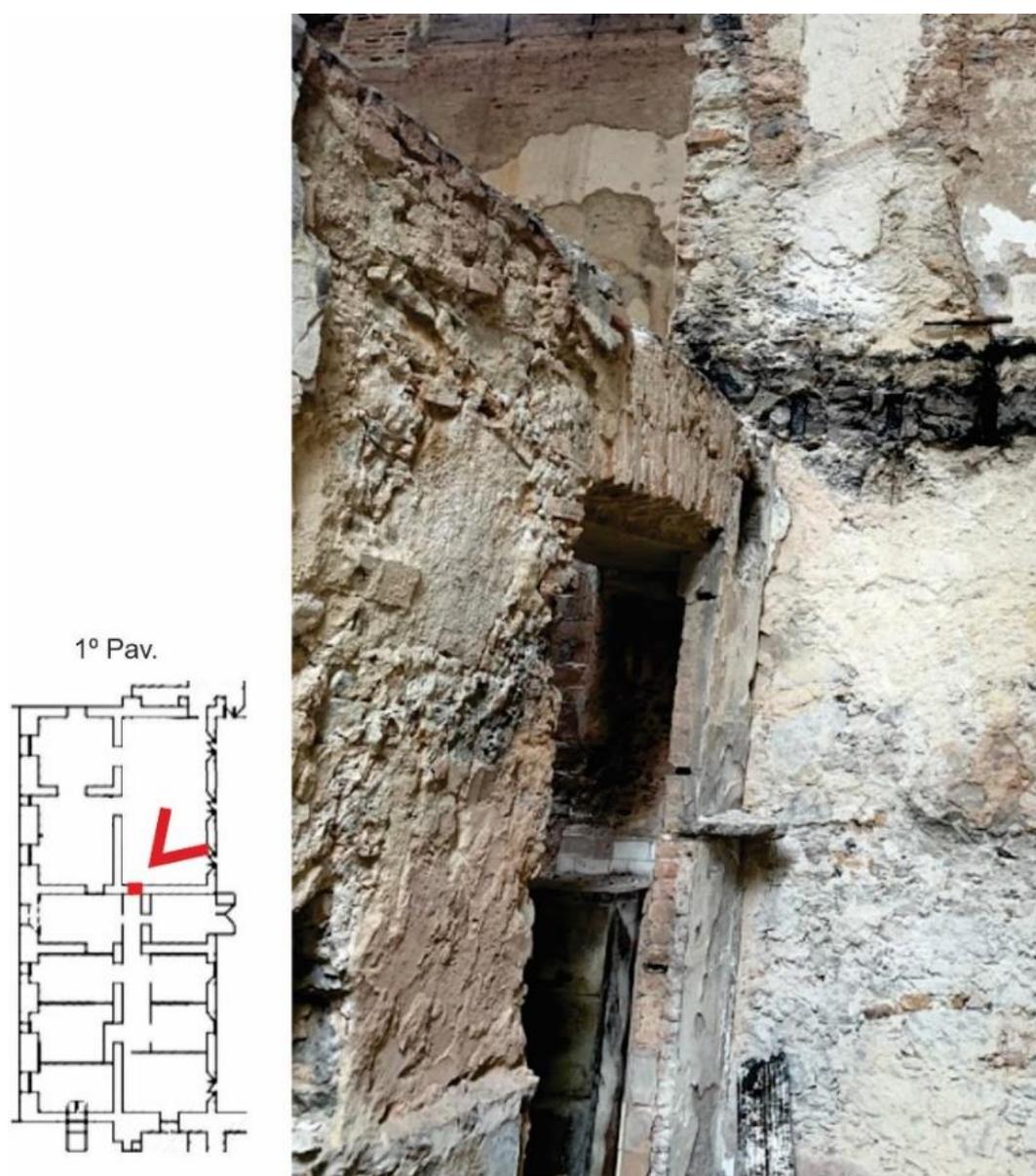


Figura 119 - Vista do 1º pavimento no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho e o traço em vermelho mostra o vão analisado.

Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.

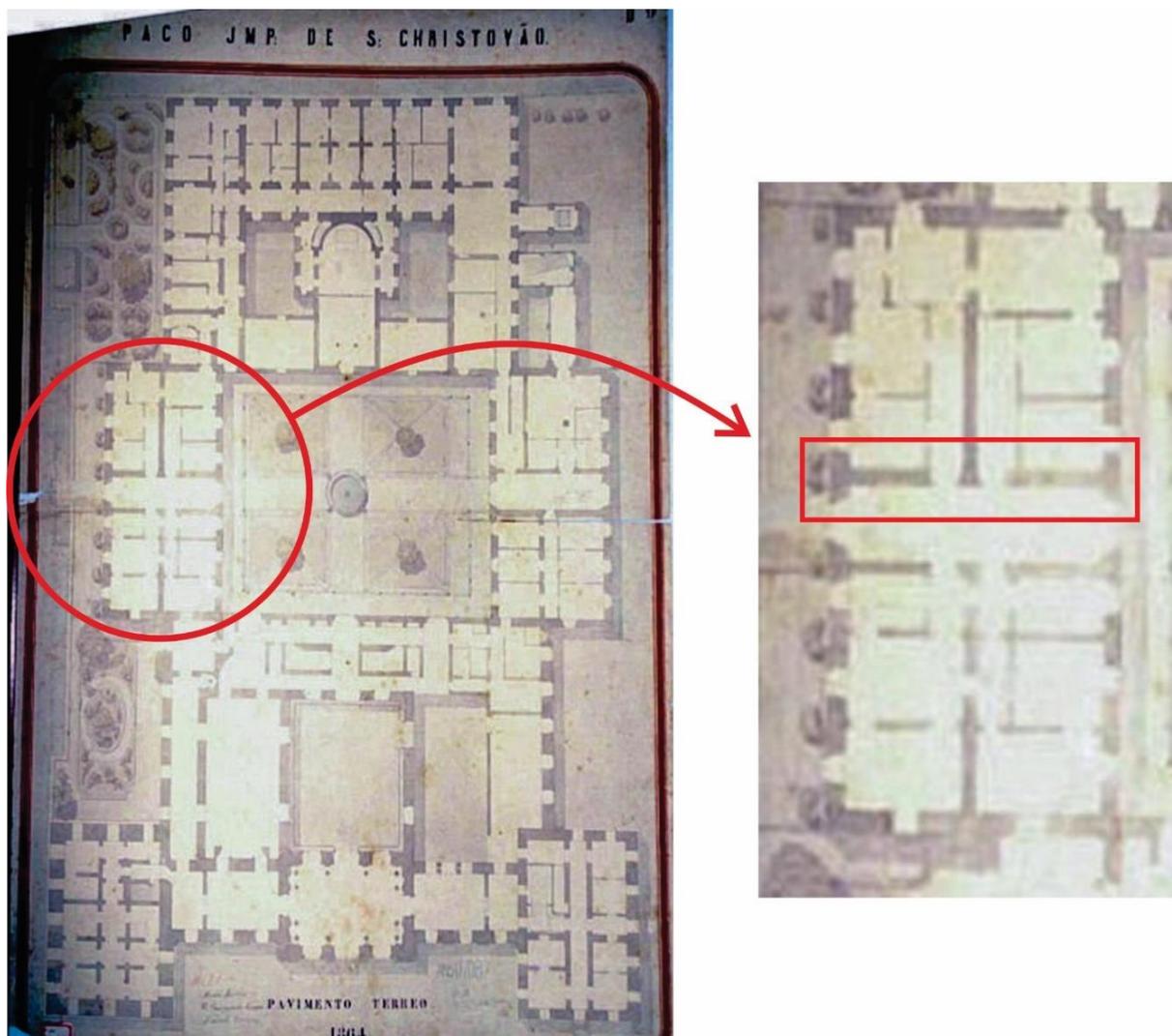


Figura 120 - Planta Baixa de 1864 do 1º pavimento com detalhe para o Bloco II – Sul, ratificando a inexistência dos outros vãos existentes no Paço atual (em vermelho).  
Fonte: (BIENNE, 2013, p. 265).

Novamente, na Figura 121, vemos o mesmo fenômeno se repetir; porta com o vão fechado e seu formato em arcos em tijolos maciços. Outra repetição identificada nessa imagem, assim como em algumas das imagens anteriores, pois há toda uma linha de aberturas na mesma direção, característica essa do Neoclassicismo, que sempre preza pelo uso da proporção e simetria.

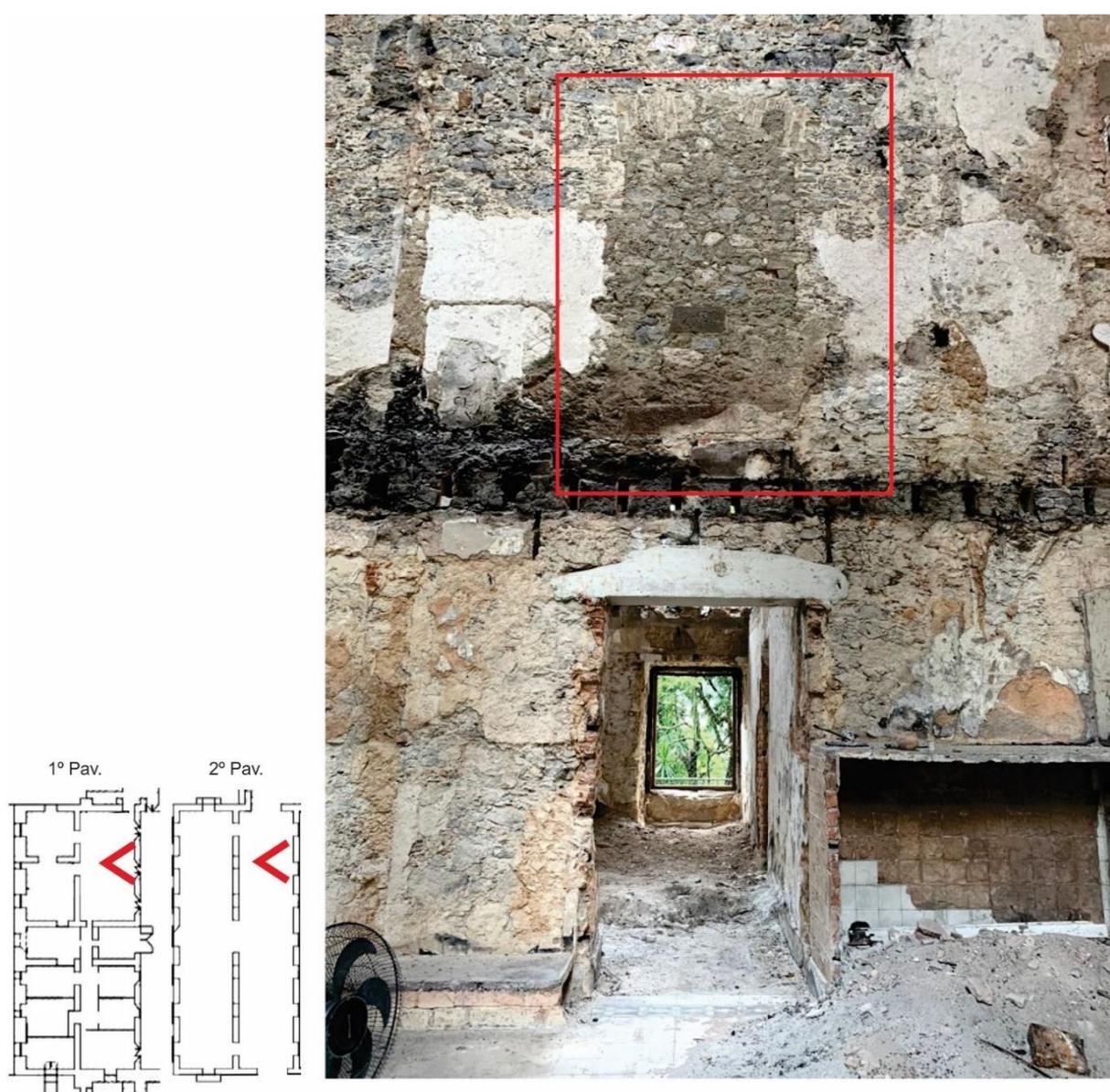


Figura 121 - Vista do 1º e 2º pavimentos no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.  
Inserção, em vermelho, da autora.

No primeiro pavimento, por meio da ampliação da imagem anterior (Figura 122), podemos chegar à conclusão de que alguma parede foi quebrada, criando um vão bem em frente à janela já existente. Essa mudança provavelmente foi instaurada na reforma de 1910, como podemos concluir por meio da comparação da planta de 1864 com a planta presente no site do MN (Figura 123), na qual já existe abertura desse vão.

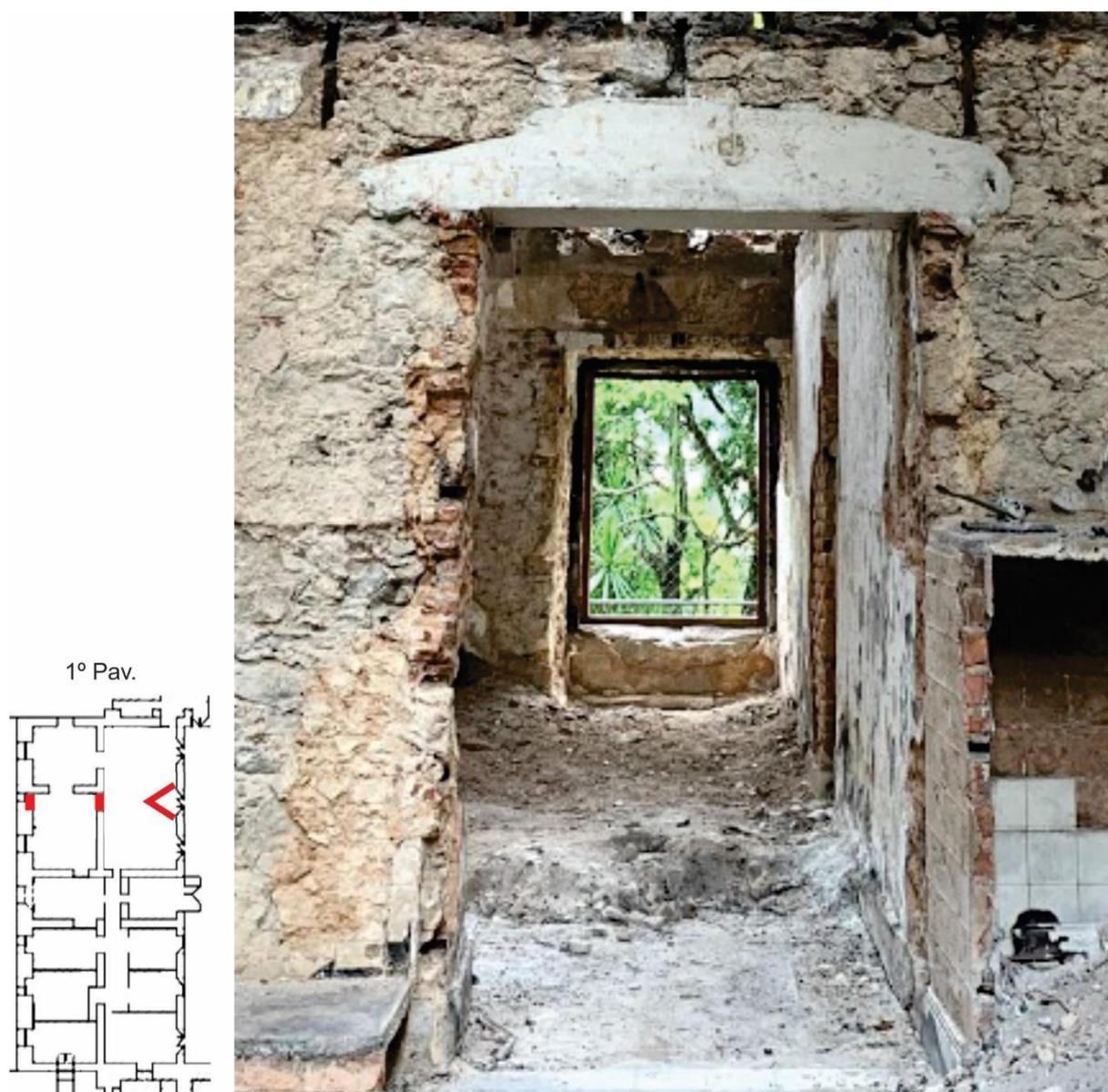


Figura 122 - Vista do 1º pavimento no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho e os traços em vermelho mostram quais são os vãos.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.

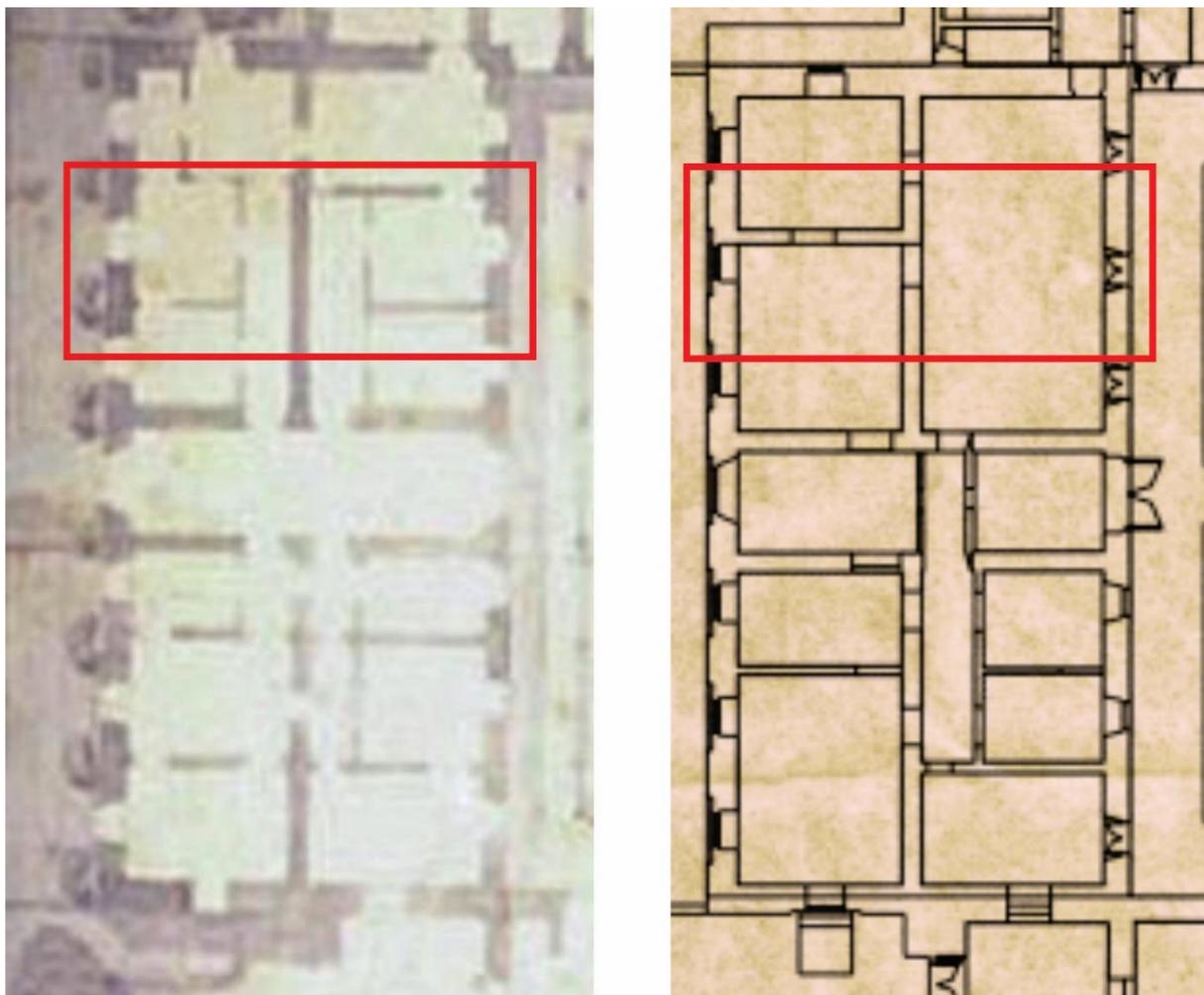


Figura 123 - No detalhe está o Bloco II no 1º pavimento, com a inserção em vermelho para destacar a parte que está sendo analisada. Na imagem da esquerda, observamos a parede toda fechada e com subdivisórias (1864) enquanto na da direita, mais atual, possui um remanejamento do ambiente, com a abertura de uma porta no ângulo de visão observado.

Fonte planta baixa esquerda: (BIENNE, 2013, p. 265).

Fonte planta baixa direita: <http://www.museunacional.ufrj.br/casadoimperador/pavimento1.html>

Inserção, em vermelho, da autora.

Nessa imagem (Figura 124) podemos justamente identificar a falta de simetria entre as portas do primeiro e do segundo pavimento, nos fazendo refletir que essas portas provavelmente são datadas de épocas diferentes, visto que elas se destacam do resto da simetria do Bloco II.



Figura 124 - Vista do 1º e 2º pavimentos no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.  
Inserção, em vermelho, da autora.

Observando apenas o primeiro pavimento (Figura 125), a falta de simetria deste vão, com a janela ao fundo, torna plausível dizer que, este vão, foi uma intervenção realizada após a construção original.

Porém, conseguimos observar logo em cima da sua porta o que parecem ser resquícios de um arco em tijolos maciços. Logo, provavelmente essa alteração ocorreu ainda na época de D. João VI ou D. Pedro I.

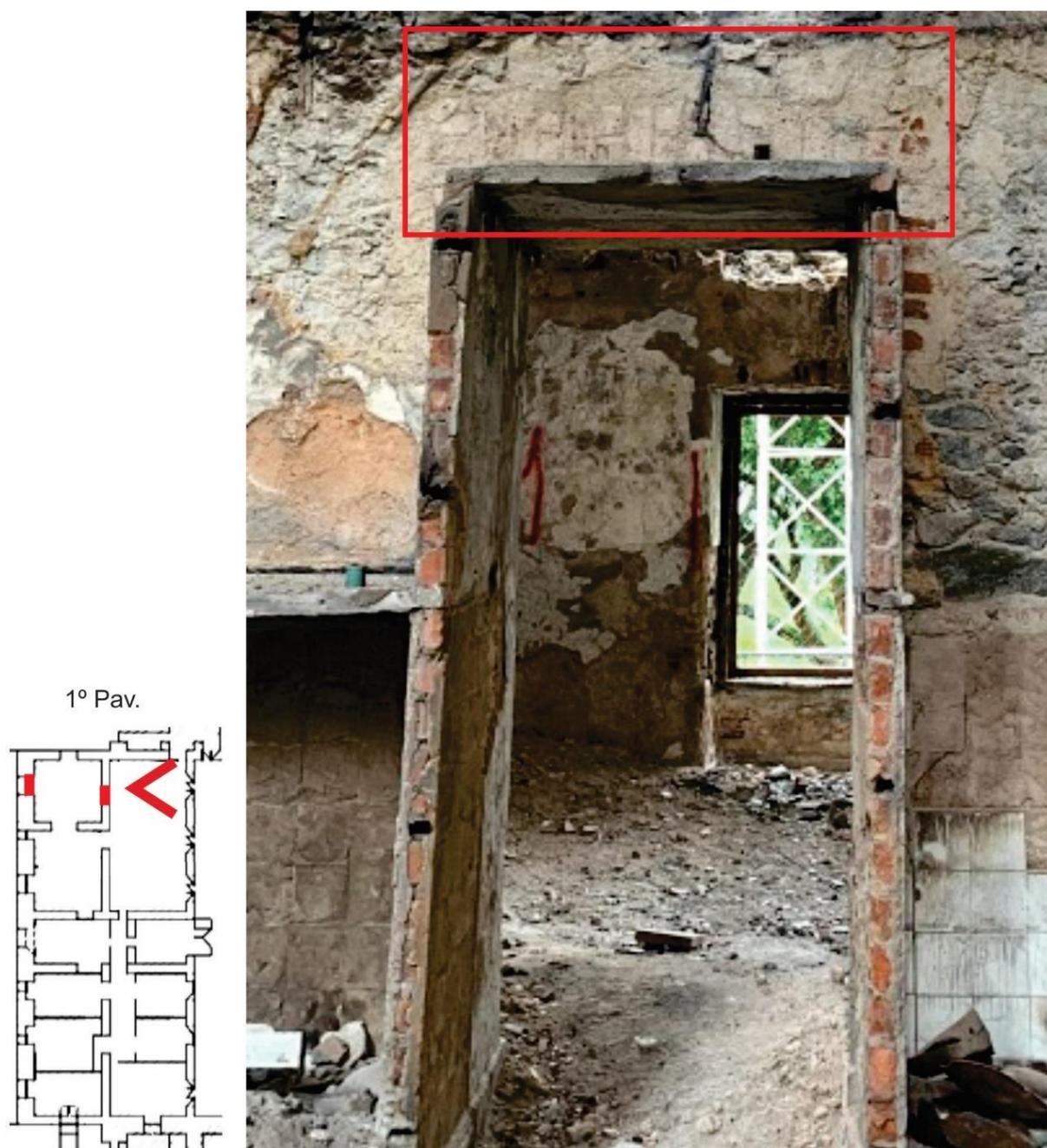


Figura 125 - Vista do 1º pavimento no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho e os traços em vermelho mostram quais são os vãos.

Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.

Inserção, em vermelho, da autora.

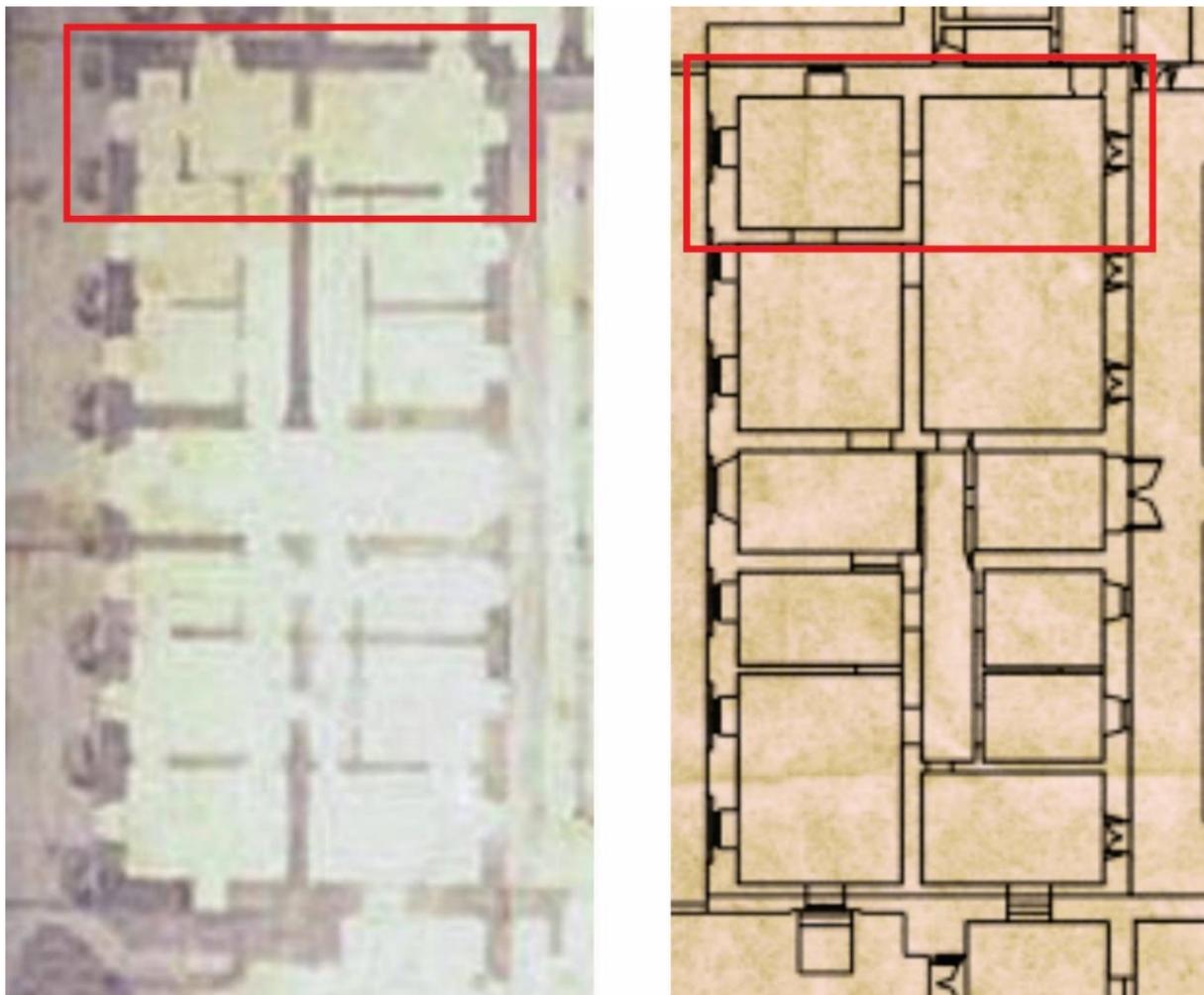


Figura 126 - No detalhe está o Bloco II no 1º pavimento, com a inserção em vermelho para destacar a parte que está sendo analisada. Na imagem da esquerda (1864) já observamos esse vão aberto, assim como na da direita que é mais atual.

Fonte planta baixa esquerda: (BIENNE, 2013, p. 265).

Fonte planta baixa direita: <http://www.museunacional.ufrj.br/casadoimperador/pavimento1.html>  
Inserção, em vermelho, da autora.

Na Figura 127, infelizmente está com metade do primeiro pavimento recortado, porém, mesmo assim, no destaque retangular em vermelho conseguimos observar a existência do vão, bem estreito, no primeiro pavimento que liga os Blocos II e IV, com seu entorno em tijolos normais, levando à acreditar que essa passagem não existia na construção original do Paço.

Ainda referente a mesma imagem, outro detalhe que logo chama atenção, refere-se ao seu vão do segundo pavimento, pois é diferente dos outros vãos vistos anteriormente. Enquanto a sua parede da direita é de tijolo, na esquerda conseguimos ver as pedras, comuns em todo esse bloco no primeiro e segundo pavimentos. Além disso, ele é totalmente retangular.



Figura 127 - Vista do 1º e 2º pavimentos no Bloco II – Sul, conforme mostra a seta em vermelho.  
Fonte: Registro da autora em 22/07/2019.  
Inserção, em vermelho, da autora.

Devido a essa diferenciação dos vãos, resolveu-se fazer uma comparação entre as plantas tanto no primeiro pavimento quanto no segundo. Por meio dessa análise - das plantas de 1864 e as plantas atuais - vimos que, se tratando do primeiro (Figura 128), esse vão aparece em ambas as plantas. Porém, como foi analisado anteriormente que ele não possui seu vão em arco de tijolo maciço, acredita-se que ele foi executado não muito anteriormente à planta de 1864.

Já no do segundo pavimento (Figura 129), houve a confirmação de que esse vão não existia. O que existia era apenas um estreito vão, na mesma direção e largura do vão do primeiro pavimento. Provavelmente na reforma de 1910, viu-se a necessidade de expandir essa passagem a fim de comportar melhor as coleções do MN e a circulação de pessoas, criando assim um maior vão e reorganizando a sua localização na planta.

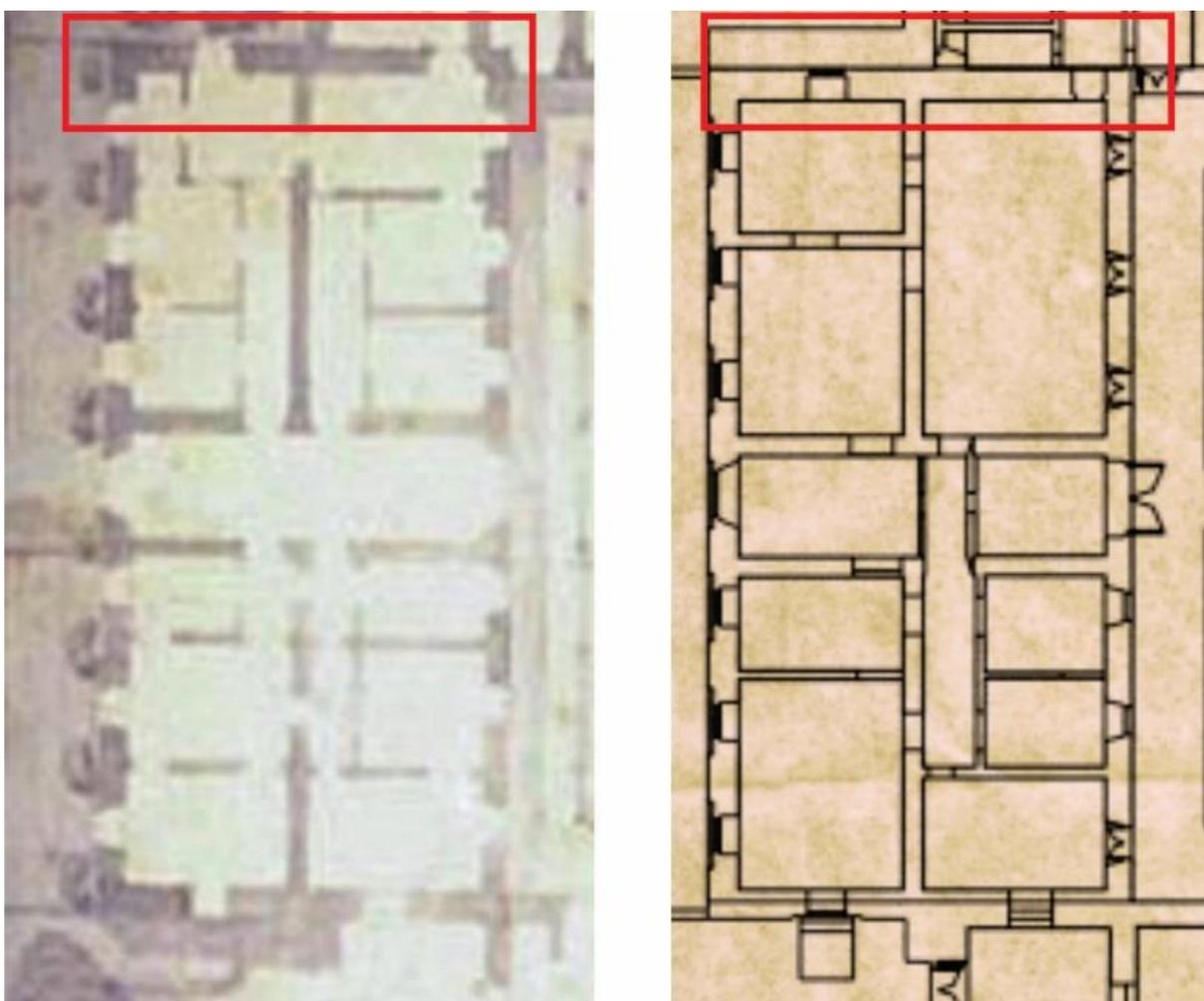


Figura 128 - Bloco II, no 1º pavimento, com destaque para a parte que está sendo analisada. Na imagem da esquerda (1864) já observamos o vão que liga o bloco II com o Bloco IV já existia, assim como na da direita que é a planta mais atual.

Fonte planta baixa esquerda: (BIENNE, 2013, p. 265).

Fonte planta baixa direita: <http://www.museunacional.ufrj.br/casadoimperador/pavimento1.html>  
Inserção, em vermelho, da autora.

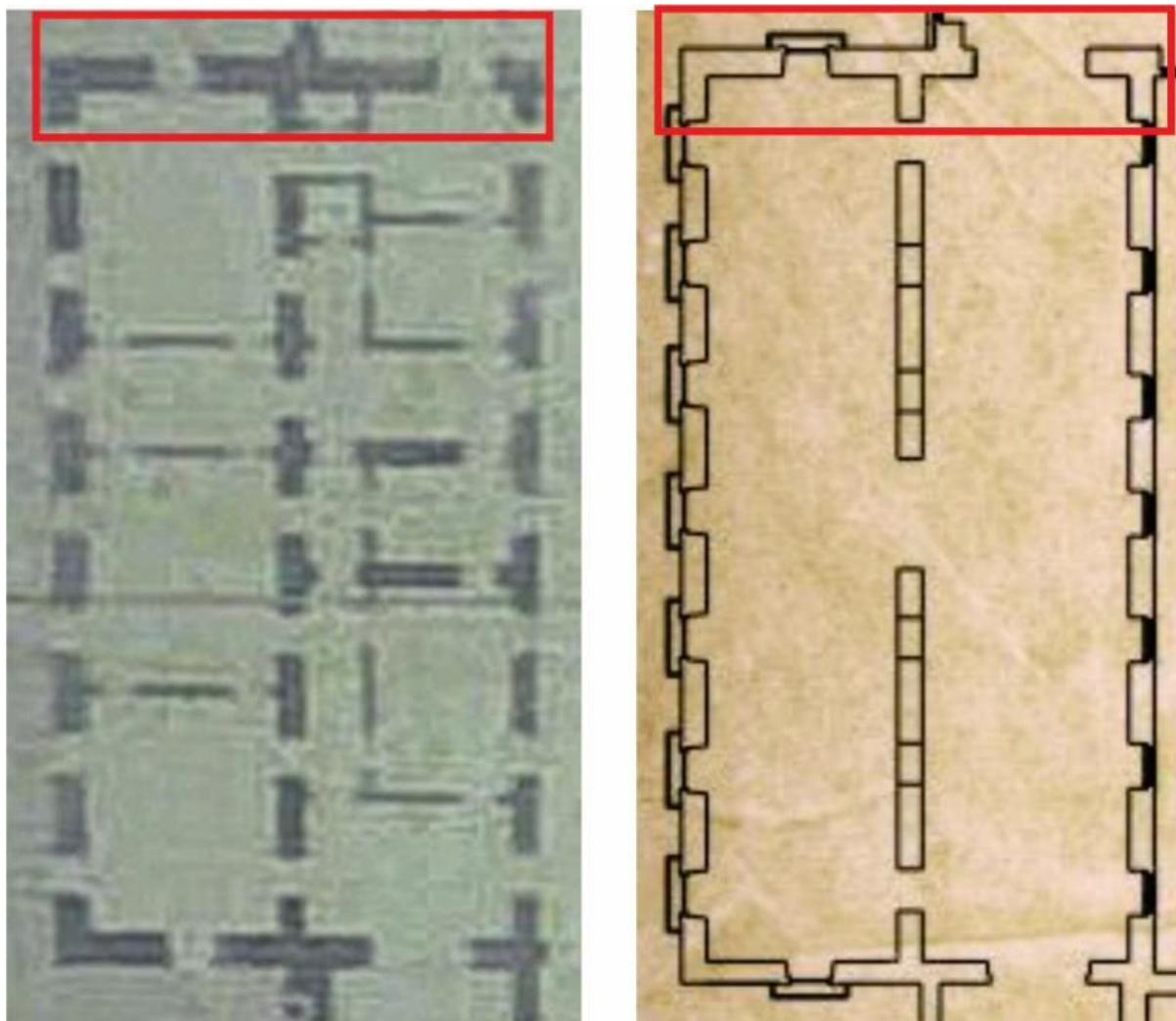


Figura 129 - Bloco II, no 2º pavimento, com destaque para a parte que está sendo analisada. Na imagem da esquerda (1864) observamos uma pequena porta a direita, enquanto na planta mais atual vemos esse vão aumentado.

Fonte planta baixa esquerda: (BIENNE, 2013, p. 265).

Fonte planta baixa direita: <http://www.museunacional.ufrj.br/casadoimperador/pavimento1.html>  
Inserção, em vermelho, da autora.

Com o auxílio da Figura 130, temos como base a planta baixa antiga (do período de D. Pedro II) datada de 1864, com a imagem da planta atual do PSC sobreposta a ela - em vermelho - para termos uma visão geral do que mudou e do que permaneceu em sua estrutura. Vale ressaltar que, como as imagens da planta baixa de 1864 são fotografias, elas ficaram distorcidas e sem escala, dificultando o encaixe perfeito de uma sobre a outra.

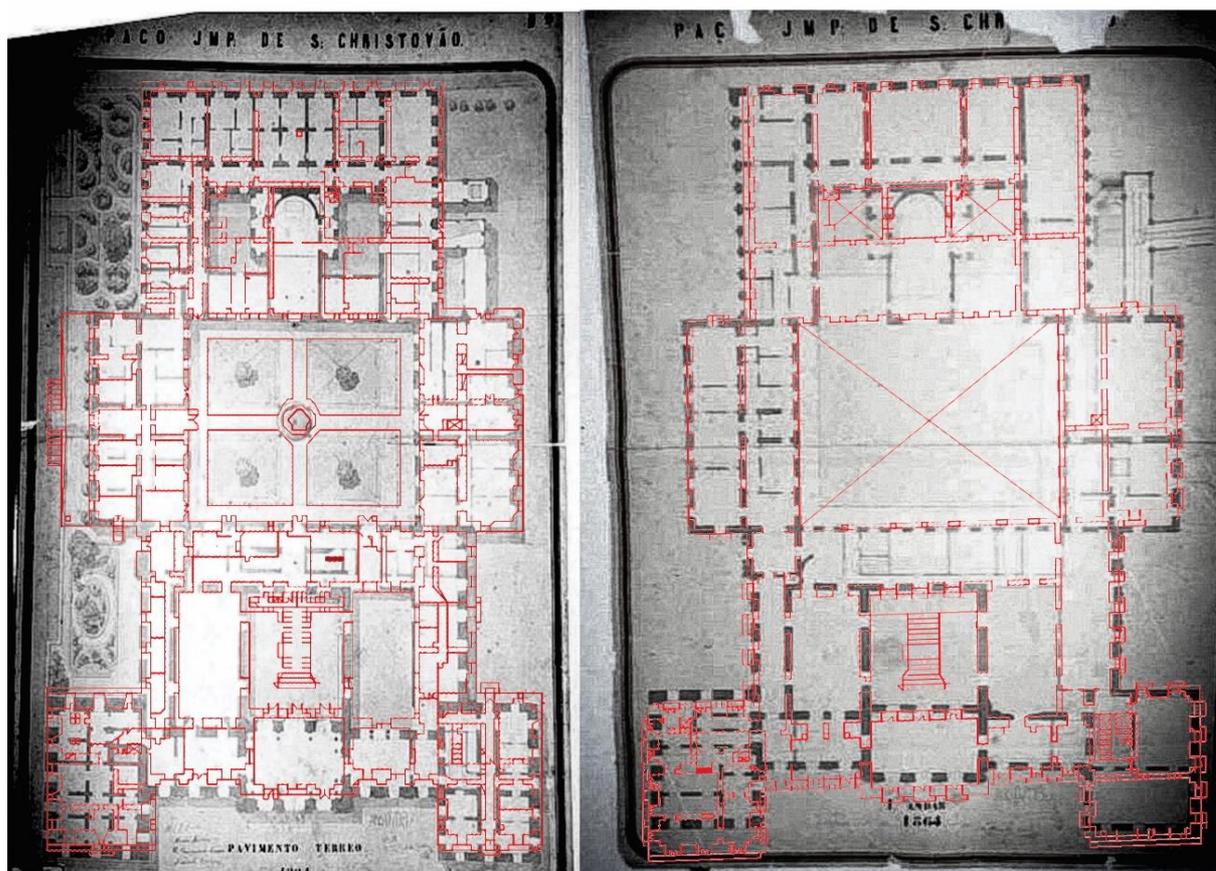


Figura 130 - Imagem comparando a planta baixa do PSC com a planta atual sobreposta em vermelho. Fonte planta baixa esquerda: (BIENNE, 2013, p. 265). Fonte planta baixa direita: (BIENNE, 2013, p. 266.). Inserção, em vermelho, da autora.

Finalmente, dessa forma, acreditamos ser possível passar para a análise da planta baixa do Bloco II do PSC, pois é o bloco em questão dessa dissertação<sup>47</sup>, buscando entender a relação das mudanças ocorridas do Paço de 1864<sup>48</sup> com o Paço atual. Primeiramente, vamos identificar a sua localização, suas paredes principais estruturais (autoportantes de pedra) e suas divisórias internas (Figuras 131 e 132).

<sup>47</sup> Grifo da autora.

<sup>48</sup> Trata-se da única planta disponível, do século XIX, nesta pesquisa.

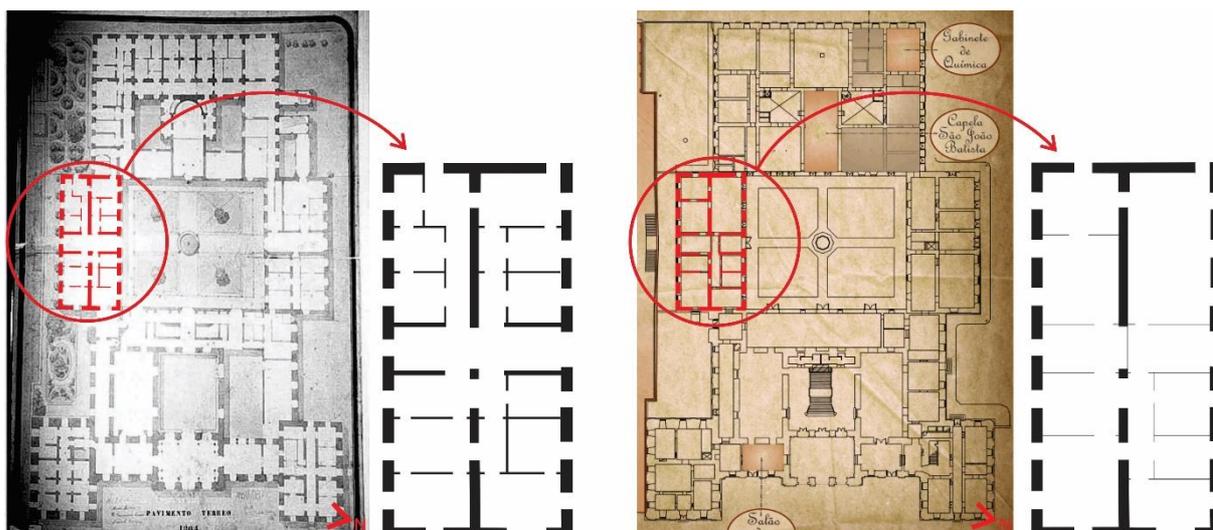


Figura 131 - Planta baixa do 1º pavimento do PSC; à esquerda 1864 e à direita a planta baixa atual. Podemos também ver o Norte marcado nas plantas, no canto direito inferior.  
Fonte: Elaborado pela autora.

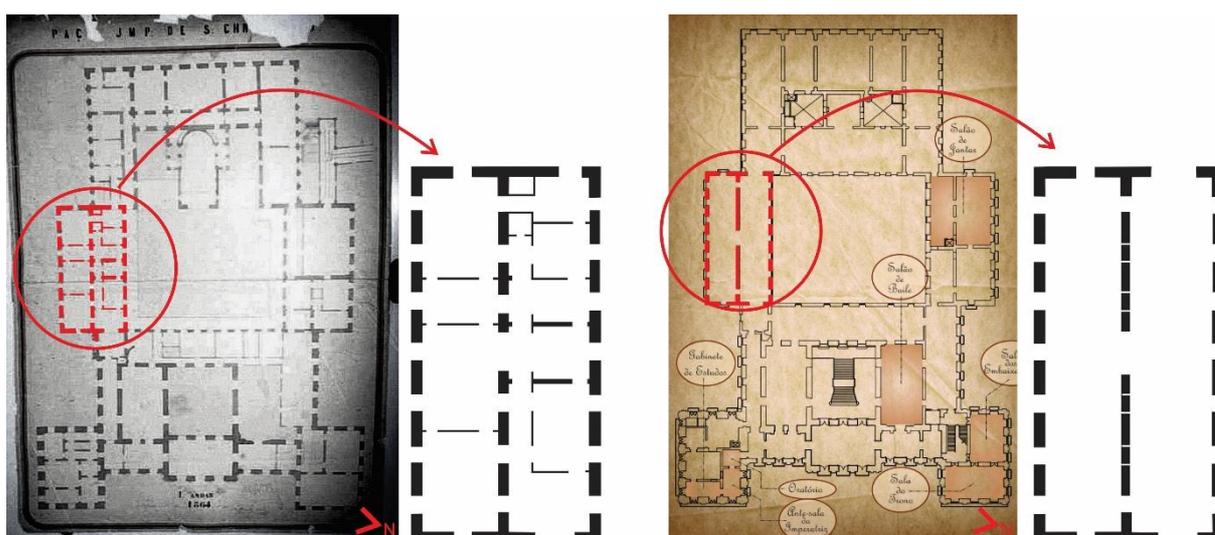


Figura 132 - Planta baixa do 2º pavimento do PSC; à esquerda 1864 e à direita a planta baixa atual. Podemos também ver o Norte marcado nas plantas, no canto direito inferior.  
Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme vimos anteriormente, o PSC sofreu inúmeras mudanças, reformas, demolições e adições de acordo com a necessidade de cada época; além de que sua maior transformação foi a alteração do Paço (residência) em Museu; os ambientes do antigo Palácio Imperial precisaram ser recontextualizados e adaptados às exposições do Museu Nacional.

Identificamos, com a sua última grande reforma - a de 1910 que tinha com intuito de transformar o Palácio em Museu – as grandes modificações, tais como

“alguns arcos no interior das salas sofreram alterações, e janelas foram fechadas para serem transformadas em paredes, além de salas do segundo piso terem sido ampliadas para serem salões das exposições” (DANTAS, 2007, p. 59).

Neste momento, diante do Paço “desnudo” (pós incêndio), é possível identificar a arquitetura e o estilo Neoclássico, visando traçar uma relação do PSC com seu estilo Neoclássico e demonstrando como ele fica evidenciado em sua composição arquitetônica.

O Neoclassicismo chegou no Brasil com a Missão Artística Francesa em 1816, a convite de D. João VI. Nessa missão, vieram artistas e arquitetos, mas a figura central foi o arquiteto francês Grandjean de Montigny (BRUAND, 1997, p. 33). Eles, em conjunto com engenheiros estrangeiros aqui já estabelecidos, deram ao Rio de Janeiro as tendências neoclassicistas nas concepções de arquitetura e construção, que mais tarde foram adotadas na Escola Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Vale lembrar que algumas características do Neoclassicismo são: regularidade das proporções, racionalismo, prezando sempre por formas regulares, geométricas e simétricas, que ajudam em sua clareza construtiva (KOCH, 1996, p. 59). Características essas que encontramos em sua maioria na planta do Bloco II.

Iniciaremos analisando estruturalmente as paredes do PSC, conseguindo identificar a diferença nas espessuras das paredes do primeiro para o segundo pavimento; no primeiro pavimento elas são mais espessas e conforme vai chegando no segundo pavimento, elas vão afinando (Figura 133). Com isso, ratificamos o método construtivo de paredes autoportantes de pedra – as quais possuem essa característica.



Figura 133 - Vista comparando a espessura das paredes do 1º e 2º pavimentos do Bloco II – Sul.  
Fonte: Registro da autora em 13/01/2020.

Tratando-se apenas do primeiro pavimento do Bloco II, podemos observar que os seus vãos principais, feitos na estrutura de paredes autoportantes de pedra (que estão destacados com as linhas mais espessas nas plantas baixas), não foram alterados na planta de 1864 para a atual. Ambos possuem simetria e proporção, dando uma maior clareza construtiva e possibilitando que o transeunte adentre no ambiente tendo uma maior facilidade de caminhar por ele.

Nas paredes autoportantes de pedra localizadas na parte central do bloco, verificamos através das faixas amarelas traçadas de uma sacada para outra (Figura 134), que esses vãos nem sempre são totalmente simétricos, o que podemos levar em consideração para ambas as plantas – de 1864 e a atual – visto que esses vãos não se alteraram.

Outro ponto importante, que está destacado em vermelho na planta da Figura 138, diz respeito à existência de um vão na planta baixa do Paço de 1864, porém muito provavelmente essa era uma parede totalmente fechada na época em que era os aposentos de D. Leopoldina (1817-1822) e D. Pedro I (1817-1829), como veremos mais detalhadamente um pouco mais a frente.

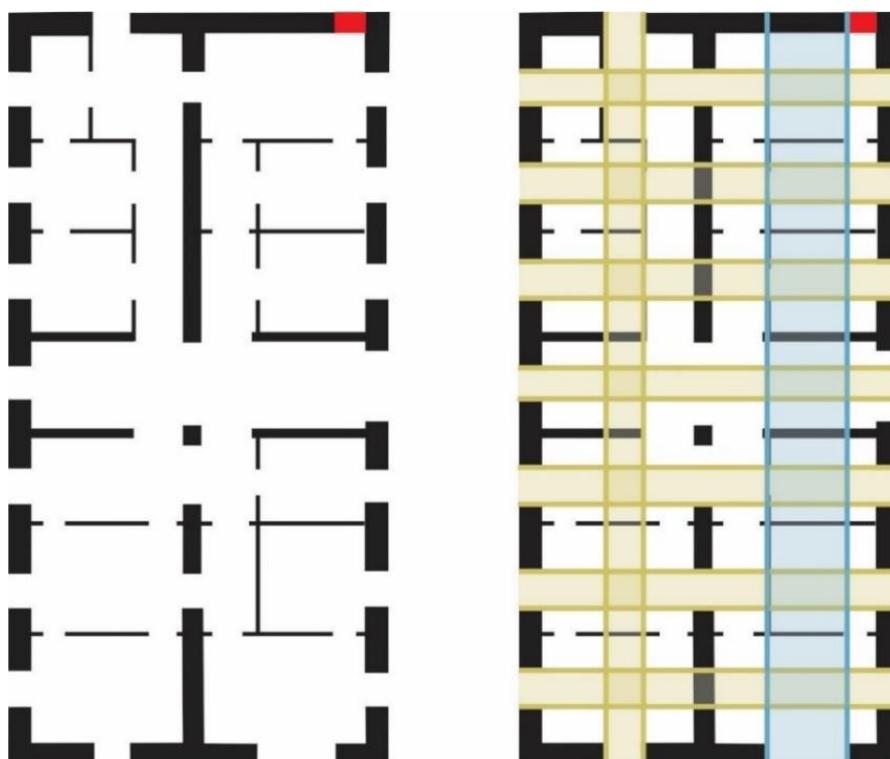


Figura 134 - Planta baixa do 1º pavimento do Bloco II do PSC em 1864. Em amarelo as simetrias entre as sacadas e, em azul, das portas. O vermelho foi utilizado a fim de tapar o vão existente na planta.

Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda na planta de 1864, identifica-se que mesmo as divisórias internas desses espaços (que possuem as paredes mais finas na planta baixa), há uma tentativa de manter a simetria no lado direito da planta baixa (em destaque na Figura 135), onde elas se encontram simetricamente rebatidas. Com isso, vemos explicitada ainda a mentalidade neoclássica da época que, mesmo tornando os espaços mais funcionais, eles ainda visavam manter o mínimo de proporção e simetria.

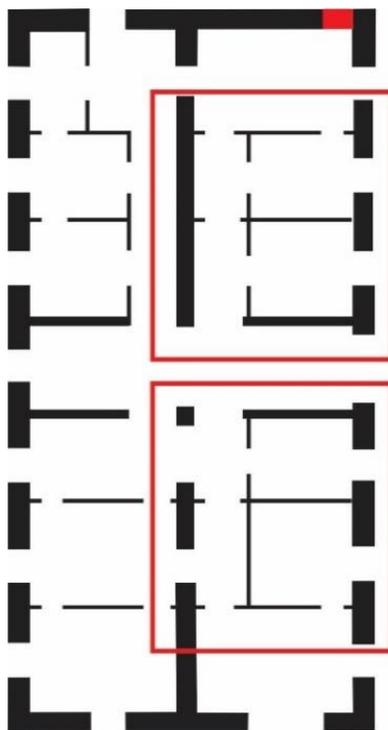


Figura 135 - Planta baixa do 1º pavimento do Bloco II do PSC em 1864. Destaque em vermelho para a simetria do lado direito da planta, onde as divisórias internas são simétricas e estão rebatidas.  
Fonte: Elaborado pela autora.

Agora, analisando a planta mais atual no primeiro pavimento (Figura 136) vemos que não há valorização da simetria em sua medida anterior com essa simetria nas divisões internas; nela o foco está apenas na funcionalidade, visto que essa era a área onde ficavam alguns dos espaços do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (antes do incêndio): secretarias, laboratórios, sala de reunião e gabinetes de professores<sup>49</sup>.

---

<sup>49</sup> Registro oral do Diretor Adjunto de Administração do MN, o museólogo Wagner Martins.

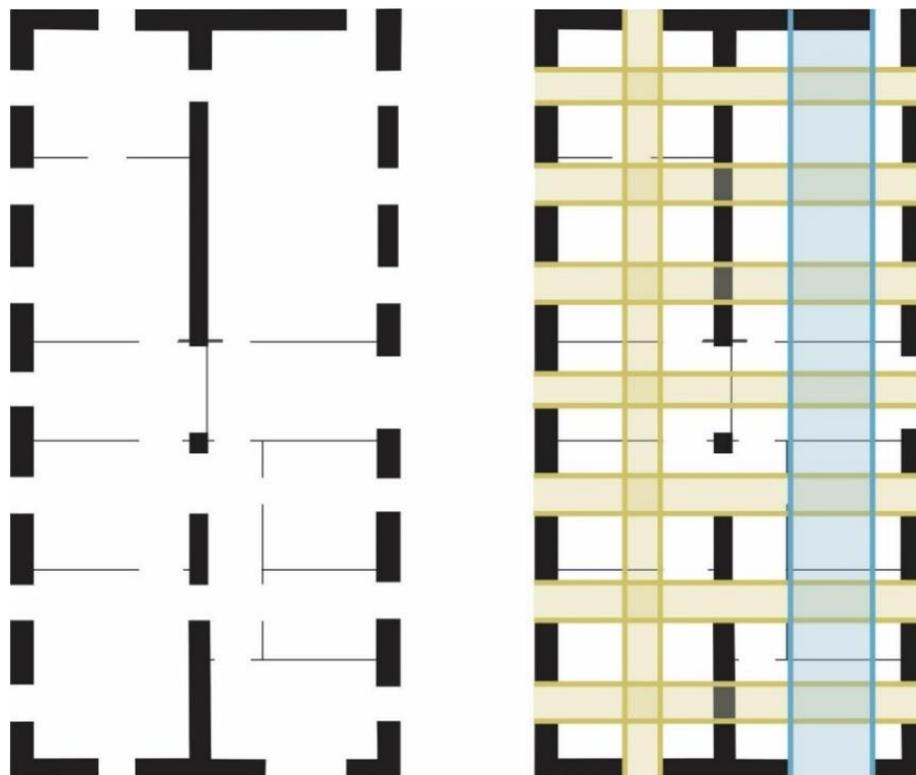


Figura 136 - Planta baixa do 1º pavimento do Bloco II do PSC atual. Em amarelo são as simetrias entre as sacadas e, em azul, das portas.

Fonte: Elaborado pela autora.

Agora, passando para a análise da planta baixa do segundo pavimento do Bloco II, verificamos que as paredes autoportantes de pedra são um pouco mais finas do que as do primeiro pavimento, conforme já mostrado anteriormente.

Os seus vãos principais que dão para o exterior – as sacadas – os quais estão situados nessas paredes, dão continuidade à mesma simetria e proporção vistas no primeiro pavimento como podemos observar nas faixas amarelas (Figura 137).

Outro aspecto intrigante é que, mesmo com os dois vãos que estão na faixa azul sendo semelhantes num primeiro olhar, quando traçamos essa linha em azul a fim de confirmar essa simetria percebemos que eles não são perfeitamente simétricos. Isso ocorre pois o vão localizado mais acima da faixa azul foi construído bem depois do outro vão – provavelmente na reforma de 1910.

Um detalhe muito interessante que difere esse segundo pavimento do primeiro é que na planta baixa de 1864 todos os vãos das suas paredes principais estão perfeitamente simétricos com os vãos da parede central, exceto pelo vão que fica bem no meio desta parede, o qual possui uma abertura maior em relação às outras. Porém, essa diferença localizada na parte central da planta ajuda a conferir

a esta uma maior simetria e proporcionalidade por meio da criação de um elemento central.

Na questão das divisões internas - paredes mais finas na planta baixa – podemos observar que na planta de 1864 praticamente não há simetria. Ao que tudo indica, como esse espaço já era existente (não foi um espaço projetando pensando em ser aposentos de uma família Real), foi necessário um remanejamento do ambiente, dando a ele funcionalidade e adequação aos seus moradores: Dona Leopoldina e D. Pedro I.

Como já analisado anteriormente, o vão mais acima da faixa azul na planta de 1864 (Figura 137) foi destacado em vermelho pois ele provavelmente não existia. O mais plausível é que esta era uma parede totalmente fechada na época em que era habitado por Dona Leopoldina e D. Pedro I, por não haver nenhum bloco conectado que necessitasse de acesso.

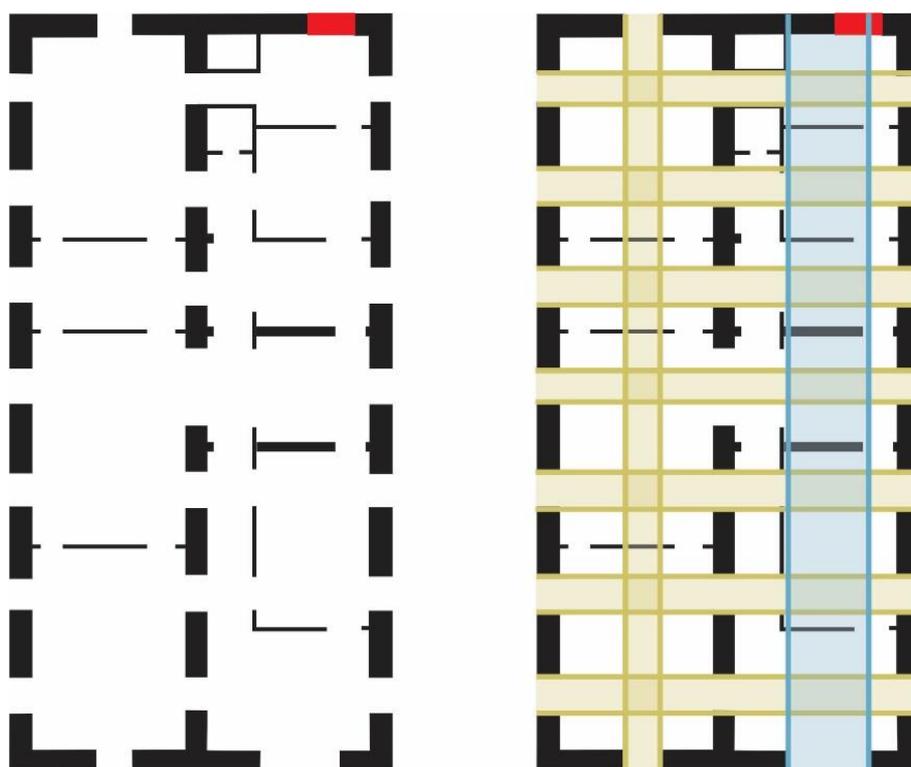


Figura 137 - Planta baixa do 2º pavimento do Bloco II do PSC em 1864. Em amarelo são as simetrias entre as sacadas e, em azul, das portas.

Fonte: Elaborado pela autora.

Na planta atual do Paço (Figura 138), observamos que a maioria dos vãos localizados na parede central foram fechados, tendo permanecido abertos apenas os vãos das extremidades e o vão central. Com isso, o ambiente ficou mais adequado para receber exposições, mas manteve o seu aspecto de simetria nesse pavimento. Além disso, através da observação dessas estruturas do Paço pós incêndio, como vimos anteriormente nesse capítulo, tivemos a confirmação da existência desses vãos.

Ainda podemos observar a total ausência de divisórias internas. Isso acontece devido ao fato de que essa área era utilizada como salas das exposições, onde, antes do incêndio no museu, o segundo pavimento do Bloco II abrigava as exposições dos Departamentos de Invertebrados e de Entomologia<sup>50</sup>.

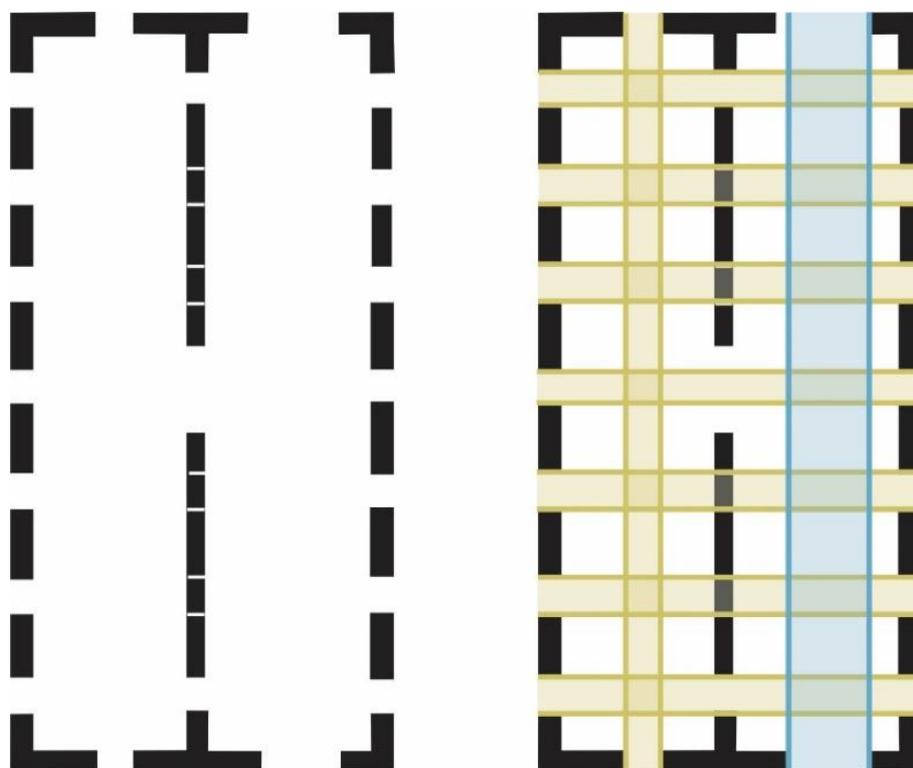


Figura 138 - Planta baixa do 2º pavimento do Bloco II do PSC atual. Em amarelo são as simetrias entre as sacadas e, em azul, das portas.  
Fonte: Elaborado pela autora.

---

<sup>50</sup> Registro oral do Diretor Adjunto de Administração do MN, o museólogo Wagner Martins.

Com intuito de analisar um pouco mais a fundo, primeiramente vamos observar a Figura 139, onde podemos ver que o Bloco II sempre se destacou um pouco, portanto essas janelas que davam para o lado exterior do Paço (linhas amarelas na vertical das plantas) sempre existiram, explicando assim a simetria destas.

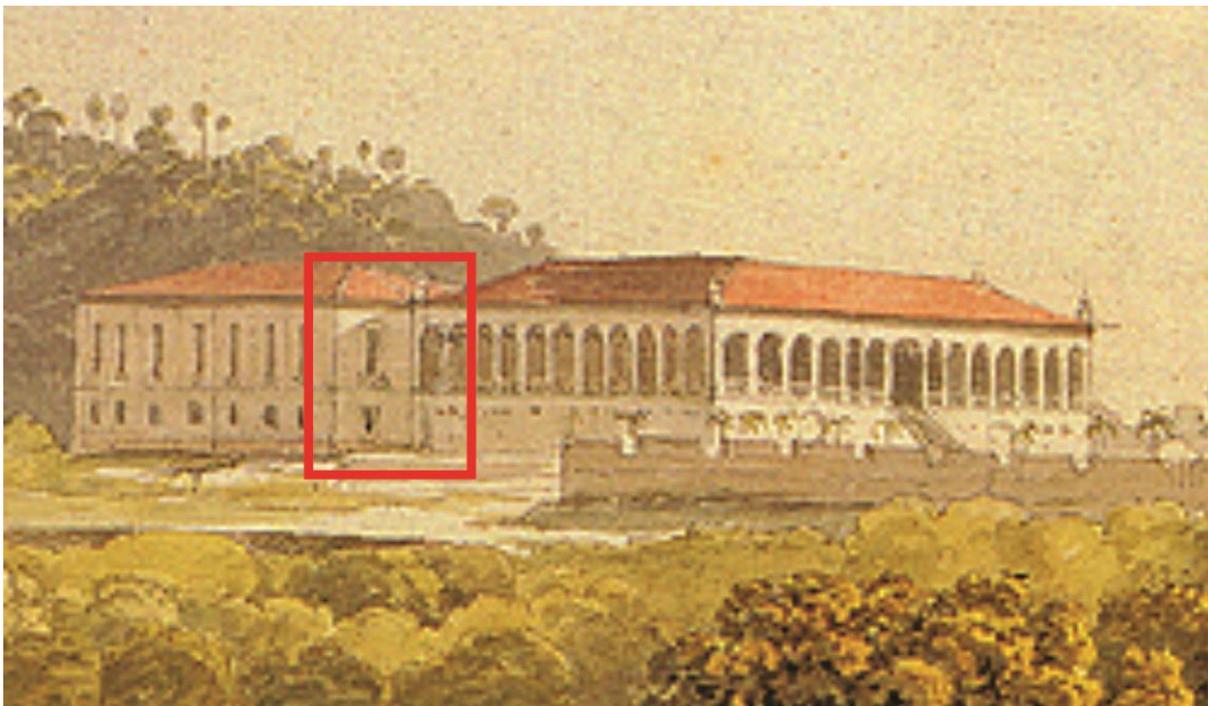


Figura 139 - Recorte com ampliação da imagem do Palácio Real de Campo, em São Cristóvão, Thomas Ender - 1817 / 1818. O destaque em vermelho dá ênfase a parte do Bloco II que se destaca da fachada do Bloco I.

Fonte: <https://d3swacfcujrr1g.cloudfront.net/img/uploads/2000/01/008353001013.jpg> - acesso em 03/06/2020.

Inserção, em vermelho, da autora.

Passamos para a análise da parte que suscitou alguns questionamentos: os vãos demarcados em azul nas plantas baixas analisadas. Esses vãos logo causam estranheza por conta da sua diferença de simetria, simetria essa que é tão presente em todo o Bloco II, mas que se perde quando se trata dos dois vãos mais próximos do pátio interno.

Após todas as análises existentes ao longo dessa dissertação, podemos acreditar que o motivo desses vãos serem tão pequenos na planta de 1864 e o porquê dessas portas não estarem alinhadas seja porque na época da construção desse bloco não existiam outros blocos atrás - onde hoje está localizado o Bloco VI à Oeste do palácio - não sendo necessária a criação de uma porta naquela parede.

Ao que tudo indica, esse vão só foi aberto na época de D. Pedro II, pois foi o período em que começou a construção na localização de onde hoje fica o Bloco VI “Tem-se feito immensas obras no paço, como quase toda a ala do lado do Norte, de dous andares, parte da de Oeste (...)” como vimos na provável planta da época de D. Pedro I e D. Pedro II (JORNAL DO COMÉRCIO, 24/10/1838, p. 2).

Com isso, o único vão que seria necessário na época de D. Pedro I e Dona Leopoldina – tanto no primeiro quanto no segundo pavimento - era o vão maior, que conectava o Bloco II com o Bloco I do Palácio conforme vemos em destaque na Figura 140.

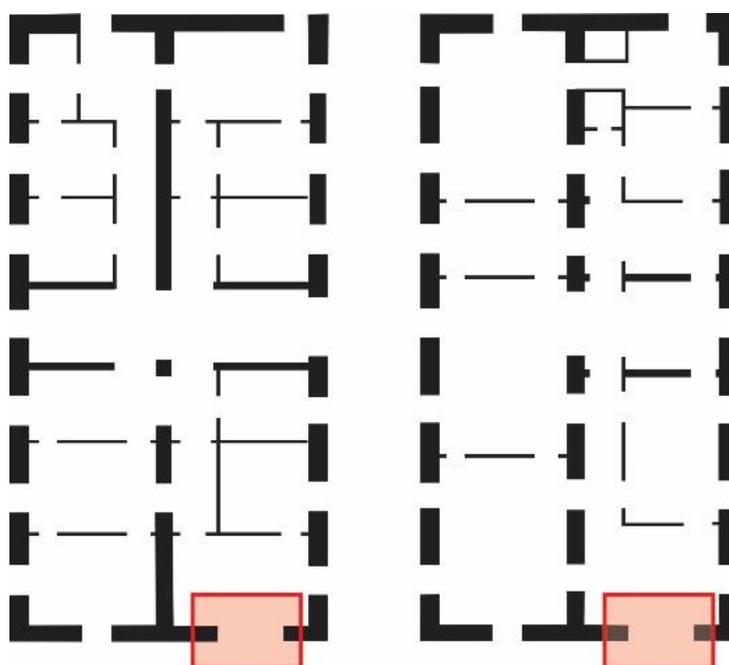


Figura 140 - Provável Planta baixa do 1º pavimento (à esquerda) e do 2º pavimento (à direita) do Bloco II do PSC na época de D. João VI e de D. Pedro I. Destaque em vermelho para o vão que conecta o Bloco I com o Bloco II.

Fonte: Elaborado pela autora.

Mais uma evidência encontrada de que o Bloco IV foi construído em data posterior é o projeto da fachada Oeste, “fundos” do PSC (Figura 141), datada de 12 de abril de 1867. Comparando o projeto com a imagem do Paço atual (Figura 142) e com a planta de levantamento da fachada Norte do Paço, que já vimos anteriormente<sup>51</sup>, é presumível dizer que esse projeto original foi construído.

<sup>51</sup> Ver Figura 25, página 60 da presente dissertação.

Porém, com a grande obra de 1910, teve o seu terceiro pavimento demolido a fim ser igualado tanto volumetricamente quanto ao estilo do resto do palácio.

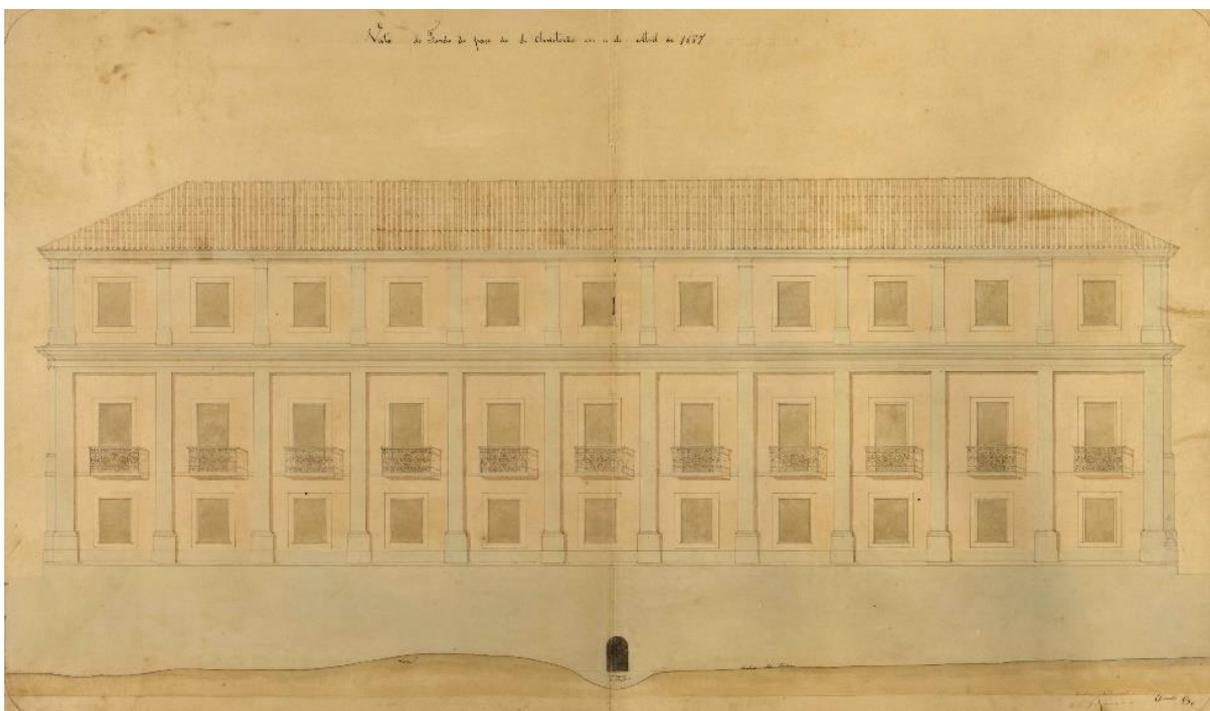


Figura 141 - Vista da parte dos fundos do PSC.

Fonte: Biblioteca digital Luso-Brasileira,

[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon1364322/icon1364322.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1364322/icon1364322.jpg) acesso em 07/06/2020.



Figura 142 - Vista atual da parte dos fundos do PSC.

Fonte:

[https://www.google.com.br/maps/@-22.9059583,-43.2275263,3a,45.8y,75.28h,108.22t/data=!3m7!1e1!3m5!1sSXfJsT9NjyGbTa6XvAZeFg!2e0!6s%2F%2Fgeo3.ggpht.com%2Fcbk%3Fpanoid%3DSXfJsT9NjyGbTa6XvAZeFg%26output%3Dthumb!%26cb\\_client%3Dmaps\\_sv.tactile.gps%26thumb%3D2%26w%3D203%26h%3D100%26yaw%3D4.07092%26pitch%3D0%26thumbfov%3D100!7i13312!8i6656](https://www.google.com.br/maps/@-22.9059583,-43.2275263,3a,45.8y,75.28h,108.22t/data=!3m7!1e1!3m5!1sSXfJsT9NjyGbTa6XvAZeFg!2e0!6s%2F%2Fgeo3.ggpht.com%2Fcbk%3Fpanoid%3DSXfJsT9NjyGbTa6XvAZeFg%26output%3Dthumb!%26cb_client%3Dmaps_sv.tactile.gps%26thumb%3D2%26w%3D203%26h%3D100%26yaw%3D4.07092%26pitch%3D0%26thumbfov%3D100!7i13312!8i6656) acesso em 07/06/2020.

Analisando agora os vãos que ligam o Bloco II com o Bloco IV, na Figura 143 observamos a imagem pós incêndio dessa passagem localizada no primeiro pavimento, passagem essa que já existia na planta de 1864 e na atual. Observamos que ela é estreita e, devido ao reboco dessa área ter permanecido não conseguimos observar se existe ou não o arco em tijolo maciço para formar o vão da porta, como outros vãos deste bloco possuem.



Figura 143 - Imagem do vão no 2º pavimento do Bloco II.  
Fonte: Registro da autora em 22/07/2019.

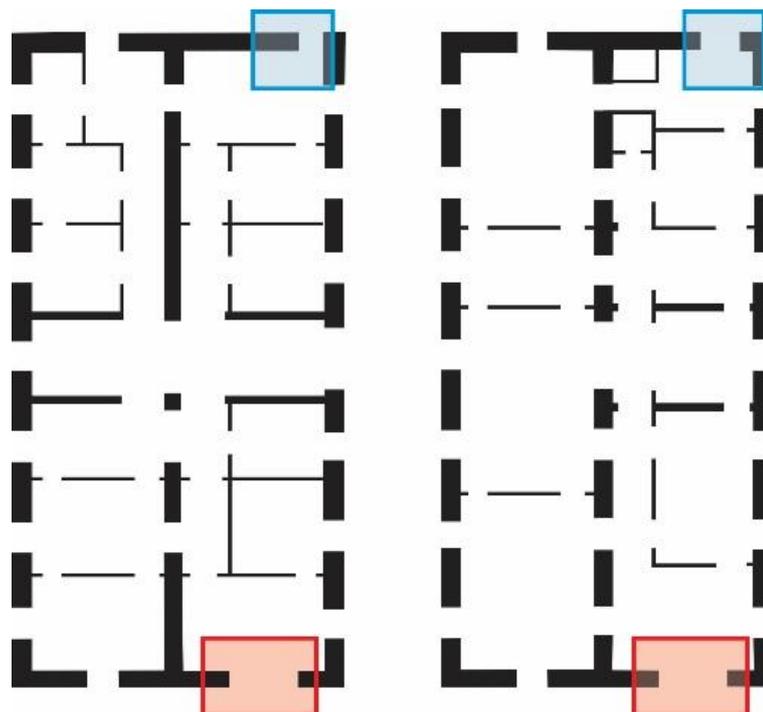


Figura 144 - Planta baixa do 1º pavimento (à esquerda) e do 2º pavimento (à direita) do Bloco II do PSC em 1864. Destaque em vermelho para os vãos que conectam o Bloco I com o Bloco II e detalhe em azul para os vãos que conectam o Bloco II com o Bloco IV.

Fonte: Elaborado pela autora.

Outro detalhe interessante é que, por meio da planta baixa de 1864 (Figura 144), no segundo pavimento, sabemos da existência de um vão estreito quase que na mesma direção e mesma largura do vão existente no primeiro pavimento.

No segundo pavimento, observamos que provavelmente esse vão foi fechado na grande reforma de 1910, pois ao observamos a Figura 145, enquanto o lado direito é todo formado por tijolos, a parede do lado esquerdo desse é originalmente em pedras.



Figura 145 - Imagem do vão no 2º pavimento do Bloco II.  
Fonte: Registro da autora em 22/07/2019.

Na Figura 146, podemos observar a comparação entre os dois vãos opostos do segundo pavimento no cenário pós incêndio do PSC. Com isso, conseguimos ver a falta de paridade entre os dois, nos levando a ratificar que esses vãos foram construídos em diferentes épocas. Enquanto o vão que liga o Bloco I com o Bloco II (foto à direita) possui arco em tijolo maciço para formar o seu vão, que confirma a sua origem mais antiga, o seu vão oposto (foto à esquerda) revela uma forma totalmente retangular e com tijolos organizados de forma reta, indicando ser uma construção mais recente.



Figura 146 - Comparação entre os maiores vãos do 2º pavimento do Bloco II.  
Fonte imagem esquerda: Registro da autora em 22/07/2019.  
Fonte imagem direita: Registro da autora em 13/01/2020.  
Inserção, em vermelho, da autora.

Na Figura 147, podemos observar como esse vão era visualmente no Museu Nacional antes do incêndio. Através das imagens, vemos que esse vão foi reformado a fim de ter seu arco escondido, provavelmente para ficar simétrico com seu vão oposto, como vimos anteriormente. Na imagem da esquerda vemos ele retangular enquanto na da direita vemos ele como era originalmente; um vão com um leve arco em tijolos maciços.



Figura 147 - Numa vista de outro ângulo, vemos as comparações do vão no Museu antes do incêndio e no Museu pós incêndio no 2º pavimento.

Fonte imagem esquerda: <https://artsandculture.google.com/streetview/museu-nacional/uwEZsf0cq9-FFq?sv lng=-43.22629495070331&sv lat=-22.90588175148329&sv h=268.4115997832431&sv p=7.181999693542963&sv pid=YVykv6RjVw k34OduNIViA&sv z=0.5867669469524739>

Fonte imagem direita: Registro da autora em 13/01/2020.

Essa parte do Paço é tão rica de detalhes, pois ainda usando a mesma imagem, pode-se observar na Figura 148 que, misturado ao meio da confusão visual pós incêndio com tijolos, pedras e rebocos; conseguimos identificar um resquício do que parece ser o arco em tijolo maciço, típico dos vãos que identificamos em todas as outras aberturas mais antigas.

Com isso, surge um questionamento: qual será a época datada que esse vão foi aberto? Provavelmente na época das Regências, por volta de 1838, pois “(...)

os membros da comissão<sup>52</sup> tiveram ocasião de visitar o paço imperial da Boa Vista, e que, com satisfação, observarão que muitas e boas obras ahi se tem concluido, e que outras estão em andamento(...)" (JORNAL DO COMÉRCIO, 16/01/1838, p. 2). Através desse recorte do Jornal do Comércio, seria plausível dizer que mesmo esse vão sendo construído pelo modelo antigo - como se observa na maioria do Bloco II do PSC – ele provavelmente foi executado em uma data posterior ao original, talvez até mesmo na fase de D. Pedro II.

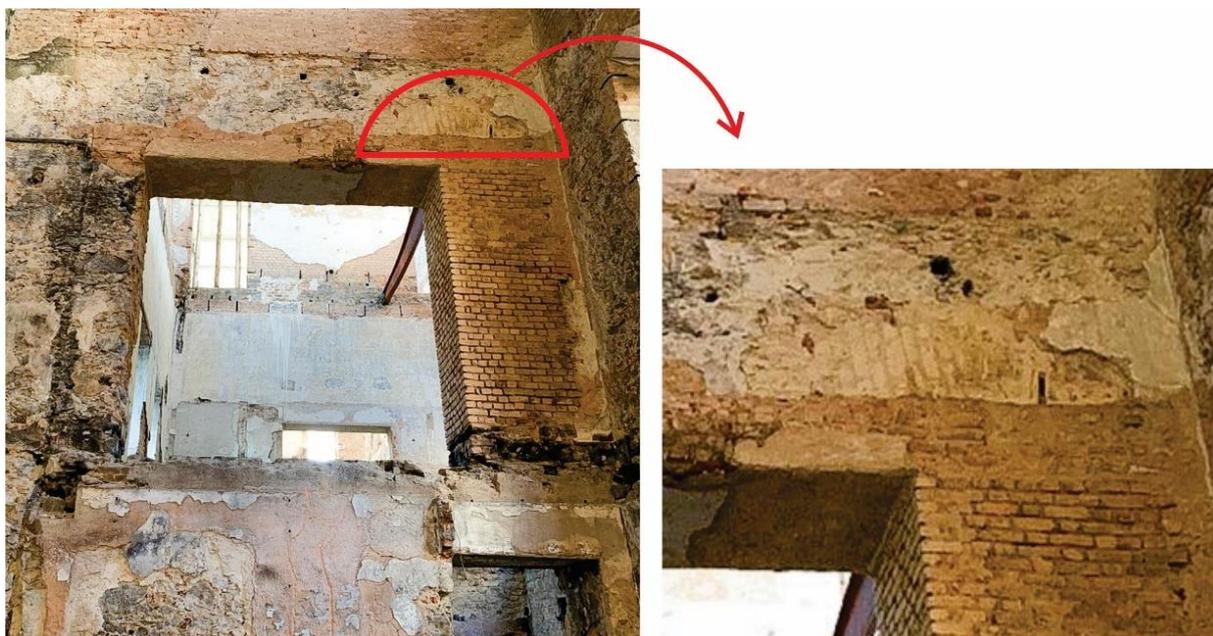


Figura 148 - Detalhe da parte onde se encontra um resquício de tijolo maciço do antigo vão.

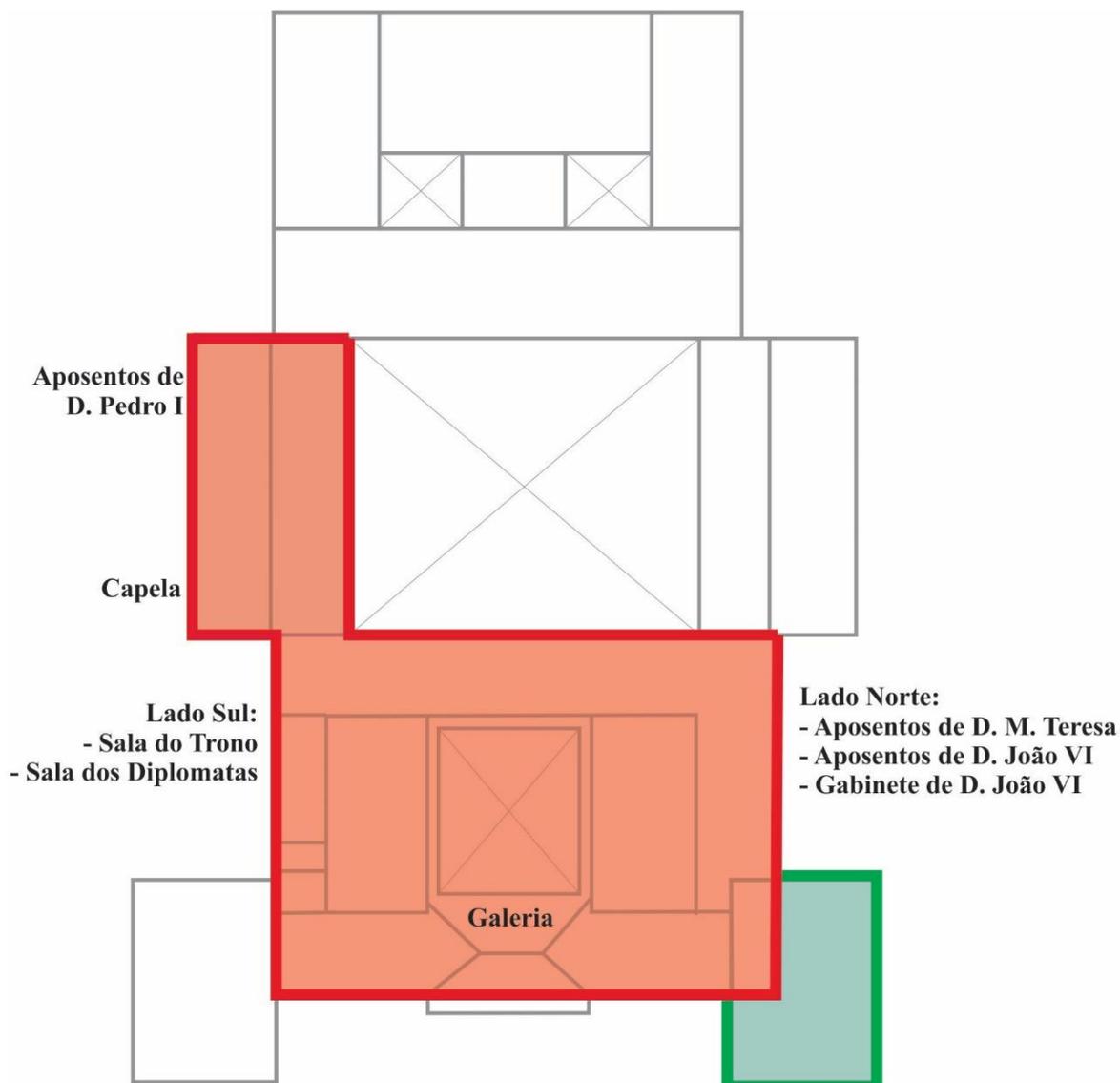
Fonte: Registro da autora em 22/07/2019.

Inserção, em vermelho, da autora

Por fim, por meio das novas evidências coletadas e analisadas nessa dissertação, elaborou-se uma atualização da planta baixa de como, provavelmente, era o Paço de D. João VI (Figura 149) e D. Pedro I (Figura 150):

---

<sup>52</sup> O parecer da comissão da câmara dos senhores deputados sobre as contas do tutor de SMI e SS.AA.II.



- Blocos já existentes em 2 pavimentos em 1818
- Blocos em 2 pavimentos construídos entre 1819-1821 (Torreão Norte)
- Fachada construída em 2 pavimentos  
(Capela provavelmente no 1º Pavimento)
- Fachada do Torreão Norte construída em 2 pavimentos

Figura 149 - Planta atualizada com as supostas mudanças correspondentes ao período do Paço de D. João VI no palácio atual.

Fonte: Atualização da autora a partir do desenho de Biene (2013, p. 238).

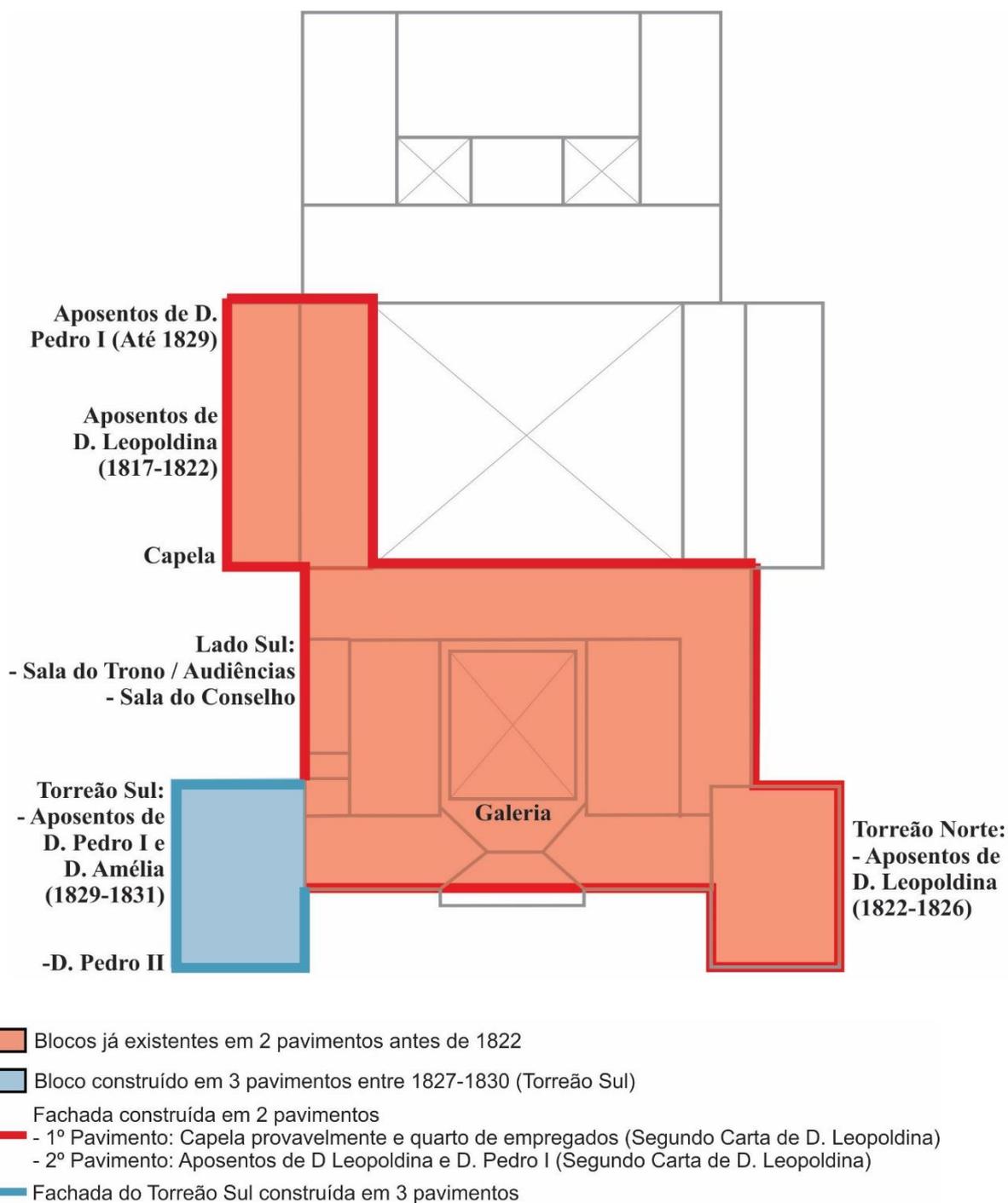


Figura 150 - Planta atualizada com as supostas mudanças correspondentes ao Paço de D. Pedro I no palácio atual.

Fonte: Atualização da autora a partir do desenho de Biene (2013, p. 238).

Nessa perspectiva, nos motivamos à analisar a descrição dos aposentos de Dona Leopoldina por meio da transcrição de sua carta à sua irmã Maria Luísa e a utilização da planta baixa que temos de 1864, com intuito de tentar decifrar a disposição dos quartos da época em que esses foram seus aposentos (1917-1822). Partimos do pressuposto que muito provavelmente essa área não sofreu alterações desde que D. Leopoldina saiu do Bloco II em 1822, quando teve seus aposentos transferidos para o Torreão Norte. A provável mudança da organização do seu espaço interno deu-se apenas em 1910, a fim de adaptar o antigo palácio às necessidades de um museu.

Minha casa tem seis aposentos, com magnífica vista, de um lado para a serra e muitos povoados, do outro para o mar, ilhas e a Serra dos Órgãos. Começo com 1) a sala de bilhar, que é pintada simplesmente de verde e tem uma magnífica mesa de bilhar. 2) A sala de música, que tem nas paredes pinturas de todos os pássaros e árvores do Brasil, as poltronas e mesas de bois do Brésil, com bronze e junco, por causa do calor; três lindos pianos e duas arcas sobre as quais há vasos de alabastro e porcelana com paisagens, além de um magnífico relógio de bronze. As portas e sacada são de pau-brasil com trabalhos em bronze. 3) A sala de festa, com quatro colunas com trabalho em bronze, representando cenas mitológicas, além de vasos de alabastro e porcelana com paisagens e candelabros de bronze. As poltronas e mesas de madeira amarela de Macau, com figuras entalhadas, que são muito valiosas e singularmente belas. As tapeçarias são de veludo branco, as cortinas de musselina com franjas douradas. O teto é maravilhoso, com uma cena da mitologia pintada por um francês. 4) O gabinete de toailete, de musselina branca com tafetá rosa sob dois cortinados, no meio de dois Eros de bronze adornados com guirlandas de flores, segurando de um lado um toailete masculino, do outro um feminino de platina, feito na Inglaterra, que é muito bonito, mas tão pesado que não consegui manejá-lo [...]. 5) O quarto de dormir de musselina branca e rosa, adornada com guirlandas de flores e enfeites dourados e cortinados, uma cama como uma casa com um cortinado todo bordado em ouro, segurado pela águia real e Eros. Temíamos que desabasse, mas nos garantiram que não há perigo; a cama tem uma colcha de renda de Bruxelas, que custou quarenta mil francos e é maravilhosa; agora temos uma bordada com um tecido escarlate, uma vez que as noites aqui geralmente são frias; além disso, tenho nesse quarto o retrato do querido papai, dois armários com relógios e vasos, além de escrivaninha e canapé de musselina, para dormir a sesta ou para o príncipe dormir quando tem seus ataques de nervos; além disso há um gabinete, que é bastante necessário e onde está tudo que é de prata. Depois o guarda-roupa e um gabinete; logo em seguida quatro aposentos para o pessoal de meu esposo, e um onde se veste; em todos os quartos há sacadas e quatro portas, onde temos um pequeno corredor em que ficam pássaros e os cães de caça durante o dia, para que o calor não lhes faça mal. (REZZUTTI, 2017, p. 165 e 166).

Primeiramente, vamos analisar a planta do segundo pavimento, pois é a que temos maiores informações na carta acima. Para isto, vamos nos situar com a localização geográfica, em uma escala maior, do Paço de São Cristóvão (Figura 151) a fim de tentar compreender para que lados D. Leopoldina teria as vistas “(...) de um lado para a serra e muitos povoados, do outro para o mar, ilhas e a Serra dos Órgãos.” (REZZUTTI, 2017, p. 165 e 166).



Figura 151 - Mapa do Estado do Rio de Janeiro, mostrando as possíveis localidades que Dona Leopoldina descreve em sua carta. Na imagem à direita, vemos o detalhe aumentado do PSC modificado de acordo com sua provável volumetria da época em questão.

Fonte: [https://earth.google.com/web/search/quinta+da+boa+vista/@-22.81711107,-43.20132503,16.87281408a,96462.77438206d,35y,360h,0t,0r/data=CigiJgokCTUiiDaMhzbAEdKYn4hD\\_TbAGTVZnzYgREXAIZWu9PWB1EXA](https://earth.google.com/web/search/quinta+da+boa+vista/@-22.81711107,-43.20132503,16.87281408a,96462.77438206d,35y,360h,0t,0r/data=CigiJgokCTUiiDaMhzbAEdKYn4hD_TbAGTVZnzYgREXAIZWu9PWB1EXA) acesso em 07/06/2020.

Na Figura acima destacamos que, no detalhe aumentado, o PSC foi modificado a fim de demonstrar a sua provável implantação da época em análise, com suas setas enumeradas indicando as vistas presentes nas imagens a seguir. Atualmente, há muitos prédios nessas vistas, o que dificulta a visão perfeita do que era naquela época, porém já é possível assim compreender um pouco melhor o que Dona Leopoldina dizia observar em sua carta.

Além disso, temos também uma breve descrição de Maria Graham sobre a vista do palácio “A vista do palácio se abre para parte da baía, sobre uma planície agradável ladeada por colinas férteis, uma das quais é coroada pelos belos quartéis

que antes eram um estabelecimento jesuíta.”<sup>53</sup> (GRAHAM, 1823, p. 246) ratificando a descrição de Dona Leopoldina.



Figura 152 - Vista 1: Vista das ilhas, do “mar” (Baía de Guanabara) e a Serra dos Órgãos. Bloco II destacado em vermelho.

Fonte: <https://earth.google.com/web/search/quinta+da+boa+vista/@-22.90557978,-43.22654366,46.73994611a,97.42505722d,35y,1.55201487h,75.98919359t,-0r/data=CigiJgokCd3IN0SXIjRAEdvIN0SXIjTAGTRAbjhFbUDAIYmXEBZ9zmDA>.

---

<sup>53</sup> Tradução da autora - “*The view from the palace opens to part of the bay, over an agreeable plain flanked by fertile hills, one of which is crowned by the very handsome barracks that were once a Jesuit establishment.*” Ver, obra de Maria Graham, *Journal of a voyage to Brazil and residence there during part of the years 1821, 1822, 1823.* 1823.



Figura 153 - Vista 2: Vista da serra. Bloco II destacado em vermelho.

Fonte: <https://earth.google.com/web/search/quinta+da+boa+vista/@-22.9081083,-43.2259593,16.30285063a,342.92901545d,35y,169.36220868h,80.75671822t,0r/data=CigiJgokCd3IN0SXIjRAEdvIN0SXIjTAGTRAbjhFbUDAIYmXEBZ9zmDA>.

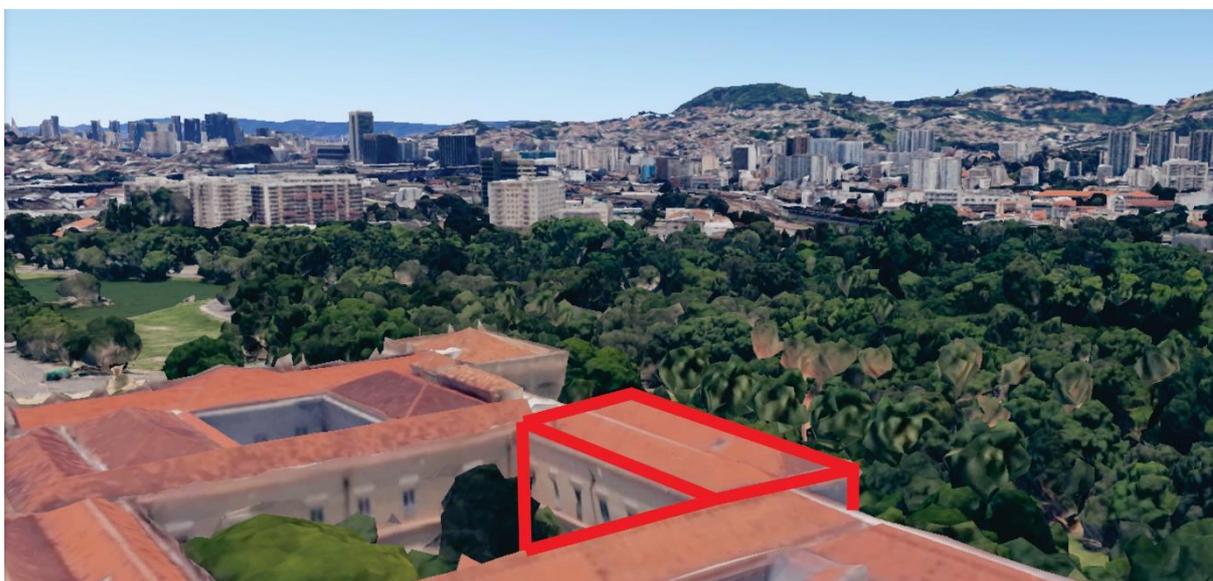


Figura 154 - Vista 3: vista da serra e povoados (Centro da Cidade). Bloco II destacado em vermelho.

Fonte: <https://earth.google.com/web/search/quinta+da+boa+vista/@-22.90672995,-43.22498732,22.06231734a,276.74723468d,35y,117.75506492h,79.48774074t,-0r/data=CigiJgokCd3IN0SXIjRAEdvIN0SXIjTAGTRAbjhFbUDAIYmXEBZ9zmDA>.

Como observamos nas imagens anteriores, a vista 1 seria a visão que ela teria das ilhas, do mar e da Serra dos Órgãos como a própria Leopoldina descreve e que na Figura 155 está com as sacadas destacadas em laranja. Já as vistas 2 e 3 seriam a visão da serra e de povoados – povoados estes que poderiam tanto ser as residências que eram construídas próximas ao palácio quanto a área do Centro da Cidade. Essas vistas são das sacadas que vemos destacadas em azul na Figura 159.

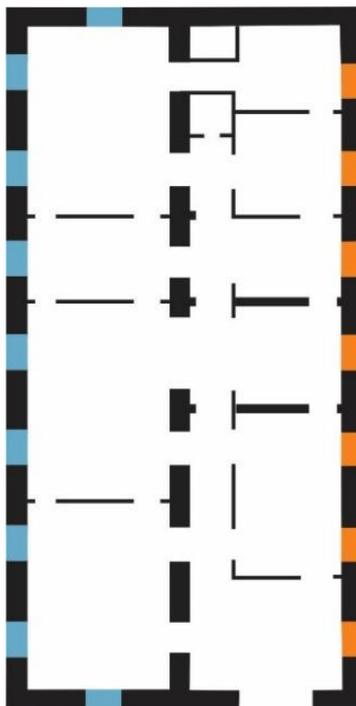


Figura 155 - Planta baixa do 2º pavimento do Bloco II do PSC em 1864.  
Fonte: Elaborado pela autora.

Depois, D. Leopoldina finaliza a sua carta contando brevemente sobre o primeiro pavimento do Bloco II “Embaixo há quatro quartos para minhas duas açaafatas e duas retretas, que são feias como a peste; além delas minhas moças do lavabo, que são duas negras.” (REZZUTTI, 2017).

As informações que conseguimos reunir sobre o Bloco II do PSC dessa época em questão (1817-1829), não foram suficientes para que nos revelassem seus espaços e locais internos, tanto do primeiro quanto do segundo pavimento, inviabilizando uma análise mais aprofundada sobre a espacialização dos ambientes internos do Paço de São Cristóvão, mesmo não sendo o objetivo central da pesquisa.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar a análise da edificação do antigo Paço de São Cristóvão, após o incêndio de 2 de setembro de 2018, foi possível identificar marcas nas ruínas de suas paredes as quais despertaram interesse e curiosidade.

Tendo em vista que o interior do palácio estava com difícil acesso, o Bloco II foi escolhido para a pesquisa já que ele provavelmente é datado da construção original da edificação. Lembrando que, mesmo que o Paço de São Cristóvão seja caracterizado por três pavimentos - o térreo, o segundo e o terceiro – a presente dissertação excluiu a análise do terceiro pavimento visto que este, no bloco estudado, foi uma construção posterior, não abrangendo o foco central desta investigação.

Além disso, esse bloco constitui uma importante parte histórica do Paço referente tanto ao período de D. João VI quanto de seu filho D. Pedro I. Com isso, a apresentação do desenvolvimento histórico e arquitetônico da residência real e imperial foi primordial para a contextualização do Paço de São Cristóvão a fim de entender um pouco mais sobre essa dinâmica da família em cada ambiente, visando a identificação de seus vestígios desnudados pelo incêndio. Desse modo, ajudou na compreensão e identificação dos seus elementos remanescentes, voltando a entender o Paço como um palácio e não como Museu.

Com o reconhecimento dos elementos arquitetônicos revelados após o incêndio, uma breve explicação sobre os modelos de construção e tipos de materiais empregados no Brasil garantiram o entendimento e a identificação das técnicas empregadas na construção de partes do Paço de São Cristóvão, auxiliando na descoberta das prováveis épocas de cada reforma, fechamento de vãos e adições.

A utilização de teses, artigos, recortes de jornal, plantas baixas e imagens articuladas às pesquisas de campo ao antigo Paço, atual edificação do Museu Nacional, permitiu identificar elementos arquitetônicos revelados após o incêndio, ajudando a corroborar com a história do palácio, principalmente no período em que D. Pedro I e Dona Leopoldina tiveram seus aposentos no Bloco II.

Registra-se a dificuldade da realização do último capítulo da dissertação, pois conforme a pesquisa foi avançando e novos questionamentos foram sendo levantados, era imprescindível as fotos das paredes para as análises mais profundas e detalhadas. Com isso foi necessário utilizar as fotos inicialmente ‘temporárias’,

diante da impossibilidade de retornar ao local, o qual se encontrava fechado devido à pandemia do COVID 19.

Aliás, deixo registrado a experiência singular de adentrar ao Paço pós incêndio, pois proporcionou a identificação de períodos históricos distintos proporcionando ricas e ímpares análises arquitetônicas, além de ter guiado o rumo desta dissertação.

Mesmo assim, diante de numerosas evidências (com a utilização das articulações de diferentes fontes associadas às fotografias), as marcas da residência foram sendo reveladas e a história arquitetônica sobre o Bloco II do Paço de São Cristóvão foi comprovada de forma inovadora.

O espaço refere-se ao local inicial dos aposentos de D. Pedro I quando ainda era solteiro e tinha acabado de se mudar para o PSC, em 1816. Logo após, em 1817, ele se casou com Dona Leopoldina, fazendo com que esse espaço fosse moradia do casal até 1822 – quando D. Leopoldina se mudou para o Torreão Norte enquanto D. Pedro I continuou nesse bloco até 1829.

Por ser um espaço de tanta importância, porém com tão poucas informações dessa época (entre 1816, quando a família Real assumiu o PSC como moradia Real, até aproximadamente 1840 – época em que D. Pedro II assume o trono e começam a ter mais imagens do Paço e informações sobre obras e reformas em jornais), essa oportunidade de analisá-lo em sua origem foi de extrema relevância, além de ser pioneira para uma pesquisa de dissertação.

Vale ressaltar a importância do estudo da fase de D. Pedro II no PSC, visto que é o período em que temos mais informações sobre o Paço, contribuindo para traçar um comparativo entre as imagens do PSC pós incêndio e essas informações, auxiliando a desobscurecer as lacunas arquitetônicas do Bloco II da época do Paço de D. João VI e D. Pedro I.

Além disso, é dessa época – de D. Pedro II - que temos datada a primeira planta baixa do PSC, referente à reforma de 1864. Outrossim, o maior acesso à informações de jornais os quais comprovam as datas de reformas e adições de blocos, o que foi essencial para a realização das análises que vimos presente nessa dissertação.

Esses desenvolvimentos arquitetônicos não pararam na época do Império; em 1889, com a família Imperial tendo sido banida do Brasil e a república instaurada, o palácio foi inopinadamente alterado, com o propósito de apagar as memórias do

período imperial do palácio. Logo após, em 1910, houve outra grande reforma a fim de transformar o palácio no Museu Nacional.

Todas essas obras, reformas, adições e remoções dificultavam ainda mais a visão do PSC como um Palácio não apenas para o público que frequentava o Museu Nacional, mas até mesmo para os servidores pertencentes ao Museu. Em contrapartida, inspirava e estimulava ainda mais curiosidade para pesquisa e descoberta do projeto original do Paço de São Cristóvão.

O primeiro passo da investigação foram as pesquisas de campo; observar os vãos de ligação entre os cômodos no Bloco II do Paço, que chamou atenção devido a alguns vãos de portas - que eram em arcos – serem fechados por diferentes tipos de materiais dos que estavam a sua volta, revelando assim que eles eram de épocas distintas. Além disso, outros vãos estavam modificados a fim de transformar vão de portas que eram arcos em vãos retangulares comuns, como vimos nas imagens.

Para facilitar a compreensão da localização desses vãos nas imagens feitas *in loco*, foram colocadas pequenas plantas baixas em cada imagem, destacando o vão em questão e uma seta vermelha apontando a direção que a fotografia foi tirada.

Com os vãos identificados, foi feita uma análise minuciosa em cada um deles através das comparações com as plantas baixas de 1864 e as atuais plantas baixas do Museu Nacional. Com isso, partindo da premissa de que o Paço possui uma arquitetura neoclássica - tendo assim como características a funcionalidade das construções, prezando a clareza construtiva e o uso de proporção e simetria – foi possível decifrar quais vãos são da construção original e quais foram abertos ou fechados em diferentes épocas.

Através dessas análises, conseguimos diferenciar alguns vãos no primeiro pavimento que não eram em arcos e sim em tijolos maciços, o que significa que foram vãos abertos posteriormente – provavelmente datados da reforma de 1910.

Outro detalhe que chamou atenção foi que, no lado que liga o Bloco II com o Bloco IV, vimos que seus vãos são desalinhados com os vãos do lado oposto, o que não é algo comum neste bloco do Paço, porém as aberturas de suas janelas são alinhadas.

A fim de entender melhor isso, foram analisadas algumas pinturas do PSC da época de D. Pedro I, onde pudemos ver que o Bloco II sempre se destacou um pouco, explicando porque suas janelas que davam para o lado exterior do Paço

possuem simetria. Enquanto nos vãos do primeiro e segundo pavimento não existe essa simetria; já que um dos lados estava conectado com o Bloco I e o outro não estava conectado com nada, pois só existiam esses dois blocos na época.

Observou-se que o vão que liga o Bloco II com o Bloco I é, provavelmente, da construção original, pois ele é em arco de tijolo maciço, que confirma a sua origem mais antiga. Em contrapartida, o seu lado oposto é totalmente retangular e seu entorno é de tijolos organizados de forma reta, indicando ser uma construção mais recente.

Ao que tudo indica, esse vão – que liga o Bloco II com o Bloco IV - só foi aberto na época de D. Pedro II, pois foi o período em que começou a construção do Bloco VI. Na época de D. Pedro I e D. Leopoldina, provavelmente esta era uma parede totalmente fechada. Ainda assim, por meio da análise das plantas de 1864 com a atual, reparamos que a largura do vão foi modificada; o que existia na planta de 1864 era apenas um estreito vão, na mesma direção e largura do vão do primeiro pavimento.

Após isso, provavelmente na reforma de 1910 - onde os ambientes do antigo Palácio Imperial precisaram ser recontextualizados e adaptados às exposições do Museu Nacional – houve a necessidade de mais espaço devido a circulação de pessoas nas exposições do MN, sendo necessário reorganizar a localização e o tamanho desse vão, fazendo-o mais largo como vemos atualmente nas imagens mostradas na presente dissertação.

Outra questão interessante observada foi que, tratando-se apenas do primeiro pavimento do Bloco II, podemos observar que os seus vãos principais, feitos na estrutura de paredes autoportantes de pedra (que são as paredes mais espessas nas plantas baixas), não foram alterados da planta de 1864 para a atual.

Ainda nessa diretriz, relembremos que a maioria dos vãos do 2º pavimento localizados na parede central foram fechados, tendo permanecido abertos apenas os vãos das extremidades e o vão central a fim de transformar o ambiente mais adequado para receber exposições.

Outro ponto importante foi identificar a diferença nas espessuras das paredes do primeiro para o segundo pavimento; enquanto no primeiro pavimento elas são mais espessas e conforme vai chegando no segundo pavimento elas vão afinando, sendo possível assim comprovar o método construtivo de paredes autoportantes de pedra.

Infelizmente não conseguimos observar todos os vãos, principalmente os que dão para o exterior do Paço – suas janelas - devido à falta de imagens para tal, visto que essa nova ideia surgiu durante a escrita da dissertação e o PSC já se encontrava fechado por conta da pandemia do COVID 19.

No total, constatamos que no 1º Pavimento do Bloco II existem 14 janelas e 2 portas que dão para a área externa do PSC, as quais provavelmente existiam desde a construção do PSC e que nunca foram fechadas. Porém, nesse pavimento, é muito difícil de dizer quantos vãos internos já existiam originalmente e quantos foram fechados.

Já no 2º Pavimento do Bloco II existem 16 janelas, as quais provavelmente existiam desde a construção do PSC e que nunca foram fechadas. No que diz respeito aos vãos interiores principais – que ficam nas paredes originais autoportantes de pedra – originalmente existiam 7 vãos como observamos na planta baixa de 1864 enquanto na planta baixa de 1910 vemos apenas 3 vãos, concluindo que 4 vãos foram fechados; o que pudemos confirmar na análise presente nesta dissertação.

Com todas essas análises e novas evidências coletadas foi possível a elaboração de uma provável planta baixa de como era o Paço de D. João VI e D. Pedro I, ajudando a aumentar as informações dessa época e entender um pouco mais da dinâmica dos habitantes do PSC e contribuir para a história do Brasil.

Ainda houve a tentativa de descobrir a localização interna no Bloco II dos aposentos de D. Leopoldina através de uma carta dela à sua irmã Maria Luísa, porém as informações são poucas e infelizmente essa tentativa foi frustrada. Entretanto, despertou a motivação em continuar essa investigação a fim de tentar decifrar mais aprofundadamente esses ambientes internos que foram aposentos da antiga residência real e imperial, não somente no Bloco II como também no Bloco I que é tão antigo quanto; provavelmente datado da origem da edificação.

Por fim, espera-se que a presente investigação possa auxiliar as obras de reconstrução do Paço de São Cristóvão e, conseqüentemente, contribua para a história da Arquitetura no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Roberto Antônio Dantas de. O Ofício da Construção na Cidade Colonial - Organização, Materiais e Técnicas (O caso pernambucano). São Paulo: 2002.

**Tese** (Doutorado em Arquitetura) – Universidade de São Paulo.

ARGAN, Giulio Carlo. **El concepto del espacio arquitectónico - desde el Barroco a nuestros días**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1973.

BARMAN, Roderick J. (1999). **Citizen Emperor: Pedro II and the Making of Brazil, 1825–1891**. Stanford: Stanford University Press.

BATTAGIN, Arnaldo Forti. Cimento Portlan. In: **Concreto: Ciência e Tecnologia**. (coord.) Geraldo Cechella Isaía. V. 2. Instituto Brasileiro do Concreto: São Paulo, 2011.

BIANCHI, Paula. Alvenaria de Adobe. In: Slade Share. **Disciplina Arquitetura no Brasil** (slide 14). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - PUC – Campinas, 2011.

**BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL**. Disponível em:

<http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/>. Acesso: de Set/dez 2019.

BIENE, Maria Paula Van. O Paço de São Cristóvão, antigo palácio real e imperial e atual palácio-sede do Museu Nacional/UFRJ: a definição de uma arquitetura palaciana. Rio de Janeiro: 2013. **Tese**. (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

BIENE, Maria Paula van, SEVERO, Carmem Solange Schieber. O Paço de São Cristóvão como espaço de exceção: O caso do Museu Nacional/UFRJ. In: SEMINÁRIO Internacional de Museografia e Arquitetura de Museus. **Anais**. Rio de Janeiro: ProArq/FAU/UFRJ, 2005.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. Tradução Ana M. Goldberger. [3 ed.]. São Paulo. Perspectiva, 1997.

BUENO, Beatriz. **Desenho e Desígnio: o Brasil dos Engenheiros Militares (1500-1822)**. FAU/USP, São Paulo, 2001. p. 295.

BURDEN, Ernest. **Dicionário ilustrado de arquitetura**/ Trad. Alexandre Ferreira da Silva Salvaterra. Porto Alegre: Ed. Bookman, 2006.

CAMPOS, Maria Helena Arranhado Carrasco. A Construtabilidade em projectos de edifícios para o ensino superior público em Portugal. Braga, 2002. **Dissertação**. (Mestrado em Engenharia Civil) – Departamento de Engenharia Civil. Universidade do Minho. V.2.

**CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA CONSERVAÇÃO INTEGRADA/CECI**, 2019). Disponível em: <http://www.ceci-br.org/ceci/br/publicacoes/outras-publicacoes/380-tecnicas-construtivas-tradicionais.html>. Acesso em 2/11/2019.

CHAVES, A. O. L. Do Kemet para o Novo Mundo: O colecionismo de antiguidades egípcias no Brasil Imperial (1822-1889). Belo Horizonte: 2019. **Dissertação** (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais.

**COISAS DA ARQUITETURA (28)**. Técnicas Construtivas do Período Colonial I. Disponível em: <https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2010/09/06/tecnicas-construtivas-do-periodo-colonial-i/> acesso em: 26/01/2020.

**COISAS DA ARQUITETURA (26)**. Técnicas Construtivas do Período Colonial III. Disponível em: <https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2010/09/06/tecnicas-construtivas-do-periodo-colonial-iii/> acesso em 26/01/2020.

COLE, Emily *et al.* **História ilustrada da arquitetura – um estudo das edificações, desde o Egito Antigo até o século XIX, passando por estilos, características e traços artísticos de cada período**. São Paulo: Publifolha, 2014.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. São Paulo: UNESP, 1998.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. A Casa do Imperador: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional. Rio de Janeiro, 2007. **Dissertação.** (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. Casa Inca ou Pavilhão da Amazônia? A participação do Museu Nacional na Exposição Universal Internacional de 1889 em Paris. Rio de Janeiro: 2012. **Tese.** (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2008.

DIAS, Maria Odile da Silva. A Interiorização da Metrópole (1808-1853). In: **1822 Dimensões.** Carlos Guilherme Mota (org.). São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 160-184.

**DICIONÁRIO DE TERMINOLOGIAS ARQUITETÔNICAS.** Colégio de Arquitetos. 2009. Disponível em: <http://www.colegiodearquitetos.com.br/dicionario/2009/02/o-que-e-frechal>. Acesso dia 26/01/2020.

**DICIONÁRIO ECIVIL. 2000-2020.** Disponível em: <https://www.ecivilnet.com/dicionario/o-que-e-esteio.html> Acesso em 25/05/2020.

ERMAKOFF, George. **Paisagem do Rio de Janeiro – aquarelas, desenhos e gravuras dos artistas viajantes – 1790-1890.** Rio de Janeiro: Ed G.Ermakoff Casa Editorial, 2010.

ESCUADERO, L. *et al.* **Dicionário Visual de arquitetura.** Lisboa: Ed. Quimera, 2014.

FERREZ, Gilberto. **The Brazil of Eduard Hildebrandt.** Rio de Janeiro: Record, 1991.

**GOOGLE MAPS.** Disponível em: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em: de Jan/jun 2020.

GRAHAM, Maria. *Journal of a voyage to Brazil and residence there during part of the years 1821, 1822, 1823.* **gallica.bnf.fr** / Bibliothèque nationale de France.

Disponível em:

<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k76129v/f2.image.r=%22Journal%20of%20a%20voyage%20to%20Brazil%20and%20residence%20there%20during%20part%20of%20the%20years%22>. Acesso em 08/06/2020.

GLANCEY, Jonathan. **História da Arquitetura.** Edições Loyola: São Paulo, 2001.

GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil.** São Paulo: Ed. Itatiaia, 1990.

GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. **Evolucionismo no Brasil. Ciência e Educação nos Museus. 1870-1915.** São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008.

JORNAL DO COMÉRCIO. Coluna A casa Imperial. In: **Hemeroteca da Biblioteca Nacional.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. n. 238, p.2, 24 out, 1838.

Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568\\_02&pasta=ano%20183&pesq=%22pa%C3%A7o%20de%20sao%20cristov%C3%A3o%22%22](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_02&pasta=ano%20183&pesq=%22pa%C3%A7o%20de%20sao%20cristov%C3%A3o%22%22). Acesso dia 04/06/2020.

JORNAL DO COMÉRCIO. Parecer da Comissão da Câmara dos Senhores Deputados. **Hemeroteca da Biblioteca Nacional.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. n. 238, p.2, 16 jul, 1838. Disponível em:

[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568\\_02&PagFis=10608&Pesq=pa%c3%a7o%20reforma](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_02&PagFis=10608&Pesq=pa%c3%a7o%20reforma). Acesso dia 04/06/2020.

KEULLER, Adriana Tavares do Amaral Martins. Os Estudos Físicos de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: Cientistas, objetos, idéias e instrumentos (1876-1939). São Paulo: 2008. **Tese** (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo.

KHATLAB, Roberto. **MAHJAR: saga libanesa no Brasil**. Beirute: Mokhtarat, 2002.

KOCH, Wilfried. **Dicionário dos estilos arquitetônicos**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KÖNIGLICHES, Land Schloss S. Christoph [Palácio Real de Campo, em São Cristovão]. In: **ENCICLOPÉDIA** Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Verbete. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra60926/koenigliches-land-schloss-s-christoph-palacio-real-de-campo-em-sao-cristovao>. Acesso em: 04 de Jun. 2020.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1997.

LIMA, M. de O. **D. João VI no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

MARTINS, Marcos Florence. Manuel de Araújo Porto-Alegre e as origens institucionais da crítica de arte no Brasil. **19&20**. Rio de Janeiro, v. X, n. 2, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/uah2/mfms.htm>. Acesso em: 5 de Maio 2020.

MARTINS, Mariáh dos Santos. **Palavras que Preservam: os Conceitos na Preservação e o Patrimônio Cultural Edificado em Situação de Desastre**. Rio de Janeiro, 2020. **Tese**. (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MENDES, C.; VERÍSSIMO, C.; BITTAR, W. **Arquitetura no Brasil: de Cabral a Dom João VI**. Rio de Janeiro: Ed. Imperial Novo Milênio, 2010.

**MUSEU NACIONAL**. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/>. Acesso em: Janeiro 2020.

NASCIMENTO, Fátima Regina. A Formação da Coleção de Indústria Humana no Museu Nacional, século XIX. Rio de Janeiro: 2009. **Tese** (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

NEVES, G. P. das. Do Império Luso-brasileiro ao Império do Brasil 1789-1822. **Ler História**. Lisboa, 27/28, p. 75-102, 1995.

NEVES, L. B. P. da Silva & MACHADO, H. **O Império do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PIZZANI, Luciana; SILVAS, Rosemary Cristina da; BELLO, Faria Suzelei; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. A Arte da Pesquisa Bibliográfica na Busca do Conhecimento. **Rev. Dig. Bibl. Ci. Inf.**, Campinas, v.10, n.1, p.53-66, jul./dez. 2012 – ISSN 1678-765X.

RANGEL, Marcio Ferreira. Museologia e patrimônio: encontros e desencontros. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 7, n. 1, p. 103-112, jan.-abr. 2012

REZENDE, Marco Antônio Penido de; LOPES, Wilsa Gomes Reis; CARVALHO, Ricardo Marinho de; VALE, Jaqueline. Técnicas Construtivas Vernaculares no Brasil. In: **Arquitectura Vernácula Iberoamericana**. (edit. Graciela Maria Viñuales). Sevilha: RedAVI, 2013.

REZUTTI, Paulo. **Leopoldina: A história não contada – A mulher que arquitetou a Independência do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/LeYa, 2017.

ROCHA-PEIXOTO, Gustavo Rocha. **A estratégia da aranha – ou: da possibilidade de um ensino metahistórico em arquitetura**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. Introdução ao neoclassicismo na arquitetura do Rio de Janeiro. In: CZAJKOWSKI, Jorge (org.) **Guia da arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000.

ROCHA\_PEIXOTO, Gustavo da. **Reflexos das luzes na terra do sol**. São Paulo: Pro-Editores, 2000.

ROSA, Wilhelm. Arquitetura industrializada: a evolução de um sonho à modularidade, 2006. **Tese** (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo.

RUGENDAS, Johann Moritz. **Viagem pitoresca através do Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1998.

SANTOS, Paulo F. **Quatro Séculos de Arquitetura**. Rio de Janeiro: IAB, 1981.

SANTOS, Francisco Marques. O leilão do Paço Imperial. **Anuário do Museu Imperial**, Petrópolis, v. 1, p. 151-316, 1940.

SILVA, Maria do Perpétuo Socorro Lopes de Souza da. Uma contribuição à História das Mulheres nas Ciências no Brasil: Heloísa Alberto Torres, a primeira Diretora do Museu Nacional/UFRJ. Rio de Janeiro: 2018a. **Dissertação** (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SILVA, Maria Gabriela Evangelista Soares da. IMPERATRIZ LEOPOLDINA: uma história da mulher e das ciências naturais no Brasil do século XIX (1817 - 1826). Rio de Janeiro: 2018b. **Dissertação** (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SILVA, Paulo Vinicius Aprígio da Silva. No Teatro de Marianne: o Museu Nacional, as Ciências e o Império. Rio de Janeiro: 2017. **Tese**. (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

VASCONCELLOS, Sylvio de. **Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.

VILELLA, Clarisse M. Artes e Ofícios. A cantaria Mineira. **Vitruvius**.

**ARQUITEXTOS**. 0441.03 ano4, out. 2003. Disponível em:

<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.041/646>. Acesso em: 23/01/2020.